



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Artes e Letras

O discurso noticioso em torno do Futebol
A construção de uma identidade e o sentimento de
pertença a uma nação.

Joana Ribeiro Violante

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Jornalismo

Mestrado em Jornalismo

2º ciclo de estudos

Orientador: Orientador: Prof. Doutor José Ricardo Carvalheiro

Covilhã, Junho de 2010

Aos meus pais, Natália e António

Agradecimentos

Os agradecimentos a esta dissertação não poderiam deixar de cair em clichés ou lugares comuns. No entanto, apesar da sua banalidade são sinceros e sentidos.

Tenho, claro, que agradecer, em primeiro lugar aos meus pais. Ao meu pai, por me ter inculcado desde cedo o gosto pelo futebol, pelas tardes passadas a ver e analisar jogos dos mais diversos campeonatos, e pela disposição alegre com que me ajudou neste trabalho, colocando-me à disposição um sem número de referências bibliográficas. À minha mãe, porque pura e simplesmente é a minha mãe. Um obrigado é coisa pouca, mas tanto vocês como eu sabemos que os actos valem mais que mil palavras, e todos os dias os meus actos são de agradecimento, por tudo, desde o primeiro segundo em que vim à terra há 23 anos.

Um especial e grande obrigado ao meu coordenador, Professor Doutor José Ricardo Pinto Carvalheiro, pela paciência e ajuda que me sustentou neste último ano. Pelo esclarecimento de dúvidas e questões (parvas e não só), por me mostrar um caminho que por vezes se me assemelhava impossível de alcançar, pelas palavras de força e confiança em mim e no meu trabalho.

Ao Jet7Bar, local que também me viu crescer, e que durante um mês me guardou os jornais de A Bola, facilitando imenso o meu trabalho.

Aos meus amigos, meus companheiros de casa e minha segunda família (Filipa, Tiago, Carlos, Rui, Mariana e tantos outros especiais) neste percurso académico: pela confiança, fé, pelos bons e grandes momentos, pela união e amizade; porque se houve algum momento específico em que a Covilhã começou a marcar, foi com vocês.

Aos meus meninos (e meninas) da Sertã, pelos anos e anos de amizade sem igual. *“Estão todos marcados como carimbos de ferro quente, e quando eu recordo isto tudo, eu levanto e sigo em frente”*.

À minha irmã, que constituí, e sempre constituiu, o meu exemplo a seguir, pela sua capacidade, inteligência e disposição!

Estes agradecimentos são também dedicatórias: a todos vocês, dedico este meu trabalho. Um enorme e sentido obrigado!

Um bem-haja!

Resumo

Símbolo de festa, alegria, união, mas também de manifestações nacionalistas e de confrontos, o futebol é o desporto mais conhecido mundialmente, sendo seguido com fulgor por milhões de pessoas em todo o mundo.

Em Portugal o futebol assume contornos importantíssimos na comunicação social, e quando se fala da selecção nacional ainda mais. Os jogos são patrocinados e anunciados dias a fio, como se houvesse uma obrigação de os ver, sentir e apreciar. E se o papel do jornalista é ser isento de opiniões e preferências, com a selecção nacional isso não se passa. Nessas alturas, é invocado o poder da união de um povo, mostrando o seu patriotismo pela defesa de um dos grandes representantes da nação, ou não fosse Portugal o país dos três *efes*: Fado, Fátima e Futebol.

A presente dissertação procura assim analisar de que forma são construídos os discursos mediáticos em torno da selecção nacional de futebol, aquando da sua participação num grande evento mediático e desportivo, como foi o caso do último mundial de futebol até à data, na África do Sul, 2010.

Palavras-chave

Futebol, selecção nacional, nacionalismo, patriotismo, media, identidade nacional, sentimento de pertença.

Abstract

Symbol of partying, enjoyment, union, but also, of nationalist manifestations and of confronts, football is the worldwide most popular sport, being followed with passion by millions of people all over the world.

In Portugal, football takes a huge place in social communication, and when it comes about the national team, even more. Matches are sponsored and advertised for days on end, like there was an obligation to watch, feel and appreciate them. And if the journalist role is to be exempt of opinions or preferences, with the national team, this is not the case. In those times, the power of union of one people is invoked, showing their patriotism for the defense of one of the greatest representations of the nation, or Portugal were not to be known as the three Fs country: Fado, Fatima and Football.

The present dissertation attempts to analyze how the media discourses about the national team are constructed, in the occasion of its participation in a major media event, such as the last world championship, until today, in South Africa 2010.

Keywords

Football, national football team, nationalism, patriotism, media, national identity, sense of belonging.

Índice

Introdução - 1	
Capítulo I - Pressupostos Teóricos	4
1.1. A paixão do Povo - o futebol como desporto rei	4
1.2. As origens do futebol	7
1.3. O futebol em Portugal	9
Capítulo II - Definição de conceitos	14
2.1. Nação e estado-nação	14
2.2. Patriotismo	15
2.3. Nacionalismo	16
2.4. Identidade Nacional	18
Capítulo III - Os meios de Comunicação Social: A construção da identidade e a defesa do país na imprensa escrita	22
3.1. Teorias da Comunicação e da notícias: os efeitos e as repercussões na sociedade	22
3.1.1. Teoria do Agendamento ou Agenda Setting	24
3.1.2. Teoria dos Usos e Gratificações	25
3.1.3. Teoria do Enquadramento ou frames	27
3.1.4. Importância teórica	28
3.2. Os media e o desporto - a espectacularidade do desporto	29
3.3. A criação da identidade nos jornais - o poder da escrita:	32
3.4. Traços gerais dos Portugueses nos media	34
Capítulo IV - Análise de caso: procedimento e metodologia	39
4.1. Procedimentos de Persuasão	42
4.2. Metodologia e desenho da investigação	44
Capítulo V - Público - “O Generalista”	48
5.1. Análise quantitativa	48
5.2. Análise Qualitativa	50
5.2.1. Destaques de Capa	50
5.2.2. Antetítulos, títulos e superleads	52
5.2.3. Expressões no Texto	55

Capítulo VI - Jornal de Notícias -“O Popular e Emotivo”	79
6.1. Análise Quantitativa	79
6.2. Análise Qualitativa	82
6.2.1. Destaques de Capa	82
6.2.2. Antetítulos, títulos e Superleads	88
6.2.3. Expressões do Texto	98
Capítulo VII - A Bola - “O Desportivo”	117
7.1. Análise quantitativa	117
7.2. Análise qualitativa	118
7.2.1. Destaques de Capa	118
7.2.2. Títulos e Superleads	121
7.2.3 - Expressões no texto	135
Capítulo VIII - Considerações gerais dos três jornais	165
Capítulo IX - Conclusão	169
Bibliografia	174
Anexos	178

Lista de Figuras

Gráfico 1 - Total de Notícias Público

Gráfico 2- Distribuição de notícias por género

Gráfico 3 - Distribuição de notícias por dia

Gráfico 4 - Total de Notícias JN

Gráfico 5 - Distribuição de notícias por género

Gráfico 6 - Distribuição de notícias por dia

Gráfico 7- Total de Notícias A Bola

Gráfico 8- Distribuição de notícias por género

Gráfico 9 - Distribuição de notícias por dia

Lista de Tabelas

Tabela 1. - Manchetes de Capa Público

Tabela 2 - Antetítulos e Títulos Público

Tabela 3 - Títulos Público

Tabela 4 - Número de Notícias por gênero Público

Tabela 5 - Número Total de notícias - Público

Tabela 6 - Destaques capa/ Caderno Mundial - Jornal de Notícias

Tabela 7 - Antetítulo, Título e Superlead Jornal de Notícias

Tabela 8 - Número de notícias por gênero Jornal de Notícias

Tabela 9 - Total de Notícias por dia - Jornal de Notícias

Tabela 10 - Destaques capa A Bola

Tabela 11 - Título e Superlead A Bola

Tabela 12 - Número de Notícias por gênero - A Bola

Tabela 13 - Número total de notícias por dia - A Bola

Lista de Acrónimos

FIFA - Federação Internacional de Football Association

FPF - Federação Portuguesa de Futebol

UEFA - Union of European Football Associations

SIC - Sociedade Independente de Comunicação

RTP - Rádio e Televisão Portuguesa

JN - Jornal de Notícias

Introdução

A presente dissertação de mestrado tem como título: *o discurso noticioso em torno do futebol - a construção de uma identidade e o sentimento de pertença a uma nação*. A partir daqui, é fácil conotar os assuntos aqui tratados: Futebol, imprensa escrita e sentimento nacionalista.

A importância do futebol para a sociedade contemporânea é evidente nos nossos dias: basta ler um jornal diariamente, e notar que notícias merecem importância de se tornarem mediáticas, assim como ver toda a logística que está por trás de um acontecimento de 90 minutos.

O que se pretende neste estudo será tentar perceber um pouco o porquê da importância do futebol para a sociedade, e como ela se reflecte nos jornais. Confesso que um dos meus passatempos preferidos é observar as pessoas num ambiente natural, num sítio comum como um café ou uma sala de espera, sem que elas se apercebam que estão a ser alvos da minha observação. Desde que comecei a pensar neste estudo mais a sério, também a minha observação das expressões e dos gestos de uma pessoa se acentuou, principalmente se estivermos perante uma exibição de futebol. São os sorrisos esboçados com uma certa dificuldade quando a equipa que apoiam ataca (sempre com a esperança de um golo mas com o medo de falhar), o tapar da cara com as mãos, quase em ar de vergonha, quando a equipa adversária marca um golo, o roer das unhas em grandes penalidades, entre outros tantos.

Como nos descreve João Nuno Coelho¹ ser adepto de futebol é “*Sentir o coração a acelerar quando a equipa entra em campo. É nunca realmente ser capaz de admirar o mais belo golo do mundo se for marcado na nossa baliza. É algo de incondicional e incontrolável, estúpido e glorioso*”. O que se pergunta é então o porquê desta popularidade, o porquê de 90 minutos em campo terem o poder de despertar paixões, choros, alegrias, mobilizar nações, unir e desunir povos, criando um ambiente de orgulho nacional (que muitas vezes só é proferido aquando de um jogo da selecção de um país).

A este propósito encontramos vários exemplos, verdadeiros marcos na história que demonstram esta importância. Temos por exemplo a *Guerra do Futebol* ou *Guerra das 100 horas*, disputada entre as Honduras e El Salvador: um conflito armado que teve o seu auge em jogos disputados pelas duas selecções que batalhavam por um lugar no Mundial de Futebol de 1970.

Ao nível do despertar de uma nação, temos um exemplo caricato aqui ao lado, em Espanha, onde a força que o futebol exerce sobre a sociedade é bastante notória. Se, por um lado, temos as comunidades autónomas, que quase se auto intitulam de nações, onde as rivalidades são notórias, por outro, quando se trata da selecção, trata-se de um só país:

¹ *Paixão F.C., A Equipa de Todos Nós - Futebol, Identidades, Significados e Representações Sociais* - Texto apresentado no IV Congresso Português de Sociologia, consultado em http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462e06e1b4bdd_1.PDF

Espanha. Torna-se um interesse comum e geral, representado pela união e pela força nacionalista, representada em campo por onze jogadores.

O futebol por vezes chega ao cúmulo do mediatismo, quer ao ponto de criar igrejas e religiões baseadas num jogador (como é o caso da Igreja Maradoniana)² quer pela importância dada nos meios de comunicação, onde uma notícia sobre futebol é mais importante que o estado económico do país (por exemplo).

Este será o segundo ponto em análise nesta dissertação: a importância do futebol reflectida nos meios de comunicação, essencialmente na imprensa escrita. Assim, serão analisadas notícias de três jornais diferentes (A Bola, Público e Jornal de Notícias) com o intuito de verificar as diferenças primordiais nos seus discursos, em torno da criação de uma identidade nacional e de um sentido nacionalista.

Deste modo, no primeiro capítulo serão expostos os pressupostos teóricos desta dissertação. Aqui será analisada a primeira questão referida: o porque da importância do futebol para a sociedade, desde a sua história, quer a nível mundial quer ao nível português, e também onde são reveladas algumas teorias que sustentem e defendam esta posição do futebol.

Já no segundo capítulo, é feita uma descrição e uma explicação dos conceitos que são indirectamente defendidos nos jornais, e os quais constroem o discurso mediático. Neste sentido, são analisados os conceitos de Estado-nação, nacionalismo, patriotismo e identidade nacional. A definição apresentada deve-se pela ligação dos quatro conceitos e pela sua íntima relação. Um Estado-nação só é formado quando existe uma identidade nacional; esta é despertada pelo nacionalismo e pelo patriotismo, que irão utilizar símbolos para caracterizar o Estado-nação e assim construir um conjunto de características e traços comuns de uma sociedade, de determinada nação, que serão posteriormente conhecidos como uma identidade nacional.

Esta questão dos traços comum de uma sociedade, é revelada e sustentada pelos media, principal fonte de informação da sociedade contemporânea. Neste sentido, no terceiro capítulo é verificada a relação entre o desporto e os media, numa conformidade sustentável e cooperativa. Seguidamente são analisados os traços gerais do discurso mediático quando tentam criar a identidade nacional, incutindo nos seus leitores um sentimento de pertença e obrigação moral para com a pátria e a nação.

O quarto capítulo prende-se com as questões ligadas ao discurso, assim como o que se entende pela sua análise. Dessa forma, é também descrita a Metodologia e o Desenho da investigação, apresentadas nos capítulos seguintes.

Estudadas todas as questões teóricas necessárias para a análise de jornais, onde poderemos identificar as formas concretas desta questão da construção de uma identidade nacional, encontramos os capítulos V, VI e VII, dedicado à decomposição do discurso mediático nos campos já referidos. Nestes capítulos são analisadas notícias durante o período

² Mais informação sobre este tema pode ser encontrada no site oficial desta igreja (<http://iglesiamaradoniana.com.ar>).

de 20 dias, referentes à participação da Selecção Portuguesa de Futebol no Mundial da África do Sul em 2010. O Capítulo V é dedicado ao Público, jornal dito de referência e com maior distinção entre a notícia e o espectáculo; o sexto capítulo é dedicado às notícias do Jornal de Notícias, um jornal com um cariz mais popular e que atinge um sem número de leitores, sendo dos jornais com maior circulação em Portugal.

Por fim, e se estamos a falar de Futebol, não poderia deixar de ter um jornal desportivo, ao qual o capítulo VII lhe é inteiramente dedicado. Neste espaço, A Bola é o principal protagonista, em parte pelo estatuto que tem (que até já foi a Bíblia do Futebol), mas também pelas suas vendas, quer em Portugal, quer no Estrangeiro, tornando-se assim um jornal de referência no mundo desportivo, e com um grane número de audiências.

Nos capítulos seguintes, são feitas as conclusões deste trabalho, tanto a nível dos jornais e das suas notícias, como do trabalho em si, tentando responder às perguntas colocadas no capítulo IV.

CAPÍTULO I - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1. A paixão do povo - o futebol como desporto rei

“Deus criou o mundo e desistiu de continuar a sua obra ao sétimo dia porque era Domingo e havia um jogo de futebol” (Dias, 1983)

Esta frase é bastante reveladora da importância que o futebol tem nas sociedades actuais, e em toda a sua construção.

O futebol é, hoje em dia, o desporto mais popular a nível mundial, despertando paixões e criando novos adeptos por todo o mundo. Uma das provas dessa proeza é, por exemplo, as audiências televisivas do Campeonato do Mundo, o mais importante dos eventos associado a este desporto - durante o último mundial de futebol, principal tema deste trabalho, estima-se que por cada jogo estavam ligados ao pequeno ecrã cerca de 875 mil espectadores portugueses, resultado superado pelo Mundial anterior, em 2006, com uma média de 2,2 milhões de espectadores por jogo.

Parece assim que a máxima de que o futebol é uma data de homens a correr atrás de uma bola já não é aplicável. Se não, porque tanta magia e euforia à sua volta? O futebol tornou-se algo difícil de explicar, já não é apenas um desporto, é também uma religião, um modo de vida, uma constante social que necessita de estar viva, conseguindo a proeza de mobilizar sociedades inteiras, unindo-as à volta de uma equipa que prestará provas em campo, como se de uma guerra se tratasse. O futebol não é só um jogo, está visto. Bill Shankly, treinador do Liverpool nos anos 70, proferiu uma frase célebre, que parece ir ao encontro deste fenómeno multi-teórico: *“O futebol não é uma questão de vida ou de morte, é ainda mais importante” (in Coelho e Pinheiro, 2002:12)*³

São várias as teorias que tentam explicar este fenómeno. Primeiro que tudo, é um jogo das massas para as massas.

*“O futebol deixou de ser apenas um jogo quando as classes operárias viram nele o escape do trabalho duro e o reclamaram como seu”**.

O futebol, aqui no sentido de desporto mais popular e mais jogado, é um desporto que não requer grandes habilidades ou aptidões. É um jogo modesto, com regras compreendidas por todos, sendo assim um assunto que pode ser discutido pela maioria das

³ As frases assinaladas com * foram retiradas do mesmo livro: A Paixão do Povo - História do Futebol em Portugal, de João Nuno Coelho e Francisco Pinheiro. Dado que as próprias frases não têm fonte directa no livro, visto serem essencialmente frases soltas, optei por marcá-las ao invés de estar constantemente a fazer referência.

peessoas. Além disso, o futebol representa um dos maiores sonhos da humanidade pois está disponível para qualquer raça, sexo, ideologia ou estatuto social. Por outro lado, quando falamos do futebol profissional, podemos considerá-lo como uma representação da sociedade: temos duas equipas que combatem entre si, tentando mostrar a sua grandeza e superioridade. Como refere Bromberger (*in Coelho e Pinheiro, 2002:15*), o futebol é um resumo da sociedade:

“(...) uma alternância de vitórias e derrotas, a intervenção aleatória da sorte e do azar, a arbitrariedade da justiça - umas vezes favorável, outras desfavorável - que decide o destino dos “bons” (nós) contra os “maus (eles).”

Uma das primeiras teorias a ser conhecida sobre a popularidade do futebol, surgiu nos anos 60/70, sendo essencialmente marxista. O futebol não passava de um remédio, por vezes temporário, para esquecer os males e os problemas do país. Apesar de ter um pouco cariz de teoria da conspiração, não foge muito à realidade. Basta vermos os acontecimentos mais recentes, que proporcionam esta fuga da responsabilidade, auxiliada a alegria de vencer um jogo de futebol. Temos o exemplo da vitória do Benfica no campeonato português na última década (2009-2010), assim como os jogos da selecção portuguesa no Euro 2004 ou no último Mundial de Futebol (principal tema desta dissertação).

Outra teoria, que se apoia um pouco na anterior, defende que o futebol é um produto do mundo capitalista, espelho de valores como o sexismo e o militarismo, sempre presentes no futebol, como será explicado mais à frente neste trabalho. O futebol surge como um factor alienante da sociedade e, como tal, diminui a capacidade das massas de agir e de se revoltarem.

Por outro lado, outras teorias explicativas como a da psicanálise, que também tens certos pontos comuns com as teorias anteriores, defendem que o futebol surge como escape aos problemas do quotidiano. Nos dias de hoje, as sociedades estão cada vez mais pressas à monotonia, a rotina sempre igual, não deixando espaço para grandes excitações. Um dia com um jogo de futebol é algo diferente, onde teremos a oportunidade de vibrar com algo diferente. Assim, a complexa simplicidade do futebol, a emoção e confiança depositadas em uma equipa que luta em campo pelos “nossos” interesses, tornam-se uma fuga as e um método relaxante para o stress diário, transportando para o campo os nossos problemas e inquietações. Essa ideia foi bem explicada por Myra e Lopes (*in Coelho e Pinheiro, 2002:13*), quando dizem que:

“Cada espectador identifica-se com uma equipa e quando um jogador dessa equipa consegue meter a bola nas redes, ou seja, alcançar o seu objectivo, esse espectador experimenta a mesma satisfação que se houvesse alcançado alguma das suas finalidades ou propósitos na vida”.

A excitação presente num jogo de futebol vai de encontro com as realidades opostas que estão em campo: é atacar e ser atacado, evitar golos e marcá-los, o trabalho de equipa e o individual, a espontaneidade e a surpresa. Durante 90 minutos é dada ao espectador a oportunidade de passar e sentir variadíssimas emoções. O medo, a exaltação, a esperança, o êxtase. Em suma, um jogo de futebol é um jogo de emoções, que nos afecta directa ou indirectamente, em vários níveis de intensidade. Para Arthur Hopcraft, o futebol é assim relevante para as sociedades pois a sua envolvência é semelhante *“aquilo que a poesia faz a certas pessoas e o álcool a outras; mexe com a nossa personalidade”*. (in Coelho e Pinheiro, 2002:14)

É por este cariz psico-social que a teoria do futebol como uma espécie de religião entra nas teorias explicativas do seu êxtase. Os comportamentos e atitudes de muitos adeptos num jogo de futebol assemelham-se em muito ao fanatismo religioso vivido em alguns países. Uma competição de relevante importância para um clube, ou até mesmo um país, transforma-se numa autêntica festa e numa genuína demonstração de fanatismo. Símbolos como bandeiras, cantos, cores da “camisola” pintadas nas caras dos adeptos reflectem aquilo a que Robert Coles chama de religião substituta, onde todos os envolvidos na equipa são vistos quase como deuses. O bom desta religião é que não é tão rígida como as “tradicionais”, e os deuses a que ela pertencem podem ser apontados, vistos e culpados de algo, como refere Natália Correia: *“O futebol, uma religião que não é revelada pelo Espírito Santo, e cujos deuses podem ser assobiados se jogam mal”*. (in Coelho e Pinheiro, 2002)

Esta visão do futebol como uma religião foi também descrita por Douglas Kellner, ao referir-nos as semelhanças entre um jogo de futebol e os seus fãs:

“Além disso, o espectáculo desportivo está no centro de um feiticismo quase religioso em que o desporto se torna uma religião substituta e as suas estrelas em semideuses. Para muitos, o desporto é um objecto de interesse supremo, proporcionando uma transcendência da banalidade e do sofrimento da vida quotidiana. As estrelas do desporto constituem os seus deuses e santos, enquanto os eventos desportivos têm muitas vezes uma aura religiosa do ritual. Os fãs desportivos são como uma congregação e o apoiar ou vaia nos estádios são como formas de liturgia.” (Kellner, 2003: 69)

Como podemos verificar, o futebol assume grande importância a nível social. Não é por acaso que os acontecimentos televisivos com maior audiência a nível mundial sejam jogos de futebol, envolvendo essencialmente equipas nacionais. Além do mais, numa época regida pela globalização e americanização, é um facto curioso o futebol fugir a este último, não sendo tutelado pelos Estados Unidos.

1.2. As origens do futebol

A origem do futebol está envolta em mistérios e incertezas, não havendo assim uma origem certa e confirmada. Existem registo de um jogo que em muito se assemelha ao futebol, utilizado como actividade lúdica, desde a pré-história (essencialmente através de figuras rupestres encontradas na Nova Guiné). No entanto, os relatos escritos mais antigos estão relacionados com o oriente, vindos da China e do Japão. (Coelho e Pinheiro, 2002; Serrado, 2009; Enciclopédia Barsa, 1991).

Já na antiga Grécia e Roma, associados em grande parte aos Jogos Olímpicos, o futebol ganhou grande importância, tendo o duplo sentido de lazer e exercício, sendo muitas vezes utilizado pelas suas tropas para melhorar a condição física, a resistência e as técnicas de combate.

Durante vários anos e disperso pelos quatro continentes, vão aparecendo relatos e histórias associadas ao futebol, o que significa que o futebol rapidamente se foi espalhando e ganhando importância.

Vários países reclamam o futebol como sua invenção. Países como Inglaterra, França ou Itália, têm relatos antigos de antepassados praticando futebol, actividade que em grande parte pertenceria às classes mais nobres e ricas. Em Inglaterra, o desporto tinha um cariz bastante violento. As suas origens remontam ao século VIII, aquando de uma invasão viking a terras britânicas: os populares *“capturaram e decapitaram o chefe invasor, atravessando toda a aldeia dando pontapés à sua cabeça”* (Coelho, 2002). Todos os anos, em jeito de celebração pela vitória, era então jogado este jogo, com uma bexiga de porco a fazer de bola, símbolo do prémio decapitado. O jogo era por isso bastante violento, tendo sido muitas vezes proibido. Por desgosto do povo, foram sendo alteradas várias regras, para que o futebol pudesse assim ser reconhecido.

Ao chegarmos a época da Revolução Industrial, vemos o nascimento também do futebol moderno; existe um momento de especial relevância para aquilo que hoje consideramos como futebol, que data de 1863. Trata-se da separação de dois desportos, ambos intitulados de futebol, de onde nasceu o *football association* e o rugby. O futebol começa a ganhar terreno e abrindo portas para aquilo que é o hoje o desporto-rei, o mais popular de todo o mundo.

No entanto, é só no século XX que assistimos a institucionalização do futebol numa realidade europeia, em parte por só aqui começar a se tornar um desporto de massas, deixando de estar associado às elites. Logo no início do século, em 1904 é criada a Federação Internacional do Futebol Association (FIFA). A febre do futebol estava lançada.

“Até à Primeira Guerra Mundial (1914-18), o futebol atravessou uma fase de organização e institucionalização a nível mundial. As regras evoluíram muito rapidamente e, pela mão dos ingleses, o futebol chegou praticamente a todos os cantos do mundo, sendo fácil às populações adaptarem-se a este novo desporto, uma

vez que em quase todas as civilizações já existiam antecedentes de jogos com bola.”
(Coelho, Pinheiro, 2002:29)

Em 1920 o futebol fazia pela primeira vez parte de uns Jogos Olímpicos. Dez anos depois, assistíamos também à primeira grande competição mundial. O anfitrião escolhido para tal evento, onde apenas participaram 13 países, foi o Uruguai. Coincidência ou não, o país latino foi também o primeiro a sair vitorioso de um campeonato a nível mundial, vencendo a selecção da Argentina por 4-2.

A década de 40, principalmente a partir de 1945 com o final da II Guerra Mundial, proporcionou grandes mudanças em praticamente todos os campos, desde a economia até a política, passando pelo campo sociológico e, claro, no desporto. Eram os conhecidos anos dourados. O futebol começou a ser um assunto interessante para os meios de comunicação, especialmente para a televisão. Podemos considerar que foi a partir desta década que o futebol deu o seu grande salto internacional, chegando a todos os países que ainda não o conheciam. Em 1956 criam-se as competições Europeias, também arrastadas pelo concubinato futebol/televisão: *a Taça Europeia ou dos Campeões (actual liga dos Campeões), a Taça das Taças e a Taça das Feiras ou Taça UEFA.* (Coelho e Pinheiro, 2002:30).

Desde a década de 20 que a presidência da FIFA estava entregue a Europeus. Apesar do sucesso alcançado, como o crescente número de países afiliados, mostrando assim a sua globalização e interesse mundial, em 1974 assiste-se àquilo que podemos chamar o passo decisivo na internacionalização do futebol. O britânico Stanley Rous estava na presidência desde 1961, sendo em 1974 substituído por Havelange. De acordo com o brasileiro, esta mudança era necessária, como nos contam Coelho e Pinheiro:

“Dois aspectos foram considerados fundamentais em tal mudança: retirar o poder à Europa, até aí dominante em termos de decisões aplicadas ao futebol, promovendo a real globalização do jogo; e apostar definitiva e totalmente na vertente profissional e capitalista da modalidade, destacando as suas potencialidades como espectáculo de massas”. (Coelho e Pinheiro, 2002: 31)

Havelange esteve na presidência durante 24 anos, até 1998. Durante mais de duas décadas o futebol, e a FIFA, alcançaram metas de prosperidade. O brasileiro conseguiu, de facto, cumprir as suas apostas, *“colocando a FIFA numa posição privilegiada e intocável na gestão do futebol mundial”*. Apesar do brilhantismo, a presidência de Havelange sempre foi *“rodeada de polémicas e conflitos, sendo muitas vezes acusada de autocracia e de vender o futebol aos interesses económicos”* (ibidem).

“O correr dos anos transformou o futebol num agente de entusiasmo desportivo popular sem paralelo. Semanalmente, milhões de espectadores comparecem aos estádios de dezenas de países, em todos os continentes, para ver jogos em que se disputam campeonatos nacionais e internacionais, taças, torneios ou simples amigáveis. O profissionalismo determinou uma actividade futebolística incessante, que em vez de

provocar saturação tem causado a adesão de novos adeptos, a fundação de outros clubes e o progresso técnico e financeiro do mais admirado dos desportos.”
(Enciclopédia Barsa - 1991)

Cada vez mais, o futebol tornava-se um produto de massas, vendo o seu potencial económico e lucrativo crescer a um ritmo frenético. A custódia do futebol para a televisão e o seu íntimo relacionamento tornavam-se cada vez mais visíveis. Esta ligação dos meios de comunicação de massa e do desporto será analisada mais á frente, no terceiro capítulo.

1.3. O futebol em Portugal

Assim como no resto do mundo, Inglaterra foi também o intermediário responsável pela implantação do famoso jogo em Portugal, lembrança da vida universitária de muitos jovens portugueses, que estudavam em Inglaterra.

No entanto existem algumas dificuldades em precisar qual é exactamente a data que indica o primeiro jogo de futebol em Portugal, existindo três principais momentos nomeados. O primeiro, refere-se à Ilha da Madeira em 1875, quando Harry Hilton, um jovem inglês que ali tinha a sua casa de férias, convidou um certo número de amigos para jogar aquilo que “lá fora” era o jogo da moda. Apesar da reduzida duração do jogo, pois a bola desfez-se após poucos minutos, na planície de Achada, em Camacha, encontra-se erguido um monumento para honrar o sítio onde pela primeira vez se jogou futebol em Portugal.

Um segundo momento encontra-se no ano de 1888, num jogo organizado pelos irmãos Pinto Bastos, considerados por muitos como os verdadeiros introdutores do futebol em Portugal. Apesar de o jogo não ter obedecido as técnicas e características de um jogo de futebol, pois não foi jogado num campo adequado e os seus jogadores desconheciam grande parte das regras do jogo, considerando-se então que este momento entra no campo dos jogos a título de actividade lúdica.

O terceiro momento aconteceu em Janeiro de 1889, quando se disputou no Campo Pequeno um jogo entre a “equipa portuguesa”, liderada novamente pelos irmãos Pinto Bastos, e os ingleses do Cabo Submarino de Carcavelos. A vitória foi alcançada pela equipa lusa, num jogo que já teve cerca de uma centena de pessoas a assistirem à partida. Este é, então, o momento mais privilegiado em consideração a primeiro jogo de futebol em território luso.

Apesar da forte presença do futebol a nível mundial, num crescimento cada vez maior, em Portugal o futebol não ganhou logo grandes amantes, em parte pelo isolamento que se fazia sentir no país. Foi apenas no início do século XX que o futebol se começou a desprender das suas amarras aristocráticas, passando por um processo de chegada as massas. Criaram-se os primeiros grandes clubes de futebol:

“em 1903, funda-se The Boavista Footballers, depois Boavista Futebol Clube; em 1904, funda-se o Sport Lisboa, que, em 1908, depois de uma fusão com o grupo Sport Benfica; em 1906, nasce o Sporting Clube de Portugal; e, no mesmo ano (re)nasce (?) o Futebol Clube do Porto.” (Serrado, 2009).

Ainda em 1906, Portugal vê nascer os seus dois primeiros torneios futebolísticos: o torneio Viúva José Alexandre Senna e o I Campeonato de Lisboa. Em 1910, começa-se a notar uma tentativa de profissionalizar o futebol português, até então bastante ligado ao amadorismo, criando-se assim a Associação de Futebol de Lisboa. Quatro anos depois, é criada a União Portuguesa de Football, hoje conhecida como Federação Portuguesa de Futebol (FPF).

A Selecção Portuguesa de Futebol, que iniciou a sua actividade num jogo frente a Espanha a 18 de Dezembro de 1921, começava agora também a lançar-se no panorama internacional.

“Na década de trinta, a instabilidade social generalizada em que vivia o país influenciou negativamente o desenvolvimento da actividade da selecção nacional de futebol. Também nesta década, a Federação Portuguesa de Futebol inscreveu-se pela primeira vez numa competição internacional: o II Campeonato do Mundo, em 1934. O jogo de estreia foi mais uma vez contra Espanha, com uma derrota de 9-0!” (Coelho, 2001:96)

Estava a olhos vistos que a Selecção Portuguesa de Futebol não estava preparada para se lançar ao mundo sem preparação. As entidades responsáveis pelo futebol na altura tiveram os maus resultados da selecção em consideração. Era necessário o *“planeamento de uma prova regular que pudesse tirar o máximo proveito das capacidades técnicas que os jogadores portugueses, efectivamente, tinham e permitisse aos clubes maior estabilidade financeira.”* (Serrado,2009). No mesmo ano de 1934, Portugal começava então a integrar-se mais no futebol, tentando revertê-lo ainda mais para o campo profissional. Não retirando importância aos campeonatos de Futebol já existentes, podemos considerar que o verdadeiro Campeonato Português apenas deu os seus primeiros passos neste ano, aparecendo como uma prova estruturada, como ainda hoje conhecemos a Taça de Portugal.

Com a implantação do Estado Novo em 1933, a situação do futebol regride novamente ao amadorismo. O ponto decisivo para esta situação deu-se em 1942, quando é institucionalizado o amadorismo, suprimindo o profissionalismo que se tentava implantar. Até aos anos 50 foi dada mais importância às competições nacionais, que começavam a desenvolver-se a passos largos. A nível nacional, todos os jogos disputados pela Selecção,

entre 1934 e 1950 foram apenas jogos particulares, não contando para nenhuma competição específica.

É no entanto necessário assinalar que mesmo assim o futebol continuava a ser apoiado. Em 1944 era inaugurado o Estádio Nacional, curiosamente no dia 10 de Junho, o “dia da raça”, com as duas equipas de Lisboa: Benfica vs Sporting e uma audiência de 60 mil pessoas. *“Uma cerimónia que foi uma grande afirmação nacional de optimismo. Disciplina e beleza.”* (Coelho, 2001:) de acordo com os juízos de A Bola.

É necessário ter em conta o contexto histórico-social e político que se fazia sentir em Portugal por esta altura. Com toda a censura e opressão social características de um estado ditatorial, a repressão da liberdade de expressão, reunião e opinião, *“o futebol era (...) um dos poucos assuntos que se podia discutir abertamente, sem medo da polícia política”* (Coelho e Pinheiro, 2002:309). Apesar dos esforços para manter o desporto no amadorismo e apenas como um modo de *“educar, disciplinar, preparar o indivíduo para o serviço militar e para defender a nação (...) para fortalecer a «raça» lusitana ao serviço da pátria”*. (Serrado, 2009: 66), a popularidade do futebol foi ganhando terreno, tornando-se rentável para o Estado Novo, tendo sido usado depois em propagandas políticas para enaltecer a filosofia que, afinal, “Portugal não é um país pequeno”.

No final dos anos 50 a profissionalização do futebol entrava novamente em jogo. Foi a década da construção dos estádios e da contratação de treinadores estrangeiros que trouxeram para Portugal mais experiência:

“mudanças de filosofia, métodos de treino diferentes, alterações nos hábitos e nas rotinas dos jogadores, inovações nas tácticas, um maior recrutamento de futebolistas africanos e toda uma concepção profissional da modalidade” (Serrado, 2009)

É também na década de 50 que os jogadores de futebol deixam de ser “homens comuns” e passam a ser “estrelas do futebol”. Os meios de comunicação começam a ter um interesse maior no desporto da sociedade, e em 1957 a televisão chega a Portugal, possibilitando assim a transmissão em directo dos jogos e para o brilhantismo dos jogadores.

Nos anos 60, foram colhidos os frutos da profissionalização e do apoio ao futebol: era a década de ouro do futebol português, quando Portugal alcançou resultados bastante positivos a nível Europeu, com duas vitórias do Benfica na Liga dos Campeões, o Sporting a ganhar a Taça das Taças e a Selecção Nacional a conseguir um terceiro lugar no Campeonato Mundial de 1966. Um dos grandes “orgulhos portugueses” da década de 60 foi também Eusébio da Silva Ferreira, considerado por muitos como o melhor jogador de todos os tempos.

Os anos 70 não foram particularmente relevantes para a concepção do futebol em Portugal, exceptuando o final da internacionalização de jogadores das colónias portuguesas para Portugal, devido ao processo de descolonização e à Revolução do 25 de Abril. Não obstante, a década de 70, à semelhança do que acontecera vinte anos antes, serviu

de rampa de lançamento para as equipas portuguesas de futebol, novamente com a ajuda técnica de treinadores estrangeiros:

“Modificam-se modelos de treino e de concepção de jogo, incute-se nos jogadores competitividade, valorizam-se mais as vertentes física e psicológica e coloca-se de novo o Benfica nos píncaros da Europa, agora acompanhado pelo FC Porto...” ”
(Serrado, 2009).

Na década de 90, o futebol atinge o seu auge da internacionalização que se tinha iniciado nos anos 80, em parte devido a entrada de Portugal e de Espanha para a União Europeia em 1986, e das novas leis do mercado de transferências. É por esta altura que o futebol se torna num autêntico negócio, lidando anualmente com milhões de euros a nível mundial, e num constante crescimento. Além de desporto-rei, o futebol é agora também uma espécie de *merchandising*, equiparado ao MacDonalD’s ou a Coca-Cola, caso a FIFA se tratasse de uma empresa multinacional.

Portugal passou a ser presença assídua nas competições europeias e mundiais a partir do ano 2000. O seu auge, penso eu, terá sido em 2004, quando Portugal foi organizador do Campeonato Europeu de Futebol. Luíz Felipe Scolari, seleccionador nacional de 2003 a 2008, revolucionou a equipa portuguesa quando lhe *“incute um espírito de grupo unido e ganhador; cria uma empatia social (...), através de propaganda nunca antes vista...”* (Serrado, 2009).

O último campeonato a nível mundial em que Portugal esteve presente, até à data, foi o Mundial de 2010, organizado na África do Sul. A análise deste encontro será descrita mais à frente, visto ser dedicado a ele este trabalho.

CAPÍTULO II - DEFINIÇÃO DE CONCEITOS

Os pilares fundamentais deste estudo centram-se em três campos: o futebol, o sentimento e sentido de pertença a uma nação, e a ligação destes elementos nos media portugueses, quase que numa simbiose perfeita. Tendo já visto o porque da importância do futebol, desporto que estimula emoções e que tem a fantástica habilidade de mexer com o sentido de uma nação e de um povo, importa agora definir os conceitos (e seus variantes) que aqui serão usados como critério de análise e de investigação, como por exemplo, o próprio conceito de nação, e a diferenciação entre nacionalismo e patriotismo.

2.1. Nação e estado-nação

“Bagehot diz que a nação é um daqueles muitos fenómenos que compreendemos, desde que não nos façam perguntas sobre ele, mas que não sabemos explicar em termos breves e sucintos”. (Bauer, in 1996:45)

Como se pode facilmente depreender da afirmação anterior, o conceito de nação é difícil de definir e delinear em modos e palavras concretas. Ao longo dos tempos a sociedade foi conhecendo diferentes significados de nação⁴, variando sempre consoante a época, a teoria principal implícita (marxista, psicanalista, funcionalista...) e a própria sociedade que se intitulava nação.

Deste modo, e depois de analisados vários conceitos, decidi traçar em linhas gerais as directrizes comuns aos vários conceitos de nação. Em primeiro lugar, referir que «Nação» implica um território demarcado, com uma população que partilhe símbolos comuns: língua, cultura e história. À parte destas vertentes, teremos os aspectos externos, como a mesma política, baseada nos interesses dos cidadãos constituintes da nação, e na ideia de igualdade entre todos.

Estes factores conciliados irão incutir na sociedade uma certa “identidade nacional”, que é então reconhecida na maior parte dos cidadãos. Deste modo, temos frases tão populares como “a pontualidade inglesa”, o “glamour francês”, entre tantas outras. A questão da identidade nacional será tratada mais a frente, explicando como elas se formam e desenvolvem. Para já, importa indicar que, em parte, é esta identidade que irá definir uma nação, que lhe irá dar forma. Ou seja, a nação depende do carácter do seu povo, pois é este carácter que une e separa os diferentes povos, que os distingue dos outros. Esta diferenciação nota-se tanto a níveis internos como externos, isto é, serve tanto para diferenciar o povo de

⁴ A propósito deste tema, Otto Bauer (1996) apresenta-nos três tipos de nação: a primeira onde os laços da população são essencialmente de sangue e por culturas iguais; o segundo apresentada pela estratificação da sociedade e o terceiro, baseado num conceito “futuro” representando a nação como uma “unidade nacional autónoma” composta pela “educação, o trabalho e o lazer cultural comuns...”

uma determinada nação das demais nações, como serve também para unificar o próprio povo, dentro de um próprio país.

Outro conceito fundamental que muitos autores defendem, refere-se à metáfora da família associada à nação: quer em nações ligadas pelo sangue, quer em nações ligadas por propósitos políticos, quer em nações criadas por bases sociais, todas elas defendem os membros da “nação” como pertencentes a uma só nação. Os membros dessa família estão ligados por um passado comum, uma história comum, pelos mesmos heróis.

A partilha de um território, de uma língua, de uma cultura, de um passado, sustentado e apoiado por sistemas políticos que as defendam, assim como a identidade criada pelos habitantes de um determinado espaço, formam assim a grande família a que poderemos chamar de nação.

O sentimento de igualdade e de partilha de significados da nação, invoca no indivíduo um dever de a proteger. Este sentimento em parte deve-se ao simbolismo da nação. É nesta defesa da nação, do que é nacional, que se dá alguma sobreposição entre nacionalismo e patriotismo, conceitos que serão agora escrutinados. É necessário entender que os conceitos são ambíguos. Neste caso, é demais importante referir a ideia de Michael Billig, que expõe a diferença entre o “nosso” patriotismo e o “nacionalismo” deles (Billig, 1995: 55)

Se entendermos o nacionalismo como algo negativo, associado a movimentos extremistas, então ele será associado aos “outros”, não a “nós”. Se, por outro lado, considerarmos o nacionalismo como derivado de patriotismo, então já será o nosso nacionalismo, aqui encarado como amor à pátria, à nação e ao país.

2.2. Patriotismo

“O patriotismo é, na política, o que a fé é na religião: está para os sentimentos domésticos e a saudade da pátria como a fé para o fanatismo e a superstição.” (Acton, 1996:38).

A palavra pátria pode ter vários significados e definições. Pode ser considerada como o sítio onde nascemos e somos criados, onde estão os nossos sentimentos e as nossas recordações. Por outro lado, refere-se também às limitações geográficas de um país, considerado como um espaço público, pertencente às pessoas que moram e constroem e protegem a “sua casa”. Este conjunto de pessoas passa então a ser considerado como nação.

A nacionalidade de cada pessoa, assim como a sua pátria, no sentido de ser “onde nascemos” esta retida em cada um como se de uma sombra se tratasse, não podendo ser apagada ou esquecida, mesmo que se queira ou se odeie. Da ideia de que a pátria precisa ser protegida, e que a nação é “nossa” por direito e por isso temos que defender os seus interesses, nasce a ideia de nacionalismo ou patriotismo. Os conceitos, em parte, parecem semelhantes, se tivermos em consideração a definição dada anteriormente. No entanto,

nacionalismo e patriotismo diferenciam-se entre si, em parte pelas variações académicas de significado agregadas à noção de nacionalismo.

Tanto o conceito de nacionalismo como o de patriotismo estão assim, de certa forma, ligados ao sentido de Estado. O patriotismo é visto como algo a que os cidadãos de um determinado estado sentem como obrigação moral: a pertença e a protecção de uma nação, assim como o seu desenvolvimento e preservação. A pátria é vista como o mais alto interesse a defender, nem que para isso sejam necessários sacrifícios, em nome do estado, do povo e de nação. Os sacrifícios em nome da pátria são a muito conhecidos. Todas (ou praticamente todas) as guerras que se deram foram em nome dos interesses da nação e da pátria, da afirmação de um povo ou de um território, da defesa das suas fronteiras.

“A grande marca do verdadeiro patriotismo, a transformação do egoísmo em sacrifício, é produto da vida política. O sentimento do dever, dado pela raça, não é inteiramente distinto da sua base egoísta e instintiva; e o amor à pátria, tal como o amor conjugal, apoia-se ao mesmo tempo numa base material e numa base moral.”
(Acton, 1996:39)

2.3. Nacionalismo

Pode-se dizer que a ideia de nacionalismo nasceu com a Revolução Francesa, a partir do ano de 1789, sendo visto como algo de bom para sociedade, estando vinculado aos valores base da humanidade: liberdade, igualdade e fraternidade. Nos séculos seguintes, o nacionalismo passou a ser encarado como uma condição necessária para o desenvolvimento de uma sociedade, em parte influenciado pela nova ordem social proveniente da Revolução Industrial.

Até inícios do século XX o sentido agregado ao nacionalismo estava bastante ligado ao panorama político, considerando-o como um ponto essencial para a formação de um Estado. Foi no período abrangente entre as duas grandes guerras mundiais, que o nacionalismo se começou a tornar um assunto de interesse para os sociólogos, começando a haver uma certa tensão entre o lado positivo e o negativo do conceito e suas implicações. Com a ascensão do Nazismo na Alemanha, e suas conseqüentes implicações, o nacionalismo ganha um cariz cada vez mais negativo, tendo ainda hoje essa faceta. Ou seja, o que antes era utilizado e conhecido como patriotismo, passa a ser intitulado de nacionalismo. Novamente a questão do “nosso” patriotismo e o nacionalismo “deles”, que Michael Billig defendeu e que já expusemos anteriormente.

É por este facto que não existe um conceito geral que traduza nacionalismo na sua integridade. O conceito é usado de várias maneiras e em distintas situações, sofrendo alterações nas demais definições estabelecidas. Um dos estudiosos mais influentes na definição de Nação e os seus conceitos, Anthony D. Smith (1991:95), refere que o nacionalismo pode ser observado em vários pontos:

1. Todo o processo de formação e conservação de nações ou de estados-nação.
2. Uma consciência de pertença à nação, unida a sentimentos e aspirações pela sua segurança e prosperidade.
3. Uma linguagem e um simbolismo da nação e do seu papel.
4. Uma ideologia, incluindo uma doutrina cultural das nações, e a vontade nacional e as prescrições para a realização das aspirações nacionais e da vontade nacional.
5. Um movimento social e político para alcançar os objectivos da nação e realizar a sua vontade nacional.

Tomarei como definição primordial as implicadas no terceiro e quarto ponto. Nesse sentido, o nacionalismo pode ser considerado essencialmente como uma ideologia, onde, para além da nação ser considerada como único elemento identitário de uma comunidade política (estabelecida através de fronteiras) obedece a dois princípios essenciais: o de soberania nacional (nação e estado não podem funcionar um sem o outro) e o de nacionalidade (a cada nação o seu estado).

Assim, a definição de nacionalismo que iremos ter em conta ao longo deste estudo será a definida por Smith:

“Um movimento ideológico para atingir e conservar a autonomia, a unidade e a identidade em nome de uma população que alguns dos seus membros consideram constituir uma «nação» real ou potencial.” (Smith, 1991:97)

Esta “construção da nação real ou potenciada” leva-nos a questão da identidade nacional, onde o nacionalismo tem grande influência. A identidade, como algo que procuramos ou nos pertence, é vista por Michael Billig (1995:7) como uma “*maquinaria psicológica chamada “identidade nacional”*”.

“Como um telemóvel, esta peça de equipamento psicológico mantêm-se oculta a maior parte das vezes. Depois, ocorre a crise; o presidente chama; a campanha toca; os cidadãos respondem; e a identidade patriótica é conectada.

A questão da “comunidade imaginada” levanta o véu à teoria de que o nacionalismo não passa então de um estado psicológico. Esta ideia é descrita por vários autores, que defendem que como o próprio conceito de nação corresponde a uma criação simbólica, também o nacionalismo o tem que ser. Assim, o nacionalismo é construído com base em símbolos, sendo lembrado essencialmente quando há uma quebra da normalidade e da rotina, seja ela por uma grande cerimónia ou por uma guerra. Esta ideia de “movimento psicológico” está bastante relacionada com o próprio sentido e construção da identidade, como iremos verificar.

Antes de prosseguir, importa fazer uma distinção entre Nacionalismo territorial e Nacionalismo étnico, que irão originar diferentes tipos de movimentos nacionalistas (Smith, 1991:107). Assim, o primeiro tipo de nacionalismo diz respeito a uma concepção de nação maioritariamente cívica e territorial, onde a nação se implementa fora das nações anteriores, como que numa descolonização; isto é, num primeiro processo, a que Smith chama de movimento pré-independência, expulsam-se os “*governantes estrangeiros*” substituindo “*o velho território colonial por um novo estado-nação*”(ibidem). Concluído este processo, num estado posterior à dependência, é feito um contracto político, integrando cidadãos de origens diferentes na nova comunidade política criando assim uma “*nova «nação territorial»*” (ibidem).

O segundo tipo de nacionalismo, por sua vez, tem os seus pressupostos criados numa noção étnica e genealógica, onde o importante é a cultura e a etnia da população, que irá constituir a nação.

Relativamente então ao conceito de nacionalismo e patriotismo, podemos resumir que enquanto o nacionalismo pode ser identificado como o sentimento de valorização da nação, sendo mais uma ideologia política, o patriotismo surge como o afecto ao simbolismo do estado. O nacionalismo tem um carácter pejorativo, associado muitas vezes à guerra e a demonstrações de violência; por sua vez o patriotismo surge como algo “bom”, pois conota o amor e a dedicação a uma pátria, à “casa” onde habitamos. Como refere Miranda, Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura:

“Enquanto a nação corresponde a um conceito natural donde resultam elementos intelectuais, a Pátria assenta toda em elementos de afectividade, e, enquanto aquela realça o aspecto pessoal, a ideia de uma comunidade intemporal, a Pátria tende a identificar-se com um território - Pátria ou terra dos pais”.

Podemos dizer que o nacionalismo é mais rígido; uma pessoa nacionalista assume a sua nação como a melhor entre as outras, por uma razão aparente ou não, levando muitas vezes à xenofobia e ao racismo. Por este motivo, os nacionalistas têm hoje o cunho de extremistas.

2.4. Identidade Nacional

A identidade nacional é, como vimos anteriormente, a qualidade de um povo se sentir pertencente a uma nação. A ideia de pertencer a uma nação pressupõe que esta será um conjunto de pessoas que vivem em comunhão num mesmo espaço, com a mesma história, os mesmos hábitos e costumes, a mesma língua, baseadas num sistema comum de direitos e deveres.

De acordo com Rui Aragão (1985:246), para definirmos identidade nacional precisamos de dois conceitos fundamentais, de dois tipos de características distintos: as características

constitutivas e as características *institutivas*. Assim, as primeiras serão como que as características intrínsecas a existência de uma nação: o seu espaço concreto, a sua língua, a sua história. Estão mais ligadas as questões étnicas e do povo.

As características *institutivas*, por sua vez,

“...referem-se à prática, à actividade concreta da colectividade nacional, ou melhor, às produções efectivas decorrentes dessa actividade, nos vários campos ou aspectos em que ela se divide: economia, política, aparelho militar, justiça, ensino, religião, desporto, ciência, tecnologia, arte, etc. Estas produções efectivas são o que se designa por instituições sociais”. (Aragão, 1985:246)

A metáfora essencial do nacionalismo/patriotismo, representada como identidade nacional será a da família. Um pouco como na religião, os membros constituintes de uma nação, os cidadãos, são todos considerados como membros de uma grande família que será um país, a sua pátria.

Estes conceitos de família e de identidade nacional, criados através de símbolos levam-nos ao conceito desenvolvido por Benedict Anderson de «comunidade imaginada»; uma comunidade composta pelos elementos de uma nação, formada por um sentimento de pertença a um país, e mais propriamente à imagem de família criada pelo nacionalismo (Anderson, 1991). O conceito diz sobretudo respeito ao facto de os seus membros não terem a possibilidade de conhecer toda a sua «família» no geral, apesar de todos eles defenderem e lutarem pelos mesmos princípios e sustentarem os mesmos direitos: aqueles que consideram essenciais para a sua família, a sua nação, o seu país, a sua pátria.

A criação e o sustento desta «comunidade imaginada» são feitos essencialmente através de signos do estado, da própria nação, e com o apoio do sistema de ensino público, que irá ensinar a todos os seus concidadãos os mesmos conceitos. Como refere Smith:

“Símbolos nacionais, costumes e cerimónias são, a muitos níveis, os aspectos mais poderosos e duradouros do nacionalismo. Encarnam os seus conceitos básicos, tornando-os visíveis e distintos para todos os membros, transmitindo os princípios de uma ideologia abstracta em termos palpáveis e concretos, que suscitam reacções emocionais instantâneas de todos os estratos da comunidade.” (Smith, 1991: 102).

A este propósito, recordemos Michael Billig e o *Nacionalismo Banal*. Este termo desenvolvido por Billig, refere-se a uma implementação do sentimento de pertença através de métodos de identificação: de símbolos, cerimónias, hábitos culturais e linguagem comum (Billig, 1995:44). Referimos anteriormente que muitos autores defendem o carácter psicológico do nacionalismo. Assim, tratando-se de “*um fenómeno primariamente psicológico*”, como define Anthony Giddens (Giddens, 1985: 116), ele tem que ser sustentado por signos, que nos são implantados tão inconsciente que nem damos por isso (Billig,

1995:44). É em parte este «nacionalismo banal» que vai constituir a identidade nacional, através da implementação dos símbolos nacionais de uma forma discreta e quotidiana.

A recordação da nação e da identidade que a constitui, ao ser feita de uma forma banal, com recurso a signos, vê um grande aliado nos meios de comunicação de massa. Aqui, onde a linguagem é a arma principal, o discurso assume uma importância crucial, no interior do que Anderson intitulou como “capitalismo de imprensa” (Chatterjee, 1991:229)

CAPÍTULO III - Os meios de Comunicação Social: A construção da identidade e a defesa do país na imprensa escrita

3.1. Teorias da Comunicação e da notícia: os efeitos e as repercussões na sociedade

Os meios de comunicação de massa têm desempenhado um papel fulcral na sociedade, desde a sua génese até aos nossos dias, ganhando cada vez mais uma importante força no conhecimento do mundo, proporcionando sobre o mesmo um debate público.

Por esta razão, os meios de comunicação têm sido alvo de vários estudos académicos, havendo um grande número de estudiosos que se tenha debruçado sobre as suas repercussões na sociedade: desde a sua formação gráfica, aos seus interesses, assim como os seus efeitos e influências perante o seu público.

Partamos do pressuposto comum que uma notícia é um reflexo e um espelho da realidade, e que o jornalista apenas se limita a representar essa verdade real sobre a forma de palavras, qual contadores de histórias do quotidiano (Teoria do Espelho). Apesar deste paradigma dominante sobre o que é o jornalismo e uma notícia, é necessário ter em conta que dada a importância da Comunicação Social, e a imensidade de assuntos que existem no dia-a-dia em toda a nossa aldeia global, é necessário haver uma esquematização, um processo que simplifique a produção noticiosa e ajude a sua construção.

Primeiro que tudo, referir que de facto nem tudo o que acontece é notícia. É necessário haver uma selecção do que é passado “cá para fora” e o que não é. A este propósito devemos falar da Teoria do *Gatekeeping*. Esta teoria, proposta por David Manning White em 1950 (Traquina, 2002:77), tem como ponto principal a tomada de decisões sobre os temas que vão ou não ser noticiados, e quais as notícias que vão ser publicadas. Estas decisões pressupõem que existem vários temas passíveis de se tornarem notícia, mas que só o serão depois de passarem pelos portões (*gates*) do próprio jornalista. De acordo com White, segundo o que nos indica Traquina, esta teoria depende muito da vertente pessoal do próprio jornalista (experiência, personalidade, expectativas...), o que fez com que Schudson chamasse esta teoria de Acção pessoal (Traquina, 2002: 78).

De maneira a podermos identificar que acontecimentos são ou não notícias, o que merece ou não ser noticiado, o jornalista auxilia-se dos valores notícias. Vários autores já se debruçaram sobre este tema e, como é claro, alguns autores dão mais importância a uns factores do que a outros. De acordo com os primeiros estudos efectuados, na tentativa de

descobrir quais as condições necessárias para um acontecimento se tornar notícia, Galtung e Ruge descortinam os seguintes pontos: *Frequência, amplitude do evento, clareza ou falta de ambiguidade, significância, consonância, inesperado, continuidade, composição, referência a nações de elite, personalização e negatividade*. (Traquina, 2002: 179)

Por sua vez, Luiz Amaral, em conformidade com Carrol Waren, destaca-nos oito valores notícia: *imediatismo, proximidade, importância, transmissibilidade, conflito, suspense, emoções e consequência*. (Amaral, 1986: 41). Estes são talvez os que se aproximam mais da explicação do porque de um jogo de futebol ter a importância que tem para a sociedade. Ora então vejamos: um jogo de futebol tem o seu imediatismo, são sempre transmitidos em directo. A proximidade também está presente, seja a proximidade clubista (Sporting, Benfica, Real Madrid, Barcelona...) ou mesmo relativamente a uma selecção (onde a proximidade será quase total dentro fronteiras de um país). A importância também é verificável: os jogos mais importantes (finais de taças por exemplo) são constantemente anunciadas nos meios de comunicação social, como algo a não perder, o que nos leva a verificar o ponto da transmissibilidade - os próprios jogos de futebol já são feitos para serem transmitidos. De resto, relativamente ao conflito e ao suspense, já verificamos que são condições necessárias de um jogo de futebol: existe sempre o conflito entre duas equipas, numa luta pela vitória, criando assim a incerteza sobre o resultado final.

Poderíamos continuar a enunciar autores e a sua hierarquização dos valores considerados noticiáveis, devido a imensidade de autores e dos próprios valores. Penso que tal não será necessário, bastar-nos-á concluir que, de facto, nem tudo o que acontece é notícia, e o que irá ditar o seu carácter noticioso ou não, serão os valores notícia, a política do próprio jornal e, como vimos anteriormente, a própria escolha pessoal do jornalista.

Dos efeitos:

A questão dos efeitos do media, nos seus primórdios da investigação, começou por ser estudada a curto prazo, dando corpo a teorias como da “agulha hipodérmica”, proposta por Laswell. Esta teoria, que surgiu no início do século XX acerca dos efeitos propagandísticos da Primeira Guerra Mundial, defendia que os media tinham o poder de chegar a e todos os cidadãos, persuadindo-os, independentemente da sua classe social, pois todos os cidadãos estavam englobados na população da audiência dos media. (Traquina, 2000:15). Segundo Paulo Serra, estes efeitos, na sua primeira fase de estudos eram considerados como *ilimitados, directos e imediatos*. (Serra, 2007:145)

Numa segunda fase de observação, com início nos anos 40, os efeitos deixam então de ter as características mencionadas por Serra e as teorias centram-se mais em verificar como os media poderiam influenciar na tomada de opiniões, e não em como as manipular e criar, como defendiam as teorias anteriores. Os efeitos limitados dos media, assim como outras

teorias, nomeadamente a Teoria Crítica proposta por Adorno, criavam assim o padrão predominante dos efeitos dos media nos anos 60.

Na década seguinte, volta-se de novo a ter em atenção os efeitos dos meios de comunicação de massas. Assim, defendia-se *“que o principal propósito dos media era informar, mais do que persuadir ou modificar comportamentos. Procuraram assim efeitos cognitivos, tais como o agendamento [que] visava examinar o papel dos media na formação e mudança de cognições”* (Traquina, 2000:17)

3.1.1. Teoria do Agendamento ou *Agenda setting*

A teoria do agendamento é uma das principais teorias dos efeitos limitados dos media. Referida inicialmente por Walter Lippman (1922), quando diz que *“os media eram a principal ligação ente os acontecimentos no mundo e as imagens desses acontecimentos na nossa mente”* (in Traquina, 2000:17), a teoria do agendamento apenas começou a ser estudada mais tarde, nos finais dos anos 60, quando foi utilizada para medir os efeitos de uma campanha eleitoral. A este propósito, McCombs e Shaw, entrevistaram 100 pessoas, que teriam que indicar quais eram os temas que mais lhes interessavam naquele momento, ou seja, além do que os políticos falavam nos seus debates, quais seriam os temas que os preocupavam mais, onde deveria haver uma maior actuação política. Deste estudo, concluiu-se que aquilo que o que a maior parte das pessoas considera ser importante e passível de debate, ou seja, aquilo que poderemos chamar de *“agenda social”*, vai de encontro aquilo a que designamos a *“agenda dos media”*. (Traquina, 2000:17). A conclusão a que os dois principais estudiosos deste tema chegaram foi que *“quanto maior fosse a mediação da comunicação interpessoal, ou seja, quanto mais intenso e alargado fosse o debate público acerca de um tema, menos relevante seria a influência dos meios jornalísticos”*. (Sousa, 2000:165).

Chegávamos assim a uma terceira fase de estudos sobre os efeitos dos media, virada mais para os efeitos a longo prazo, produzidos a um nível cognitivo e não comportamental. (McQuail, 2003:426) Deste modo, a Teoria do Agendamento, defende que os media, ao terem possibilidade de decidir que temas irão noticiar, influenciam o pensamento da sociedade, em parte por lhes dizer em o que pensar. A formulação que Shaw faz desta teoria, resume os seus pontos essenciais:

“Em consequência da acção dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os mass media incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir

àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflecte de perto a ênfase atribuída pelos mass media aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas. (Shaw, 1979:96)

Ou seja, os media tem um grande papel na construção do pensamento contemporâneo e, conseqüentemente na criação de uma identidade e dos moldes de uma sociedade, pois ao decidirem não só o que é notícia, mas também quais são mais importantes (dando-lhes destaque), influenciam nos temas do quotidiano: quanto mais ênfase é dado então a um tema específico, maior será a sua discussão e debate, quer pelos próprios meios de comunicação, quer pelas pessoas, que irão discutir as primeiras páginas de um jornal no café, no trabalho, na escola, etc.

Claro está, esta teoria levanta algumas críticas. Como refere Jorge Pedro Sousa:

“Em primeiro lugar, trata-se de uma teoria que pode subestimar a própria realidade, pois o valor do real pode sobrepor-se à influência da agenda dos meios de comunicação na hora de ser definida na agenda pública.” (Sousa, 2000:170)

Significa isto que, nem sempre a ordem de apresentação das notícias, ou seja, a agenda mediática, entra em conformidade com a agenda pública, com o que realmente interessa à população naquela determinada altura. A este propósito teremos por exemplo a chamada *silly season*, onde claramente não vêm expostos os temas na ordem do dia, realmente importantes para a sociedade. Além disso, os temas não interessam a toda a gente da mesma maneira. Assim, de acordo com Sousa (2000:170), a decisão de uma agenda mediática depende essencialmente *“da necessidade de que uma pessoa teria de obter informações sobre um assunto, o que a motivaria para o consumo dessa informação”*. Esta ilação de Jorge Sousa permite-nos entrar noutra teoria, desta feita, dos usos e gratificações dos media.

3.1.2. Teoria dos Usos e Gratificações

De acordo com a necessidade de informação das pessoas, tendo em conta os seus gostos ou interesses, a teoria dos usos e gratificações defende uma perspectiva mais pessoal; não está tão preocupada com os efeitos que os media têm na sociedade, mas sim os efeitos que os media receberão da própria sociedade. Desta forma, esta teoria procura entender quais são os hábitos que os leitores têm, o que procuram, o que querem ler.

De acordo com Sousa (2000), que se baseia na interpretação de Blumer (1979), podemos estabelecer causas e efeitos desta teoria, ou seja, motivos para o uso dos meios de comunicação e quais são então os efeitos desse uso. Desta forma, dentro das causas/motivos

dos usos dos meios de comunicação poderemos distinguir a busca de informação, o motivo mais óbvio de um hábito de utilização dos meios de comunicação. Se são eles que nos dão a conhecer o mundo, que nos apresentam as situações nas quais não podemos estar presentes (pelas mais variadíssimas razões), então, ao nos usarmos deles será essencialmente para buscar essa informação.

Em segundo lugar, encontramos o entretenimento. Principalmente nos últimos tempos, os meios de comunicação não servem apenas para informar, mas também para entreter. A “especialização” de alguns meios de comunicação de massa permitem que cada vez mais a teoria dos usos e gratificações ganhe força, tendo em conta que cada vez mais, existe um público específico para determinada revista ou jornal. Este aspecto da cultura mediática leva-nos ao terceiro factor pela qual a sociedade utiliza os meios de comunicação, ou seja, a identificação pessoal. Uma pessoa que goste de cozinhar terá ao seu dispor revistas de culinária, por outro lado, se tem mais interesse na informática também tem um segmento comunicacional lhe dedicado.

Relativamente então aos efeitos desta teoria, poderemos verificar, respectivamente ao primeiro ponto (a busca de informação), que ao entrarmos em contacto com a informação teremos uma maior facilidade em adquirir conhecimentos, *reforçando a identidade pessoal* (Sousa, 2000:183). Por outro lado, aos nos estarmos a cingir apenas as publicações do nosso interesse, que nos entretêm, a nossa realidade ficará mais cingida a realidade descrita nessas publicações. De qualquer das formas, não posso deixar de discordar desta afirmação. Tudo bem que existirá uma facilidade em consumir a informação do qual temos mais interesse, mas daí a adaptarmos a nossa realidade apenas as publicações que consumimos será um pouco redutor da mente humana. Da mesma forma que existem publicações periódicas que vão de encontro aos nossos interesses, também as existirão para acesso a informação e conhecimento do mundo, ou seja, para entendimento da realidade. Toda esta utilização dos media irá depender de factores externos, como a nossa personalidade, que irá influenciar nos gostos e nas tomadas de decisões sobre quais os meios de comunicação a utilizar, a cultura onde se está integrado, da idade, sexo, religião.

3.1.3. Teoria do Enquadramento ou *frames*

A definição de enquadramento em jornalismo é uma metáfora da fotografia: da mesma forma que enquadrámos uma imagem para a captar fotograficamente, excluindo por isso outros elementos presentes, também no jornalismo se “enquadra” a informação. Como nos explica Sousa:

“A janela dá-nos uma visão do mundo, mas essa visão é condicionada pelo tamanho da janela, pela distância a que estamos dela, pela opacidade ou transparência do vidro,

pelo posicionamento do observador, etc. A enunciação jornalística dá-nos igualmente uma visão de determinados aspectos da realidade, mas essa visão é contaminada pelos constrangimentos da linguagem, da enunciação, do enunciador e do receptor, etc...”(Sousa,2004:66)

Em traços gerais, é geralmente aceite que os enquadramentos noticiosos levam o leitor a preocupar-se mais com um determinado assunto do que com outro, a virar a sua atenção e a sua percepção da realidade apenas para alguns assuntos. Como refere Correia:

“(...) apresentam-se como dispositivos simultaneamente inclusivos e exclusivos, porque ao incluírem certas acções e mensagens excluem outras. Assim, o enquadramento é um tipo de mensagem que visa ordenar ou organizar a percepção do observador, dizendo: “Tenha em conta o que está dentro e não que está fora”. (Correia, 2009: 77).

Pelos seus vários estudos, esta teoria tem causado algumas discórdias entre os seus teóricos, principalmente devido ao método utilizado para identificar se, de facto, existe um enquadramento, e qual é feito. Desta forma, podemos considerar que existem duas metodologias distintas para estudar um *frame* mediático: uma vertente aplicada ao discurso e outra mais preocupada com as audiências. (Correia, 2009: 80-85).

Dentro do estudo mais centrado no discurso, identificam-se ainda dois subgrupos: um onde a análise irá incidir mais numa perspectiva *quantitativa*, em busca de uma linguagem comum nas partes mais importantes de uma notícia (títulos, *leads*...), assim como nas suas componentes gráficas (fotos e legendas, infografia...); e outra com maior atenção *qualitativa*, de modo a “*detectar as tensões entre o que é dito e o que é implícito*” (Correia, 2009:84).

Partindo desta hipótese, vários autores consideraram que este enquadramento noticioso e mediático, funcionava um pouco mais além do que a Teoria do Agendamento: os media participam activamente na construção e formulação do nosso discurso do quotidiano, informando os temas da ordem do dia, deixando de lado (ou mesmo de fora), determinados assuntos que “*não interessam*” para a vida pública, pelo menos do ponto de vista político. Nas palavras de Correia, após um estudo de Parenti, o enquadramento mediático:

“...é uma escolha consciente feita pelas organizações noticiosas para desprover os cidadãos das ferramentas críticas que lhe permitem questionar os consensos produzidos no seio das elites. Os limites do debate são estabelecidos pelas elites e são aceites pelos media noticiosos porque estão dependentes das consensos formulados no seio das elites e pelas instituições do capitalismo para poderem sobreviver” (Correia, 2009: 82).

Por outro lado, quando referimos a preocupação com as audiências, salienta-se sobretudo que o próprio *frame* poderá variar consoante as palavras e a linguagem utilizadas.

Nota-se uma aproximação à Teoria dos Usos e Gratificações, pois há uma preocupação em tentar saber até que ponto as audiências são influenciadas e aceitam esse *frame* mediático. Aliás como remata Correia,

“Conceitos como os de counterframing apresentados contra os significados dominantes do texto fizeram recordar as disputas acerca de leituras oposicionais provocadas no interior dos estudos culturais. Pan e Kosicki recorrem às hipóteses de usos e gratificações, nomeadamente a Katz para interrogarem até que ponto não interessa apenas saber o que os media fazem as pessoas mas também o uso que as pessoas fazem dos media e dos frames mediáticos.” (Correia, 2009:85)

3.1.4. - Importância teórica

Após analisarmos estas teorias, poderemos agora verificar qual a sua relevância para este estudo, intimamente ligado ao objecto de estudo, o futebol.

Em primeiro lugar, o uso da teoria do agendamento permite-nos verificar que o futebol é um tema que consta muitas vezes da agenda mediática nacional. São os canais dedicados ao próprio desporto, os jornais diários desportivos, a presença assídua do desporto na rádio, televisão, internet, imprensa. podemos concluir que havendo tanta importância mediática, haverá também uma enorme importância social. A questão é quase como a do ovo e da galinha, neste caso, quem influencia quem? São os media que fazem a importância do futebol na sociedade, ou é esta importância exterior que leva os media a incluírem assiduamente o desporto na sua agenda?

A questão leva-nos então para a teoria dos Usos e Gratificações. A importância social e mediática que o desporto tem, leva a que crie bastantes adeptos. Desta forma, os consumidores têm um grande número de produtos mediático a seu dispor sobre o tema da sua preferência.

Por fim, a teoria do enquadramento será útil para responder a pergunta: será que a linguagem utilizada nos jornais, acerca da selecção portuguesa de futebol, apresenta um enquadramento nacionalista? Ou seja, analisar se os discursos presentes na imprensa escrita enquadram uma perspectiva nacional e de construção de identidade.

3.2. Os media e o desporto - a espectacularidade do desporto

Apesar dos diversos problemas espalhados pelo globo, fome, pobreza, miséria, questões diplomáticas, guerras...mais forte que isto é o Futebol, que une povos em torno de uma causa: O Espectáculo! (Braga,2006)

É já um lugar-comum considerar o futebol como um dos grandes desportos da sociedade actual, ou não tivesse ele o cognome de desporto rei. Sinónimo de festa e euforia, de nervos e espectáculo, capaz de unir e separar nações, proclamar a guerra e a paz, o futebol tem vindo a ganhar uma crescente importância nos nossos dias.

Assim como o futebol, também os meios de Comunicação Social foram ganhando terreno em importância social. Hoje em dia os media representam uma influente parte da sociedade e do pensamento contemporâneo. Esta característica dos media deve-se sobretudo à globalização, e a chegada do que chamamos hoje de “Aldeia Global”. Dentro desta “aldeia global” tudo o que sabemos, sabemos-lo pelos media: sabemos o que eles querem, como eles querem, quando eles querem, como tivemos oportunidade de verificar anteriormente.

Coincidência ou não, o desporto em geral (e o futebol em particular) e os media têm uma relação bastante coesa e forte. Basta folhearmos as páginas de um jornal ou visualizarmos o telejornal, e facilmente nos apercebemos que o desporto tem uma forte importância para os media. Todos os dias existe uma actualização noticiosa respeitante ao desporto, nomeadamente ao futebol. As notícias sobre futebol por vezes são tão importantes que merecem destaque de primeira página, ou, a abertura do noticiário.

Fora as notícias, é fácil verificar também o destaque dado ao desporto na programação televisiva. A crescente importância do desporto para os media, como uma das fontes de maior rendimento, reflecte-se, por exemplo, na luta pelos direitos de transmissão em directo de jogos de futebol em grandes campeonatos. A vitória por esses direitos transmissivos é vangloriada pelos seus vencedores: *Um jogo exclusivo SIC, O mundial joga-se na RTP.*

“O desporto tornou-se o ‘grande negócio’. É agora uma indústria bem estabelecida com corpos organizacionais estrangeiros, como o Comité Olímpico Internacional (COI). O mundo do desporto é bastante competitivo, não só em termos de quem ganha o primeiro lugar em alguma prova, mas também por considerar que desportos serão os mais atractivos financeiramente, os que geram mais lucro.” (Stead, :185)

Isto acontece porque o futebol entra no campo dos chamados “acontecimentos mediáticos” - acontecimentos que de certa forma interrompem a normalidade e a vida quotidiana, assumindo assim uma grande importância social, e o papel de uma grande cerimónia festiva a que poderemos chamar os “*feriados da comunicação social*” (Dayan e Katz, 1994:17). Os “acontecimentos mediáticos”, de acordo com Denis McQuail (2003:336), contém as seguintes características: uma “*identidade colectiva, mais ou menos reconhecida de modo idêntico pelos seus produtores (os media) e consumidores (a audiência dos media)*”; a ligação dessa “*identidade (ou definição) com finalidades (...), formato (...), e significado (...)*”; a ideia de identidade e a sua adaptação à realidade social presente; por conseguinte, um acontecimento mediático “*seguirá uma estrutura previsível de narrativa ou sequência de acção, assente num fundo previsível de imagens (...)*”.

Além de quebrar a rotina, os jogos e futebol são em directo, aumentado exponencialmente o interesse na competição: não sabemos o seu desfecho, e em qualquer momento existe a tensão do inesperado, como já foi referido anteriormente, acerca da importância do futebol.

Segundo Dayan e Katz (1994), existem alguns factores que determinam a importância destes acontecimentos mediáticos, catalogando a sua relação com a sociedade. Ao nível do futebol, julgo que poderemos considerar três dos pontos apresentados: em primeiro lugar é necessário dar importância às audiências gigantescas que estes tipos de acontecimentos geram, englobando, por vezes, o mundo inteiro. Um segundo ponto diz respeito às ferramentas tecnológicas utilizadas, onde se consegue a proeza de informar e dar a conhecer ao mesmo tempo os quatro cantos do mundo. Por fim, como já foi referido, estes acontecimentos são uma quebra do quotidiano, apresentando várias vezes semelhanças com um feriado religioso, por criar hábitos que escapam à rotina quotidiana:

“Tal como os feriados religiosos, também os acontecimentos mediáticos significam uma interrupção da rotina, dias sem trabalhar, normas de participação na cerimónia e no ritual, concentração nalgum valor central, a experiência da comunhão e da igualdade no ambiente imediato de cada um, e de integração com um centro cultural. Os tons reverentes da cerimónia, o modo de vestir e o comportamento dos que se juntam em frente de um aparelho de televisão, a sensação de comunhão com as massas de telespectadores, tudo tem reminiscências com os dias santos. Os papéis assumidos pelos telespectadores diferenciam a transmissão de uma festividade da transmissão quotidiana e transforma a natureza do envolvimento com o meio de comunicação social.” (Dayan e Katz, 1994:30)

A importância e grandiosidade destes acontecimentos foram um dos aspectos que incentivaram à criação de meios de comunicação exclusivos do desporto. Os chamados canais *pay-to-view* (literalmente pagar para ver), como a SportTv ou o Benfica Tv, que vivem exclusivamente do desporto, dependendo quase exclusivamente do futebol, vêem no desporto uma forma de lucro e desenvolvimento, usando os media como meio. Outro aspecto que importa referir, por também ser ilustrativo dessa crescente importância e da ligação media-desporto, é a crescente aposta de jornalistas numa especialização desportiva. Em Portugal, temos o exemplo dos três jornais diários dedicados ao desporto. É um facto bastante interessante, comparar os índices de leituras de jornais dos portugueses, com a tiragem e audiência destes jornais desportivos e verificar também quais os jornais mais lidos em Portugal⁵. Nos três jornais desportivos mais vendidos em Portugal, é dada a importância não só à competição em si, mas aos seus aspectos internos e envolventes, como as transferências

⁵ Segundo os dados apresentados pelo Grupo Marktest relativamente ao estudo da 3ª vaga de 2010 do Bareme Imprensa, os leitores de jornais equivalem a 82.2% do universo estudado (<http://www.marktest.com/wap/a/n/id-16e6.aspx>). Já relativamente aos jornais mais lidos, de acordo com a mesma fonte, num estudo apresentado em 2005, os jornais diários desportivos e automobilísticos são os mais vendidos, atingindo 8.4% da audiência média, em comparação com a audiência dos jornais diários de informação geral, que representam 7.1% (<http://www.marktest.com/wap/a/n/id-86e.aspx>).

dos jogadores e os próprios treinos. Aqui está bastante implícita a teoria dos Usos e Gratificações: sendo o futebol o *ópio do povo*, então muitas pessoas irão se utilizar dele para descontrair, por isso temos então estes exemplares em Portugal (e há que ter em atenção que *A Bola* ou o *Record* são dos jornais diários mais vendidos em Portugal). Tendo em conta a importância que lhe é depositada na agenda mediática, também o interesse pessoal aumenta. Entramos assim num círculo vicioso. Uma maior importância na agenda mediática leva a um maior interesse público, por conseguinte a um maior interesse mediático que proporcionará assim um maior consumo.

Esta crescente proliferação não escapou à publicidade, que vê no desporto uma grande oportunidade, na medida em que ao se ligarem a ele, ligam-se também a milhares de pessoas. São os estádios forrados com publicidades, são os patrocínios nas camisolas, a criação de campeonatos com nomes da entidade patrocinadora (Liga Sagras, Liga Vitalis), que também são frutos da aliança celebrada entre os media e o desporto, os anúncios publicitários com jogadores, etc.

“Até mesmo as roupas e os equipamentos dos jogadores foram alterados de modo a reflectir os interesses dos media. As cores e o design ajudam no espectáculo e no drama. Os nomes nas camisolas ajudam os espectadores. Os logótipos dos patrocinadores proliferam. As oportunidades de interligar desporto, media e comércio já estão ao alcance de todos.” (Stead,

A sobeja importância dos desportos na sociedade actual, assim como o interesse dos media neles depositados, fizeram também com que se criassem novas competições, ou que se aumentassem de alguma forma as já existentes.

“O futebol inglês era outrora um ritual de domingo a tarde: hoje tornou-se quase um evento diário, na medida em que as televisões se esforçam por preencher as suas programações e, mais importante, maximizar o retorno dos enormes investimentos aplicados no jogo. Não só se alterou o dia do jogo do futebol, como se altera toda a liga.” (Stead, :189)

Outro exemplo de maior visibilidade será mesmo os campeonatos de futebol, como o Mundial, o espectáculo desportivo mais assistido em todo o mundo (facto bastante benéfico tanto para os meios de comunicação em massa, como para o desporto no geral, e em particular a FIFA). O número total de participantes tem-se alterado substancialmente, passando de 13 equipas nas primeiras competições para os 32 actuais, abrangendo assim selecções dos quatro cantos do mundo.

3.3. A criação da identidade nos jornais - o poder da escrita:

No capítulo anterior verificamos a importância e influência que a sociedade deposita nos media. Esta importância deve-se em parte à arma usada pelos meios de comunicação social, a retórica e o poder da palavra.

Apesar do seu carácter negativo, o nacionalismo é muitas vezes visto como algo positivo. Desta forma, o recurso ao nacionalismo está muitas vezes presente na sociedade, numa representação quotidiana de tal forma banal que as pessoas já nem dão por ele. Ele é incutido na população de uma forma discreta, através, por exemplo, do hastear de bandeiras em edifícios públicos, do canto do hino nacional, da apresentação de notícias nos meios de comunicação (valor notícia da proximidade), entre outras coisas. Este tipo de nacionalismo é assim considerado como banal, pois ao vermos estes símbolos do Estado, somos levados a considerar-nos parte de um estado, parte da nação onde vivemos, da nossa identidade.

“Em tantas pequenas coisas, os cidadãos são regularmente lembrados do seu lugar como nação num mundo de nações. No entanto, este lembrar é tão familiar, tão continuo, que não é registado conscientemente como lembrar. A imagem metonímica do nacionalismo banal não é uma bandeira que é conscientemente ondulada com uma paixão fervorosa; é a bandeira hasteada num edifício público”.
(Billig, 1995:7)

Além da necessidade de símbolos comuns, também é necessária uma linguagem comum, que partilhe significados comuns acerca de algum signo. É aqui que entra o discurso. Como tão bem nos explica João Nuno Coelho:

“A identidade não tem origem na pessoa mas na sociedade circundante, onde os indivíduos estão embrenhados numa «selva» de signos e significados, organizados em discursos, que constroem a identidade, assim como práticas e estruturas sociais.”(Coelho, 2004:34)

A construção de um texto pode ter implícito vários princípios ou ideologias. No caso do jornalismo desportivo, por exemplo, o leitor é regularmente levado a um sentido de pertença: do seu jornal regular, de um clube de futebol, de uma comunidade, de uma nação. Este sentimento de pertença é feito através de símbolos partilhados pela sociedade, que têm um significado comum, sendo a sua forma de transmissão mais fácil através dos media.

De acordo com Benedict Anderson, este sentido de nacionalismo, de pertença a um grupo social definido como nação, faz parte de uma comunidade imaginada, pois

“A nação é uma comunidade politicamente imaginada porque os membros, mesmo da nação mais pequena, nunca chegarão a conhecer a maior parte dos seus concidadãos,

encontrá-los, ou mesmo ouvir falar deles, muito embora em cada uma das suas mentes permaneça a imagem da sua comunhão” (Anderson, 1983).

O discurso construído nos media, aponta assim para o sentimento de pertença de um país, da tal “comunidade imaginada” de que todos fazemos parte. A parcialidade dos jornalistas, aquando de um evento desportivo de grande envergadura como é futebol, nomeadamente a nível nacional, é bastante notória, por expressões muito usadas como “nós”, “eles”, “a nossa equipa”, “os nossos rapazes”, entre tantas outras. Invocam para uma obrigação moral: é a nossa pátria, temos que a defender.

No caso específico do futebol, como fenómeno sociológico e representação de uma nação, o nacionalismo é quase levado ao extremo. Em parte, porque através do futebol, as pessoas são “obrigadas” a lembrarem-se da sua nação, pela cerimónia grandiosa que está à sua volta, a entoação de hinos numa posição quase militar, a defesa de uma camisola. Quando a equipa que defendemos vence, como que por magia, a nossa confiança volta ao de cima. (Coelho, 2001, 38)

Importa também referir que, os discursos mediáticos irão estar sempre de acordo com a época e as condições sociais, económicas e políticas que se fazem sentir. É visível a influência na condição social por parte dos discursos noticiosos, que irão exaltar ou repreender a prestação da equipa portuguesa (neste estudo em específico) variando entre os estereótipos de país pequeno e periférico que tem que se manter na sua posição, ou no engrandecimento do país (que até pode ser grande), derrotando grandes potências e brilhando pelo mundo. Se não o podemos fazer a nível económico ou político, que o façamos a nível desportivo, ou mais precisamente no futebol, produzindo o significado que também podemos ir longe.

Dentro dos discursos nacionalistas podemos então encontrar e definir dois tipos de nacionalismo: o positivo e o negativo. O nacionalismo positivo é aquele que enaltece e defende, sem freios nem medidas, tudo o que se refere ao nacional, como sustenta Coelho. Por outro lado, o nacionalismo negativo diz respeito à crítica dos actos que, segundo a opinião do jornalista, não vão de encontro com os mais altos interesses do país e do “futebol português”. Como referi anteriormente, o discurso noticioso é baseado na realidade social que se vive. Neste caso, poderemos considerar, de uma forma muito genérica, que quando a “equipa de todos nós”⁶ alcança resultados satisfatórios, os discursos dos media irão também ser de enaltecimento. Por sua vez, quando a equipa portuguesa não consegue os resultados pretendidos, os discursos noticiosos sobre o país irão reflectir-se sobretudo na sua pequenez e mediocridade.

⁶ A expressão “Equipa de todos nós” foi primariamente utilizada pelo jornalista Ricardo Ornelas nos anos 20 do século XX, e tem sido desde então utilizada para referenciar a Selecção Nacional de Futebol Portuguesa.

3.4 Traços gerais dos Portugueses nos media

“Mas a verdade é que as autovisões e auto-representações identitárias produzidas a propósito a selecção portuguesa têm na ambiguidade e nas caracterizações paradoxais definições fundamentais dos portugueses enquanto povo, sempre entre o centro e a periferia, entre o «oito e o oitenta», entre o «talento» e a incapacidade de o concretizar”. (Coelho, 2004:154)

Os media como representantes e construtores da realidade, atingem uma grande massa de leitores. Para chegar a todos os leitores e se fazer compreender, os media têm então de encontrar uma forma de discurso que se adequa a todos os seus consumidores. É necessário haver alguma analogia, algo que ao lermos nos recorde quem somos. Por isso, a utilização destas características é também um processo construtivo da identidade nacional. Apesar dos discursos se centrarem essencialmente sob um equipa, as características nele contidas são para todos os portugueses, para toda a nação.

As características comuns aqui mencionadas são, em parte, conclusões de estudos anteriores, como *“Portugal, a Equipa de todos nós”* de João Nuno Coelho. Nesse estudo, Coelho faz um levantamento do que foi dito e escrito sobre a selecção Nacional, durante mais de meio século, no jornal *A Bola*. Ao longo desses anos o autor pode notar numa “lista” de características essenciais presentes no povo português, e que são várias vezes atribuídas à *“equipa de todos nós”*, numa sinédoque constante. Neste capítulo, limitei-me a levantar essas características portuguesas; o objectivo é essencialmente ter uma base de comparação para com as notícias que analisarei e, posteriormente, verificar se ainda hoje essas características são evidenciadas.

Podemos tratar estas características e traços gerais como aquilo a que Coelho (2004:) chama de *“Portugalidade, ou seja, essa maneira de ser nacional”*. Neste sentido, é comum a utilização da metáfora da “casa portuguesa”, popularizada por Amália Rodrigues:

*“Numa casa portuguesa fica bem/ pão e vinho sobre a mesa.
Quando à porta humildemente bate alguém, /senta-se à mesa co'a gente.
Fica bem essa fraqueza, fica bem, /que o povo nunca a desmente.
A alegria da pobreza/está nesta grande riqueza/de dar, e ficar contente.(...)
No conforto pobrezinho do meu lar, / há fartura de carinho.(...)
É só amor, pão e vinho/ e um caldo verde, verdinho/ a fumegar na tijela.(...)
É uma casa portuguesa, com certeza!
É, com certeza, uma casa portuguesa!”*

Esta “casa portuguesa” é assim composta pela simplicidade e pela humildade, um espaço singelo mas hospitaleiro, grande de coração e espírito. O recurso à cozinha tradicional e aos hábitos alimentares de Portugal são muitas vezes referidos nos jornais, isto porque a gastronomia, sendo também um símbolo cultural e de uma nação, serve para relembrar a

questão da portugalidade, a questão da identidade nacional. O recurso à gastronomia pode ser verificado neste excerto escrito por Vítor Santos, jornalista de *A Bola*, à 11 de Julho de 1966, quando dava início o Mundial de Futebol em Inglaterra:

“E, no primeiro domingo passado em Inglaterra pela equipa nacional - obrigada, por causa do Campeonato do Mundo, a essa autêntica temeridade - houve para amenizar o lento escoar do tempo, que aqui se faz à base do chá e do bocejo, bem à inglesa, a festa de uma valente bacalhauzada, seguramente o mais português de todos os bocados passados até agora... (...) Seria possível que houvesse, entre aquela gente portuguesa, alguém que não gostasse de bacalhau cozido, regado com muito azeite, até um sujeito ficar todo lambuzado do apêndice narigal até às profundezas das amígdalas? (...) e desde aquele momento -eram 10.45 de sábado - tudo ficou com água na boca à espera da velha petisqueira nacional, o motivo de gozo de todo o “foreign people” do mundo”

A portugalidade é também construída frequentemente com o recurso ao passado, nomeadamente aos actos heróicos portugueses, numa espécie de lembrança do passado, que serve então para unificar os portugueses. São muitas vezes lembrados os séculos dos descobrimentos, recorrendo ao uso de símbolos como a caravela ou a bússola.

Este tipo de discurso aparece muitas vezes naquilo que João Nuno Coelho nos descreve como nacionalismo eufórico (Coelho, 2004: 181), que se mostra a partir do Euro-2000, onde Portugal chegou às meias-finais. Este caracteriza-se essencialmente por palavras de coragem e agradecimento à Selecção Portuguesa. A notícia de Jorge Olímpo Bento, publicada a 11 de Julho de 2000 é bastante elucidativa deste discurso:

“A paixão pela história pátria faz ferver em mim o protesto de que um povo pequeno pode ser grande no coração e na alma, nos sonhos e horizontes, nas metas e nos feitos. Funda em mim a convicção de que quem chegou à Índia e erigiu fortalezas em portos dos mares de todas as Arábias também pode derrotar os ingleses, os alemães ou outros batalhões e canhões. (...) É que eu acredito na selecção nacional e por isso espero o milagre!”

A lembrança do passado e a sua forte presença na memória dos portugueses, cria nos jornais uma espécie de “alma portuguesa”, carregada pelo fado de uma sociedade. Como expõe Coelho:

“A «alma portuguesa» é representada como algo de tradicional, essencial, natural, cujas origens se perdem nos tempos e que se irá prolongar também no futuro, uma espécie de ser colectivo (maior que a soma de todas as partes, os portugueses).”(Coelho, 2004:105)

Aqui, acima de tudo estará presente a questão da raça: a raça portuguesa, a raça latina. A própria definição é paradoxal: a “alma portuguesa” tanto é simples como complexa, tanto humilde como orgulhosa, tanto pequena como grande. Claro está, essas características são mais ou menos mencionadas, dependendo do resultado de um determinado jogo.

Uma das características muitas vezes associada aos portugueses nestes discursos vai de encontro a própria questão rracica, distinguindo os latinos dos nórdicos ou dos árabes. Nós, os *latinos*, somos então capazes de “dar a volta à situação” e de conseguir alcançar o que desejamos, devido à facilidade de integração que nos caracteriza e a um temperamento criativo, inconstante e intuitivo - o tal *desenrascanço português* (Coelho, 2001:140). Por outro lado, além das características que nos fazem “brilhar” lá fora, que dão protagonismo aos portugueses e lhes confere um “*estilo de jogo*”, também outra imagem é criada, quando a Selecção não alcança grandes objectivos. Nesse caso, é então notória “*a falta de rigor, a pouca seriedade competitiva, as dificuldades de organização [e] a reduzida capacidade de trabalho*” (Coelho, 2001:141).

Com a ideia europeia em voga e a integração de Portugal na União Europeia em 1986, surge uma nova característica portuguesa, preocupada com a questão da “*centralidade*” e da “*periferia*”. É preciso lembrar que há relativamente pouco tempo, Portugal tinha passado por uma descolonização, que levava agora o país a sentir-se mais pequeno. Tratava-se sobretudo de uma questão de afirmação e de reconhecimento europeu. Portugal temia uma imagem “*terceiro-mundista*” e “*periférica*” (Coelho, 2004:150) por parte dos outros países europeus ditos centrais (Alemanha, França ou Reino Unido). Talvez por este receio periférico, o futebol português, assim como vinha acontecendo nos outros países europeus, decidiu apostar numa internacionalização, como referi no primeiro capítulo, a propósito da história do Futebol em Portugal.

Podemos tomar como conclusão geral deste subcapítulo que a representação da imagem de Portugal para o exterior passa muito pela prestação da equipa nacional de futebol e a sua prestação aos olhos do mundo. A equipa portuguesa, e em particular a prestação dos jogadores em campo, espelha as características tidas como comuns entre o povo português, o que faz com que as características dos jogadores sejam as mesmas que as do país, ou seja, as suas representações. A representação do país dependerá assim, no discurso mediático, da variabilidade de uma competição internacional, ou seja, será um fruto do acaso, na medida em que não se pode ter a certeza absoluta do que terá acontecido 90 minutos depois. Acima de tudo, realça-se que se Portugal ganha, então o futebol é importante, pelo seu carácter representativo da sociedade. Se, pelo contrário, a equipa portuguesa não conseguir um resultado positivo, então o futebol não é mais que um jogo.

A este propósito, concluo este capítulo com a passagem de uma notícia de Alfredo Farinha, publicada em A Bola a 23 de Novembro de 1974:

“Não será por causa desta derrota que deixaremos de ser quem somos, nem será por via dela que a Revolução perderá continuidade ou vigor. Mas também não devemos

nem podemos encolher os ombros, como se estivéssemos perante uma brincadeira de rapazes, porque o desporto, em geral, e o futebol em particular, é uma actividade que interessa a milhões de pessoas em todo o mundo e, bem ou mal, quer se queira ou não, os resultados alcançados pelas equipas nacionais obtêm uma repercursão internacional que ultrapassa, por vezes, as comezinhos fronteiras do fenómeno desportivo. (...) O futebol continua a ser uma coisa muito importante no mundo. Que o digam estas centenas de portugueses que, afastados da Pátria e, às vezes, comendo por cá o “pão que o diabo amassou” hoje tiveram certamente um dos dias mais felizes do seu desterro em terras inglesas. (...) Não virá mal ao mundo, não virá mal ao país, se continuarmos a gostar de futebol, se continuarmos a pensar que, numa partida entre selecções nacionais, é mais importante ganhar do que perder. Muito mais importante...”

Capítulo IV - Análise de Caso: Procedimentos e Metodologia

Ao longo deste trabalho, tivemos a oportunidade de (re)conhecer um pouco a história do futebol, e relacioná-la com a sua grande mediatização, praticamente por todo o mundo, mas com especial atenção ao caso português.

Verificamos que a importância do futebol para a sociedade portuguesa é recíproca aos interesses dos meios de comunicação social; da mesma forma, também a utilidade e a “dependência” que a própria sociedade entrega aos media, entra neste ciclo vicioso, completando-se uns aos outros. Apurámos que uma das razões para a importância social que é atribuída ao futebol, compreende-se com o facto de as selecções das equipas de futebol serem um símbolo da nação, e que o seu desempenho no desporto será importante para a imagem do próprio país, quase como se de um reflexo se tratasse.

A este propósito, é interessante notar que muitas vezes não é necessário falarmos de uma selecção nacional. A magia do futebol vai além disso. Qualquer país que tenha implementado o futebol como um desporto popular, e que o tenha como hábito cultural e/ou lúdico, tem uma ou mais competições para medir forças entre quem são os melhores do país. Significa isto que existe uma oferta variada de clubes a qual possamos entregar a nossa preferência, onde Portugal não é excepção, apresentando uma lista variadíssima de clubes. Apesar das rivalidades internas entre os clubes de maior importância (Futebol Clube do Porto, Sport Lisboa e Benfica e Sporting Clube de Portugal), quando é necessário “Somos por Portugal”.

Este ano tivemos a oportunidade de nos deparar com algo nunca visto. Pela primeira vez na história da Liga Europa⁷ a final *foi portuguesa*, como tantos meios de comunicação social anunciavam. A vitória do F.C. Porto frente ao Sporting de Braga (1-0) foi noticiada, discutida e analisada em todos os canais portugueses de televisão. Na quinta-feira, dia 19 de Maio de 2011, o site do jornal desportivo *Record*, apresenta uma notícia sobre as declarações do Presidente da República, Cavaco Silva, acerca da vitória da invicta. De acordo com Cavaco, esta vitória:

⁷ A liga Europa ou a Taça UEFA é a segunda competição europeia de futebol mais importante, sendo a primeira a Liga dos Campeões. A primeira edição deste torneio foi em 1955, intitulada como Taça das Cidades com Feira, como já foi referido nesta dissertação. As presenças de Portugal na final desta competição não são muito usuais. Na época 1982/83 o Benfica foi derrotado pela equipa alemã Anderlecht (1-0 e 1-1); a segunda participação portuguesa numa final apenas se voltou a repetir na época 2004/05, com o jogo do CSKA Moscovo contra o Sporting (3-1). Desta forma, nota-se a importância deste campeonato na época 2010/2011, onde, além da final ter sido entre duas equipas portuguesas (F.C.Porto -Braga), a semi-final contou ainda com uma terceira participação portuguesa, o Benfica, que apesar do seu resultado empatado de 2-2 com o Braga, não passou a fase seguinte por a equipa bragense ter marcado mais golos fora de casa - o Benfica marcou os seus dois golos em casa, no Estádio da Luz, enquanto o Braga marcou um golo fora e outro em casa.

“Dignifica o futebol português e honra o desporto nacional, ao mesmo tempo que constitui motivo de orgulho para os desportistas e adeptos em geral”.

Estas palavras demonstram, como já foi referido, a consideração que é entregue ao futebol.

Mas, será que os meios de comunicação também partilham da tese de Cavaco Silva? Isto é, será que os discursos construídos na imprensa escrita portuguesa também consideram que o futebol português, nomeadamente as suas intervenções internacionais, são motivos de *dignificação, honra e orgulho*?

Foi com este mote que foram traçadas as linhas gerais desta dissertação. Tendo em conta a participação da Selecção Portuguesa de Futebol no Campeonato do Mundo na África do Sul em 2010, existe algum discurso dominante na imprensa escrita portuguesa? O que é as notícias nos dizem quando falam da selecção? Qual a mensagem que passam?

Para podermos compreender o que as notícias nos dizem e pretendem dar a entender, temos que ter em conta as suas bases. Primeiro que tudo, indicar que uma notícia é uma construção textual baseada na linguagem, ou seja, num sistema de signos associados entre si e compreendidos pela sociedade. A utilização da linguagem permite-nos não só dar nome as coisas, criando um código cultural aceite e compreendido por uma generalidade de pessoas, mas também ajudar-nos a perceber como agir e comportar em determinadas situações.

Podemos considerar que um aglomerado de ideias sobre a forma de palavras, irá então constituir o que podemos chamar de discurso. Para compreender um discurso, temos que ter sempre em atenção que ele está enquadrado num determinado contexto social, cultural, político, económico, etc. Além disso, um discurso está sempre ligado às relações de poder, ou seja, às relações sociais e as identidades, como tivemos oportunidade de verificar nos capítulos anteriores.

A análise de discurso é um método bastante utilizado nas Ciências Sociais e Humanas. A sua utilização pretende, em parte, verificar o que as notícias nos dizem ou querem dizer. Como nos expões Sousa (2004:43), este tipo de estudos:

“Podem incluir-se no grupo das pesquisas descritivas, que se fazem à luz de conhecimentos já existentes e procuram descrever uma situação, observar, registar, classificar, analisar, interpelar e relacionar fenómenos, sem qualquer manipulação experimental ou de outros tipos.”

A análise do discurso jornalístico pode ser feita através de duas vertentes, em separado ou em simultâneo: a análise quantitativa e a análise qualitativa, ou seja, uma respeitante à quantidade e outra à qualidade.

Relativamente à análise quantitativa, é verificado o que é oferecido ao leitor. São tidos em conta parâmetros como o número de notícias sobre um determinado assunto, a sua

disposição nas páginas, o tamanho das notícias, etc. Neste caso, pode-se assim auferir qual a percentagem de notícias dedicada a certos assuntos, por exemplo em que as mulheres são protagonistas, como é feita a representação de minorias, etc. Permite-nos assim, verificar a importância de um determinado tema para a comunicação social, em especial para o jornal analisado.

Por sua vez, no que diz respeito a análise qualitativa, a sua preocupação é mais dirigida para o discurso em si. Procura verificar como é a linguagem de uma notícia, qual a mensagem implícita, quais os seus objectivos, etc. Neste campo, são analisadas por exemplo:

“...pormenores como a emotividade dos títulos, o recurso a figuras de estilo e outras modalidades de significação nos textos, a utilização de linguagem de recorte literário, etc.” (Sousa, 2004:65)

Nesta fase, é necessário verificar qual o enquadramento que é dado uma notícia. Recordemo-nos que a Teoria do Enquadramento defende que o discurso noticioso dispõe sempre de um determinado enquadramento do real, como se de uma janela se tratasse:

“...a janela dá-nos uma visão do mundo, mas (...) essa visão é condicionada pelo tamanho da janela, pela distância a que estamos dela, pela opacidade ou transparência do vidro, pelo posicionamento do observador, etc. A enunciação jornalística dá-nos igualmente uma visão de determinados aspectos da realidade, mas essa visão é contaminada pelos constrangimentos da linguagem, da enunciação, do enunciador e do receptor, etc., à semelhança do que acontece quando observamos o exterior de uma janela.” (Sousa. 2004:66)

Significa isto que, como já referimos, a palavra tem uma importância enorme, assim como o seu uso e a utilização dos seus componentes. De acordo com o ponto de vista pragmático, as palavras no seu conjunto têm que formar uma oração correcta gramaticalmente, mas, também, estar de acordo com o contexto em que é proferida, de modo a facilitar a sua compreensão (Fidalgo *et al*, 2004:105).

Com a fala e com a linguagem não dizemos apenas coisas, também fazemos coisas, praticamos acções. O acto de fazer uma acção através de palavras tem o nome de “actos de fala”. De acordo com a tipologia de Austin existem três tipos de actos da fala: actos locutórios, ilocutórios e perlocutórios.

Relativamente aos actos locutórios, eles dizem respeito a “*sempre que se enuncia algo com sentido, tanto verbal como gramaticalmente. Faz-se algo no dizer.*” (Sousa,2004:105). Podemos resumir este acto ao dizer alguma coisa, ao acto de pronunciar um enunciado, que tanto pode ser verdadeiro como falso.

No que diz respeito aos actos ilocutórios, podemos defini-los como “*aqueles que intencionalmente adicionam uma segunda acção à enunciação*” (*ibidem*). Ou seja, com estes

actos temos alguma intenção: avisamos, informamos, prometemos algo a alguém, entre outras coisas.

Os actos perlocutórios, por sua vez, serão uma junção dos dois actos anteriores, isto é, com os primeiros, os locutórios, fazemos algo quando dizemos, nos segundos, acrescentamos uma acção, assim, neste último caso, causamos um determinado efeito.

A compreensão de uma determinada frase, e mesmo de um discurso no seu todo, é sempre alvo de várias interpretações. A este propósito deveremos abordar a questão da denotação e da conotação. Enquanto quando se denota alguma coisa, apurámos a sentido primário de uma expressão, ao analisarmos os segundos sentidos dessa mesma expressão, conotamos. Para acharmos o sentido conotado, primeiro temos que achar o sentido denotado. Só compreendendo um podemos compreender o outro. Nas palavras de Barthes:

“o primeiro sistema constitui então o plano de denotação e o segundo sistema (extensivo ao primeiro) o plano da conotação. Portanto dizemos que um sistema conotado é um sistema cujo plano de expressão é ele próprio constituído por um sistema de significação; os casos correntes de conotação são constituídos evidentemente pelos sistemas complexos em que a linguagem articulada forma o primeiro sistema...” (Barthes, 2001:75)

Estas considerações, apesar de serem referentes à língua falada, referem-se bastante as notícias. Os discursos noticiosos são compostos pela linguagem, logo, compostos por signos. Estes signos irão formar uma mensagem. Desta forma, o discurso noticioso pretende levar e transmitir mensagens para a sociedade. As notícias, o seu discurso e a sua linguagem, não podem ser considerados como um sistema semiótico independente. No entanto, devido às semelhanças que têm com o sistema linguístico, e também as suas divergências, podem formar um sistema sóico. Aliás, *é a combinação dessas características gerais e específicas da significação que dão significado às notícias.* (Hartley, 1990:14)

4.1. Procedimentos de persuasão

Apesar de os jornais terem um lugar específico para dar a conhecer as opiniões dos jornalistas, estas por vezes estão implícitas nas notícias, mesmo que de âmbito leve.

Alcançar a imparcialidade nas notícias é sempre complicado, se não impossível. A partir do momento em que um assunto é escolhido para ser noticiado em detrimento de outro, quando damos ênfase a este ponto em vez do outro, já não estamos a ser imparciais.

Existem alguns elementos que nos permitem verificar uma tentativa de persuasão nos textos jornalísticos. Um dos pontos que podemos referir, é a argumentação pelo exemplo, pela ilustração e pelo modelo.

No primeiro caso, pretende-se estabelecer regras gerais a partir de casos particulares. Esses exemplos dados podem ser ilustrativos de mais situações e daí retirar uma conclusão. Como escreve Perelman:

“... a argumentação pelo exemplo recusa-se a considerar o que é evocado como sendo único, ligado de forma indissolúvel ao contexto no qual o acontecimento descrito se produziu. É, pelo contrário, procurar, a partir do caso particular, a lei ou estrutura que este revela.” (Perelman, 1993:119)

No segundo caso, na argumentação pela ilustração, ao invés de criar regras a partir de casos particulares, parte-se das regras já estipuladas, servindo *para lhe dar uma certa presença na consciência*. (Perelman, 1993:121)

Por último, a argumentação pelo modelo é dada quando algo existe e deve ser imitado, sendo por isso um modelo. Sendo assim, um argumento baseado num modelo é um argumento de autoridade, fazendo associações a casos e pessoas conhecidas que devem ser tidas como modelos. Os modelos são representações quotidianas das nossas acções e discursos, sendo criações sociais que estabelecem regras a ser cumpridas/seguidas. (Van Dijk, 1998: 27).

Van Dijk apresenta-nos também as proposições e as implicações como métodos eficazes de persuasão em textos mediáticos. As proposições permitem-nos identificar e categorizar acções; não a própria proposição em si mas a sua posição e na sua formação estrutural. Isto é, além da sua posição numa frase, importa também verificar as avaliações negativas ou positivas que uma proposição faz. Neste sentido, vemos que as pessoas consideradas como “nossas” (o próprio país, a sociedade, os nossos aliados, etc...) são geralmente associadas a boas acções, enquanto que eles (os outros países, outras sociedades, culturas, religiões...) estão vulgarmente relacionados com as más acções. (Van Dijk, 1998: 32-33).

As implicações, por sua vez, funcionaram um pouco como a distinção entre denotação e conotação. Uma determinada frase pode ter implícita várias proposições, que irão variar de acordo com o contexto ou o modelo apresentado na notícia.

Outro exemplo bastante frequente nas notícias e que, de certa forma, pretende também persuadir de algo, é a utilização de figuras de estilo. De acordo com Rogers (2007:28), as figuras de estilo mais utilizadas são: a **metáfora** (comparação de duas coisas aparentemente distintas entre si, ex: Amor é fogo que arde sem se ver); a **metonímia** (utilização da parte pelo todo, substituindo sempre alguma coisa, ex: beber um copo); **personificação** (ou seja, a atribuição de qualidades humanas a coisas inanimadas, ex: está um dia triste - por estar a chover, por exemplo).; **questões retóricas** (quando se pergunta alguma coisa a qual já se sabe a resposta, ou onde ela está implícita, ex: afinal de contas, como é que chagamos a esta situação?); **comparação** (apresentação de semelhanças através da proposição ‘como’, ex: isso é como andar de bicicleta); **hipérbole** (exagero da realidade, ex: morrer de rir).

Para finalizar este capítulo, gostaria apenas de apresentar os factores que, no entender de Van Dijk (2004:9) são ilustrativos para a persuasão:

1. A utilização de números e referências estatísticas que suportam e dão importância e veracidade aos discursos;
2. Referência dos antecedentes dos acontecimentos (que podem ser outros acontecimentos);
3. Inclusão dos distintos acontecimentos e eventos numa enumeração de causas e efeitos, apresentados sobre formas textuais frequentes;
4. Introdução dos novos acontecimentos através de exemplos e enquadramentos que o leitor reconheça;
5. Utilização de argumentos assim como de conceitos conhecidos pelo leitor;
6. Estruturação dos discursos apelando a sentimentos e a emoções fortes do receptor;
7. Elaboração dos textos de forma a que o leitor se convença da superioridade de determinados argumentos, referenciando, mas minorizando, argumentos contrários;
8. Utilização de fontes especializadas, assim como outras autoridades, que ajudam a sustentar a veracidade da argumentação;
9. Referência a hipotéticas consequências da aplicação de determinadas ideias, evidenciando as vantagens da aplicação de umas e as desvantagens da aplicação de outras;

Partindo destes pressupostos poderemos agora analisar o conteúdo dos discursos mediáticos, tentando apurar se estes elementos estão presentes e, se possível, descobrir novos elementos favoráveis a uma persuasão mediática.

4.2. Metodologia e desenho da investigação

Para este estudo foram seleccionados tanto o método quantitativo, fazendo um tratamento estatístico das notícias sobre o Mundial de Futebol na África da Sul, assim como as referentes a Portugal e também o método qualitativo, onde é feito um tratamento textual dessas mesmas notícias.

Relativamente à amostra deste estudo, ela diz respeito a três jornais diários portugueses que variam pelo seu conteúdo e apresentação noticiosa, nomeadamente *A Bola*, o jornal desportivo mais vendido em Portugal, o *Público*, jornal de referência de grande importância, e o *Jornal de Notícias*, considerado como um jornal de informação geral mas com um cunho mais popular.

Já o período de análise compreende vinte dias, de 11 a 30 de Junho de 2010: durante este período decorria o Mundial de Futebol da África do Sul, e as datas são correspondentes à participação da equipa portuguesa na competição, que terminou no dia 29 com a derrota frente à Espanha nos oitavos de final. Assim, foram analisados sessenta jornais, e 153 notícias (63 de *A Bola*, 55 do *Jornal de Notícias* e 35 do *Público*)

A escolha deste tema prende-se não só pela sua actualidade mas como pela sua importância. Para já, por ter sido o último campeonato mundial de futebol até à data. Em segundo lugar, por ter sido o primeiro campeonato desta envergadura realizado no continente Africano, contribuindo para a sua imagem no mundo, que tem vindo a ser actualizada desde 1994, altura em que a África do Sul deixou de ter o regime do Apartheid.

- **Parâmetros de análise**

Quanto aos parâmetros de análise de notícias, foram escolhidas as que incluíam no Antetítulo, título e/ou superlead, as palavras-chave deste estudo: Portugal, Selecção, Nação, Pátria (assim como os seus derivados). Esta escolha foi feita pela dificuldade de analisar todas as notícias respeitantes ao Mundial de Futebol, visto muitas serem apenas de cariz pessoal, referente a entrevistas com jogadores ou as suas expectativas para a competição.

Dentro destes próprios parâmetros de analisar é necessário referir que também dependeriam do jornal. Isto é, por exemplo, no caso do *Público*, os antetítulos entraram para o campo de análise, visto já serem descritivos da própria notícia, o que não acontece com *A Bola*, onde todas as notícias têm o mesmo antetítulo: Mundial 2010, alterando apenas sobre as equipas de que se fala: por exemplo “Mundial 2010 - PORTUGAL”, ou “Mundial 2010 - Suíça - Honduras”. Assim, no caso de *A Bola*, os antetítulos não entram nos parâmetros de análise, mas sim, os títulos e superleads apresentados.

Já no caso do Jornal de Notícias, foram analisadas as notícias em que as expressões seleccionadas constassem do antetítulo e/ou do título, visto a maior parte das notícias não incluir Super -lead.

De modo a criar uma estrutura de análise mais fácil de ser decomposta, criaram-se níveis e quadros de investigação. Deste modo, foi dada uma especial atenção a três níveis concretos, no que diz respeito as **propriedades qualitativas do discurso**. Um primeiro que analisa os destaques de capa, apresentação primeira de um discurso noticioso à sociedade. Assim, verifica-se se o tema “Selecção Portuguesa” foi ou não abordada na primeira página dos jornais analisados e, se sim, quais são as expressões utilizadas, qual o destaque.

O segundo nível de análise dirá respeito já as notícias em si, e aos seus elementos principais, as entradas dos textos. Nesta segunda fase, analisam-se conjuntamente os antetítulos, títulos e superleads das notícias.

Numa terceira fase, é dada atenção às expressões e frases contidas dentro do texto noticioso. De forma a tentar articular a análise qualitativa com a exposição teórica feita na primeira parte desta dissertação, procurou-se verificar as várias categorias explicadas anteriormente: a nação e a pátria como metáfora da família, a obrigação da defesa da nação, nacionalismo positivo e negativo, a utilização de símbolos culturais de modo a incentivar um sentimento de pertença, entre outros.

A nível da **análise quantitativa**, verificou-se quantos textos noticiosos foram dedicados ao tema Mundial de Futebol e quantas se cingiam apenas à selecção nacional. Dentro deste quadro contabilizaram-se os números de breves⁸, notícias, entrevistas, artigos de opinião e/ou crónicas e as caixas⁹.

Começaremos por analisar a linguagem e o discurso dos três jornais separadamente, para depois podermos então comparar os discursos dos três jornais num todo, e encontrar os seus pontos de discórdia e de interesse comum. Desta forma, iremos tentar responder às perguntas de partida desta investigação:

1. O discurso feito nos jornais tem alguma diferença consoante a data, ou seja, de acordo com o calendário de jogos da Selecção Portuguesa, havendo assim diferenças no dia antes do jogo e no próprio dia, para os dias em que a selecção não joga?
2. Existe alguma diferença substancial nos discursos construídos consoante o resultado final de um jogo de futebol?
3. Que tipo de frases e alusão são usadas pelos jornais acerca de um jogo de futebol, que caracterizem um discurso nacionalista?
4. Essas alusões e expressões discursivas são diferentes consoante os jornais são desportivos, populares ou de referência?
 - 4.1. Qual é o tipo de discurso nacionalista a que essas diversas publicações dão mais importância?

⁸ Foram consideradas breves os textos que apenas apresentavam entre um a dois parágrafos de textos, não tendo qualquer relação com os outros textos apresentados na mesma página.

⁹ Caixas referem-se a pequenos textos que complementavam uma notícia, tendo assim alguma relação com o texto original.

Capítulo V - Público “O Generalista”

O *Público* é o jornal mais recente dos três analisados. Foi fundado em 1990 e, apesar dos seus poucos anos de existência, a sua audiência é mais dirigida aos quadros médios superiores (39.1% da sua audiência de 357 mil indivíduos, segundo a Marktest), sendo considerado como um jornal de referência. Pelo seu estatuto editorial, o *Público* é um jornal apolítico, optando por um rigor informativo e apostando por uma informação correcta e na inovação da difusão das notícias¹⁰.

Silva refere-nos, a propósito do jornal *Público*, e do seu estatuto:

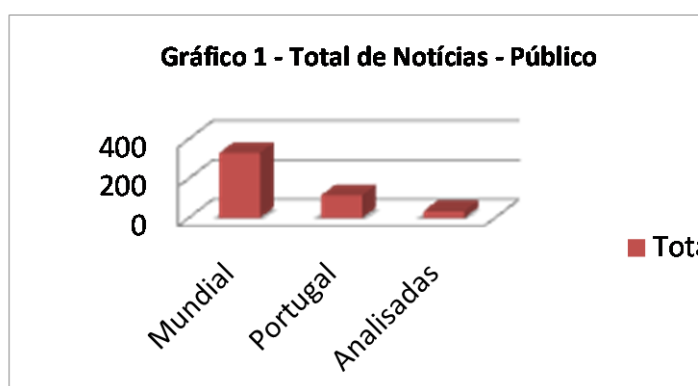
“Lançado, em 5 de Março de 1990, como um projecto ambicioso - a ideia era fazer dele o El Pais português -, desde cedo se destacou pela qualidade dos seus textos e pela profundidade com que tratava algumas histórias, bem como pelo bom gosto do seu grafismo...” (Silva,2001:45)

Seguindo a sua linha editorial, o *Público* é o jornal que apresenta menos notícias sobre o Mundial e sobre a selecção portuguesa, não entrando, ao contrário dos outros jornais, em grandes quantidades informativas.

5.1. Análise quantitativa

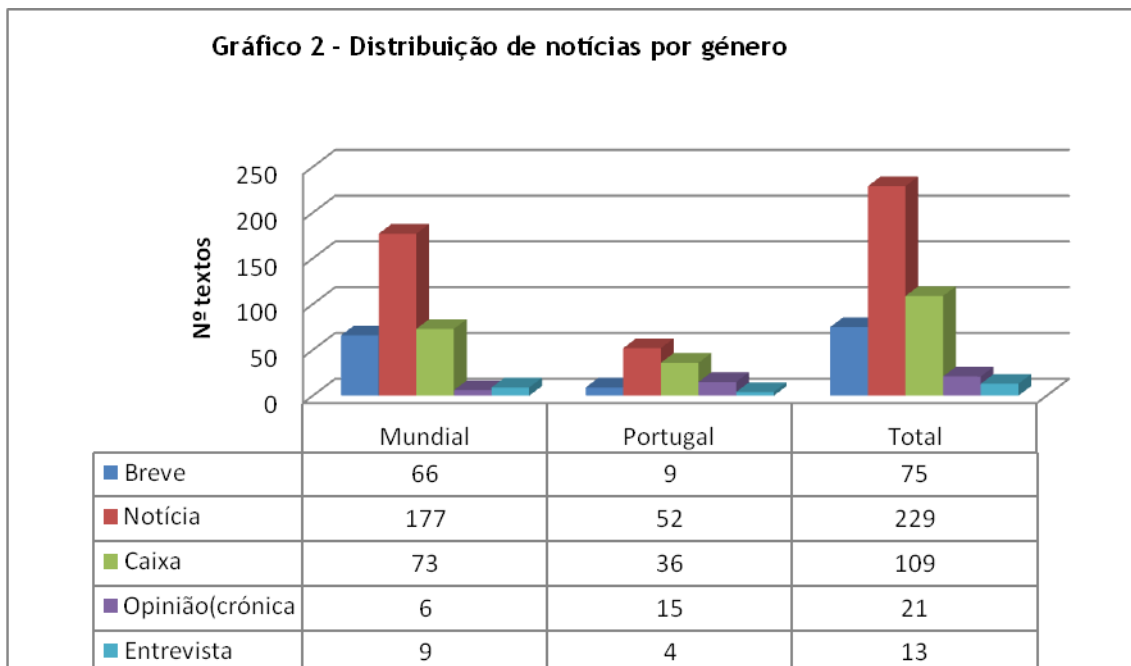
Relativamente ao posicionamento no jornal, o *Público* apresenta-nos nos dias inaugurais do Mundial como destaque, assim como os dias antes e depois dos jogos da selecção portuguesa. Nos demais dias, o espaço dedicado é na secção de desporto.

Nesta primeira tabela podemos então verificar as peças totais que o *Público* dedicou ao Campeonato Mundial de Futebol, assim como as que foram alvo de análise para este estudo.

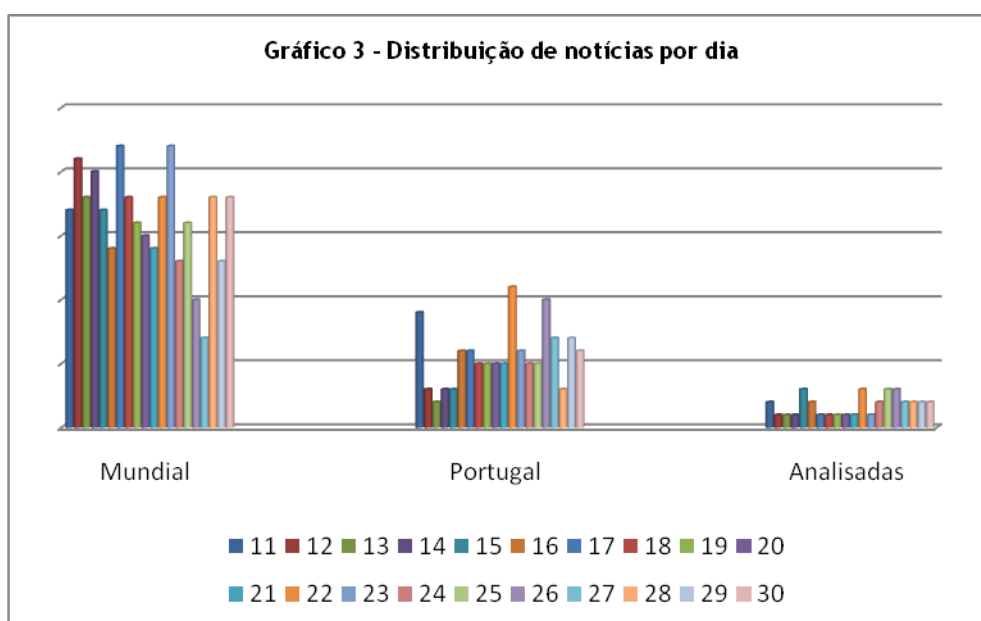


¹⁰ Por Vicente Jorge Silva, na introdução do Livro de Estilo do *Público*, 1998. Versão online consultada em http://static.publico.clix.pt/nos/livro_estilo/04-introducao.html

Relativamente ao género jornalístico dedicado ao Mundial e a Portugal, o Público apresenta uma clara preferência pelas notícias, ao contrário do JN que apresenta mais breves. Seguidamente, é dado mais destaque às caixas relativas às notícias, e em terceiro lugar surgem as breves, como podemos verificar no gráfico número X, relativo à distribuição de textos jornalísticos por género.



Já no que diz respeito à sua distribuição diária, podemos verificar que, assim como os resultados totais, é dado mais destaque ao evento em si, e não tanto à selecção portuguesa, como nos mostra o gráfico seguinte.



No entanto, é necessário atender ao facto dos dias que merecem mais destaque a Portugal: o dia 11, que marca a inauguração do Mundial de Futebol; e os dias 22 e 26, respeitantes aos dias seguintes dos jogos da selecção com a Coreia do Norte e o Brasil, respectivamente. O dia 22 é o que merece mais atenção, tanto a nível mediático como analítico, por ter tido um resultado volumoso, tanto de golos como de notícias. Relativamente ao jogo com o Brasil, apesar do seu resultado a zeros, foi um jogo importante para o percurso da selecção no Mundial, por marcar o fim da fase de grupos e ter decidido o primeiro e segundo lugar da mesma fase.

5.2. Análise qualitativa

5.2.1. Destaques de Capa

O Público apenas faz referência à selecção portuguesa nos dias em que esta disputa jogos e nos dias seguintes, fazendo como que um resumo desse jogo. É também notória a tendência para destacar as outras selecções do Grupo G, onde Portugal estava incluído, abrangendo-as também nos destaques de capa.

Relativamente aos dois primeiros jogos (Costa do Marfim e Coreia do Norte), é evidente a questão da defesa da pátria, da importância de ganhar um jogo de futebol, de dar a conhecer ao mundo as potencialidades de Portugal:

“Portugal tem hoje jogo crucial frente à equipa de Drogba e Brasil estreia-se com Coreia do Norte” - Destaque dia 15

“Um jogo para desfazer as dúvidas - Selecção joga hoje com a Coreia do Norte. Brasil bate Costa do Marfim (3-1), mas perde Kaká para o jogo com Portugal.” - Destaque dia 21.

É necessário ter em conta o desfecho dos acontecimentos, para poder então entender estes dois títulos. A questão do *“jogo crucial”*, prende-se com a questão da defesa da nação, como já referimos, mas também por ser o primeiro jogo. Uma vitória levanta a moral, embala para uma competição sem falhas. Com o desfecho deste jogo, empatado a zero, o Público apresenta o seu discurso com um tom negativo, indicando que *“Faltou-lhes coragem para mais - selecção nacional estreia-se com exibição pálida e empata frente à Costa do Marfim”*. Ora, este destaque vai de encontro ao que foi definido como nacionalismo negativo, que João Nuno Coelho chamou a atenção, indicando que quando os resultados são negativos, também o discurso produzido sobre a selecção o será.

Com o decorrer do Mundial, chega o dia do segundo jogo da selecção portuguesa, por isso mesmo *“um jogo para desfazer as dúvidas”*. Ou seja, mais uma vez é a imagem de

Portugal que está em jog, sendo assim necessário um bom empenho futebolístico. O resultado foi claramente diferente do primeiro jogo. Os sete golos que Portugal marcou no seu segundo jogo contra a Coreia do Norte, mereceram destaque do Público:

“Goleada no Mundial - Portugal atómico derreteu a Coreia do Norte”

Aqui, já se nota o contrário do último destaque. E vai também de encontro ao nacionalismo positivo: bons resultados, bons adjectivos, boas acções. Um tom positivo, que, como verificamos no gráfico X, mereceu destaque também nas páginas interiores do jornal.

Com o resultado obtido frente a Coreia, a selecção portuguesa abria uma porta para a fase seguinte. Faltava apenas o jogo com o Brasil, mas com o apuramento para os oitavos de final quase certo, já não há aquela obrigatoriedade de ganhar o jogo. Havia, no entanto, uma preocupação: a posição na fase de grupos, que iria ditar os próximos adversários, tanto de Portugal como do Brasil. A esse propósito escreve o Público:

“Portugal e Brasil jogam hoje - o bom resultado é fugir à Espanha.”

Á semelhança do jogo inaugural de Portugal, também este duelo “*entre irmãos*”, como foi intitulado, se ficou por um resultado a zero. Por isso mesmo, o destaque de capa apresenta-se com um tom mais negativo:

Jogo sem salero leva-nos à Espanha - portugueses e brasileiros não arriscaram em jogo marcado por muitos cartões. Espanha qualifica-se e joga com Portugal na terça-feira.

Chega o dia do esperado jogo contra dos oitavos-de-final: “*Só o melhor Portugal ganha à Espanha*”, escreve o Público. Este destaque pode ser considerado como um misto nacionalista: é positivo no sentido em que existe esperança, existe um “Portugal melhor” que tem possibilidades de vencer Espanha; por outro lado, a posição de país pequeno é notória: Espanha é campeã europeia, era um jogo difícil. E de facto, não foi o “*melhor Portugal*” que jogou, pelo menos a adivinhar pelo resultado. O primeiro golo sofrido pela selecção portuguesa no Campeonato do Mundo ditou o fim do campeonato.

“O que fizemos nós para merecer isto?”

A emotividade deste destaque mostra a importância do futebol para a repercussão da imagem social portuguesa. Ao mesmo tempo, mostra um pouco da essência do português, a questão do fado e da sorte, presente nas decisões e na história portuguesa. Por outro lado, a metonímia da nação: *nós*, são todos os portugueses, não apenas a selecção. Ou seja, fica

patente a ideia de união: foram todos os portugueses que se despediram da África do Sul e do Mundial de 2010, fomos todos nós que perdemos contra a Espanha.

5.2.2. Antetítulos, títulos e superleads

A nível das entradas dos textos do Público, podemos dizer que o se destaca mais é a questão da defesa da nação, a importância da boa prestação em campo, quase sempre aliada a metáforas de guerra. Isto denota a consideração do futebol como alta representação da nação, espelhando o seu desempenho em campo para o estatuto nacional. Ainda mais, sendo a parte de destaque de uma notícia, quer pelo tamanho da letra, quer por ser o que mais atenção desperta, tendo por isso, o índice de maior leitura.

No que concerne a este jornal, é bastante interessante verificar que existe um certo equilíbrio entre os bons actos e os maus actos. Das 35 notícias analisadas do Público, 21 contém uma expressão que incite a defesa da nação, a obrigatoriedade de uma boa representação (60%), sendo que doze são positivas e nove negativas.

Nos dias antes dos jogos da selecção nacional, as entradas dos textos do Público dividem-se entre o louvor e a crítica, entre a exaltação e o julgamento: as notícias apresentam tanto a ideia de que a selecção é grande, capaz, como nas páginas seguintes afirmam que vai ser um jogo difícil, que é necessário enfrentar demasiados obstáculos. Por exemplo, a nível do primeiro jogo contra a Costa do Marfim, o Público escreve, para o lado positivo: *Portugal entra amanhã em acção no torneio* (dia 14, página 27), como que exaltando a prestação dos jogadores e da selecção, mas sempre indicando que existe uma possibilidade de chegar longe. O “entrar em acção” pressupõe uma coisa boa, denota confiança, crença e fé na equipa.

Por sua vez, acerca do mesmo jogo escrevem: *Seleccção inicial Mundial frente ao rival directo* (dia 15, página 2) ou *Adversário de Portugal é dos melhores africanos* (dia 15, página 5). Ou seja, ao mesmo tempo que levantam a moral, também lhe colocam uma certa fasquia, indicando que nem tudo é fácil.

O jogo contra a Costa do Marfim tem a peculiaridade de ter sido o que mais críticas recebeu: era feita a exaltação da selecção portuguesa, depositando uma confiança na vitória (como iremos verificar depois a nível das expressões contidas no texto), assumindo a importância de “começar bem uma participação no mundial”. No dia seguinte ao jogo de estreia da selecção nacional escreve o Público: *Seleccção sem arte para derrotar a equipa africana, alimentou a tendência dos empates neste Mundial* (dia 16, página 2), levando-nos a ver a selecção como mediana, igual aos outros, sem capacidade de se destacar ou brilhar, uma selecção “sem arte”, como referem. Até a nível dos jogos seguintes se notava a amargura que este jogo deixará: *Seleccção tenta minimizar estragos após jogo com a Costa do Marfim* (dia 17, página 36).

Referiam-se já ao segundo jogo da fase de grupos que, pelo resultado alcançado foi a notícia com maior índice de positivismo. Se antes este jogo era noticiado como “*jogo crucial*

contra a Coreia do Norte”(dia 21, página 27), pois “Portugal terá pela frente um adversário tenaz - Coreanos correm muito, defendem bem e têm mau guarda-redes”(dia 18, página 37), o seu resultado fez com que o Público considera-se que “Norte Coreanos assustaram na primeira parte e foram destroçados na segunda. Portugal obtém maior goleada de sempre e está quase nos ‘oitavos” (dia 22, página 2). A confiança estava restaurada e mais forte: não foi apenas uma vitória, foi a vitória, devido ao resultado alcançado: 7-0

Com o avançar da prova, é notória sempre a preocupação com as outras equipas, sempre com um olho no futuro, adivinhando o futuro português. O último jogo da fase de grupos tinha como adversário o Brasil, um jogo que para o Público, mais uma vez, balança entre o positivo e o negativo, entre a capacidade portuguesa e o seu fatalismo. As caras das notícias mostram-nos isso: “Seleccção define hoje em que posição ficará no Grupo G - Portugal com o objectivo e ganhar e a prioridade de não perder” (dia 25, página4), mostram-nos o levantar da moral, apresentando um certo pleonasmo entre o ganhar e não perder.

Para que o objectivo português fosse cumprido, seriam necessárias algumas armas: “Carlos Queiroz não faz poupanças frente ao Brasil e dar-se-á como satisfeito com empate, embora o primeiro lugar, em teoria, ofereça caminho menos difícil - a ideia é evitar a Espanha nos ‘oitavos””(dia 25, página 4). Este título já se apresenta um pouco mais negativo. Existe a clara preocupação com os “colossais brasileiros”, ao ponto de não se poderem fazer poupanças, encarando um empate já como uma vitória. Mostra o negativismo e a descrença frente à selecção portuguesa, completada pela ideia do medo à Espanha, (a ideia é evitá-los), e o facto de as outras equipas serem um “caminho menos difícil”, ou seja, nunca fácil. O empate visto já como uma vitória fez-se adivinhar, e pela grandiosidade brasileira, este jogo foi anunciado com um certo positivismo: “Seleccção nos oitavos sem sofrer golos e com instinto goleador - defesa portuguesa resiste ao Brasil e agora enfrenta ataque espanhol” (dia 26, página 2). Dois factos se fazem realçar neste título: o *instinto goleador*, mostrando uma certa superioridade e a utilização dos verbos *resistir* e *enfrentar*. Ambos conotam força, a capacidade de enfrentar os medos e encará-los de cabeça erguida, sem medo. Mas nem tudo são rosas: “Portugueses terão de bater a campeã da Europa para seguir na prova - Seleccção tentará aproveitar a pressão sobre o adversário” (dia 29, página 2),. É notória a preocupação com a selecção espanhola, a importância de ganhar o jogo para seguir em prova, tarefa nada fácil.

Por outro lado, de acordo com o Público, os resultados obtidos pela selecção portuguesa neste mundial não foram os mais convincentes, e por isso mesmo indica que “Espanha será o próximo desafio de uma selecção que já cumpriu os mínimos” (dia 26, página 2). Novamente se verifica a dicotomia positivo/negativo que o Público tem vindo a apresentar. Por um lado, “o próximo desafio” aponta para uma certa confiança: um desafio é algo ultrapassável, não redentor de um fatalismo. No entanto, a selecção apenas “cumpriu os mínimos”, mostrando assim um certo receio na prestação da equipa, que não tem vindo a dar o seu máximo, requisito necessário para vencer o desafio ibérico.

Por fim, relativamente ao último jogo da selecção portuguesa no Mundial de Futebol da África do Sul, o dia antes é visto como uma luz ao fundo do túnel, onde não se pode perder as esperanças: “*Seleccção espanhola ataca e remata mais do que Portugal, mas nem por isso é mais eficaz*”(dia 28 pág,22). Ora, esta frase é bastante clara: os rankings podem dar preferência aos espanhóis, “eles” podem até ter um estilo de jogo mais peculiar e eficaz, mas no futebol tudo se decide em campo, e as estatísticas e as probabilidades, apesar de serem significativas, não traduzem a realidade. Por isso mesmo Portugal tem hipótese. Mas não teve. “*Táctica de contenção falhou e só Eduardo se recuperou*” (dia 30, página 2); que significa dizer que a prestação da equipa não foi boa, apenas a prestação de Eduardo, do guarda-redes, por apenas ter sofrido “*um golo milimetricamente em fora-de-jogo*”.

Ora, destas elações concluímos que de facto a selecção é vista de duas maneiras, dependendo assim da sua prestação em campo e dos resultados obtidos. Aliado a esta ideia de defesa da nação e da pátria, surge a categoria com mais relevo nas entradas das notícias do Público: a posição entre o centro e a periferia, a grandiosidade e a pequenez.

- **Posição no Mundo**

A nível desta categoria de análise podemos dizer que, no que diz respeito aos aspectos positivos, se centram em dois momentos: depois do jogo contra a Coreia do Norte e antes do jogo com a Espanha. A este respeito, encontramos expressões como “*triunfo português*” e “*eco em todo o mundo*”, as duas relativas ao jogo contra a Coreia. Ainda sobre este jogo, encontra-mos referência a Tiago, que marcou dois dos sete golos neste encontro: “*Tiago tornou-se o quarto português a marcar mais do que um golo num jogo do Mundial. E o sétimo em grandes competições*” (dia 23, página 32). Ora, é feita uma comparação directa entre os melhores dos melhores, aqueles que conseguiram um lugar no ranking e na memória. O nacionalismo positivo é notório, pois existe um português entre os que conseguiram certos actos considerados históricos e de valor.

Antes do jogo contra a selecção espanhola, o Público questiona: “*Estará a Espanha de Del Bosque ao alcance do Portugal de Carlos Queiroz?*” (dia 27, página 22), mostrando claramente um favoritismo à equipa lusa, pois não somos “nós” que temos que nos preocupar, mas sim “eles”, que podem não estar em pé de igualdade com a selecção portuguesa. A utilização do nome dos seleccionadores nacionais remete para a capacidade de liderança e de trabalho, como generais e capitães de uma armada.

A juntar a este nacionalismo fervoroso, alia-se outro superlead: “*20 de Junho de 2004. Os espanhóis não esqueceram o dia em que foram para casa de mãos a abanar: “Aprendemos a lição”, garante Juan Mata.*”,(dia 28, página 21) como quem diz, lembram-se da vossa prestação no europeu? Conseguimos a vitória contra os espanhóis, porque não conseguiremos outra vez? Além de novamente mostrar uma clara preferência lusa, mostrando a sua superioridade “*aprendemos a lição*”.

No que diz respeito aos aspectos negativos, temos uma primeira cara noticiosa dizendo respeito à pequenez da selecção portuguesa, sempre com uma pontinha de optimismo: *“Portugal não está entre os favoritos, mas hipóteses de chegar aos oitavos são boas, embora colossos estejam na rota do provável”* (dia 11, página 8 e 9). Ou seja, há sempre um “mas” no percurso português; não é algo certo, mas mais vale prevenir do que remediar, como diz o ditado. Ou seja, a selecção portuguesa não faz parte dos favoritos ao título do mundial *mas* tem hipóteses, *mas* tem que se deparar com alguns caminhos penosos. Essa adversidade é notória noutra título: *“Os adversários de Portugal. A melhor selecção africana, a incógnita do Mundial e o eterno favorito ao título”* (dia 11, página 9) ou seja, as hipóteses encontram-se reduzidas: Portugal tem de enfrentar o melhor, a surpresa e a superioridade, o chamado grupo da morte.¹¹

5.2.3. Expressões nos textos:

Como que um reflexo dos antetítulos, títulos e superleads, os aspectos que mais saltam à vista dentro das notícias são, novamente, a obrigatoriedade e a importância de defender a nação, pois da representação em campo irá depender a representação social do país para o mundo. Salientam-se também o recurso ao passado, remoto ou nem por isso, assim como a questão da união e a comunhão de um país em torno da equipa, com palavras de fé, esperança e coragem e o recurso aos símbolos, embora com menos destaque.

- **Defesa da nação e obrigatoriedade de boa representação nacional**

Ao nível das expressões encontradas neste campo, podemos definir três categorias essenciais: uma primeira ligada aos jogadores da selecção nacional, uma outra que apresente a importância de ganhar os jogos e a última, a repercussão que essas vitórias (ou derrotas) têm a nível da equipa e do futebol português. Desta forma, nas páginas seguintes são apresentadas as locuções positivas e negativas deste dever moral de defesa da pátria.

¹¹ A definição do Grupo G como o grupo da morte tem a ver com os rankings e as considerações sobre as equipas. Deste grupo faziam parte a Costa do Marfim, a Coreia do Norte, Portugal e Brasil. Destas quatro equipas, apenas duas poderiam passar à fase seguinte do Mundial, os quartos-de-final. O Brasil foi desde logo especulado como o líder do grupo, pela sua história futebolística e qualidade da equipa; o segundo lugar teria que ser disputado entre as outras três selecções, apesar de se ter dado mais preferência e probabilidades de vitória a Portugal e a Costa do Marfim. Não obstante, a Coreia do Norte era uma preocupação por a sua participação num mundial não ser muito frequente, e o facto da própria equipa não ser muito conhecida, tendo por isso a seu favor o aspecto da surpresa.

- ***Os jogadores da selecção e a sua responsabilidade***

Se a selecção é a representação da nação e da sociedade portuguesa, os jogadores da selecção são a cabeça do cartaz, os que fazem com que o prestígio de Portugal seja melhor ou pior, maior ou menor. A nível da equipa exigem-se então algumas características fundamentais: trabalho de equipa, união, tática e uma ligação sentimental ao país que defendem.

Estas características aparecem inatas no Público. Começemos pelo início: as qualidades dos jogadores. Numa das primeiras notícias analisadas, o Público dá a conhecer a “crise” de extremos que se faz sentir no mundo do futebol, apresentando-nos uma notícia que dá pelo título: *“Selecção com todos disponíveis a quatro dias da estreia. Extremos à moda antiga estão em extinção e em Portugal também.”* (dia 12, página 4). Apesar desta posição estar a ser cada vez mais diminuta, o Público considera que

“Este tipo de jogador está hoje quase em extinção, embora Portugal ainda seja um dos últimos redutos de muitos e bons extremos.” (Hugo Daniel Sousa, dia 12, página 4)

A notícia dá-nos a conhecer que apesar desta falta, os jogadores portugueses têm a capacidade de se adaptar a outras posições, e isso acontece porque

“...em Portugal os jogadores são evoluídos tecnicamente...”. (Hugo Daniel Sousa, dia 12, página 4)

Como já referi, os jogadores são a base da boa prestação da equipa nacional, são os pilares e as colunas da selecção portuguesa. É deles que parte a imagem, a definição e o significado de “Selecção”, é a eles que se pode bater palmas ou vaiar. E os próprios jogadores têm noção disso:

“Estamos aqui unidos por uma causa, que é servir bem a selecção nacional e proporcionar aos adeptos os melhores resultados.” “...damos o melhor em cada jogo.”

É este o sentimento dos jogadores, claro está, perante um jogo. Não se trata apenas de ganhar ou perder, é um prestígio que está em jogo, é uma imagem, um resultado.

“... Para defender bem não é preciso ter todos os jogadores a defender, mas ter uma equipa bem organizada. Vamos ter uma equipa que vai querer atacar, jogar com alegria e vai fazer um excelente jogo”. (declarações de Simão Sabrosa, dia 28, página 22)

O que se pede à selecção é então que façam “um excelente jogo”, que marquem, que façam os adeptos gritar e se orgulhar de Portugal. É esta toda a magia que está envolta por trás do futebol e que faz com que 90 minutos de jogo sejam uma preciosidade que ninguém pode ou quer perder. Mas isso, claro, só se conseguirá com trabalho, força e determinação, como defende o Público.

“Encontrar essa receita é certamente um caminho para o sucesso da selecção.”(Hugo Daniel Sousa dia 16, página 2)

Mas isso não nos falta:

“Temos equipa, estamos preparados, defendem os especialistas.” .(Hugo Daniel Sousa dia 15, página 2)

O recurso a “especialistas” é uma das formas de dar alento e força a nação. É um argumento de autoridade, e sendo especialistas, tem de ser verdade. Serve assim para levantar a moral e a confiança portuguesas na selecção que os representa.

- ***O lado negativo***

Quando a equipa não é representativa da vontade e do desejo dos portugueses, por um mau resultado ou má prestação em campo, é necessário dar a conhecer as suas razões e os seus motivos. É isto que o Público faz quando, de acordo com o seu julgamento, a prestação da selecção portuguesa não foi o espelho do que desejariam (ou deviam) ser.

Relativamente ao primeiro desaire português nesta competição, os próprios jogadores, a própria equipa comenta que

“Não estamos satisfeitos com o primeiro resultado”. (Carlos Queiroz, dia 19, página 36)

O Público trata de indicar a principal razão pela nulidade deste primeiro jogo:

“...especialmente pela incapacidade de criar perigo.” .(Hugo Daniel Sousa, dia 16, página 2)

Era necessário ataque, que a selecção se atira-se de cabeça e não tivesse medo do inimigo, defende o Público. Aliás, como aconselham, é necessário

“assumir mais riscos, ser mais criativo (“faltaram ideias”). (Hugo Daniel Sousa, dia 18, página 37)

No entanto, do meu ponto de vista, o problema parte, essencialmente, pela consideração e diminuição de uma equipa inteira a apenas um jogador; é certo que é o capitão, um dos melhores jogadores do mundo (e mais bem pago - se não o melhor), mas a excessiva confiança depositada em Cristiano Ronaldo parece-me ser exagerada. Notemos esta referência apresentada numa notícia do dia 14 de Junho:

“Ronaldo carrega às costas a responsabilidade de levar longe a selecção portuguesa.”(Hugo Daniel Sousa, dia 14, página 27)

Dá a sensação que quando é para falar mal da selecção, toda ela no seu conjunto não é considerada como boa, e nestes casos, apenas Cristiano interessa. Por isso mesmo, se algo corre mal, se o resultado não se inclina para o lado desejado, também será ele que sofrerá as consequências, sendo, muitas vezes, considerado o culpado pelo mau resultado.

“A ansiedade também tomou conta da equipa. Os passes errados sucederam-se e Cristiano Ronaldo talvez seja um símbolo desse sentimento de insegurança.”(Hugo Daniel Sousa, dia 16, página 2)

“...exemplo de um jogador demasiado ansioso e que pretende jogar sozinho contra todo o mundo.” (Hugo Daniel Sousa, dia 30, página 2)

É estranho verificar a tendência de considerar Ronaldo como a exclusividade da selecção nacional de futebol, quando o próprio Público defende, como já verificamos, a importância e a utilidade de uma equipa unida e coesa, com vista a obtenção dos melhores resultados.

- ***“A equipa está unida, o objectivo é ganhar...”***

Não é só jogar um futebol bonito e proporcionar um bom jogo que conta. O importante é ganhar, pelo menos numa competição como o Mundial. E esta opinião, tanto os jogadores, como os treinadores, como os especialistas, os jornalistas e o público portugueses, a partilham. São várias as expressões que confirmam esta regra. E elas vão aparecendo ao longo dos dias, nas mais variadas notícias, acerca dos diversos adversários.

Nos primeiros dias da competição é manifesta esta importância da vitória: *“Não há espaço para errar num Mundial, e queremos, desde o princípio, ganhar os três pontos”*. As declarações do treinador Carlos Queiroz apresentam-se como algo inato a uma participação num Mundial, como que um requisito essencial. O Público sustenta esta afirmação explicando:

“Ganhar na estreia numa competição curta, como um Mundial, é sempre importante, e Portugal soma 5 vitórias, dois empates e duas derrotas. Um triunfo, sem dúvida, moraliza e é meio caminho andado para o apuramento...”. (Hugo Daniel Sousa, dia 15, página 2)

O recurso a números e estatísticas é bastante utilizado pelo Público, como sendo uma mais-valia na moralização do país: são provas e esperanças para a equipa e povo portugueses.

A vitória na estreia, já se sabe, não deu os resultados que os especialistas, os jogadores e os adeptos esperavam. Por isso mesmo, no segundo jogo, o jogo do “tudo ou nada” como intitulou Queiroz, era crucial. Assim,

“...a missão de Portugal no jogo [de amanhã] frente à Coreia do Norte: furar a muralha que os norte coreanos prometeram montar à frente do guarda-redes...”.
(Hugo Daniel Sousa, dia 20, página 30)

A expressão “furar a muralha” foi usada por um jogador da selecção, Raul Meireles, ao falar da equipa adversária. O Público achou que o termo era explícito e envolvente de toda a situação, utilizando-a como título de uma das suas notícias. Simbolizava o rebentar da força portuguesa, um passo para os oitavos de final e para o prestígio português. Era capital uma vitória.

Uma vitória fundamental era também a necessária frente à Espanha. Curiosamente, este foi o jogo que mais levantou expressões sobre essa necessidade básica de ganhar. Desde logo o levantar da moral: não nos podemos esquecer que falamos de um jogo de futebol; como referi anteriormente, apesar dos rankings e das estatísticas tudo se decide em campo, e o factor surpresa está muitas vezes presente. Por isso mesmo, Carlos Queiroz, como representante da selecção portuguesa de futebol fala aos jornalistas e aos portugueses:

“A temporada ainda não terminou. A equipa está muito bem e ainda temos um título para discutir”
“Temos um grande jogo contra um dos três maiores candidatos a ganhar o Mundial, porque é o campeão da Europa, mas isso não conta quando o jogo começar.”
(declarações de Carlos Queiroz, dia 29, página 2)

O Público sustenta esta ideia, recordado o primeiro jogo da selecção espanhola frente à Suíça, que resultou na vitória do menos esperado, do mais fraco, do menos favorito: uma bola a zero para o país neutro e pequeno - a Suíça. Esta vitória foi apelidada de “milagre”, porque tudo bem que os rankings e estatísticas não são factor fundamental e decisivo, mas também têm a sua quota-parte de importância.

“...não será necessário um milagre suíço para Cristiano Ronaldo levar a sua magia até aos quartos-de-final.(...) Não será necessário um milagre, até porque estamos em terceiro lugar no ranking da FIFA e não necessitamos e factores extraordinários para ultrapassar qualquer adversário.” (Paulo Curado, dia 27, página 22)

Além da clarividente preferência por Cristiano Ronaldo como alto representante da selecção portuguesa, aspecto a ser tratado mais adiante, o Público assegura que não é só ele que compõe a equipa e que, a constituição no seu todo é a melhor parte. No entanto, para o “ataque espanhol”, aspecto mais temido de acordo com o Público, era necessária uma boa defesa

“...a equipa portuguesa (...) faz da defesa a sua principal arma.” (Hugo Daniel Sousa, dia 26, página2)

“...uma das grandes armas que Portugal tem hoje (19h30) para tentar derrotar o campeão europeu e seguir para os quartos-de-final do Mundial 2010.” (Hugo Daniel Sousa, dia 29, página2)

Desta forma, os objectivos portugueses estavam já desenhados: vencer a “vizinha” Espanha, como no Euro 2004 (referência máxima neste jogo), de modo a poder continuar a competição, levantar a moral portuguesa e erguer o seu brio:

“Defender o prestígio, igualar o recorde de 19 jogos sem perder, garantir matematicamente a qualificação para os oitavos-de-final e, se possível, ganhar o grupo, para, teoricamente ficar com caminho mais fácil nas fases seguintes. São estes os objectivos de Portugal...” (Hugo Daniel Sousa, dia 25, página4)

- ***Mas por vezes, o azar bate à porta...***

“Problemas existem sempre e tudo ganha outra proporção quando o resultado não é o esperado. (...) Se não aparecem resultados, a comitiva vai rebentar pelas costuras.”
(Declarações de José Couceiro, dia 17, página 36)

Numa competição há sempre duas vertentes e dois grupos distintos: a vitória e a derrota, os vencedores e os vencidos. Verificamos já que o Público se debate equilibradamente entre o positivo e o negativo, entre o louvor e a censura, apresentando frases e expressões que incitem ao acreditar em Portugal, mas nunca de forma exagerada, garantindo sempre que nem tudo são rosas. A preferência pela vitória não é um factor discutível, no entanto, o Público tem a preocupação de mostrar que é necessário ter cautela e não subestimar os adversários.

Antes dos jogos da selecção portuguesa, o Público mostra essa tendência. Por exemplo, aquando do primeiro jogo, escreve o seguinte:

“É que a abrir a participação na África do Sul a equipa de Carlos Queiroz tem pela frente a Costa do Marfim, adversária directa na luta pelo apuramento para os oitavos-de-final.” (Hugo Daniel Sousa, dia 15, página2)

A expressão “adversária directa” mostra esta tendência “preocupada” que o Público assume; é um adversário directo pela presença no chamado grupo da morte, onde ambas as

equipas, Portugal e Costa do Marfim, estariam a lutar pelo mesmo pódio, pela mesma posição.

“...depois do nulo de ontem frente aos costa-marfinenses, Portugal sabe que não tem margem de erro e que está num grupo que vale mais esse epíteto de fatalidade...”
(Hugo Daniel Sousa, dia 16, página2)

Com o jogo seguinte, começam as preocupações maiores: havendo apenas três jogos para a selecção mostrar o que valia, e tendo o primeiro sido nulo, o jogo contra a Coreia adquiria assim uma importância e um peso sem igual.

“Ter perdido contra a Costa do Marfim teria sido um desastre, mas um empate não é assim tão positivo, aumentando a pressão para o próximo encontro. Não só Portugal terá de pensar em vencer a Coreia do Norte, como fazê-lo pelo maior número de golos possível.” (Hugo Daniel Sousa, dia 16, página2)

Quando o calendário se aproximava do esperado dia do segundo jogo da selecção nacional, insiste-se na importância do jogo e do seu desfecho, quer a nível desportivo, quer a nível social:

“...a prioridade de Portugal é garantir a qualificação...” (Hugo Daniel Sousa, dia 25, página4)

“...só uma vitória permite à selecção manter intactas as esperanças de se qualificar para os ‘oitavos’”. (Hugo Daniel Sousa e Octávio Costa, dia 21, página27)

Ou seja, o objectivo máximo era então a continuação em prova, a demonstração de uma equipa grande e coesa, levantando a moral quer da equipa, quer da população portuguesa. Assim sendo, e com o objectivo máximo de alcançar uma vitória, era necessário olhar atrás uns dias e ver os principais erros cometidos na estreia da selecção portuguesa.

“...obrigado a ganhar, o treinador assumiu ontem que Portugal vai correr mais riscos.”
”.

“Portugal terá que encontrar outros caminhos, que não apenas o jogo aéreo, para ultrapassar a muralha defensiva da Coreia.” (Hugo Daniel Sousa e Octávio Costa, dia 21, página27)

É clarividente a importância deste jogo para Portugal nesta fase. A utilização da expressão “obrigado a”, é denotada como algo negativo, como se de facto, os jogadores fossem forçados a fazer alguma acção que não desejassem. A utilização de palavras como “esperança” e “ultrapassar a muralha”, tentam demonstrar que essa “obrigatoriedade” e “prioridade” de vencer são-no, não seja pela representação da nação, mas pelo desejo da nação, pela vontade do povo.

Ultrapassada a fase de grupos, chegava agora a hora de defrontar a colossal selecção espanhola, principal “medo” da selecção portuguesa, o seu bicho papão, de acordo com a imprensa:

“... Portugal enfrenta a Espanha, campeã europeia.” (Hugo Daniel Sousa, dia 26, página2)

“... embora a missão portuguesa nos oitavos-de-final (Espanha) seja no papel mais difícil do que a brasileira (Chile).” (Hugo Daniel Sousa, dia 26, página2)

A qualificação de Espanha como campeã europeia, além de ser um título válido e alcançado, mostra a preocupação da prestação portuguesa. Uma campeã é a melhor, logo defrontá-la e vencê-la é um grande desafio. E Portugal estava ciente disso:

“Temos de tentar ser o melhor Portugal de sempre. O que fizemos até ontem não é suficiente para ganhar à Espanha.” (Hugo Daniel Sousa, dia 29, página2)

Para tal, era necessário olhar para trás uns dias e apontar os erros cometidos (“A estratégia é desastrosa e não é de agora” - declarações de Octávio Machado, dia 17, página 36) e proceder a algumas alterações: Portugal tem de mudar o potencial de ataque, (Hugo Daniel Sousa, dia 19, página 36) tudo com vista a uma vitória e ao alcançar de um prestígio, a melhoria de uma imagem social e o despertar de uma alegria neste povo lusitano.

Os esforços, no entanto, não foram compensatórios. A selecção portuguesa perdeu por uma bola a zero nos quartos de final, regressando assim a Portugal, deixando para trás uma competição mundial. Com efeito, o Público considerou assim, que

“...a selecção cumpriu o mínimo obrigatório” (Hugo Daniel Sousa, dia 26, página2)

• **Portugal atómico**

Dentro da categoria da obrigatoriedade de defesa da nação, encontra-mos o último ponto, que diz respeito à repercussão da imagem portuguesa sobre o mundo. De facto, as expressões mais significativas apenas se encontram nos ecos do jogo contra a Coreia. De acordo com o Público:

“Além de ser um momento histórico-estatístico dos Mundiais, o jogo frente aos coreanos foi uma injeção de moral e confiança.” (Hugo Daniel Sousa, dia 22, página2)

Novamente a questão da moral e da confiança no país, resultados proeminentes de um desfecho futebolístico. A segurança e a fidúcia na equipa portuguesas estavam restauradas. Aliás, como sugeriu o Público

“Vitória categórica, confiança restaurada.” (Nuno Sousa, dia 22, página 6)

E não foi só o Público que partilhou destas opiniões. As opiniões dos adeptos, portugueses e do mundo, eram ilustrativas desta injeção de confiança, depois do resultado e da goleada frente à Coreia do Norte, fazendo com que Portugal fosse a equipa com mais golos marcados até a data (e tudo num só jogo). Desta forma, os cidadãos fizeram-se ouvir para os meios de comunicação, partilhando ideias como:

“Fantástico”, “inesquecível”, “memorável”, “agora venha o título”, foram algumas das expressões que começam cada vez mais a combinar com uma vaga nos oitavos-de-final do Mundial. (Nuno Sousa, dia 22, página 6)

“Com exibições destas, Portugal só pode ser campeão do mundo”.

- **Repercussão/mau jogo:**

Se, por um lado, a vitória portuguesa frente à Coreia do Norte serviu para *“injectar moral e confiança nos portugueses”*, a derrota contra a Espanha e a despedida do Mundial de Futebol, foi sentida com desagrado e constrangimento, quase como uma desonra do país. De acordo com o Público, a prestação de Portugal frente à selecção Espanhola não é merecedora de elogios, até porque *“...Portugal não mostrou capacidade de reacção.”*¹²

“O início do encontro podia ter sido catastrófico, tal a forma como a selecção portuguesa não se entendeu com as marcações ao meio-campo espanhol e a incapacidade de contra-atacar.”

“A falta de risco e o fracasso individual de alguns jogadores (Simão, Ronaldo e Danny) conduziram a equipa portuguesa a uma derrota inevitável frente a um adversário com melhor futebol nos pés.” (Hugo Daniel Sousa, dia 30, página2)

Atendamos às palavras utilizadas para descrever este jogo, assim como os adjectivos utilizados para descrever a selecção portuguesa: *“catastrófico”, “incapacidade”, “falta de risco”, “fracasso individual”, “derrota inevitável”*. Não é necessária grande análise para verificar a negatividade destas expressões. Todas elas manifestam uma má representação da selecção portuguesa, assim como deixam transparecer a mágoa e o desgosto do desfecho ibérico. Acabou-se a esperança, acabaram-se os elogios.

A acrescentar a estas características, temos novamente a imagem de Ronaldo como representante máximo da selecção portuguesa, assim como o descontentamento com as suas atitudes e o seu desempenho:

“...o sabor amargo de não ter explorado o facto de ter um dos melhores jogadores do mundo.”

¹² Hugo Daniel Sousa, dia 30 página 2)

“Cristiano Ronaldo não chegou a ser uma mais-valia neste mundial, particularmente contra a selecção do país onde trabalha.” (Hugo Daniel Sousa, dia 30, página2)

É notória a descrença e o desagrado sob o capitão da equipa das quinas; se, na primeira frase, Ronaldo aparece como um membro a equipa, não contribuindo o seu sucesso mundial para o estrelato português, a segunda frase é lhe apenas dirigida. É patente a tristeza de que, apesar de termos o melhor do mundo em campo, quando mais se precisa dele, ele não faz jus à sua imagem.

• POSIÇÃO CENTRAL NO MUNDO

No que diz respeito a esta categoria de análise, e aos seus aspectos positivos, podemos novamente, subdividi-las em três categorias: uma primeira sobre a equipa e os seus jogadores, outra relativa aos próprios jogos da selecção e uma última onde é feita uma comparação com Espanha e a sua selecção.

Sobre a equipa/jogadores

“Somos uma boa equipa, que pode bater qualquer adversário em qualquer estádio. Se formos capazes, jogo após jogo, de derrotar os nossos adversários, então podemos ir longe. Tão longe como a qualidade da equipa e a inspiração dos jogadores nos deixarem” (Declarações de Carlos Queiroz, dia 11, páginas 8 e 9)

Esta frase pode ser considerada como um resumo das qualidades e competências que o Público apresenta sobre a selecção portuguesa de futebol ao longo dos seus textos, no que diz respeito à categoria da posição no mundo, entre a centralidade (positivo) e a periferia (negativo).

Um dos aspectos que pode contribuir para a boa imagem do futebol português no mundo, diz respeito à experiência dos jogadores. Apesar de a idade no mundo do futebol ser um factor de peso, o Público afirma que

“Esta veteranaria pode ser positiva (pela experiência, sempre importante nos momentos decisivos) ou negativa, tendo em conta que alguns destes jogadores já ultrapassaram o pico da carreira” (Hugo Daniel Sousa, dia 11, páginas 8 e 9)

Ora, a experiência associada à sabedoria é um valor a prezar. Mesmo quando os jogadores já não se apresentam em campo, afastados pela idade dos relvados, os jogadores antigos são vistos como um exemplo a tomar e seguir. Muitas vezes esses mesmos jogadores seguem a carreira futebolística mas em outros campos, como o de treinador ou director desportivo. Deste modo, o facto de ter jogadores experientes em competições internacionais pode ser considerada uma mais-valia para a boa prestação. Por outro lado, o Público afirma

que essa experiência também pode não ser uma mais-valia, tendo em conta a idade dos jogadores, e o futebol é um desporto que se quer jovem.

Um outro aspecto que leva à posição central no mundo é relativa aos clubes e as internacionalizações dos jogadores portugueses. A esse respeito vemos, por exemplo, os adjectivos utilizados nas seguintes expressões, para falar de Simão e Cristiano Ronaldo, respectivamente.

“... o mais internacional dos jogadores portugueses.”

“...figura cimeira do futebol mundial.” (Hugo Daniel Sousa, dia 14, página27)

Estes adjectivos servem essencialmente para mostrar que os jogadores portugueses são considerados bons “lá fora”. Relativamente a Simão, sendo “o mais internacional dos jogadores portugueses”, mostrando a sua experiência a nível da selecção portuguesa em jogos e/ou competições mundiais. As referências a Ronaldo, por sua vez, referem-se à sua notoriedade mundial, considerado como um dos melhores jogadores do mundo.

Um outro factor tem a ver com números e estatísticas: durante a sua participação no Mundial, Portugal sofreu apenas um golo, no jogo contra a Espanha, quando foram eliminados. Até a data do jogo, o guarda-redes da selecção nacional, Eduardo, era, a par do guardião uruguaio, o único com as redes invioláveis. A esse propósito, escreve o Público sobre Eduardo:

“...as estatísticas do site da FIFA colocam-no em segundo lugar do ranking de guarda-redes, para o que contribuiu ter sido (...) o único sem golos sofridos.”

(Hugo Daniel Sousa, dia 27, página24)

Já tivemos oportunidade de verificar a importância dos rankings, das estatísticas e dos números para um discurso, nomeadamente quando utilizado como instrumento de persuasão. O seu recurso dá mais alento à selecção nacional e, de certa forma, mais ânimo aos portugueses.

Sobre os jogos:

Tirando as duas referências ao jogo com a Costa do Marfim

“A selecção portuguesa estreia-se hoje no Mundial 2010 (...) o que promete ser mais um desafio numa empreitada de respeito”

“...um dos jogos grandes desta primeira fase.” (Hugo Daniel Sousa, dia 15, página2)

Ambas referindo-se a importância deste primeiro jogo e as suas circunstâncias específicas, todas as outras referências que remetam para a posição de Portugal no mundo concernem ao jogo Portugal x Brasil, que o Público qualificou como

“...o jogo mais esperado da fase de grupos...”(Hugo Daniel Sousa, dia 26, página2)

Talvez pelo futebol espectáculo associado ao Brasil, talvez pela presença emigrante dos dois povos na África do Sul, talvez por ser um jogo entre irmãos, este foi de facto um jogo bastante procurado e aguardado. Os bilhetes esgotaram rapidamente e atingiram valores altíssimos.

“...o Portugal-Brasil emergiu como um dos jogos mais interessantes da primeira fase, um facto bem visível na procura de bilhetes”.(Hugo Daniel Sousa, dia 25 página 4)

No dia antes do jogo, o Público fez referência ao jogo Portugal x Brasil no Mundial de 1966. A vitória portuguesa foi como o fim do mundo para os brasileiros, como escreve o Público no dia 24 de Junho, ao referir-se ao sentimento brasileiro no dia em que foram derrotados por Portugal:

“...depois do duelo dramático que deixou as ruas do Brasil à beira de um colapso.”
(Hugo Daniel Sousa, dia 24 página 28)

História à parte, o jogo Portugal x Brasil do Mundial 2010 acabou empatado a zero. Ambas as equipas se qualificaram para os quartos-de-final, e apesar da nulidade verificamos já que foi o resultado foi quase considerado uma vitória: uma vitória pela equipa que é, uma derrota pelo adversário seguinte. Não obstante, de acordo com o Público:

“...Portugal confirmou que é hoje uma equipa difícil de bater.” (Hugo Daniel Sousa, dia 26 página 2)

Como podemos verificar, a equipa portuguesa é elogiada, tendo jogado como os melhores (“foi de grande nível”). Hoje é uma equipa que cresceu, tornou-se forte e deve ser temida, pois não muito fácil ganhar-lhe.

Comparação Portugal vs. Espanha

“...dois países habituados a discutir muita coisa, incluindo fronteiras. “Temos uma palavra a dizer” (declarações de Carlos Queiroz, dia 29 página 2)

Talvez por isso mesmo se tenham feito tantas comparações entre Portugal e Espanha no Público. Da mesma forma que foram feitas referências ao Portugal - Brasil: são países

irmãos, de língua ou fronteiriços. No caso de Espanha, são irmãos históricos. Além do mais, a nível desportivo

“Portugal e Espanha fazem parte da mesma escola futebolística, gerando jogadores tecnicistas que gostam de jogar bom futebol. (...)a equipa portuguesa tem adoptado nos últimos anos, uma estratégia mais pragmática, aparecendo a defesa como o seu ponte forte.” (Hugo Daniel Sousa, dia 28 página 22)

Referimos já anteriormente, que no dia antes do duelo ibérico, o Público fez referência ao jogo contra Espanha no Europeu de 2004. Fala-se de uma “vingança espanhola”, tanto que

“...Del Bosque tem a cabeça a prémio se não derrotar hoje Portugal.” (Hugo Daniel Sousa, dia 29 página 2)

Ora, esta frase mostra claramente a preocupação espanhola com a equipa portuguesa, que foi tão noticiada nestes dias. Ainda a propósito do seleccionador espanhol, o Público, ao referir-se a uma conferência de imprensa com os dois seleccionadores, Queiroz e Del Bosque, refere não só a confiança e o à vontade do seleccionador português, como exalta que,

“O seleccionador espanhol esboçou um sorriso no início, mas logo depois cedeu a uma expressão mais carrancuda, típica de quem está debaixo de grande pressão.” (Hugo Daniel Sousa, dia 29 página 2)

A pressão do seleccionador espanhol prendia-se com a “sede de vingança” noticiada, presente nos espanhóis desde o jogo do Euro2004. “Eles” aprenderam a lição, como referem, mas “nós” também a estudamos, e tínhamos conhecimento da selecção que estávamos prestes a defrontar, como nos explicita o Público:

“Se a Espanha conhece Portugal (‘Aprendemos a lição. Agora temos um jogo muito difícil, a partir de agora começa outro Mundial’, resumiu Mata), Portugal conhece-os de ginjeira. Se os espanhóis apregoam a “segurança defensiva” portuguesa (Martínez) e um “bloco compacto muito forte” (Mata), os portugueses estarão preparados para uma equipa que “rema toda para o mesmo lado” (Declarações de Juan Mata, dia 28, página 21)

Ainda nas notícias anteriores ao jogo, o Público apresenta estatísticas, números e probabilidades do encontro, assim como a comparação com resultados anteriores. A esse propósito, depois de enumerados vários factores em que a equipa portuguesa é melhor que a espanhola, e vice-versa, e sempre recorrendo aos números, o Público dá-nos a conhecer que

“Os espanhóis têm também tentado mais vezes o golo do que Portugal, mas nem aí estão à frente.” (Hugo Daniel Sousa, dia 28 página 22)

A expressão “também”, mostra que para trás há vários factores em que os espanhóis tentaram ser melhores que a equipa portuguesa; a indicação de “nem aí estão à frente”, remete para um certo desdém, encaminhando-nos para um sentimento de superioridade e confiança. Por isso mesmo, e adaptando-se ao estilo de jogo espanhol e ao conhecimento que a equipa portuguesa tinha do mesmo, o Público afirma que

“Portugal terá possibilidade de surpreender...”(Paulo Curado, dia 27 página 22)

Por este discurso optimista e de certa forma superior, é fácil adivinhar que o resultado obtido neste jogo não foi o esperado. Já verificamos que este jogo foi particularmente importante para expressões negativas sobre a selecção. Não obstante, e apesar do golo ser considerado como uma “fatalidade” portuguesa, o Público considera que Portugal ainda jogou bem, nem que tenha sido pouco tempo, referindo que na primeira parte do jogo

“...Portugal teve a sua melhor fase, explorando as deficiências da defesa espanhola.”
(Hugo Daniel Sousa, dia 30 página 2)

Num momento anterior verificámos que a defesa portuguesa era uma das armas da selecção. Considerar a defesa espanhola como passível de deficiências é dar mais créditos à equipa portuguesa, ao mesmo tempo que se nota um certo desagrado: era uma defesa com deficiências, mas mesmo assim ganharam o jogo contra Portugal.

- ***A posição periférica***

Verificamos já que o Público mantém uma posição quer de confiança quer de descrédito relativamente à selecção portuguesa, apresentando tanto factores que incentivem à crença e a fé numa grande equipa, como factores indicando que é preciso lutar e não menosprezar os adversários. Podemos notar isso logo no início do Mundial, quando o Público indica que:

“Quando partiu para a África do Sul, a selecção portuguesa já sabia que estava no chamado grupo da morte, com um fortíssimo candidato (Brasil), um forte concorrente (Costa do Marfim) e um outsider desconhecido à procura da surpresa (Coreia do Norte)” (Hugo Daniel Sousa, dia 16 página 2)

“...as previsões não são optimistas. A começar pelo calendário. Portugal ficou integrado no chamado grupo da morte, juntamente com o Brasil, Costa do Marfim e Coreia do Norte” (Hugo Daniel Sousa, dia 11 páginas 8 e 9)

Estas expressões mostram-nos as já verificadas preocupações com a fase de grupos, pelos adversários existentes. A qualificação das equipas como “fortíssima” e “forte” revelam-nos quem era alvo de um maior cuidado; não obstante, a qualificação como “outsider desconhecido à procura da surpresa” mostra que a preocupação já não é tão grande, mas nunca fiando.

A referência a dados estatísticos e numéricos é bastante usual no Público. Servem tanto para dar moral como para desmoralizar. Neste caso, sustentando a ideia anterior, o Público dá-nos a conhecer os lugares de destaque do ranking da FIFA, onde

“Portugal é apenas o nono favorito a vencer...” (Hugo Daniel Sousa, dia 11 páginas 8e9)

Apesar de haver 32 selecções no mundial, o Público considera que o lugar dado a Portugal não é satisfatório; a utilização de “é apenas”, mostra um certo descrédito e desagrado. O mesmo relativo a médias dos últimos seleccionadores portugueses, onde a de Carlos Queiroz é considerada como

“... a pior média dos últimos seleccionadores.” (Hugo Daniel Sousa, dia 20 página 30)

A passagem pela selecção portuguesa de futebol no Mundial da África do Sul não ficou marcada apenas pela competição. Entre rumores e burburinhos, a selecção foi marcada por alguns desentendimentos entre jogadores e o seleccionador. Nomeadamente no que concerne às escolhas do seleccionador (“Perguntem ao Queiroz”, foi uma das frases mais mediáticas por esta altura). O problema principal teve a ver com declarações que Deco fez, alegadamente de “cabeça quente”. Não nos interessa estar a verificar os problemas e as soluções da estadia de Portugal na África do Sul, apenas verificar como o Público viu a situação. Para este periódico, estas situações corriqueiras e do diz-que-disse, proporcionavam uma má imagem de Portugal, pois

*“...levantam uma nuvem sobre a selecção portuguesa de futebol na África do Sul.”
(Hugo Daniel Sousa, dia 17 página 36)*

Já aqui tivemos oportunidade de verificar a importância de Cristiano Ronaldo para a selecção portuguesa de futebol. Disputando o lugar de melhor jogador do mundo com o argentino Leonel Messi, a prestação de Ronaldo é campo é seguida por um número indefinido de fãs, olheiros, e amantes do futebol. Um dos pontos que levantava mais problemas a Cristiano Ronaldo neste mundial, era a sua ausência de golos a serviço da selecção nacional, algo que também o seu rival é acusado. Messi entrou a marcar no mundial, por isso mesmo, de acordo com o Público, Ronaldo teria que desmentir a situação proposta pelos analistas de estes jogadores terem mais sucesso nos seus clubes do que nas suas selecções. Assim:

“Amanhã será a vez de Ronaldo tentar desmentir os analistas.” (Hugo Daniel Sousa, dia 14 página 27)

Ora, tentar desmentir pressupunha que de facto, para o melhor jogador do mundo, jogar futebol é coisa de meninos. O próprio Ronaldo já tinha dito em declarações à imprensa que queria marcar muitos golos. No entanto, no dia seguinte Ronaldo não desmentiu. Falava-

se da estreia da selecção no Mundial, que já tivemos oportunidade de verificar que recebeu imensas críticas. Entre elas, a consideração que de facto a abertura da selecção não foi a melhor...

“...e como Portugal desiludiu...”(Hugo Daniel Sousa, dia 16 página 2)

É este o sentimento do Público: uma perfeita desilusão em forma de jogo. É interessante verificar a metonímia associada, representando assim a posição no mundo, de uma equipa que contra uma “menos forte”, não é capaz de medir forças e impressionar, mas sim, desiludir.

O futebol tem sido nos últimos anos palco de um enorme mercado milionário de transferências. Desta forma, não só é necessário representar bem o país, mas dar o melhor de si próprio enquanto jogador. O guarda-redes da selecção portuguesa é desta opinião, revelando o seu desejo de sair de Portugal para um palco maior.

“Tenho a noção de que o Mundial é a maior montra do futebol. Se as coisas correrem bem, as portas poderão abrir-se.”(Declarações de Eduardo, dia 27, página 24)

Podemos dizer que é um fetiche futebolístico (e de todas as profissões provavelmente), a possibilidade de evoluir e crescer, representar grandes equipas e formar uma tropa com grandes jogadores. Ainda mais porque, no futebol, esta possibilidade é alcançada mais facilmente.

A nível das expressões sobre a posição de Portugal no mundo, podemos considerar como última categoria, novamente, a comparação entre Portugal e Espanha, arqui-rivais a nível de desporto, território e história. O Público tem a tendência de nas suas notícias apresentar sempre aspectos negativos e positivos dos adversários portugueses. Verificamos já que, a nível positivo, estava centrada uma grande confiança e fé na equipa das quinas. No entanto, como quem se contradiz, o Público apresenta também os aspectos a temer da armada espanhola. Se, por um lado, se faz lembrança ao Euro2004, em que Portugal derrotou Espanha, por outro o Público questiona:

“Terá a equipa de Carlos Queiroz possibilidades reais perante os campeões europeus de 2008?” (Paulo Curado, dia 27 página 22)

Ora, é engraçado verificar as antíteses que se encontram ao virar de cada página no Público. É um facto que as equipas são diferentes, como eles próprio afirmam e comentam. No entanto, na mesma notícia verificamos a passagem da crença à descrença, do acreditar e do desmentir, quase como uma esquizofrenia descontrolada.

Voltando ao números, tão aliados do Público. E novamente a antítese: Portugal tem hipóteses mas não tem. Recordemos a expressão já analisada “Os espanhóis têm também tentado mais vezes o golo do que Portugal, mas nem aí estão à frente.” Claramente positiva em relação a equipa portuguesa. No entanto, na opinião do Público

“...o saldo português frente aos espanhóis não é famoso” (Hugo Daniel Sousa, dia 26 página 2)

Claramente uma opinião antitética; e como já podemos verificar é sempre assim ao longo dos dias e das notícias: positivo e negativo sempre de mãos dadas, como se fizessem parte do mesmo conjunto e não existisse qualquer confronto entre os dois.

Por fim, relativamente ao resultado do jogo. O Público faz uma comparação directa entre jogadores e treinadores, indicando que, em quase tudo, os nossos vizinhos espanhóis foram melhores:

“David Villa ganhou a Cristiano Ronaldo, Xavi a Raul Meireles, Vicente del Bosque a Carlos Queiroz. A Espanha foi melhor do que Portugal em quase toda a linha,” (Hugo Daniel Sousa, dia 30 página 2)

Esta frase mostra claramente que o resultado obtido pela selecção portuguesa neste último jogo não foi de agrado geral. A comparação clara entre jogadores da mesma posição, quase que numa marcação directa, parecem querer pisar ainda mais a opinião sobre o jogo. Assemelham-se a comparações de crianças quando discutem que o que lhes diz respeito é sempre melhor que o que diz respeito aos outros. Mas, no entender do Público não foi um jogo vergonhoso; foi uma prestação sem brio, mas é necessário sair de cabeça erguida. Como referem acerca da prestação portuguesa:

“Sem vergonha, mas também sem brilho” (Hugo Daniel Sousa, dia 30 página 2)

- ***O passado histórico - símbolo de glória e força***

O recurso ao passado e à história nas notícias faz-se essencialmente com o recurso a duas datas, momentos marcantes: os descobrimentos, remetendo para o século XV-XVII, sinónimo da grandiosidade portuguesa e dos seus feitos para o mundo; um segundo momento, já muito mais próximo de nós, relembra os anos dourados do futebol português, nomeadamente o Mundial de 1966 em Inglaterra.

Desta forma, iremos dividir as referências que remetem ao passado nestas duas categorias, analisando primeiro, tanto as referências positivas como negativas que remetam para os descobrimentos, e seguidamente, as expressões que sejam relativas à história do futebol português.

Os navegadores

“Quem quer passar além do Bojador, tem que passar além da dor”¹³

Quis a sorte e a fortuna que o país escolhido para acolher o 19º Campeonato Mundial de Futebol fosse na África do Sul, país tão querido e histórico para Portugal. Desta forma, as referências aos descobrimentos e aos actos portugueses neste país são várias vezes mencionados. A começar pelo cognome escolhido para a selecção portuguesa de futebol - os navegadores.

“Navegadores verão a sua sorte começar a decidir-se...” (Hugo Daniel Sousa, dia 11 páginas 8e9)

“...648 dias depois de iniciar a caminhada para a África do Sul, o destino dos apelidados “navegadores” começa agora a decidir-se.” (Hugo Daniel Sousa, dia 15 página 2)

Aliada a lembrança histórica, não poderiam deixar de fazer parte referências à cultura portuguesa - a sorte e o destino, tão importantes para os portugueses, que fazem um pouco parte da sua portugalidade: o fado, a fatalidade, a sorte e o destino. Estes elementos foram importantes há sete séculos atrás, quando os portugueses decidiram se lançar à aventura em busca da descoberta de um “novo mundo”. Porque não assumir essa importância agora? Ao fim e ao cabo a aventura portuguesa dos descobrimentos iniciou-se em África, porque não há de começar também a destes navegadores e campo? O Público faz referência a esta situação, mostrando a importância africana para os portugueses:

“A Cidade do Cabo é um lugar especial na memória colectiva de Portugal, como bem mostram as referências aos navegadores portugueses espalhadas um pouco por toda a cidade.” (Hugo Daniel Sousa, dia 21, página 27)

Quis a sorte, também, que os jogos da selecção portuguesa se dessem nestas regiões de maior sucesso histórico português, importante para a “memória colectiva de Portugal”. Quis a sorte que o jogo contra a Coreia do Norte fosse na Cidade do Cabo. Já referimos a importância crucial de uma vitória neste jogo; dado o resultado do jogo, era mais um sinal dos deuses de confiança. Tínhamos enfrentado outra vez pelo Cabo das Tormentas, e mais uma vez, ele tornou-se o Cabo da Boa Esperança.

“A história de maior sucesso do nosso passado aconteceu nesta região. Estamos habituados a enfrentar adamastores e a dobrar os cabos.” (Hugo Daniel Sousa, dia 21, página 27)

¹³ Mar Português - Fernando Pessoa

Memórias do futebol português

*“Quem se lembra de ver António Simões, Fernando Chalana ou Paulo Futre jogar futebol terá certamente na mente imagens de fintas ou cruzamentos para a área...”
(Hugo Daniel Sousa, dia 12, página 4)*

As referências aos anos dourados do futebol português são uma espécie de fortalecimento da moral. No Mundial de Futebol de 1966, em Inglaterra, Portugal defrontou duas equipas como no Mundial de 2010: Coreia do Norte e Brasil, alcançado uma vitória contra as duas equipas. Relativamente a esta altura, o Público refere que

“Em 1966, Portugal chegou ao Mundial com um lote de jogadores habituados a ganhar” (Hugo Daniel Sousa, dia 11, páginas 8e9)

Mostrando assim uma clara tendência portuguesa e uma evidente referência ao que eram os ditos “anos dourados do futebol português”. O jogo que juntou irmão de língua, Portugal - Brasil, ocorreu a 19 de Julho de 1966; o resultado foi um 3-1, com dois golos do menino de ouro: Eusébio. Foi a este propósito que se escreveu “Pelé, jogai por nós!”, um dos títulos brasileiros mais mediáticos. No entanto, Pelé não jogou pela equipa brasileira, não marcando um golo sequer - o golo brasileiro foi da autoria de Rildo aos 70 minutos. Por isso mesmo, ao lembrarem-se do fatídico dia para os Brasileiros, Edgar Santos, autor do famoso título descreve:

“Naquele dia Portugal não colaborou. ‘Portugal não colaborou, realmente, o Coluna era um craque, realmente, e o Eusébio matou-nos, realmente. Deu vontade no dia seguinte, de escrever: Eusébio jogou por nós. Seria doloroso de mais.’.” (Luís Octávio Costa, dia 24, página 28)

O Brasil saía assim derrotado pelos seus irmãos, num duelo que quem viu, diz ter valido a pena. Neste jogo não houve golos, mas nem por isso deixou de lembrar e falar “... do remate-foguete do “Pantera Negra”, do violão...”. Outro jogo que fica na memória dos portugueses como emocionante foi o confronto contra a Coreia do Norte, a 23 de Julho de 1966, em Liverpool. Ao intervalo Portugal perdia por três bolas a zero. O intervalo teve uma espécie de intervenção mágica nos jogadores portugueses, que chegaram a campo e marcaram 5 golos na baliza adversária, como nos conta o Público:

*“Há 44 anos, Liverpool presenciou uma tarde histórica. A tarde de Eusébio e de uma selecção portuguesa capaz de transformar um 0-3 num 5-3 frente à Coreia do Norte.”
(Hugo Daniel Sousa, dia 22, página 2)*

Era um resultado a repetir, pelo menos era o que se pedia. Por isso mesmo o jogo contra a Coreia do Norte teve um gostinho tão especial para os portugueses: pela memória glorificante.

“A Coreia do Norte também é um adversário especial, lembrando a mítica exibição de Eusébio. E é assim no cruzamento destes dois momentos míticos que Portugal decide hoje boa parte do seu futuro no Mundial 2010.” (Hugo Daniel Sousa, dia 21, página 27)

No entanto, é notória uma certa preocupação, em parte pelo tipo de jogo dos Coreanos, muito centrado na defesa, e de acordo com os números, este jogo era uma preocupação:

“É que a selecção portuguesa sente sempre muitas dificuldades face a equipas que jogam muito à defesa” (Hugo Daniel Sousa, dia 20, página 30)

O resultado obtido, porém, teve um gostinho bastante especial para os portugueses, como já verificamos e sentimos. E a recordação do mítico jogo estava tão acesa na memória que o Público considerou que havia ali uma mítica herança nos pés dos jogadores:

“...ninguém atingiu o nível da mítica exibição de Eusébio há 44 anos, mas dois médios (Raul Meireles e Tiago) carregaram bem a herança do “Pantera Negra”.” (Hugo Daniel Sousa, dia 22, página 2)

Por outro lado, Portugal também tem a sua história em más competições e prestações internacionais. Se em 1966 era “uma equipa habituada a ganhar”,

“Em 1986, apurou-se com muitas dificuldades. (...) era uma “selecção pequena”, não passou da primeira fase” (Hugo Daniel Sousa, dia 11, páginas 8e9)

Qual seria agora a prestação dos jogadores portugueses? Era semelhante a de 66 ou à de 86? Esta era uma das preocupações fundamentais do Público, notável a partir da expressão

“Para entrar na história, como os navegadores há 500 anos, a selecção poderá ter no entanto um percurso muito espinhoso.” (Hugo Daniel Sousa, dia 11, páginas 8e9)

Andando um pouco mais na história, chegamos agora ao Euro2004, organizado em Portugal e onde alcançamos um ingrato segundo lugar. O jogo contra Espanha já aqui foi referido, como um desaire espanhol a esquecer. A exaltação deste jogo é notória:

“Aquele dia mudou tudo: 20 de Junho de 2004. Nuno Gomes enganava a sua própria sombra com um remate cruzado que fez a diferença no grupo A: Portugal apurado, a Espanha eliminada...”(Luís Octávio Costa, dia 28, página 21)

Esta vitória lusa deixou um nó na garganta dos espanhóis. Como já referimos, o jogo disputado em 2010 foi como que um ajuste de contas, uma vingança pela tarde de 20 de Junho de 2004. Aqui está a prova:

“A Espanha esperou seis anos por este ajuste de contas. (...)”

“(...)que aquela tarde em Portugal não estava nos planos. ‘La Roja’ tem esse jogo entalado.” (Luís Octávio Costa, dia 28, página 21)

- ***Um país unido pela selecção - um costume português***

Portugal é um país que tem um certo historial na paixão pelo futebol, especialmente quando joga a selecção. Quando joga a selecção não é um dia normal, e é incompreensível quando não nos arranjam um espacinho para ver o jogo, como demonstra o Público, acerca do primeiro jogo da selecção portuguesa na África do Sul:

“A FIFA não teve piedade de nós. Ignorou os fusos horários, ignorou o ranking (...), ignorou o desejo dos portugueses de acabar a tarde numa esplanada, num café, ou até num dos imensos ecrãs gigantes espalhados de norte a sul, e marcou o primeiro jogo de Portugal à hora de expediente.” (dia 16, página 6)

De acordo com o Público, espelhando a ideia de muitos portugueses, a marcação da estreia portuguesa no mundial em dia e hora de expediente foi errado. Mas, como típica característica portuguesa, tudo tem solução:

“Nada que não se resolva, pensou o povo engenhoso. (...) Por isso, faz-se gazeta às aulas, prolonga-se a hora de almoço, mete-se um dia de férias, arranja-se um pretexto para passar na baixa lisboeta....” (dia 16, página 6)

No entanto, houve até quem não tivesse que cometer uma “ilegalidade” para falar às aulas. O Público apresenta o caso de um adepto que, naquele dia, não teve aulas “...por não ser um dia normal”, afinal jogava a selecção. E isto porque

“A selecção é a selecção e uma tarde no Rossio é sempre um momento a não perder.” (dia 16, página 6)

Os jogos da selecção portuguesa foram acompanhados em Portugal por milhares de olhos colados a ecrãs gigantes espalhados pelo país. A união faz a força, e união é o que não falta em Portugal, de acordo com o Público:

“Durante hora e meia, a distância que separa a Cidade do Cabo, na África do Sul, de Coimbra, Porto, Lisboa e de todos os recantos de Portugal onde, ontem à tarde, se viveu o Mundial de olhos colados ao ecrã de televisão, ficou reduzida a nada” (...) estava lotado de portugueses trajados a rigor (...).esteve apinhada de portugueses em registo de festa antecipada.”(Nuno Sousa, dia 22 página 6)

“(...) E voilá, temos a mítica praça a abarrotar.” (dia 16, página 6)

Mas não é só em Portugal que esta união se faz sentir. Por lá, também a equipa considera importante uma coesão entre jogadores, assim como

“...a solidariedade entre os jogadores em campo. Ninguém consegue nada sozinho e a equipa melhorou muito nesse aspecto.”(Hugo Daniel Sousa, dia 27 página 24)

Por lá, também os portugueses africanos compraram um bocadinho de terreno para ver a selecção a actuar, principalmente naquele que prometia ser o maior jogo da fase de grupos: o Portugal - Brasil.

“... os 62.670 lugares que o recinto de Durban pode receber em jogos do Mundial deverão estar cheios de portugueses e brasileiros...” (Hugo Daniel Sousa, dia 25 página 4)

Além disso, o português dá-se bem com toda a gente. E se o futebol é sinónimo de festa, então que venha ela. Se a festa for verde e vermelha, então, ainda melhor:

“...os portugueses misturaram-se com os sul-africanos que gostam de futebol sem olhar a protagonistas para elogiar a selecção (ou Cristiano Ronaldo, em alguns casos)” (Nuno Sousa, dia 22 página 6)

Porém, como a força de um país e a energia de um povo não chegam para vencer adversários, como bom costume português, o Público apresenta desde logo desculpas para o caso de alguma coisa dar para o torto:

“Outro factor que poderá ter peso é o da adaptação a circunstâncias diferentes. Portugal estagiou em altitude na Covilhã (...) depois mudou-se para Magaliesburg, a 1400 metros de altitude (...) e agora terá que jogar ao nível do mar (o que não será complicado, garantem os especialistas), mas provavelmente com chuva, temperaturas mais baixas e um relvado complicado, com a agravante de os jogadores se terem

queixado de algumas dificuldades de adaptação à bola, que tem, naturalmente, efeitos diferentes consoante a altitude e o estado do relvado” (Hugo Daniel Sousa, dia 15 página 2)

Apesar de os especialistas não acharem que a adaptação ao terreno e a altitude sejam um problema para a boa prestação da equipa portuguesa, é melhor prevenir que remediar, como se diz em bom português. Contra factos não há argumentos, e contra factores externos, de natureza incontroável também não há volta a dar. Assim, se alguma coisa correr mal, pelo menos já foi dito porque. Não é só a selecção que tem a culpa.

Capítulo VI - Jornal de Notícias - “O Popular e Emotivo”

O *Jornal de Notícias* (JN) conta já com mais de 100 anos de existência. Na sua página online¹⁴, o JN apresenta-se como jornal de referência com cariz mais popular:

“..um título incontornável no panorama da imprensa portuguesa. Pautando desde sempre pelo rigor da sua informação, o JN é um jornal popular de qualidade que pratica um jornalismo que coloca como protagonista o interesse dos leitores. É também uma referência nos temas locais e é um importante difusor de publicidade...”

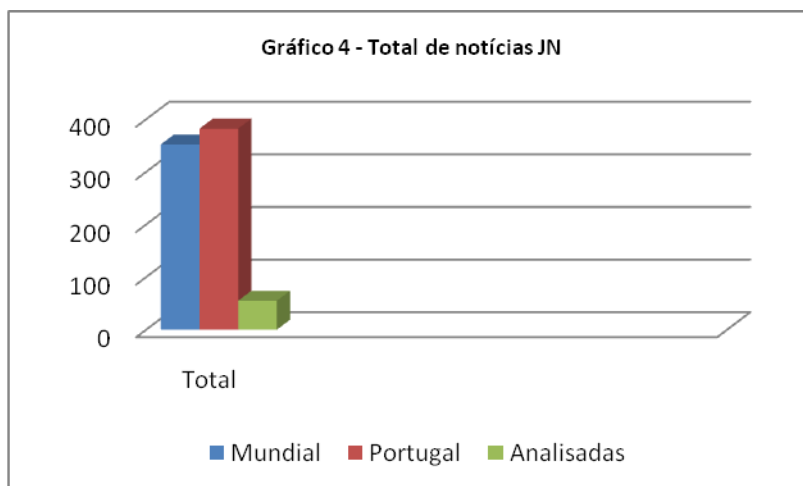
É um dos jornais com maior circulação média (103.666), representando 9,7% da audiência, devido aos seus 731.000 leitores (Silva, 2001:37), sendo que a maior parte dos seus leitores se encontra na zona Norte do País, abrangendo essencialmente os concelhos de Porto, Aveiro e Coimbra.

O *Jornal de Notícias* (JN), é o único dos três analisados que dedica uma parte específica do seu jornal aos textos noticiosos sobre o Mundial de Futebol, criando uma espécie de caderno, que se inicia em média na página 26 do jornal.

6.1. Análise Quantitativa

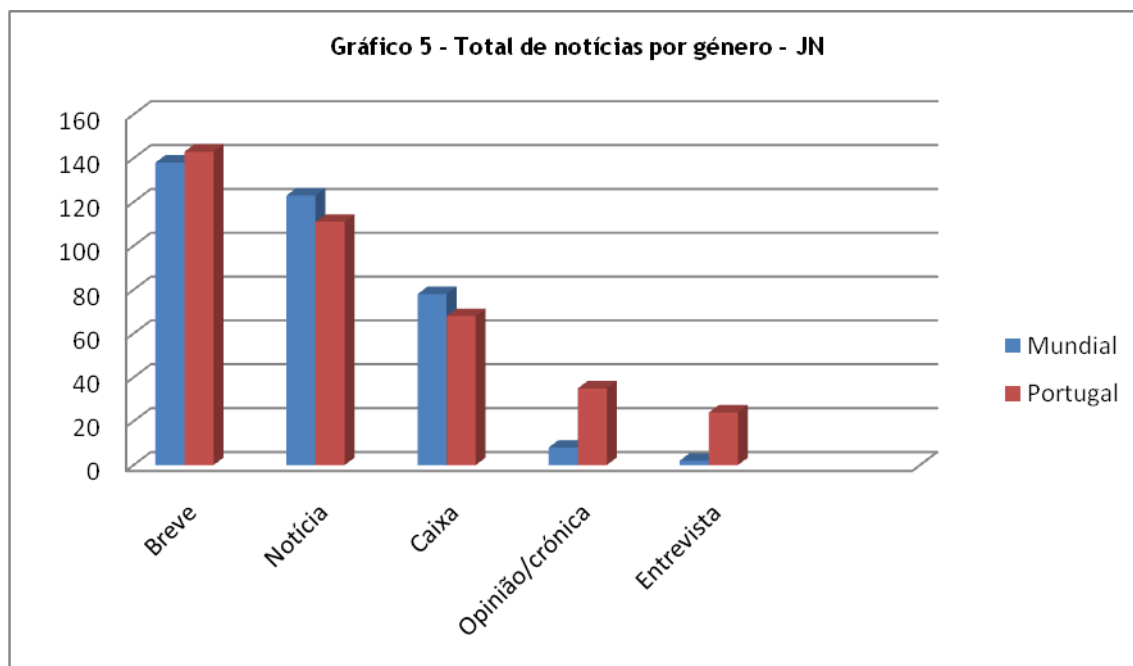
No que diz respeito aos seus aspectos quantitativos, o JN durante 20 dias de análise, apresentou quase 800 notícias sobre o mote do Mundial de Futebol: 352 sobre o Mundial e as suas várias equipas, com informações sobre os jogos, a constituição das equipas, etc., e 382 apenas relativas a Portugal, como podemos verificar no gráfico nºX, relativos ao número de textos noticiosos do JN, assim como os que foram alvo de investigação, dentro dos parâmetros já definidos.

¹⁴ In <http://www.jn.pt/info/quemsomos.aspx>



Tendo em conta que nesta 19ª edição do Campeonato Mundial de Futebol da FIFA participaram 32 selecções, é facilmente verificável que Portugal ganhou mais destaque do que todas as outras selecções, sendo quase similar o número de notícias dedicadas a 31 equipas e o número dedicado apenas a Portugal.

O total de notícias do JN, está dividido da seguinte forma, no que diz respeito ao tipo de texto noticioso:

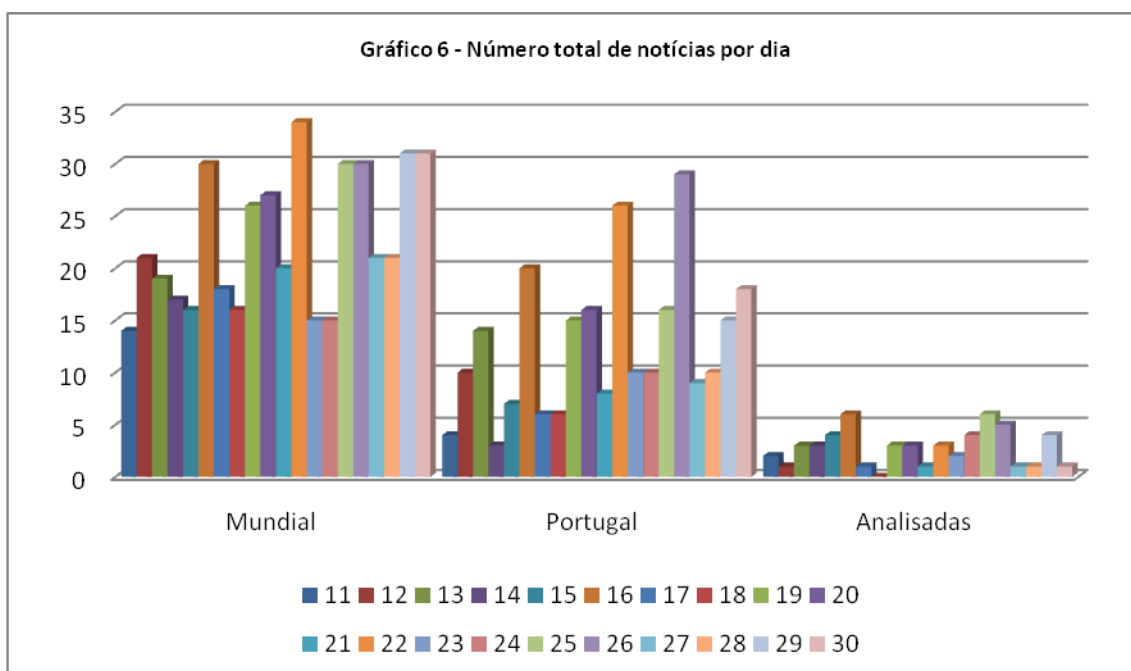


Podemos verificar neste gráfico que o JN dá mais prioridade às breves, apresentando-as em maior número do que as notícias. É um facto curioso que há mais breves sobre Portugal, embora o número de notícias sobre o Mundial seja em maior quantidade. Relativamente às entrevistas, é necessário referir que todos os dias, o JN iniciava o seu

caderno do Mundial com um texto de opinião e uma “*flash-interview*”, aumentando assim consideravelmente o número de entrevistas que se centrem sobre o assunto Portugal.

O mesmo se passa relativamente aos textos de opinião e/ou crónicas. O Jornal de Notícias sendo um jornal mais popular, aposta bastante na emotividade e nas expressões de força, coragem e confiança em Portugal. Dessa forma, é frequente apresentar-nos textos de personalidades famosas dos portugueses (apresentadores de televisão, ex-futebolistas...), com as suas considerações sobre os jogos, o mundial em si, e a fé que depositam na prestação do seu país em campo.

No gráfico seguinte, podemos verificar a importância quantitativa dada por dia a Portugal e as outras equipas do Mundial (a tabela referente encontra-se em anexo)



Ao verificarmos este gráfico, e tendo em atenção apenas os valores relativos a Portugal, poderemos verificar que os dias com mais atenção virada para a selecção Portuguesa foram os dias 16 (20notícias), dia 22 (26 notícias), dia 26 (29 notícias) e no dia 30 de Junho (com 18 notícias). Ora este facto é facilmente explicável, pois vai de acordo com o calendário de jogos da Selecção Nacional de Futebol, como já tivemos oportunidade de verificar com o jornal Público. Mas, recordemo-nos:

15 de Junho - Jogo inaugural contra a Costa do Marfim (0-0)

21 de Junho - Portugal x Coreia do Norte (7-0)

25 de Junho - Final da fase de grupos, Portugal x Brasil (0-0)

29 de Junho - Oitavos-de-final, Portugal x Espanha (0-1)

Ou seja, o maior fluxo noticioso acontece nos dias seguintes aos jogos da selecção nacional. É também interessante verificar o crescimento de notícias tendo em conta o resultado e a importância do jogo. No jogo inaugural estavam depositadas grandes confianças na selecção portuguesa, mas com alguma moderação, porque o adversário era o “*mais forte dos africanos*”, como noticiavam. O resultado nulo não foi de grande interesse para os meios de comunicação social, o que já não aconteceu com o segundo jogo: 7-0! Este facto, foi bastante noticiado, e de acordo com os jornais analisados não só em Portugal, mas foi algo que teve eco em todo o mundo. O jogo com o Brasil mereceu também algum destaque noticioso por duas razões: era a disputa de lugares na fase de grupos, decidindo-se assim quem jogaria com quem e, de acordo com números e rankings, era uma selecção difícil de confrontar. No entanto, o seu resultado nulo foi como que um alívio, ao mesmo que tempo que um martírio, devido ao adversário seguinte de Portugal: “*a temida Espanha*”, como os jornais costumavam designar.

Esta tendência foi também notória nas expressões usadas, como iremos agora verificar, através da análise qualitativa do JN.

6.2. Análise Qualitativa

6.2.1. Destaques de capa

O JN dedicou nas suas páginas sempre uma secção dedicada ao Mundial, que se encontrava a meio do jornal, geralmente com início na página 26, geralmente com a capa dedicada a Portugal e à selecção portuguesa. Só esta formatação especial mostra já a importância que o JN assumiu a esta grande competição internacional.

A nível da primeira página, o JN fez referência à equipa das quinas todos os dias (salvo o primeiro dia do Mundial, dia 11, dedicado apenas à “Festa Africana”), nem que fosse apenas uma pequena referência.

Relativamente então às manchetes, o que mais salta à vista é a questão da defesa da nação e da pátria com um sentido positivo (oito manchetes), a posição central de Portugal e dos portugueses no mundo (sete manchetes) e a união de um país em torno da sua selecção (cinco manchetes).

- **A defesa da pátria:**

A maior parte das chamadas à primeira página que incitem à obrigação da defesa da nação, prendida com a importância e ponderação para a vitória, apresentam-se nos dias antes dos jogos da selecção nacional (com excepção do jogo com Espanha, que coloca Portugal numa posição central do mundo).

Assim, ao fim de cinco dias de competição mundial, no dia a estreia com a Costa do Marfim, o JN considera como destaque:

“Pé direito - selecção estreia-se hoje frente à Costa do Marfim. Ronaldo lidera armada lusitana e faz sonhar Portugal no regresso a África. Queiroz aposta em Danny para entrar a vencer.”

Com o resultado a zeros, o JN apresenta nas suas duas capas do dia 16 (do jornal e do caderno do Mundial), referências a este jogo, entrando já num tom mais negativo, como também verificamos no caso do Público:

“FALSA PARTIDA. “Empate é justo”, confessou Queiroz, que lamentou jogo defensivo da Costa do Marfim.”

“Amigo empata Amigo” - “nulo mantém tudo em aberto na corrida aos oitavos-de-final”.

Destas expressões podemos verificar que o JN não ficou muito satisfeito com a estreia da selecção portuguesa no Mundial, de tal forma que considera que foi uma “falsa partida”. É de notar também, que no entender do JN não foi a prestação da selecção portuguesa que não foi a melhor, impedindo uma vitória, mas sim o facto de a Costa do Marfim ter feito um “jogo defensivo”.

Já no dia 21 de Junho, no dia do segundo jogo da selecção portuguesa frente à Coreia do Norte, nota-se desde logo a pendência para a vitória portuguesa, com ou sem a ajuda do melhor jogador do mundo:

“Queiroz quer Portugal a ganhar com ou sem golos de Ronaldo.”

Verificámos já que o facto do jogo contra a Coreia do Norte se disputar na Cidade do Cabo, deixou os portugueses com um sentimento de passado glorioso presente:

“Boa esperança - Portugal joga hoje com a Coreia do Norte e ganha novo ânimo com a derrota da Costa do Marfim. Tiago rende lesionado Deco.”

O JN dá a entender que tudo está bem: temos um “novo ânimo”, substitutos para jogadores lesionados, jogamos na cidade do Cabo da Boa Esperança, tão conhecida dos portugueses. O resultado do jogo por sete bolas a zero, levantou a moral dos portugueses, como já tivemos oportunidade de verificar. A propósito deste jogo, o JN lançou como manchetes do dia 22 de Junho:

“Queiroz revolucionou o onze e Portugal goleou a Coreia do Norte.”

“7 razões para a goleada”

A segunda manchete serviu de mote para grande parte das notícias do caderno do Mundial. As razões para a goleada mostravam uma equipa forte, coesa, com experiência, uma equipa unida.

No dia 25 de Junho, dia de duelo lusófono, o JN escreve nas suas capas:

“Carlos Queiroz garante que o objectivo é vencer o Brasil mas ‘não desdenharia um empate’”

“...um empate basta para carimbar o apuramento, mas uma vitória terá outro sabor.”

Estas duas manchetes mostram essencialmente a mesma realidade: uma vitória será recebida de bom grado, mas um empate já chega para cumprir os objectivos. O desfecho da partida deu em igualdade, como já é de nosso conhecimento; não obstante, esse empate frente ao Brasil levantou também a moral dos portugueses. A selecção estava nos oitavos-de-final, e parecia que nada nem ninguém a poderia travar. O JN mostra esse sentimento, escrevendo no dia 26:

“QUE VENHA A ESPANHA - Ronaldo - “O Mundial vai começa a sério agora. É tempo de mata-mata”.”

Esta manchete mostra claramente a confiança que o JN depositava na selecção portuguesa. Para ajudar nesta confiança, o dia 27 dá como destaque a importância de Ronaldo, jogador do Real Madrid, indicando que ele é adorado pelos espanhóis, mas se “ele” derrotar a Espanha, então, temos o caldo entornado:

“DEUS E DIABO . Ronaldo é adorado em Madrid, mas passará a ser odiado, se eliminar a Espanha.”

A antítese e a metonímia usadas para descrever Cristiano Ronaldo são detentoras da confiança depositada no capitão da equipa das quinas. Mas, Ronaldo não se tornou o “Diabo espanhol”. Ainda sobre o jogo hispânico, utilizando a metáfora da família, o JN alimenta a confiança dos portugueses através de dados estatísticos, indicando, no destaque do dia 28 que

“Seleção portuguesa não sabe o que é perder com “nuestros hermanos “ nas grandes competições.”

Mas a confiança e a fé na equipa portuguesa não foram suficientes para a vitória lusa. A derrota da selecção portuguesa frente aos espanhóis fez com o JN, no dia 30 de Junho, chamasse para as suas capas:

“...extraordinária exibição de Eduardo não evita derrota em Espanha (1-0). Críticas a Queiroz no final do jogo.”
“Desilusão”

É dado um claro destaque ao guarda-redes da selecção nacional, que, apesar de tudo, não conseguiu “evitar” a derrota da sua equipa. Não são precisas grandes palavras para descrever aquilo que o JN considerou que este jogo, no seu total, representou: uma “desilusão”.

- **Posição central no mundo**

A posição de Portugal e dos portugueses vista como central é, a par da defesa da pátria e da nação, uma categoria que serve muitas vezes para levantar a moral do país. A propósito desta categoria, o JN começava por escrever logo no dia 14, as considerações e as ambições de Cristiano Ronaldo para este mundial, onde é visível que, por ser um dos melhores do mundo, tem que mostrar isso mesmo no mundial:

“Quero explodir neste mundial”.

“...está confiante, diz que os golos vão aparecer com naturalidade e quer ser o melhor jogador do Mundial”

Destes destaques, podemos distinguir o desejo de “explodir”, mostrando que de facto a sua prestação neste mundial vai ser positiva, aliada ao facto de os golos surgirem com “naturalidade”, o que significa que não é necessário grande esforço para que isso aconteça, mostrando assim, que é o melhor jogador do mundo, e que merece o epíteto de melhor jogador do mundial - o que por si só mostra confiança na equipa; para ser o melhor de uma competição era necessário que se mantivesse nela até ao fim (ou quase).

Outra modalidade que mostra a posição central do futebol português prende-se com a comparação a grandes equipas, como é o caso do Brasil. Deste modo, sendo um jogo esperado e aguardado, com a esperança de ser um dos melhores na fase de grupos, o JN mostra esta tendência de grandiosidade, no dia 24 de Junho, dando-nos a conhecer os montantes que alguns adeptos estão dispostos a pagar para assistir ao “grande jogo”.

“...bilhetes para o Portugal - Brasil vendem-se a 1200 euros na candonga.”

“Candonga - Há quem pague 1200 euros por um bilhete para o jogo de amanhã, em Durban, entre Portugal e o Brasil.”

A referência ao mercado negro dos bilhetes pode mostrar que, de facto, há pessoas capazes de tudo para conseguir um bilhete para este grande jogo.

À semelhança do que aconteceu no já analisado destaque do dia 26, em que o JN mostra um positivismo fervoroso depois do empate com o Brasil, também nesta categoria de

posicionamento no mundo encontramos esse positivismo, como podemos verificar com o destaque, também do dia 26:

“NAS ASAS DA ESPERANÇA- Selecção mostra ambição, põe Brasil em sentido e segue para os oitavos-de-final.”

A esperança, forte presença portuguesa, é aqui notória, aliada aos jogos já feitos pela selecção, que no entender do JN mostrou “*ambição*”, seguindo assim “*em sentido*” na continuação da prova. A nível do jogo com Espanha, apesar de se notarem algumas preocupações, o JN mostra no seu destaque do dia 29, que:

“Cristiano e Villa são trunfos para hoje.”

“Queiroz promete o melhor Portugal de sempre no jogo com a Espanha.”

A utilização de jogadores como trunfos mostra a sua posição no mundo. Tanto Ronaldo como Villa são considerados bons jogadores, e por isso mesmo são magnates: para mostrar ao mundo que tanto uma selecção como outra tem bons jogadores.

Verificamos no Público a confiança barrada com o “medo” da selecção espanhola. O JN também é da mesma opinião, por isso mesmo existe a consciência de que para bater o adversário, é necessário “o melhor Portugal de sempre”.

- **A união faz a força**

Tivemos oportunidade de verificar com o Público que a união dos portugueses em torno de um jogo da selecção é algo considerada como normal. Para o JN esta união tem ainda mais importância, pois chama-a a destaque cinco vezes. Começando logo pelo primeiro jogo da selecção, apresentando assim no dia 15 a frase:

“A nossa hora”

Esta hora refere-se a todos os portugueses, a todos os fãs da selecção portuguesa de futebol, que estariam prontos para ver a sua equipa entrar em acção. A par deste destaque, encontra-mos mais dois referentes à união de um povo, em torno da televisão ou no estádio, para ver jogar a selecção. Um no dia 25, dia do Portugal - Brasil, e um outro no dia 27, dia do duelo ibérico.

“Um país inteiro a SONHAR”

“PALMAS DE OURO - Jogadores rendidos aos 4 mil adeptos que assistiram ao treino da selecção”

Mas não é só a união do povo que interessa. Essa característica é também importante dentro da própria equipa. Por isso mesmo, o JN dedicou dois destaques a atitudes e comportamentos da equipa que mostravam a união entre si.

“Aplaudido após pedir desculpa - Deco explicou-se aos companheiros e a Carlos Queiroz em pleno relvado. Salva de palmas selou acto de contrição.” - destaque dia 18
“Ronaldo foi escolhido como homo do jogo mas entregou troféu a Tiago” - destaque dia 22

O primeiro destaque diz respeito a alguns contratemplos no seio da selecção portuguesa, com declarações a imprensa por parte de jogadores que não foram vistas com bons olhos. Já o segundo, diz respeito ao jogo contra a Coreia do Norte, onde a medalha de melhor jogador foi entregue a Ronaldo, mas este, por sua vez, não se considerou merecedor desse galardão, entregando-o assim a outro jogador da equipa. Uma prova que dentro da selecção portuguesa, o respeito, a confiança e a humildade estão presentes nos jogadores.

A nível dos aspectos negativos no que concerne à união, não significa necessariamente que exista uma má opinião, mas sim, vai de encontro à ideia que a união é para os bons e para os maus momentos. O JN chamou a atenção para este facto no dia 30 de Junho, quando Portugal se despediu do mundial de Futebol, escrevendo:

“O rosto da nossa tristeza”

“Golo de David Villa travou o sonho lusitano em Portugal.”

É notória a união nos maus momentos, comprovado pela metonímia do povo português: “a nossa tristeza”, “o sonho lusitano”, indicando que não foi só a selecção portuguesa que saiu e se despediu do mundial de futebol, mas sim todo o povo português.

• Símbolos

A utilização de símbolos é útil para a memória colectiva da identidade de uma nação; além disso, os símbolos:

“...são signos em que, não havendo uma relação de semelhança ou de contiguidade, há uma relação convencional entre representante e representado. (...) A relação simbólica é intencional, isto é, o simbolizado é uma classe de objectos definida por propriedades idênticas” (Fidalgo et al 2005:21)

Significa isto que os símbolos representam para aqueles que o vêem, uma ligação emocional ou convencional do que os próprios símbolos representam. A nível da utilização de símbolos nos destaques do JN, encontra-mos, em primeiro lugar, o destaque dado no dia 13 de Junho:

“O ESTILO DO PROFESSOR - Carlos Queiroz distingue-se em quase tudo de Luiz Felipe Scolari. Entre muitas diferenças, está a escolha dos hinos da equipa: trocou Roberto Leal pelos Black Eyed Peas “

O hino das equipas será assim um símbolo, representação da equipa nacional, que pela sua escolha irão transmitir força, confiança. Por exemplo, o hino escolhido para a selecção portuguesa no mundial 2010, era da banda norte americana Black Eyed Peas, com a música “I Got a Feeling” - que poderemos mesmo traduzir para “eu tenho um feeling”, ou seja, uma sensação, um sentimento, neste caso, que a selecção iria chegar longe.

No dia 22 de Junho, depois do jogo contra a Coreia do Norte, o JN lançou um destaque recorrendo a simbologia do número sete, número de golos que a selecção portuguesa marcou neste jogo. Pela sua conotação mística e misteriosa ligada a perfeição, o JN chamou para a sua capa:

“7:um número perfeito”

Por fim, no dia 26 de Junho, o JN escreve uma declaração de Queiroz, referindo que:

“Começamos de fato-macaco e saímos de smoking”.

Esta simbologia associada ao vestuário, simboliza uma boa prestação da equipa, mostrando a modéstia com que entraram na competição (fato-macaco), e a evolução, que no entender do seleccionador se tem feito sentir, exibindo as qualidades da selecção portuguesa de futebol (smoking).

- **O passado aqui ao lado**

As referências ao passado em chamadas de destaque do JN não se referem ao passado dos descobrimentos ou ao mundial de 1966, como no caso do Público. O passado, no caso dos destaques do Jornal de Notícias, remonta para um pretérito recente, nomeadamente ao Euro2004, quando Portugal derrotou a Espanha. Num primeiro caso, depositando confiança na selecção portuguesa na sua medição de forças com Espanha, o JN mostra um certo positivismo e preferência na vitória portuguesa, pressupondo já uma vitória, prevendo que Ronaldo, se derrotasse a Espanha passaria a ser “odiado”, como aconteceu das duas vezes que Portugal derrotou Inglaterra, onde Ronaldo jogava. A esse propósito escreve o JN:

“Quando jogava no Manchester United, afastou a Inglaterra por duas vezes”

“Importam-se e repetir? Portugal nunca perdeu com Espanha em jogos a doer” - destaque dia 28

“Uma tradição para manter” - destaque dia 28

É fácil verificar que o JN apostava numa tendência lusa para a vitória, elevando as suas expectativas.

6.2.2. Antetítulos, títulos e Superleads - *O exército português*

15

A questão da defesa do país, da nação, está muitas vezes analogamente associada à guerra. Já verificamos essa analogia no Público e, como iremos agora verificar, também o JN faz uso dessa metáfora para se referir aos jogos da selecção portuguesa de futebol.

Ao referirem-se à estreia da selecção portuguesa no Mundial de Futebol da África do Sul, no dia 15 de Junho, o Jornal de Notícias refere que:

“Quinas entram hoje em cena, à procura de novo sucesso com vista para o Índico.”

“Sem espaço para errar - Queiroz quer vencer desde o início e sente que a selecção vai “orgulhar” portugueses”

À semelhança do Público, o Jornal de Notícias também escolheu as palavras de Carlos Queiroz para titular as suas notícias - sem espaço para errar - mostrando desde logo a importância de uma vitória nos primórdios de uma competição de envergadura internacional. Salienta-se também a questão do “orgulhar” portugueses, mostrando uma forte ligação à defesa da pátria e aos seus habitantes. É a sua imagem que está em jogo.

Com o empate alcançado no primeiro jogo, é interessante verificar a atribuição de acções que o Jornal de Notícias faz, recorrendo ao título:

“Marfinenses fizeram muito trabalho de casa para bloquear portugueses” - dia 16

Ora, não foi a selecção que jogou melhor ou pior, que teve melhor ou pior prestação, mas sim a equipa adversária que trabalhou muito para “bloquear os portugueses”, parecendo indicar que a culpa não foi nossa. No entanto, o uso do verbo “bloquear” mostra desde logo algum descrédito na equipa portuguesa, indicando que ela não foi capaz de agir.

Empates à parte, era necessário começar a olhar para o futuro e encará-lo com confiança. O JN realça desde logo essa questão indicando, no dia 21, que

“Vitória sobre a Coreia do Norte colocará Portugal a um ponto dos oitavos-de-final.”

É patente a importância da vitória. Esta fez-se adivinhar e, se no dia anterior ao jogo, a presença de Portugal na fase seguinte do mundial era ainda envolta em incertezas, depois do jogo, então, já era praticamente uma certeza inquestionável:

“Portugal já olha para possíveis adversários nos oitavos-de-final”

¹⁵ Título da notícia do dia 11, página 32

Com a barriga cheia de golos, o Jornal de Notícias louva o jogo português contra os norte-coreanos, apontando a vitória portuguesa como uma das melhores (se não a melhor) na sua história:

“Portugal nunca tinha conseguido um resultado tão volumoso numa fase final.”

“Revolução de Carlos Queiroz resultou e Portugal a arrasar norte-coreanos”

Relativamente ao segundo título, podemos realçar a questão da “revolução”, como mudanças necessárias à equipa que deram frutos, e o facto de a selecção portuguesa ter “arrasado” os norte-coreanos. A sorte de uns é a desgraça dos outros já se sabe; e se, em Portugal, os sete golos foram recebidos com agrado, minuto após minuto (quase), para os norte-coreanos deve ter sido mesmo um martírio. Principalmente pela sua situação político-social. Mas, voltando ao mundial, e agora com os títulos referentes ao terceiro jogo de Portugal, contra o Brasil. O último encontro com esta equipa não tinha sido favorável aos portugueses, não obstante, o JN faz questão de o recordar, para indicar que desde esse dia, a equipa portuguesa está mais forte, mas capaz:

“...depois da goleada (6-2) sofrida com o Brasil, em 2008, a equipa das quinas nunca mais perdeu e apenas sofreu três golos em 18 partidas.”

“Nunca mais perdeu”, parece mesmo mostrar a importância da equipa, levantando a moral, indicando quase que a derrota contra o Brasil foi um “abre olhos” português; que desde aí, a equipa tem obtido bons resultados. A referência a números complementa esta ideia, particularmente indicando que nos últimos dois anos (até a data do jogo), a selecção portuguesa disputou mais 18 jogos, tendo um saldo de golos sofridos muito reduzido: “apenas três”. Os bons resultados são propícios à confiança e à crença na selecção.

Seguindo esta ordem de ideias, nas vésperas do confronto ibérico, o Jornal de Notícias recorre novamente a questões passadas, onde a prestação da equipa portuguesa dá frutos:

“Quando é a sério, selecção portuguesa sabe como travar a armada espanhola.”

Ou seja, se a competição não for a sério, os resultados da equipa das quinas não são os mais favoráveis, por outro lado, quando uma vitória é essencial, a selecção portuguesa dá o seu melhor, conseguindo “travar a armada espanhola”.

Uma das mais-valias para a crença e para a fé na equipa portuguesa chama-se Cristiano Ronaldo: o melhor jogador do mundo, temido pelos adversários da equipa lusa, pela magia que carrega nos pés. Relativamente ao jogo contra o Brasil, numa entrevista a Lúcio, jogador da selecção canarina, este indica que Cristiano não é grande preocupação, mas que a sua equipa vai fazer os possíveis para diminuir, ou mesmo aniquilar, o seu estrelato, como nos mostra este título:

“Defesa lúcio aposta no colectivo para anular o craque português”

Mas de facto não foram necessários grandes esforços para “anular o craque português”; o jogo contra os brasileiros acabou com um empate a zeros, mas, apesar disso:

“Portugal confirma apuramento”

É notória a confiança que o JN deposita na selecção portuguesa. O acto de “confirmar” pressupõe que antes essa ideia já teria sido posta, e como o próprio Jornal de Notícias escreveu: “não passa pela cabeça de ninguém que as quinas não avancem para os oitavos-de-final”

- **Lado negativo**

No que toca às expressões negativas sobre a defesa do país, elas dizem sobretudo respeito a considerações futuras, antes dos jogos, mostrando a tal obrigatoriedade de vitória (na maior parte dos casos), ou o caminho difícil que se terá pela frente para cumprir esse objectivo.

Numa primeira referência, sobre o jogo contra o Brasil, o Jornal de notícias desabafa que o jogo não é pêra doce:

“Brasil - Portugal vai ser um jogo muito duro”

É notória a preocupação contra a equipa brasileira, uma das favoritas ao título de campeã mundial, e a que mais títulos desta envergadura alcançou. Depois do jogo com o Brasil, onde se disputaria o adversário seguinte das duas equipas, o Jornal de Notícias escreve um título bastante inquietado, relativamente ao adversário que calhou em sorte aos portugueses:

“La Roja”, a encomenda lusa - Oitavos-de-final - “Brasil A” joga com o Chile e entrega presente envenenado ao “Brasil B”

A expressão “a encomenda” tem um carácter bastante pejorativo, sendo utilizado na linguagem comum como uma má sorte, ou algo que não é nada de bom de ter acontecido. Associando esta “encomenda” como um “presente envenenado” mostra-se claramente a preocupação patente com o próximo adversário português.

Além das preocupações com as equipas no seu todo, o Jornal de Notícias mostra também a sua preocupação com a possível ausência de alguns jogadores lusos nos jogos do mundial. A primeira preocupação foi relativa a Deco:

“Portugal em alerta com lesão de Deco - médio tem problema numa anca, mas deve recuperar a tempo.”

Novamente a metonímia da nação relativa ao povo português: *“Portugal em alerta”*, mostrando a inquietação da possível ausência de um jogador da categoria de Deco, importante para o bom funcionamento da equipa. Um segundo frenesim em torno de possíveis ausências dizia respeito ao capitão da equipa portuguesa, não por lesão, mas por disciplina.

“FIFA não atende ao pedido de despenalização do capitão - Ronaldo obrigado a portar-se bem com a Coreia.”

Neste segundo caso, a preocupação era maior. Por isso mesmo o capitão estava “obrigado” a não cometer faltas, pois mais uma ditaria a sua ausência num futuro jogo, neste caso, contra o Brasil.

Um outro aspecto que mereceu as críticas do Jornal de Notícias dizia respeito aos resultados alcançados nos jogos da selecção portuguesa. Em primeiro lugar, relativamente ao jogo inaugural, que à semelhança do Público, também no JN foi considerado um jogo sem classe, como é verificável no seguinte título:

“Pena mínima bem aplicada - Sem imaginação nem arte, equipa das quinas empata com a Costa do Marfim.”

Com um resultado igual mas com circunstâncias diferentes, também o jogo contra o Brasil foi alvo de críticas, embora muito menos severas e negativas que o jogo citado anteriormente. A propósito deste jogo, escreve o Jornal de Notícias:

“...num jogo de rendimento mínimo e proveito máximo”

É visível que o resultado não foi merecedor de alegrias, mas dadas as circunstâncias, onde uma vitória já não era crucial, o excerto deste título apresenta-se como um misto de negativismo e positivismo. Por um lado, um “jogo de rendimento mínimo”, indicando que a partida da lusofonia, apesar de ter sido um dos jogos mais aguardados da fase de grupos, não chegou para elevar os ânimos lusos. Por outro lado, o “proveito máximo”, pois estavam cumpridos os objectivos de Portugal: não perder e passar à fase seguinte.

Por fim, o último jogo da selecção no mundial: o duelo ibérico. Reforçando a ideia de descontentamento e decepção, o Jornal de Notícias resolveu titular a sua notícia da mesma forma que tituló o seu caderno do Mundial: “Desilusão”

Fica patente que, de facto, a última prestação lusa no mundial 2010 não foi de agrado geral para os portugueses.

- **Portugal - um país central**

Dentro desta categoria, não foram encontradas expressões que associassem Portugal a uma posição mediana ou periférica; pelo contrário, todas as expressões colocam Portugal como um país central e importante. A começar pela distribuição dos jogadores da selecção nacional, mostrando que Portugal é um país aberto e globalizado, à semelhança dos países mais desenvolvidos. No dia 11 de Junho, o Jornal de Notícias apresenta uma notícia sobre a globalização do futebol, sobre a possibilidade de naturalizações e pela abertura ao mundo, deixando de lado um nacionalismo étnico e cívico:

“Uma selecção de Portugal e do Mundo - Das 32 equipas, a nacional é a que tem mais futebolistas nascidos em países diferentes - Das 32 selecções do Mundial, Portugal é a que tem mais jogadores nascidos em mais países distintos. Ao todo estão distribuídos por cinco nações.”

Dentro das capacidades de naturalização e aceitação de pessoas nascidas em países diferentes, o Jornal de Notícias faz referência à importância do futebol português, como passagem de muitos jogadores internacionalmente conhecidos, nomeadamente brasileiros, indicando assim que Portugal é quase uma paragem obrigatória no caminho do sucesso:

“Portugal traz sucesso a jogadores brasileiros”

Por outro lado, a situação inversa (jogadores portugueses a passarem pelo Brasil) não se verifica. Mas como toda a regra tem uma excepção, o Jornal de Notícias apresenta casos portugueses de sucesso no Brasil, onde podemos destacar o título

“Peres foi campeão no Vasco - Portugueses no Brasil”

Ou seja, se por um lado a viagem Portugal - Brasil rumo ao sucesso não se faz sentir, por outro lado, quando se faz, faz-se bem. Como é o caso do jogador citado, Fernando Peres, que prestou os seus serviços nos anos 70 a dois clubes brasileiros importantes: o Vasco da Gama e o Sport Recife.

Continuando com as referências sobre os dois países irmãos, destaca-se a importância deste encontro. Como já verificamos na análise relativa aos destaques de capa, o jogo entre portugueses e brasileiros era bastante esperado. Novamente o Jornal de Notícias utiliza a chamada de destaque, para título das suas notícias; desta vez, sobre o preço dos bilhetes que os adeptos estavam dispostos a pagar para ver as duas selecções se defrontarem:

“Portugal - Brasil: preço dos bilhetes para amanhã já atingiu os 1200 euros na candonga.”

Ainda sobre estas duas equipas, destaca-se também a opinião dos jogadores, nomeadamente a de Júlio César, guarda-redes da equipa brasileira, referindo-se ao capitão da equipa das quinas. Na opinião deste jogador, Ronaldo é melhor jogador do que Drogba, como é notório no título seguinte:

“Guarda-redes Júlio César prefere português ao marfinense - ‘Ronaldo é mais completo que Drogba’”

Mas não só os jogadores portugueses que chamam à atenção além fronteiras. Maradona, indiscutível figura mundial do mundo do futebol, actual seleccionador da equipa argentina, reconhece as capacidades de liderança do mais mediático treinador de futebol: José Mourinho. Tanto, que admite que a sua ajuda poderá ser preciosa na gestão da sua equipa, como podemos verificar no seguinte título:

“‘El Pibe’ revela que poderá pedir conselhos ao português - Diego Maradona diz adorar José Mourinho”

Apesar deste título entrar no campo emocional, e não ter muita relevância para a competição, é notória a importância para a imagem central de Portugal, quanto mais não seja pelo facto de Diego Maradona reconhecer mérito do treinador português.

Resta-nos agora verificar a opinião do Jornal de Notícias sobre os jogos da selecção nacional. Em primeiro lugar as considerações sobre a goleada portuguesa frente à Coreia do Norte, que o JN achou por bem nomear de

“O inesquecível conto dos sete”

Além de remeter para o mundo da ficção (“o conto”), o Jornal de Notícias considera que este jogo em particular, irá fazer parte da história como uma das partidas mais fantásticas, considerando-a como “inesquecível”.

Por fim, os desejos para o primeiro jogo dos oitavos-de-final, último da selecção portuguesa. À semelhança do Público, também o JN considera que para “bater a Espanha” é necessário:

“O melhor de sempre - Seleccionado Carlos Queiroz quer um Portugal topo de gama”

Ou seja, tanto o Público como o JN consideram que para jogar contra Espanha é necessário uma equipa melhor do que tinha sido até agora, era necessário o melhor Portugal, o tal que vem de smoking.

- **O passado inspirador**

Uma das categorias que mais se destaca nas entradas noticiosas do Jornal de Notícias é a referência ao passado. Começando pelo passado mais remoto, é possível encontrarmos títulos como

“Cidade da Boa Esperança - Porto do Mundo - Portugal joga na cidade do cruzamento de culturas”

“Vasco da Gama chamou-lhe Natal”

Optei por juntar estes dois títulos por serem ambos referentes às cidades onde Portugal iria disputar os seus encontros e, porque em ambos os casos, o Jornal de Notícias decidiu-se por referir a importância do povo português para estas cidades. No primeiro exemplo, a referência remonta à época dos descobrimentos, quando Bartolomeu Dias, dobrando o Cabo das Tormentas, o renomeou de Cabo da Boa Esperança.

Já o segundo título diz respeito à cidade de Durban, cidade de infância de Fernando Pessoa, descoberta por Vasco da Gama no dia de natal do ano de 1497, onde Portugal e Brasil iriam disputar o primeiro e segundo lugar da fase de grupos.

Num país que diz tanto sentimentalmente aos portugueses, é fácil compreender a sua utilização e referência nas notícias. No entanto, a nível dos jogos portugueses, a memória que se fazia recordar, pelo menos a nível dos títulos, dizia toda respeito a uma história mais recente. Por exemplo, relativamente ao jogo com a Coreia do Norte, o Jornal de Notícias referindo-se ao jogo disputado em 1966, pede a selecção nacional que “Sigam a história”, remetendo para a importância da vitória e pressagiando já a que iria acontecer. E da mesma forma que o jogo contra a Coreia no mundial de 1966 entrou para a história, também o jogo em 2010, nas considerações do Jornal de Notícias foi uma “Goleada para a história”.

Aquando do duelo ibérico, o Jornal de notícias indica que “o passado favorece a equipa das quinas”, como indicação de força e coragem para a equipa portuguesa. Também aqui o JN relembra a caminhada de Ronaldo em terras de Sua Majestade, quando passou a ser “malquerido” em Inglaterra, por ter contribuído para a saída prematura da selecção inglesa tanto do Euro 2004 como no Mundial de 2008. A este propósito o Jornal de Notícias refere:

“Extremo eliminou duas vezes a Inglaterra quando era jogador do United. Segue-se a Espanha... do Real Madrid”

Assim como na chamada de capa referente ao mesmo assunto, o Jornal de Notícias deposita uma clara confiança na vitória lusa contra a selecção espanhola. Por outro lado, o mesmo jogo contra a vizinha Espanha revelou alguns momentos menos gloriosos para a equipa portuguesa. Apesar dos últimos duelos ibéricos terem dado vantagem à equipa lusa, em 2010 as equipas não eram as mesmas. Por isso mesmo o Jornal de Notícias considera que para conseguir enfrentar este jogo é necessário “Pedir por favor à história”, numa clara

manifestação de hesitação perante este jogo, onde, para além disto era também fundamental adaptar a história à realidade:

“Agora, é só ajustar o futebol à realidade”

Mas a equipa portuguesa não foi capaz de adaptar o seu futebol à realidade, não pediu por favor a história e despediu-se do mundial de futebol numa fase inicial. E como há sempre uma primeira vez para tudo, o Jornal de Notícias escreve que:

“Portugal nunca se tinha despedido nesta fase.”

• União - Comunhão

As referências nos títulos e superleads do Jornal de Notícias que remetam para uma união dizem quase todas respeito à reunião de adeptos para ver a selecção nacional jogar, salvo a referência de ligação entre Portugal e Brasil, onde o JN considera que *“A bola une o que o oceano separa”*.

Mas atentemos as referências de adeptos para assistir aos jogos da equipa das quinas. Referindo-se ao jogo inaugural, o JN indica que chegou *“A Hora de Portugal”*, recorrendo mais uma vez a metonímia da nação associada a equipa da selecção. Além disso, como já verificamos, este jogo foi detentor de grandes manifestações de esperança para o lado português, referindo-se este título a esse mesmo sentimento, à confiança de que Portugal iria entrar em campo e no Mundial a brilhar.

Aliás, um facto curioso é que todos os outros títulos respeitantes à união de portugueses em volta de um televisor foram feitos no mesmo dia, 16 de Junho, dia seguinte ao jogo da estreia da selecção. Percorrendo todo o país o Jornal de Notícias refere que

“Aliados enchem para ver jogar a selecção Nacional”

“País parou para ver estreia da selecção em África”.

O típico português gosta de acompanhar um bom jogo de futebol com alguma coisa para levar à boca, por isso mesmo, e tendo em conta a hora a que foi exibido o jogo, o Jornal de Notícias mistura as suas notícias com estas duas referências: a união do povo para ver um jogo e a união à volta de uma mesa. A esse propósito apresenta-nos dois títulos bastante reveladores desta característica portuguesa:

“Na sede do União ganhou a galinha moçambicana - Portugueses desapontados com empate alimentaram as mágoas ao “almoço” na sede do União Portuguesa, em Joanesburgo. Frio obrigou muitos emigrantes a ver o jogo em casa.”

“Sofrer por Portugal à mesa oitenta e cinco personalidades viram o jogo da selecção com a Costa do Marfim no restaurante DOP na Ribeira do Porto”

Alimentar as mágoas comendo, eis um típico costume português. Falando de hábitos culturais portugueses, nomeadamente de culinária, retáira-mos j o mote para uma das categorias que também foi utilizada pelo Jornal de Notícias para titular as suas notícias.

- **Símbolos, hábitos e cultura**

Não perdendo o fio à meada, podemos já referir um título que mostra este hábito cultural aliado à arte de bem comer. No dia 15 de Junho, o Jornal de Notícias apresenta-nos um título que remete para este costume:

“Sabores -conheça os portugueses que enchem o prato da selecção na África do Sul”

Uma referência à cozinha portuguesa, pois é uma notícia sobre os desejos alimentares da selecção portuguesa, como teremos oportunidade de verificar mais à frente.

Além das referências culinárias, o Jornal de Notícias faz também referência nos seus títulos a um dos símbolos máximos de uma nação: a bandeira. De acordo com o JN as bandeiras portuguesas por terras do mundial eram das mais vendidas, pura lógica de mercado, como referem numa das suas notícias que iremos analisar mais adiante.

“Bandeiras portuguesas muito procuradas.”

Este título remete para a ideia dos portugueses espalhados pelo mundo, assim como para os fãs que a selecção nacional tem. Quanto mais não seja, pelo seu capitão: o ambicionado Ronaldo.

“Um talismã chamado Ronaldo”

A referência a Ronaldo como um símbolo de boa sorte, como um talismã, encaminha a tese do futebol visto como religião e para sua essência mística. De acordo com o dicionário da língua portuguesa da Porto Editora um talismã é um “objecto que se supõe ter poderes sobrenaturais; um amuleto”. Ora, mais uma referência àquilo que podemos chamar de “Síndrome Ronaldo” - uma adoração extrema e uma excessiva confiança no jogador.

Um dos epítetos que segue Ronaldo é o da beleza, o que pelos vistos, assenta na maior parte da equipa, de acordo com o JN, que recorreu a duas cabeleireiras sul-africanas para avaliarem a estética da selecção. Na opinião destas profissionais capilares, os jogadores da selecção estão bem servidos de beleza, aliás, consideram que “Se o Campeonato do Mundo fosse um concurso de beleza, então, o ceptro viajaria para Portugal.”. Mas falemos de títulos:

Campeões do salão - Visual - cabeleireiras de Magaliesburg falam sobre os penteados da selecção

Outra notícia que recorreu ao uso de referências culturais portuguesas dizia respeito às mães dos jogadores luso-brasileiros que iriam defender Portugal contra o seu país de nascimento:

“Quando o samba vira fado”

Este título é uma prova clara que nem sempre o país que nos vê nascer é aqueles que consideramos como casa. Para superlead deste título, o Jornal de Notícias escolheu

“Mães dos luso-brasileiros vão torcer por Portugal contra o Brasil”

Ora, este superlead remete-nos para ideia e para a metáfora da família. Em especial pelos países que engloba: Portugal e Brasil. O JN considera mesmo estes dois países como irmão, referindo no seu título, no dia seguinte ao jogo da lusofonia que Portugal e Brasil são

“Irmãos que brigam mas não se magoam”

Uma clara evidência ao jogo que, não correspondendo às grandes expectativas que lhe rondavam, acabou por ser um jogo que marcou pelas faltas, e também pela capacidade das duas equipas não se terem prejudicado uma a outra, alcançando um nulo, mas ambas com um passe para os oitavos-de-final.

- **A pátria como casa - A “Casa Portuguesa”**

Esta é a última categoria de análise a nível dos títulos e antetítulos do Jornal de Notícias, em parte, por terem sido poucas as suas referências. A metáfora da pátria como casa é usada no JN essencialmente com dois sentidos: um positivo, levando os seus leitores a reconhecerem um pouco o seu país ao longo das notícias e, um negativo, associado sempre como o “regresso a casa”, sinónimo de tristeza e desilusão. A este propósito, surge-nos um primeiro título referente a Nani, que de acordo com o JN, ficou com um sonho desfeito por não ter tido a oportunidade de continuar na África do Sul devido a uma lesão.

“Extremo do Manchester United deixou o hotel da selecção rumo a Portugal - Nani regressa a casa com o coração partido” - dia 13, página 30

A emotividade deste título prende-se com a continuação da notícia, toda ela muito afectiva e com recurso a sentimentos. Mas para já não nos interessa falar do conteúdo da notícia, pois teremos oportunidade de a analisar mais a frente, caso se justifique.

As outras metáforas da casa, associadas à nação, são positivas, fazendo o povo português ver um pouco do seu país nas páginas do jornal. Por exemplo, o título seguinte:

“De Belém ao Rio Douro” - dia 15, página 30

Ao lermos estas palavras associamo-las de imediato a um mapa português, ao território português. No entanto, elas dizem respeito a estabelecimentos comerciais de

proprietários portugueses, que longe de casa, decidiram ter um pouco do seu país mais perto de si.

6.2.3. Expressões no texto

Tratando-se o mundial de futebol da mais importante competição internacional deste desporto, é compreensível que, aquilo a que o Jornal de Notícias dedique mais importância seja à questão da defesa da nação, a obrigação de ganhar.

De modo a obter uma análise mais fácil, as expressões seguintes apresentam-se por ordem cronológica, pois assim, poderemos verificar se existe alguma evolução a nível das considerações sobre os jogos, assim como se a importância de ganhar jogos vai tendo algum crescimento.

O dia 15 de Junho foi o “Dia D” para Portugal: era o dia de estreia no mundial e já verificamos a importância deste jogo para o Jornal de Notícias, que titulou a sua notícia como “A nossa hora”. Como que querendo salientar a sua crença na equipa portuguesa, o JN escreve que o seleccionador nacional:

“...realçou a determinação de derrotar hoje a Costa do Marfim(...)” - (Vitor Santos dia 15 página 28)

Como tal, dá as provas desta mesma determinação portuguesa para a vitória, suportando-se em declarações do seleccionador sobre a equipa portuguesa, que desde logo, mostram também a confiança de Queiroz no seu trabalho e na sua equipa:

“Já acabou o tempo de preparação. Chegou a altura de jogar”

“...jogadores com muita de vontade de fazer o melhor por Portugal” - (Declarações de Carlos Queiroz dia 15 página 28)

O melhor por Portugal, entenda-se, é ganhar um jogo, e entrar a vencer e a conquistar o mundo. Nas páginas acima verificamos a importância que o Jornal de Notícias deposita na opinião dos adeptos e apoiantes da equipa portuguesa. Além de se suportarem também em dados estatísticos, o JN faz algumas “pesquisas de mercado”, analisando os sites de apostas, para verificar quem é o favorito neste primeiro jogo. E as apostas apontam quase todas para Portugal:

“(...) é mais provável que Portugal ganhe do que um triunfo africano ou mesmo um empate.”- (Rui Miguel Melo, dia 15 página 33)

Mais uma prova da preferência lusa pelo mundo, mais um alicerce para a confiança e moral portuguesas.

O resultado, já temos conhecimento, foi a zeros: não obstante, o Jornal de Notícias considera que este resultado, não afectou a confiança dos portugueses, quando refere que:

“...nem a igualdade final ou a exibição pouco apagada dos jogadores nacionais parecer abalado a confiança lusitana no sucesso do Mundial.” (Nuno Cerqueira, dia 16 página 39)

Ou seja, para o JN a exibição portuguesa foi um “pouco apagada”, mas, para os adeptos, este jogo não mostra nada. Aliás, a propósito deste desfecho são comuns as referências ao Euro 2004, em que Portugal entrou a perder mas chegou à final. Por isso mesmo, na opinião dos adeptos, a equipa das quinas tem possibilidades reais de vencer os seus adversários:

“E venha a Coreia do Norte e o Brasil.” - (Nuno Cerqueira, dia 16 página 39)

E quando o calendário se aproximava do segundo jogo da selecção portuguesa, o Jornal de Notícias depositava toda a sua confiança na equipa das quinas, referindo até que:

“Será difícil encontrar explicações para outro desfecho que não seja uma vitória.” (Vitor Santos, dia 21 página 31)

O dia 22 de Junho foi propício para manifestações de nacionalismo positivo, para elogios e louvores à selecção nacional. Num jogo de futebol o objectivo é marcar golos e, por conseguinte, não os sofrer. E era nesta situação que Portugal se encontrava já há algum tempo, o que, para o JN era um facto bastante merecedor de elogios e aplausos:

“A maior virtude está na forma como fecha os caminhos da baliza. Portugal não sofre golos em jogos oficiais, há 678 minutos (7partidas) (...). E, a cada minuto que passa, o registo tem mais valor, uma vez que é recorde, a melhor série de Portugal com as redes fechadas.” (Vitor Santos, dia 22 página 29)

E se por um lado a equipa das quinas esteve este tempo todo sem sofrer um golo, o jogo contra a Coreia do Norte foi um “festival” para a outra parte: a dos marcar. E a esse propósito, o Jornal de Notícias, além de dedicar duas páginas para a mesma notícia, mostrando assim a euforia e a exaltação que este jogo proporcionou, acrescenta ainda:

*“Vitória histórica das quinas, ontem, na Cidade do Cabo. A Coreia do Norte foi atropelada, por 7-0, e Portugal reencontrou-se com as grandes exibições. Ainda falta um jogo da fase de grupos, com o Brasil, mas os oitavos-de-final já estão à vista.”
“Portugal só descansou ao sétimo golo. E porque a partida estava mesmo a terminar. Ontem, as quinas seguiram o caminho da arte e foram felizes. Marcaram como nunca e deram espectáculo. (...)Tanta vontade de atacar, tamanha capacidade para jogar*

bonito, só pode ser o resultado de uma mudança na formação psicológica dos jogadores, capaz de libertar amarras e rasgar as velas rumo ao triunfo. Aquele Portugal medroso e inquietante, que defrontou a Costa do Marfim, ficou em Port Elizabeth. Na cidade do Cabo, tudo foi diferente.” (Vitor Santos, dia 22, páginas 30 e 31)

Este discurso é claramente positivo, essencialmente a segunda referência. Na primeira, assume-se desde logo a grandiosidade desta vitória, prevendo que ela ficará para a história, e indicando que Portugal voltou às “grandes exibições”. Aliás, uma das maiores referências para este jogo foi o que sucedera com as mesmas equipas 44 anos antes, no mundial de 1966. O louvor e a exaltação à equipa das quinas é notório: “*deram espectáculo*”, “*tanta vontade de atacar*”, “*capacidade para jogar bonito*”, assim como a “injecção de moral” já referida acerca deste jogo, “*rasgar as velas rumo ao triunfo*” - referência ao passado glorioso dos portugueses, aos descobrimentos. Para completar a ideia de “jogo espectacular”, e apesar dos poucos dias de vida do mundial, o JN escreve:

“Porque, de facto, este foi o duelo mais espectacular que a África do Sul assistiu desde a abertura do torneio. (Vitor Santos, dia 22, páginas 30 e 31)

No dia seguinte continuam as referências ao jogo com a Coreia, agora com mais vontade de acreditar e com uma esperança cada vez maior de cumprir o objectivo de chegar à final, por isso mesmo, era já absurdo pensar que Portugal não iria sequer passar da fase de grupos:

“As mexidas de Carlos Queiroz produziram um efeito tão positivo e acentuado que a equipa passou de um aparente depressão profunda para um estado de euforia que dificilmente alguém poderia esperar. Após uma goleada histórica o trabalho do seleccionador começa a centrar-se melhor na forma de gerir o grupo, uma vez que não passa pela cabeça de ninguém que as quinas não avancem para os oitavos-de-final (...)” (Vitor Santos, dia 23 página 29)

Os dias passavam e chegava a altura do terceiro jogo da fase de grupos, onde se decidiriam os primeiros e segundos lugares do Grupo G. O jogo Portugal - Brasil apresentava algumas considerações preocupantes, dada a importância da equipa brasileira. Mas Portugal tinha um ponto a seu favor: uma defesa sólida e firme, composta por bons jogadores. Por isso mesmo, o Brasil poderia ser um dos favoritos ao título mundial, e o saldo dos jogos entre estas duas equipas poderiam não dar a melhor posição à equipa das quinas,

“...mas a realidade é que Portugal apresenta um registo bem mais consistente em termos defensivos.” (Vitor Santos dia 24 página 28)

O jogo contra o Brasil não mereceu mais manifestos nacionalistas referentes à importância e crucialidade de uma vitória, até porque esta já não interessava muito; Portugal

já se encontrava apurado para a fase seguinte, o que fez com que este jogo tivesse um ânimo mais leve que os restantes.

Alcançado um segundo lugar na fase de grupos, a equipa nacional teria agora que defrontar a equipa vencedora do grupo H: Espanha. A este propósito, iniciam-se as considerações e levantamentos de questões importantes que mostrassem o poderio português, levando o seu povo a acreditar nas hipóteses de um bom jogo e de uma continuação no mundial.

“Começemos pela objectividade da estatística: os Navegadores são culpados pela maior goleada da primeira fase (7-0); são, a par da Argentina, o ataque mais letal (...); e partilham, com o Uruguai, o pódio da melhor defesa da prova.” (Pedro Ivo Carvalho dia 26 página 29)

A comparação com outras equipas consideradas grandes, como é o caso da Argentina, sustentam a importância da equipa das quinas; por outro lado, a “objectividade da estatística” é um forte apoio no sustento de um equipa capaz e forte. Toda a notícia apresentada no dia 29, na página 26, refere-se a números e estatísticas. Aliás como escreve o jornalista “se os números bastassem para nos amparamos (...) então o mais provável era Portugal continuar a subir este Mundial a pulso”.

Já no dia 29, dia do esperado jogo contra Espanha, o apoio a números continua patente, assim como a referência a jogos anteriores. Apresentando resultados de jogos anteriores com o vizinho luso, o Jornal de Notícias apresenta-nos um dado interessante:

“Mas o domínio de “La Roja” está em queda livre, com a afirmação da equipa das quinas, que só perdeu um dos últimos dez duelos. (...) Tudo mudou com a entrada na segunda metade do século XX. De então até aos nossos dias o saldo é favorável a Portugal. São quatro vitórias, contra duas dos espanhóis, sendo que a equipa das quinas não perdeu nenhuma das partidas oficiais.” (Adriano Rocha dia 29 página 33)

Ou seja, a equipa das quinas esta mais forte, sendo capaz de aguentar a campeão europeia, até porque, desde os anos 50, mais ou menos, que a selecção portuguesa “não perdeu nenhuma das partidas oficiais” com Espanha.

Para testemunhar que a equipa das quinas tinha hipóteses, o Jornal de Notícias apresenta-nos uma notícia com as considerações de espanhóis a viverem em Portugal. O facto interessante desta notícia é que das quatro pessoas entrevistadas, três tinham um discurso politicamente correcto: “estou dividido”, “que ganhe o melhor”, “fico feliz com qualquer uma”; o quarto entrevistado é o único que se destaca, e por isso mesmo foi escolhido para o fim da notícia, apresentando-nos no último parágrafo:

“Orgulhosamente galego, Manolo Bello não esconde o desejo em ver Portugal derrotar a Espanha”. (Sara Oliveira, dia 29 página 37)

A derrota de Portugal frente a Espanha foi uma chapada de luva branca na confiança portuguesa. Foi o fim o campeonato, foi o fim de um sonho. Em jeito de conclusão, o Jornal de Notícias apresenta-nos um resumo da participação portuguesa no mundial de futebol da África do Sul, onde é notória que, apesar do desfecho da selecção, a sua participação foi boa:

“A caminhada lusitana foi pragmática. Não começamos com o pé direito, frente a uma batalhadora Costa do Marfim. Nulo. Voltámos a empatar sem golos, mas agora com o general Brasil. E, quando nos calhou em sorte a Coreia do Norte - e pelo menos esse gostinho ficará, talvez só esse - protagonizámos a maior goleada da prova até ao momento. Fomos ditadores.” (Pedro Ivo Carvalho, dia 30 página 29)

- **As críticas**

A defesa da nação e os resultados obtidos pela selecção, nem sempre são alvo de comentários positivos e de louvores. Pelo contrário, quando é necessário há as críticas negativas, a consideração que a equipa não deu a sua melhor prestação nos pressupostos de defesa da nação.

Irei fazer novamente um levantamento destas expressões por ordem cronológica, de modo a ser mais acessível a sua análise e, por conseguinte, as suas elações.

No jogo contra a Costa do Marfim *“potencialmente decisivo nas contas para o apuramento”*¹⁶, existia a sensação que não havia *‘espaço para errar’*¹⁷, mostrando uma clarividente necessidade de vitória que, como sabemos não foi alcançada. O jogo com a equipa africana, como já verificamos, foi alvo de algumas críticas, como podemos também aferir através desta passagem:

“Mau? Talvez não... bom? Nem pensar. O seleccionador nacional, Carlos Queiroz, não conseguiu o que queria: entrar a vencer para embalar Portugal rumo aos oitavos-de-final.” (Vitor Santos, dia 16 página 30)

Podemos verificar que este jogo deixou uma amargura nos jornalistas do Jornal de Notícias, não só devido ao resultado alcançado, mas também pela fraca prestação da equipa nacional na sua estreia no mundial. Outro aspecto a realçar é o facto de ter sido o seleccionador que não conseguiu os seus objectivos, mostrando algumas críticas ao seu estilo de gerência da equipa nacional.

Associado a este mau resultado, alguns desentendimentos entre jogadores e o seleccionador, marcaram a primeira semana do mundial português. Desta forma, no entender do Jornal de Notícias, a segunda partida da selecção nacional seria uma resposta a todos estes problemas, e apenas uma vitória poderia acalmar os ânimos na selecção:

¹⁶ Vitor Santos, dia 13 página 30

¹⁷ Declarações de Carlos Queiroz, dia 13 página 30

“Primeiro Nani, agora Deco, ambos criticaram decisões de Carlos Queiroz, ambos fizeram marcha atrás. As declarações dos jogadores foram corrigidas por comunicados, mas parece que algo não vai bem no seio da selecção”

“...apenas um triunfo, na segunda-feira, poderá ajudar a esquecer duas semanas problemáticas em África. O seleccionador também colocou água na fervura, após o treino: ‘No fim, o sofrimento vai compensar’”. (Vitor Santos, dia 17 página 29)

Estas declarações mostram claramente que o ambiente da selecção na África do Sul não era o melhor, marcado por desentendimentos e desacatos. A primeira afirmação diz respeito, então, aos tais problemas do *diz-que-disse* que marcaram a equipa das quinas. Em parte pela não concordância com algumas decisões do seleccionador. Já a segunda afirmação mostra claramente que uma vitória poderá por uma pedra nos assuntos que vinham a preocupar a selecção. É notória também a confiança do seleccionador, ao referir que *‘No fim, o sofrimento vai compensar’*.

O problema destes desacatos dentro da equipa nacional é que não é só no balneário ou no hotel que eles vêm a tona. Também a prestação da equipa será afectada, fazendo com que a união da equipa não transpareça. No entender do Jornal de Notícias, o jogo de estreia da selecção nacional provocou um sentimento de desapontamento:

“As horas que se seguiram ao jogo com a Costa do Marfim foram de grande frustração (...).No plano geral, ninguém gostou do resultado ou da exibição. Quando a partida terminou, os marfinenses ficaram no relvado, em círculo. Pelo contrário, os portugueses saíram cabisbaixos. Conclusão: a equipa de Eriksson, supostamente afundada em problemas de indisciplina, deu um sinal de união, em contraste com os portugueses.” (Vitor Santos dia 17 página 29)

Desta forma, compreende-se o sentimento que o Jornal de Notícias associa ao jogo contra a Coreia do Norte, onde era capital uma vitória. Só um triunfo no segundo jogo poderia então deixar para trás as cores cinzentas que pareciam acompanhar a selecção nacional:

“Após um arranque cinzento frente aos marfinenses, a selecção, se cumprir a obrigação de despachar a Coreia do Norte, pode começar a sorrir.”

“Portugal tem mesmo obrigação de vencer” (Vitor Santos, dia 21, página 31)

É necessário termos em atenção as figuras de estilo aqui presentes: por um lado a personificação dada á selecção, que só mediante uma vitória poderá “sorrir”, o que mostra claramente esta tensão que se fazia sentir no seio da equipa nacional. Por outro lado, novamente uma metonímia: já não é a selecção que tem que ganhar, mas sim, Portugal. Outro facto interessante é a necessidade de “despachar” a Coreia, acentuando ainda mais a ideia de que uma vitória era essencial.

Se a defesa portuguesa era alvo de elogios e louvores para o Jornal de Notícias, por outro lado, o ataque estava cada vez mais a sofrer um descrédito. E mesmo depois da

goleada, era necessário referir que só naquele jogo, a selecção conseguiu tornar o seu ataque mais letal:

“...mas o percurso recente do conjunto de Queiroz não espanta apenas pela capacidade finalizadora. Aliás, essa vertente só apareceu ontem.” (Vitor Santos, dia 22 página 29)

Defende-se então que o ataque português andava como que adormecido, e que os jogadores não maravilhavam “*pela capacidade finalizadora*”. A utilização dos advérbios “aliás” e “só”, juntos na mesma oração, mostram o descrédito que, por um lado, o Jornal de Notícias fazia da selecção portuguesa.

Mas o jogo contra a Coreia tinha passado e o apuramento para os oitavos-de-final era quase certo. Mas ainda faltava o jogo contra o Brasil “*um dos grandes candidatos à conquista do título mundial*”¹⁸. E além deste favoritismo ao título, existiam ainda os números, as estatísticas:

“Depois do desafio de Brasília, a canarinha disputou mais partidas do que o seleccionado de Queiroz, mas sofreu 15 golos. É certo que também marcou 53, contra os 34 de Portugal em 18 encontros.” (Vitor Santos, dia 24 página 28)

Já é de nosso conhecimento, também, que o jogo entre os dois irmãos lusófonos não primou pelo espectáculo e pelo bom futebol, nem sequer pelos golos. Primou sim, por algumas faltas e por um jogo que não era nada do que se esperava. No entender do Jornal de Notícias, Portugal e Brasil

“...brigaram muito, discutiram todos os pedacinhos de terreno, com entradas duras à mistura, mas nunca se magoaram.” (Vitor Santos, dia 26 página 30)

Discutidos os lugares na fase de grupos, chegava agora a hora de Portugal defrontar o seu arqui-rival espanhol. Desde logo, as elações que, não era com a equipa que se tinha jogado até agora que se ia lá, prendido com a obrigatoriedade de uma vitória para segurar a continuação em prova:

“Tentar ser ‘o melhor Portugal de sempre’ é a missão proposta. ‘O que fizemos até aqui não chega para vencer a Espanha’.” (declarações de Carlos Queiroz dia 29, página 30)

“Portugal terá de vencer a Espanha”. (Vitor Santos, dia 29, página 30)

E a juntar as preocupações com a equipa, que teria que ter uma prestação muito melhor do que a mostrada até agora, novamente os números e os rankings:

¹⁸ Vitor Santos, dia 24 página 28.

“Jogámos com a selecção líder do ranking mundial [Brasil] e agora vemos defrontar o segundo [Espanha].” (Vitor Santos, dia 29, página 30)

“O saldo dos confrontos entre as selecções de Portugal e Espanha é claramente favorável ao país vizinho”. (Adriano Rocha, dia 29, página 33).

À semelhança do Público, também o JN mostrou alguma tendenciosidade negativa para este duelo ibérico, contrastando igualmente com algum positivismo, como verificamos anteriormente. Mas quis a sorte, ou o azar, que a selecção portuguesa não passasse à fase seguinte, sendo o jogo contra Espanha, o último em solo africano.

- **União do país**

O Jornal de Notícias, pela sua característica mais popular, apostou bastante em mostrar nas suas páginas que o país estava unido em torno da selecção, fazendo várias vezes referência a esta ligação sentimental entre o povo e o futebol, referindo quer o apoio em Portugal, quer o apoio espalhado pelo mundo.

A nível da união do país podemos destacar duas subcategorias: uma relativa aos jogos, onde a reunião é a palavra de ordem, e uma outra, relativa à crença na selecção portuguesa, expressa por palavras de confiança,

Relativamente à primeira subcategoria, encontramos várias passagens que expressam esse sentimento de força e união, nomeadamente nas edições posteriores aos jogos da selecção, em que o Jornal de Notícias apostava em fazer um apanhado das cidades mais importantes de Portugal, onde os jogos tinham uma grande audiência. Desta forma, encontram-se as seguintes expressões:

“A Avenida dos Aliados (...) encheu com centenas de pessoas para apoiar a selecção portuguesa.” (Ana Esteves, dia 16 página 38)

“Portugal (...) parou para ver e torcer pela selecção nacional. (...) envolvidos por uma moldura humana em tudo semelhante à que preencheu as bancadas do estádio.” (Nuno Cerqueira, dia 16 página 39)

“Três mil bracarenses centraram-se na Praça da República, para puxar, à distância, pelos “Navegadores da Boa Esperança” (Nuno Cerqueira, dia 16 página 39)

“Durante 90 minutos, milhões cantaram a uma só voz ‘Portugal, Portugal, Portugal’” (Nuno Cerqueira, dia 16 página 39)

“Um país inteiro unido num grande “Força Portugal”. (...) Do Porto à Cidade do Cabo distam quase nove mil quilómetros, mas a força dos portugueses chega daqui à África do Sul.” (Luís Pedro Carvalho, dia 21 páginas 36 e 37)

“Aliados com centenas em euforia.” (Ana Esteves, dia 22 página 36)

Podem-se destacar as seguintes palavras destas frases: *“centenas de pessoas para apoiar”, “para ver e torcer pela selecção”, “três mil juntam-se para puxar à distância pelos navegadores da Boa Esperança”, “milhões cantavam a uma só voz” “um país inteiro unido”, “a força dos portugueses”*. Todas elas mostram claramente que os portugueses consideram que os jogos da selecção são motivo de união e de reunião, como forma de mostrar força e carinho pela selecção nacional.

Mas não foi só em Portugal que este apoio se fez sentir, até porque, como afirma o Jornal de Notícias

“Em cada país onde a presença portuguesa deixou marcas e criou raízes, as pessoas uniram-se no apoio à equipa das quinas.” (dia 16, página 39)

“As quinas também têm forte apoio na África do Sul” (Vitor Santos, dia 15 pagina 27)

E por lá, os portugueses emigrados fizeram questão de se juntar para dar apoio à selecção, ignorando o frio e o mau tempo que pelos lados africanos se fazia sentir, como nos provam as seguintes expressões:

“Almoço juntou meia centena de portugueses na sede do União Portuguesa, em Joanesburgo. O frio que se fez sentir na cidade não os afastou do convívio.”

“...o salão principal do clube desportivo não encheu, mas as cerca de cinco dezenas de portugueses que ignoraram o frio africano...”(Pedro Ivo Carvalho, dia 16 página 34)

Houve ainda quem tivesse oportunidade de ir ver jogar a selecção com os seus próprios olhos ao estádio. O jogo com mais adeptos foi o Portugal - Brasil, onde já verificamos que a procura de bilhetes teve uma grande saída. E os bilhetes vendidos de véspera têm uma explicação:

“...a lotação para o encontro de amanhã já tinha esgotado há cerca de quatro meses e meio. (...). A explicação para tanta procura é simples: para lá do facto de o Brasil puxar sempre muitos adeptos (...), a presença de uma forte comunidade portuguesa na África do Sul (...) fez aumentar a procura.” (Pedro Ivo Carvalho, dia 24 página 27).

Já no que diz respeito à segunda subcategoria, relativa às palavras de esperança e confiança na selecção, podemos destacar as declarações de antigos jogadores, que falam em nome da equipa e dos portugueses. Nomeadamente:

“Tenho a expectativa que vamos fazer uma boa campanha, que é o desejo de todos os portugueses” (Declarações de Luís Figo dia 14 página 35)

“Vamos fazer um grande Mundial” (Declarações de Pauleta, dia 14 página 35)

E notório que os antigos jogadores continuam a ser exemplo de confiança para os portugueses. A utilização dos seus desejos no Jornal de Notícias, embalam-nos para a próxima categoria de análise: a referência ao passado.

- **Referência ao passado**

Ainda tendo em conta as declarações de Figo e Pauleta como palavras de confiança para a actual selecção portuguesa, podemos verificar o porque da sua utilização:

“Luís Figo e Pedro Pauleta puxaram dos galões de ex-jogadores experimentados da selecção portuguesa para passar uma mensagem aos colegas” (Pedro Ivo Carvalho, dia 14 página 35)

Ora, tudo em nome da experiência dos antigos jogadores, mostrando a sua distinção. Como mais velhos, mais sabedoria adquiriram, e pelas participações em campeonatos internacionais, tinham uma palavra a dizer, uma inspiração a dar à equipa das quinas.

As referências ao passado, quer do mais remoto quer do mais recente, tem as suas principais menções nos dias antes ou nos próprios dias dos jogos da selecção portuguesa. Relativamente ao jogo de estreia da selecção nacional, destacam-se as alusões à época dos descobrimentos, devido à cidade onde decorria o encontro: Port Elizabeth:

“O explorador Bartolomeu Dias foi, em 1488, o primeiro a pisar o extenso areal de Port Elizabeth.” (Vitor Santos, dia 15 página 27)

O segundo jogo da selecção portuguesa, já sabemos, é o que mais referências históricas contem: quer pelo palco, a Cidade do Cabo, remetendo para a época dos descobrimentos, quer pela repetição esperada, remetendo para o mundial de 1966. A esse propósito o Jornal de Notícias escreve que neste jogo, a 21 de Junho de 2010, a história estaria do lado de Portugal. Em primeiro lugar, porque

“...o enquadramento histórico-sentimental pode servir de inspiração.” (Vitor Santos, dia 21 página 31)

Em segundo lugar, por toda a história por trás de um Portugal - Coreia do Norte, assente na memória dos jogos mais fantásticos da história portuguesa de futebol. Misturando os séculos e a história, o Jornal de Notícias apresenta-nos os factores que faziam adivinhar uma vitória portuguesa:

“A tradição está do lado de Portugal. No mundial de 1966, a armada de Otto Glória derrotou os coreanos por 5-3, depois de ter estado a perder 3-0, um duelo com lugar

de destaque na galeria dos mais espectaculares da história da competição. E quando se fala de história, não se poderia desejar melhor local para o conjunto de Carlos Queiroz disputar uma partida tão importante. A Cidade do Cabo é um ponto transcendental da aventura dos Descobrimentos. O Cabo da Boa-Esperança (...) representava, no século XV, a fronteira do desconhecido, pejada de perigos e estórias de gigantes (...). Quando Bartolomeu Dias, em 1488, dobrou o também chamado Cabo das Tormentas, os portugueses rasgaram fronteiras rumo às riquezas das Índias. Desta vez, uma vitória colocará Portugal na rota dos oitavos-de-final.” (Vitor Santos, dia 21 página 31)

E a vitória foi conseguida, assim como o apuramento para os oitavos-de-final. Ainda não estava garantido, é certo, mas o número de golos marcados neste jogo oferecia grande vantagem. Os sete golos marcados contra a Coreia do Norte, relembavam o jogo de 1966, não pelo resultado mas sim pela prestação, e pela capacidade de a equipa afirmar que, quando é necessário, conseguem.

“Porém, estava escrito que voltariamos a deixar os rapazes asiáticos de olhos em bico. Depois daquela histórica reviravolta, no Mundial de 1966, o conto dos sete à Coreia do Norte, na Cidade do Cabo, há-de perdurar no tempo.” (Vitor Santos, dia 22 páginas 30 e 31).

Relativamente ao jogo com o Brasil, novamente referência ao histórico mundial de 1966, assim como o recurso numérico. É certo que o saldo Brasil - Portugal não é o mais favorável para os lusitanos, mas como refere o Jornal de Notícias:

“Será o Brasil a besta-negra da selecção portuguesa? Aparentemente, não, até porque no último encontro oficial entre as duas selecções Portugal levou a melhor, no mundial de 1966, vencendo por 3-1.” (Vitor Santos, dia 24 página 28)

E se a história favorece a equipa das quinas, é necessário ter fé e confiança nela. Até porque

“A história não ia fazer-nos essa desfeita.” (Pedro Ivo Carvalho dia 26 página 29)

A desfeita refere-se ao saldo positivo em competições oficiais contra o Brasil. Por fim, o jogo contra Espanha. À semelhança do Público, as referências históricas a estes países centenários, não vai mais além do que alguns anos atrás, recordando o Euro2004.

“A história recente oferece uma confortável almofada psicológica às quinas. Quem não se lembra do Europeu de 2004? Portugal precisava de vencer a Espanha para se manter em prova, no derradeiro encontro da fase de grupos.” (Vitor Santos, dia 28 página 27)

A almofada psicológica não nos confortou, pelo contrário, passou a ser um duro e pesado chão. Desta vez, Portugal também precisava de vencer a Espanha para se manter em prova, mas não o conseguiu, provando ou comprovando a superioridade espanhola.

- **Posição no mundo**

Central vs. Periférica

Começemos pelo início, novamente, com o jogo contra a Costa do Marfim. Primeiro, a história: se já triunfamos em Port Elizabeth alguns séculos atrás, por a termos descoberto, agora, procurávamos um novo triunfo, a nível desportivo:

“Seis séculos depois, a equipa nacional procura, também, inscrever o nome no estádio (...), como a primeira selecção do Velho Continente a festejar um triunfo no Nelson Mandela Bay Stadium, em duelos oficiais” (Vitor Santos, dia 15 página 27).

Esta citação coloca Portugal numa posição central, em primeiro lugar pela referência histórica, em segundo, pela busca de um lugar ao sol. Conseguindo ali uma vitória, seríamos a primeira equipa do “Velho Continente” a fazê-lo, garantindo assim, uma posição e um lugar de destaque.

Ainda sobre a Costa do Marfim, agora respeitante à confiança além fronteiras depositada em Portugal. Já aqui referimos a importância que o Jornal de Notícias deposita na opinião de adeptos e apoiantes da selecção portuguesa. Mais uma prova:

“O triunfo de Portugal sobre a Costa do Marfim (...) domina os sítios online de apostas.” (Rui Miguel Melo, dia 15 página 33).

Andemos para a frente no calendário, agora, relativamente ao jogo contra a Coreia do Norte e à vitória alcançada pela equipa portuguesa:

“A chapa 7 aplicada ontem, no Estádio Green Point, na Cidade do Cabo, à Coreia do Norte, é a maior goleada conseguida pela selecção nacional na fase final de uma grande competição. Uma goleada para a história...”
“A vitória gorda alcançada na Cidade do Cabo entrou para o top das maiores de sempre em Mundiais” (Vitor Santos dia 22 página 29)

Atentemos às expressões usadas para caracterizar a gorda vitória portuguesa: “a maior goleada”, “uma goleada para a história”, “top das maiores de sempre”. Ora, é fácil verificar que esta vitória portuguesa, além de ter dado moral, serviu para projectar a imagem de Portugal no mundo, com as atenções voltadas para o pequeno país à beira-mar plantado. Por isso mesmo, de acordo com o Jornal de Notícias:

“O futebol bonito, a audácia e empenho colocados em campo deixaram os adeptos dos quatro cantos do mundo rendidos a Portugal.” 23:29

E esta vitória, não só colocou às miras da atenção voltadas para Portugal, como serviu para pôr um bocadinho de medo a equipa brasileira.

“...assustou ‘um pouco’, os canarinhos. ‘Eles pensavam que iam ganhar facilmente, mas agora ‘botaram’ um pezinho atrás na sua confiança.” (Rui Farinha dia 25 página 34)

“O futebol português chega perto do brasileiro tecnicamente. (...)A expectativa à volta da selecção é grande. Eles tiveram uma grande vitória. Todo o mundo viu que é uma selecção forte.” (Declarações de Luisão, dia 24 página 30)

A técnica aliada à força formam uma boa equipa, disso ninguém duvida. Por isso mesmo, no dia 13 de Junho, em entrevista a Rodrigo Paiva, chefe de comunicação da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), este declara que o Brasil veio para terras africanas com o objectivo de ganhar. Mas, nas crenças do Jornal de Notícias, antes de o Brasil chegar a final, tem algumas partidas importantes para disputar:

“Mas antes do fim, ainda há o princípio e nesse princípio há um jogo com Portugal” (Pedro Ivo Carvalho, dia 13 página 32)

Por isso mesmo, o jogo contra Portugal não se adivinhava uma brincadeira de crianças até porque, Portugal e Brasil, “são duas das melhores selecções”¹⁹.

Além disso, são equipas irmãs, onde além de uma ligação linguística e histórica, existe também uma ligação de ajuda e projecção futebolística, como tão amargamente nota o Jornal de Notícias:

“Ao longo dos anos, o futebol português transformou-se numa espécie de ponte que muitos jogadores do Brasil tiveram de atravessar para chegarem aos melhores campeonatos europeus (...).” (Nuno A. Amaral, dia 25 página 38)

Por fim, o jogo contra Espanha. Primeiro, as diferenças entre os dois futebolis:

“As diferenças entre o futebol português e espanhol são brutais. Tanto no plano financeiro como social. E não só. Na última época jogaram 16 portugueses na 1ª divisão espanhola. E quantos espanhóis jogaram em Portugal? Apenas três.” (Norberto A. Lopes, dia 29 página 34).

¹⁹ Pedro Ivo Carvalho, dia 13 página 32.

Esta frase é bastante negativa. Por um lado, Portugal tem bons jogadores mas eles não jogam em Portugal. Mostra assim uma certa descrença no futebol português. Como se ele não fosse bom, oferecendo uma clara preferência ao espanhol. Talvez por isso apenas três espanhóis tenham escolhido este lado para trabalhar. Além do mais, dos 16 portugueses que representam equipas espanholas, sete deles iriam defrontar o país onde trabalham. Por isso mesmo,

“...os sete portugueses da Liga Espanhola têm algo mais a provar na Cidade do Cabo.”
(Vitor Santos dia 27 página 29)

Tem a provar que Portugal tem bom futebol, que a selecção portuguesa é uma boa equipa, e que a equipa está ali para ganhar, como demonstram as declarações de Carlos Queiroz:

“O torneio está a correr bem, mas todos querem chegar mais longe.” (Declarações de Carlos Queiroz dia 29 página 30)

Mas não chegamos. E a mágoa deste jogo está presente no Jornal de Notícias.

“Fim. O Portugal invicto e calculista transformou-se no Portugal perdido, esbracejante, sem alma. Fomos Portugal até onde soubemos, mas Espanha foi campeã europeia durante 90 minutos. Encantou-nos com um meio campo mágico.” (Pedro Ivo Carvalho, dia 30 página 29)

Esta passagem mostra claramente a posição central atribuída a Espanha, enquanto atira Portugal para um lugar periférico, um Portugal sem alma.

• **Cultura, hábitos e símbolos**

A cultura de um povo, assim como os seus hábitos, pertencem ao imaginário colectivo de uma nação, transpondo para o sentimento de pertença a um país. Desta forma, o Jornal de Notícias aposta nas referências a estas portugalidades, contribuindo assim, para a imagem nacional.

Um dos símbolos que mais surge nas notícias do JN, está relacionado com a culinária, parte importante de cada cultura, muito rica na portuguesa. Por exemplo, numa notícia apresentada no dia 15, respeitante a casas comerciais na África do Sul, proprietárias de emigrantes que:

“...ajudam a que a equipa das quinas continue a saborear petiscos portugueses.”
(Pedro Ivo Carvalho, dia 15 página 30).

Isto porque, já faz parte da cultura portuguesa, assim como de qualquer cultura, dar preferência aos pratos e hábitos alimentares do seu país. Além disso, na opinião do Jornal de Notícias,

“A matéria com que se moldam os campeões busca certamente mais inspiração na alma do que no corpo. Uma boa alimentação é meio caminho andado. Especialmente se recorrer a produtos “made in Portugal” (Pedro Ivo Carvalho, dia 15 página 30)

E dentro dos produtos made in Portugal, há uns mais procurados (e apetecíveis) que outros. No entender da Federação Portuguesa de Futebol (FPF), a equipa das quinas precisava de uma alimentação rica e variada, mas sem nunca fugir à ementa portuguesa. Desse modo, a lista de ingredientes necessários para o sucesso era grande, como deu a conhecer ao Jornal de Notícias, um dos responsáveis pela alimentação da equipa das quinas, dono de um dos estabelecimentos comerciais referidos:

“...indisfarçável musiquinha madeirense no sotaque (...) e começa a desfiar o carrinho de compras da federação: ...bacalhau, chouriço, azeite, cabrito, presunto, azeitonas, sardinhas em lata, queijo, marmelada, morcela, vinagre... ah! E tremoços” (Pedro Ivo Carvalho, dia 15 página 30)

Da mesma forma, porque de vez em quando a barriga dá horas quando menos deve, era também necessário “certificar que as duas dúzias de pastéis de bacalhau que estava a confeccionar...”,²⁰ chegavam a tempo e horas às mãos, e as cozinhas, da selecção nacional.

Os estabelecimentos responsáveis pelo estômago dos jogadores nacionais, estavam a cargo de duas lojas, só por si, com um nome bastante peculiar: a “Pastelaria Belém” e a “Peixaria Rio Douro”, ambas situadas “numa das artérias mais portuguesas de Joanesburgo”²¹.

Saudade ou homenagem, estes dois estabelecimentos primam pela recordação e representação da imagem portuguesa. Por exemplo, a peixaria que

“...conserva o imaginário lusitano quase intacto. Ao inespecável bacalhau e azeitonas, juntam-se as bandeiras de Portugal e os jornais da comunidade. Ao fundo, uma coluna decorada com CD de música pimba e revistas do social”. (Pedro Ivo Carvalho, dia 15 página 30)

Nesta citação, temos a referência musical, mediática, culinária e das bandeiras, símbolo soberano de uma nação. O Jornal de Notícias sabe-o bem, por isso mesmo, faz referências à insígnia portuguesa nos seus textos, indicando-nos que a sua procura por terras africanas é, por esta altura, comum:

²⁰ Pedro Ivo Carvalho, dia 15 página30

²¹ Ibidem

“Vendedores colocam sempre a bandeira portuguesa em destaque, no tamanho e na quantidade”

“...a bandeira que esvoaçava com mais força nos seus braços negros era a das quinias (...) por mera ditadura de mercado: as bandeiras lusas são das mais apetecíveis” (Pedro Ivo Carvalho, dia 14 página 31)

Ambas estas referências dizem respeito a uma notícia sobre o mercado paralelo formado por esta altura na África do Sul, que faz dos semáforos das cidades sul-africanas o seu escritório e estabelecimento comercial. Mostra-nos a tal questão que há sempre um português em cada canto do mundo, fazendo assim alusão aos emigrantes portugueses (e não só), que procuram o símbolo máximo da nação para darem a conhecer as suas preferências clubísticas.

Mas não só de bandeiras se vestiu a África do Sul. E quem não as tinha, representava-as de outra forma, usando as cores nacionais como suas. Por lá, as vuvuzelas faziam a alegria das crianças, como era o caso de Rudy, filho de emigrantes que assistiu aos jogos de Portugal empolgado com as cores nacionais:

“...quando insistia em soprar numa vuvuzela decorada a verde e vermelho: Portugal, Portugal, Buuuuu!!!!” (Pedro Ivo Carvalho dia 16 página 34)

Tanto por lá, como por cá, como pelos mais remotos cantos do Mundo, as cores portuguesas abundavam:

“Mas não se pense que a onda verde e vermelha não passou fronteiras.” (dia 16, página 39).

Por terras lusas, também os portugueses se vestiram das cores nacionais como forma de apoio à selecção das quinias, como é verificável nestas citações:

“Embora a mais de 8000 quilómetros de distância de terras africanas, não faltaram as famosas vuvuzelas, os cânticos de apoio aos craques lusitanos, as palmas e...os gritos de desespero pela bola de Ronaldo ao poste...”(Nuno Cerqueira dia 16 página 39)

“...trajados a rigor... (...). Cachecóis, bandeiras, t-shirts e bonés vestiram a baixa com as cores nacionais” (Ana Esteves, dia 16, página 38)

“Vestidos de verde e vermelho, Portugal tirou as bandeiras e cachecóis dos baús...” (Nuno Cerqueira dia 16 página 39)

Por fim, um caso irrisório e insólito da paixão portuguesa pelo futebol, nomeadamente pela selecção portuguesa de futebol; o caso de Américo Varge, que decidiu mostrar o seu apoio à selecção nacional de uma forma pouco habitual:

*“O branco das paredes foi substituído pelo vermelho e verde da bandeira nacional”
(Natacha Palma dia 25 página 37)*

É verdade! Este senhor decidiu dar vida e alma à sua casa, pintando as paredes exteriores com as cores nacionais. Pelo menos, atingiu sucesso na sua localidade, tanto que a sua casa já se tornou quase um ponto turístico.

Capítulo VII - A Bola - “O Desportivo”

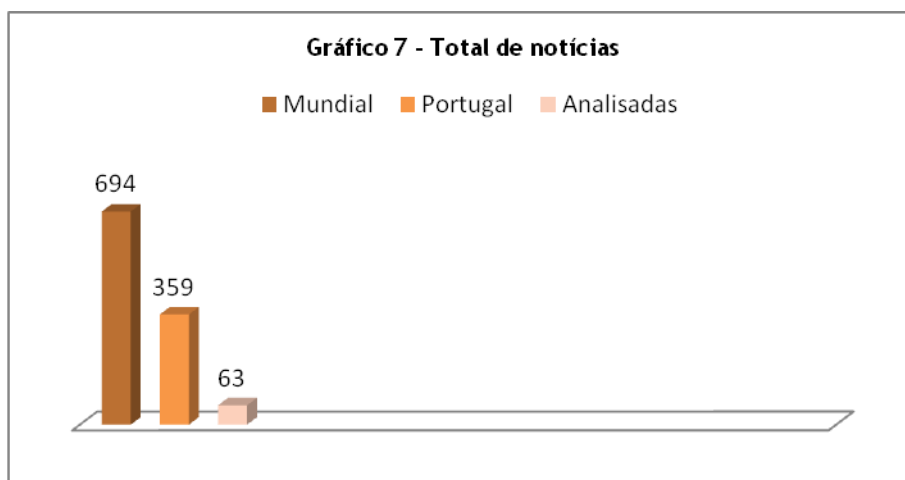
“Criado em 1942 por dois vultos proeminentes do desporto português, Ribeiro dos Reis e Cândido Oliveira o jornal A Bola foi, durante muitos anos, um dos fenómenos mais estimulantes da imprensa portuguesa, alcançando níveis de circulação ímpares entre nós, ao mesmo tempo que era também a publicação portuguesa que mais se vendia no estrangeiro, designadamente nos centros urbanos europeus e norte-americanos onde existem grandes núcleos de emigrantes” (Pinto, 2001:63)

A Bola é um jornal desportivo com uma audiência bastante peculiar. Apesar de não serem conhecidos os dados relativos à sua circulação, por não pertencer à Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragens (APCT), estima-se que sejam semelhantes ao jornal *Record*, também ele e cariz desportivo, atingindo assim uma circulação média de 639.000 leitores e 8,5% da audiência (Pinto, 2001:37).

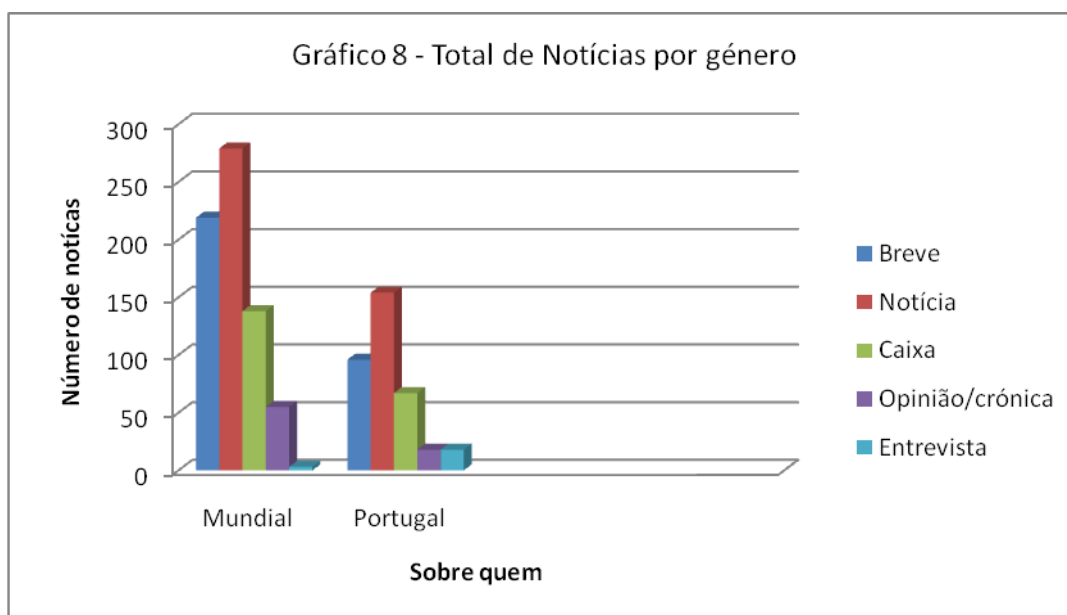
Podemos considerar que A Bola, neste estudo, é a participação especial. Em primeiro lugar, por ser um jornal desportivo, também o seu jornalismo especializado no desporto, tendo assim características específicas que, em alguns casos, divergem do dito jornalismo convencional.

7.1. Análise quantitativa

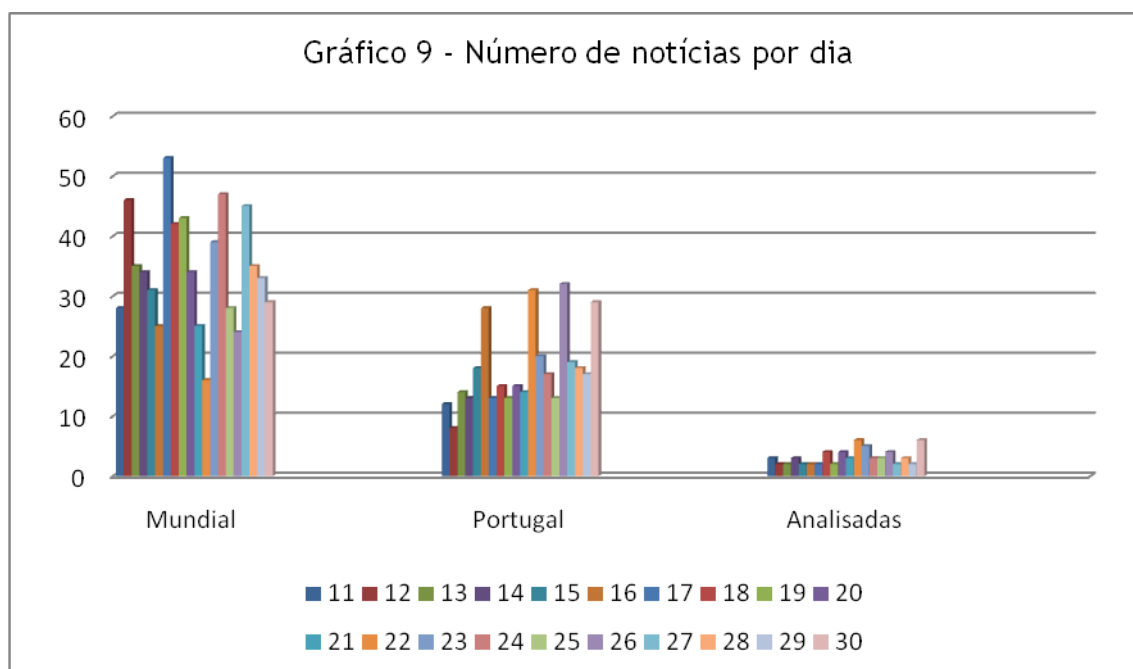
No que concerne às suas características quantitativas, A Bola, apresenta um equilíbrio noticioso entre a equipa portuguesa e as outras selecções participantes no Mundial, de forma que, como podemos verificar no gráfico seguinte, apresenta-nos quase 700 notícias sobre todo o evento do mundial, assim como cerca de 360 sobre Portugal. Dessas 360 notícias, 63 continham nas suas entradas noticiosas as palavras propostas para este estudo.



Já a nível de géneros jornalísticos, podemos auferir que, à semelhança do Público, a aposta é feita mais em notícias, seguindo-se as breves e depois as caixas, pequenas curiosidades ou factos relativos à notícia principal.



Relativamente aos dias com maior índice noticioso sobre Portugal e a equipa das quinas, eles são, à semelhança do Jornal de Notícias, os dias 16, 22, 26 e 30 de Junho, que dizem respeito às repercussões dos jogos realizados pela selecção nacional.



7.2. - Análise qualitativa

7.2.1. Destaques de capa

Durante os 20 dias de análise, A Bola dedicou 10 destaques à selecção, com especial intendência para as vésperas dos jogos da equipa das quinas, e os dias seguintes. Nos demais dias, ou não existe qualquer referência, ou se existe, é muito pequena. No que toca então às chamadas de capa, surge-nos logo no dia 11 de Junho a referência

“Ronaldo inspira-se com Mandela - momento mágico”.

A alegria de poder estar perto de Nelson Mandela é notória, principalmente porque depois, este encontro foi merecedor de uma notícia, que iremos analisar mais adiante.

Portugal só voltou a ser chamado à capa no dia 14, altura em que, em conferência de imprensa, Cristiano Ronaldo afirmou que iria marcar golos neste mundial, e que estava a fazer os possíveis para se tornar a estrela da competição. Desta forma, escreve A Bola na sua capa:

“Cristiano Ronaldo confia que vai explodir no Mundial - Tenham medo, tenham muito medo”

E notória a confiança no e do capitão da equipa das quinas; quanto a ele próprio, por acreditar que vai “explodir” nesta competição, e por parte de A Bola, por aconselhar aos adversários de Portugal que “tenham medo, tenham muito medo”. Este destaque remete-nos para a posição central no mundo, pois são uma indicação de que a equipa das quinas é forte, por isso mesmo é necessário ter receio delas.

No dia 15 de Junho, dia da estreia portuguesa na competição mundial, A Bola deposita a sua confiança na equipa das quinas.

“Navegadores à descoberta da África Mundial - Heróis do Mar”

Este destaque encaixa em duas categorias de análise. Por um lado, a referência histórica, aliado aos descobrimentos portugueses, pela utilização dos vocábulos “navegadores” e “descoberta”. Por outro lado, faz também referência a símbolos, colocando o início do hino português: “Heróis do mar”. Desta forma, é notória a confiança na selecção e a segurança de que os navegadores, vão entrar a ganhar.

Como tal não sucedeu, A Bola, no dia 16 de Junho, na sua chamada de capa, mistura um misto de positivismo com negativismo:

“Navegadores ainda não encontraram rumo: ENCALHADOS”

Por um lado, no sentido positivo, verificamos que a equipa portuguesa “ainda não” encontrou o seu “rumo”, o caminho para o sucesso, mas que ele ainda é possível. A utilização de “ainda não” pressupõe assim que nada está perdido. Por outro lado, no pólo negativo, verificamos a expressão “encalhados”, que pela sua forma, em negrito e letras maiúsculas, indica que de facto a estreia da selecção no mundial não foi a mais desejada, não foi a melhor.

Portugal volta à tona no dia 19 de Junho, mais calmos pelo empate e com mais confiança. Desta vez:

“Selecção passa imagem de confiança - Eles acreditam; Queiroz diz que os adeptos vão ter motivo de orgulho; Liedson garante que golos vão aparecer.”

É a declaração da equipa pedindo confiança e fé na selecção, pois “eles acreditam”. Por isso mesmo, se houver fé e esperança, os portugueses vão “ter motivo de orgulho”.

No dia do segundo jogo de Portugal, frente à Coreia do Norte, A Bola deposita novamente uma clara confiança em Cristiano Ronaldo.

“É tempo de Ronaldo aparecer - Hora de ser líder.”

Um dos problemas de maior preocupação para o capitão da equipa das quinas, era a abstinência de golos (pela selecção) que o vinha a acompanhar há já algum tempo. Por isso mesmo, este dia era o “Dia D” para o capitão. A frase por si só é esclarecedora desta confiança, pois é a “Hora de ser líder”, mas as imagens também valem mais que mil palavras. E a imagem desta capa era ainda mais esclarecedora desta confiança. (ver anexo).

Ronaldo não foi propriamente o líder que A Bola esperava, mas a equipa no seu conjunto sim. Por isso mesmo, no dia 22, o destaque de A Bola foi o maior de todos os outros. Neste dia, a confiança estava restaurada, e a “prenda” da selecção tinha sido de grande agrado:

“Sete golos no caminho para os ‘oitavos’ - PERFEITO: Bastaram 45 minutos de sonho e um dos resultados mais volumosos da história dos Mundiais para deixar Portugal praticamente apurado. Só uma catástrofe - a selecção ser goleada e a Costa do Marfim golear - eliminará os navegadores. Ronaldo ofereceu troféu de melhor em campo a Tiago.”

Ora, de acordo com A Bola, este jogo foi “perfeito”, onde a equipa das quinas durante 45 minutos, teve uma exibição “de sonho”, o que significa o claro contentamento e felicidade que este jogo despertou. Além disso, o resultado obtido, apesar de ainda faltarem jogos para a decisão das equipas a passarem para os oitavos-de-final, era quase certa. Aliás, como esclarece A Bola, “só uma catástrofe” iria impedir a selecção portuguesa de não seguir em prova.

Portugal só voltou aos destaques de primeira página no dia 25 de Junho, dia do jogo contra o Brasil.

“O MUNDO EM PORTUGUÊS. Espera-se magia no jogo que coloca frente a frente portugueses e brasileiros unidos por essa Pátria maior que é a língua de Pessoa.”

Este destaque entra claramente no campo de análise respeitante à língua. Brasil e Portugal, ligados por uma relação familiar e linguística, iam jogar na cidade de Fernando Pessoa, em Durban. Com as duas equipas já aprovadas para os oitavos-de-final, este jogo não tinha agregado a si a obrigação de uma vitória. Desta forma, A Bola decidiu dar mais destaque à união dos dois povos, ligados “por essa pátria maior que é a língua” portuguesa.

O empate das duas equipas fez com que Portugal ficasse em segundo lugar na fase de grupos, tendo assim que defrontar o primeiro lugar do Grupo F, a Espanha. No dia 26, A Bola refere este “sorteio” indicando:

“Portugal empata com o Brasil e defronta Espanha nos ‘oitavos’. HERMANOS DEPOIS DOS IRMÃOS”

Este destaque mostra-nos as relações entre as duas equipas, numa clara evidência da metáfora da pátria como família: os irmãos de língua e os irmãos de território.²²

O duelo entre “irmãos” tinha corrido relativamente bem: um empate a zeros, considerado quase como uma vitória. Agora, com os “hermanos”, esperava-se um combate mais preocupante. No entanto, A Bola, apesar de ter em conta esta dificuldade, apostava plena confiança na selecção portuguesa. O seu destaque de dia 29, véspera do confronto com Espanha, reclama esse sentimento:

“Navegadores em duelo ibérico para a história - “Temos de correr riscos. O que fizemos na fase de grupos não chega para ganhar à Espanha”. Selecção volta ao Cabo, onde goleou a Coreia do Norte, para deixar a sua marca uma vez mais.”

A marca deixada pela selecção nacional, no entanto, não foi pela positiva. Pelo menos a julgar pelo resultado, que fez com que a selecção portuguesa tivesse que abandonar o mundial. A Bola, no dia 30 de Junho chamou para a sua capa palavras bastante desgostosas e amarguradas:

“Lágrimas, Desespero e polémica.”

Toda a capa é dedicada ao último jogo da selecção portuguesa na África do Sul, mostrando algumas fotos dos jogadores, todos eles desvendando “lágrimas” e “desespero”. A

²² A este propósito A Bola, no seu cartoon “Barba e Cabelo”, apresenta uma crítica bastante engraçada, onde se lê: “Depois dos nossos irmãos brasileiros, vamos jogar com ‘nuestros hermanos’ espanhóis.” “Já começo a estar cansado dos irmãos. Não se arranjava uns primos menos complicaos?”

polémica, centra-se mais no seleccionador Carlos Queiroz, bastante criticado por este jogo, pela sua decisão nas substituições. Desta dia, ficou conhecida a frase de Cristiano Ronaldo, que já aqui referimos: “Explicar aos portugueses? Falem com o Queiroz”. Além disso, o capitão das quinas também foi alvo de críticas, por uma atitude bastante atacada e reprovada, ao ter cuspidido para as câmaras de televisão após o fim do jogo.

7.2.2. Títulos e Superleads

- **Metáfora da casa**

À semelhança do sucedido no Jornal de Notícias, também A Bola, quando faz referência à pátria como casa, fá-lo quer no sentido positivo, quando quer passar o sentimento de pertença ao país, quer no sentido negativo, mostrador de fracasso e infelicidade pelo regresso a casa.

Desta forma, a nível de entradas nos textos positivas sobre esta categoria, encontramos um título e dois superleads. No caso do título, ele diz respeito às cidades escolhidas para receber os jogos de Portugal, todos com uma semelhança com o país:

“Única selecção a jogar sempre a beira-mar”

Esta frase remete para a ideia de Portugal ser “um país à beira-mar plantado”, tomando assim o todo pela parte. Assim, haveria alguma ligação entre os jogadores e os jogos, pois em cada local, sentir-se-iam um pouco mais perto de Portugal.

A nível dos superleads, o primeiro, apresentado também no dia 11 de Junho, diz respeito à comunidade emigrante (boa parte do público de A Bola). Neste caso, a referência será para a música, para a simbologia do fado, remetendo, no entanto, para a questão da casa portuguesa, para o estar mais próximo:

“Carlos do Carmo cantou para os emigrantes em Joanesburgo.”

No que concerne ao segundo superlead, está em causa o jogo contra a Coreia do Norte, realizado na Cidade do Cabo. Pela ligação sentimental e histórica desta cidade com os portugueses, A Bola indica que, neste jogo:

“Portugal vai jogar em casa”

Neste caso, o sentido de casa prende-se também com o sentido de união, devido ao número de emigrantes portugueses nesta cidade, dispostos a ajudar a selecção nacional.

Pelo lado negativo, encontra-mos mais referências, todas elas com o sentido de “regresso a casa”. Em primeiro lugar, surge-nos o título referente ao regresso de Nani, impedido de actuar no mundial devido a uma lesão:

“Nani já voltou a Portugal”

As outras referências surgem todas no dia 30, dia seguinte ao jogo contra a Espanha e que representou a saída de Portugal deste mundial. A esse propósito, A Bola escreve-nos:

“Seleção em Portugal amanhã bem cedo: Os jogadores fazem hoje as malas e partem à noite para Lisboa, numa viagem de 10 horas”

“Portugal regressa a casa sem surpresa.”

Enquanto que o primeiro título e superlead nos apresentam uma vertente mais emotiva, num sentido de partida triste (“bem cedo”, “fazem as malas”, “à noite”), o segundo superlead esta envolto numa maior negatividade, numa crítica à prestação da equipa portuguesa neste mundial de futebol, em especial, no jogo contra Espanha. Ambos são detentores de um certo desagrado com a equipa das quinas.

- **União/comunhão**

O primeiro título encontrado dentro desta categoria, que também podemos considerar como um pouco simbólico, refere-se à peça *“Coração lusitano”*, da artista portuguesa Joana Vasconcelos, que esteve em exposição nas ruas de Melrose. Por isso mesmo, A Bola escreve como título de uma notícia do dia 11:

“Um coração português no coração de Melrose”

A repetição da palavra “coração” apresenta aqui dois sentidos: o primeiro referente à representação da peça de arte referida e a segunda, referente à cidade em si, correspondendo para o centro da cidade - local estratégico pelo tráfego associado.

Já no dia 12, é-nos apresentada um título que representa a união de jogadores, tanto actuais como ex-jogadores:

“Pauleta voa para os braços da Seleção”

A experiência dos jogadores é um factor importante, quanto mais não seja nas dicas antes dos jogos. Além disso, este título mostra a união presente, por um ex-jogador decidir apoiar de perto a sua selecção, visto já ter participado nela, como se de uma família se tratasse.

Da mesma forma, também a opinião de ex-seleccionadores contam para esta representação de confiança na selecção portuguesa. Assim, no dia 19 de Junho, A Bola apresenta como entrada noticiosa, as preferências de Scolari:

“Torço por Brasil e... Portugal - Scolari chega hoje à África do Sul para comentar jogos. E acredita em Portugal”

Fica assim patente o sentimento, de certa forma saudosista, com que Scolari ficou de Portugal. Mas antes do jogo com o Brasil, sobre o qual estas referências dizem respeito, havia o jogo contra a Coreia do Norte. Depois do nulo contra a Costa do Marfim, ficou patente a importância de uma vitória, como tal, em jeito de encorajamento A Bola titula, no dia 20 de Junho:

“Vamos a isto rapazes!”

Para encorajar ainda mais, A Bola refere a presença emigrante que está a postos para apoiar a equipa nacional.

“Lotação deve esgotar... ou perto disso. Comunidade emigrante, composta na sua maioria por madeirenses, está a mobilizar-se em força”

No dia 22, depois do jogo contra a Coreia, A Bola reforçou ainda mais a presença portuguesa no apoio à selecção nacional, não poupando elogios nesta união, assim como à prestação da equipa:

“50 mil portugueses em êxtase”

“Tantos golos, tantas capacidades unidas no apoio à sua Selecção. De norte a sul, passando pelas ilhas, Portugal passou da desconfiança à euforia em apenas 90 minutos. Sete golos, um verdadeiro banquete para uma nação esfomeada.”

“Únicos, unidos como sempre”

Este último título mostra também, por um lado, as características respeitantes ao povo português, como já referimos a nível do Jornal de Notícias: a questão de ser quase obrigatória a visualização de um jogo da selecção. Esta característica é também notória no título e superlead apresentados no dia 24 de Junho:

“Voo Cabo-Durban SA 612 nas asas da esperança lusa: Um avião da South African Airways cheio de portugueses. Confiança na Selecção Nacional não falta entre os adeptos. Os 7-0 do nosso contentamento alimentam todos os sonhos”

Mas não é só nos dias dos jogos da selecção que a população portuguesa mostra o seu apoio à equipa das quinas, principalmente os emigrantes, que se concentravam nos locais de

reunião da selecção portuguesa, para os receber de uma forma calorosa, como se estivessem “em casa”. A esse respeito encontra-mos alguns superleads, como por exemplo:

“...são muitos milhares os portugueses que vivem em Port Elisabeth. Estão a preparar grande apoio à Selecção nacional..” - dia 14, página 5

“Carlos Godinho confirma que a Selecção foi recebida em festa no aeroporto”. - dia 23, página 7.

Para o fim, deixei as referências ao jogo com Espanha, que devido ao resultado se mostram todas um pouco negativas. A nível de adeptos e apoio não nos podemos queixar, como A Bola refere na página 16:

“Esperança, desespero e resignação: Ao final da tarde de ontem, adeptos começaram a mobilizar-se para apoiar a Selecção Nacional. Durante 78 minutos, intervalo do jogo incluído, o tempo parou nas cidades e renovaram-se as forças. O pior veio depois...”

O pior, foi o golo, alegadamente em fora-de-jogo, que Portugal sofreu aos pés de David Villa, marcando o fim da selecção portuguesa na África do Sul. Mas, não obstante, Portugal não perdeu em tudo:

“Mesmo com os espanhóis em maioria, os portugueses não perderam no apoio dado à sua equipa em Green Point. Nas bancadas a rivalidade foi saudável e cheia de beleza. No relvado, algumas picardias mas ‘fair play’ e abraços no final.”

• Cultura, hábitos e símbolos

Com a inauguração do Mundial, também foram inauguradas alguns certames com o propósito de mostrar a cultura portuguesa aos habitantes da África do Sul. Nesse sentido, uma das primeiras inaugurações, dizia respeito à peça de arte da artista Joana Vasconcelos, inaugurada no dia 10 de Junho (uma data por si só bastante simbólica para Portugal) como nos refere A Bola, no dia do arranque do Mundial:

Peça da artista plástica Joana Vasconcelos inaugurada no Dia de Portugal.

A cidade escolhida pela FPF para o estágio da selecção na África do Sul, era uma cidade bastante marcada pela presença portuguesa, em especial, pela altura dos descobrimentos. Dessa forma, A Bola, querendo revelar esse aspecto, refere no dia 13 que Magaliesburg é uma

“Cidade pujante, com navegadores portugueses como símbolo.”

E por lá, Cristiano Ronaldo era uma atracção, como em tantos outros locais. Por isso mesmo, A Bola salienta no dia 12 de Junho que

“Em Magaliesburg vale tudo por uma camisola”.

Como o símbolo que já se tornou, Cristiano Ronaldo é como o talismã da selecção portuguesa, de acordo com A Bola. A confiança do jornal desportivo no capitão das quinas é notória, entre tantas expressões, como no título utilizado no dia 18:

“Enquanto ele sorrir Portugal acredita”

As camisolas da selecção, como seu símbolo, não tinham apenas importância para quem quisesse uma simbólica representação de Ronaldo ou mesmo da selecção portuguesa. As cores também são um símbolo, e aliando os dois elementos, A Bola apresenta-nos no dia 18 uma entrada noticiosa que remete para esta simbologia das cores, da roupa e da lembrança do passado:

“As cores do revivalismo: Portugal e Coreia do Norte vão usar os mesmos tons de embate de 1996 em Inglaterra.”

Mais forte do que uma camisola será sem dúvida a bandeira nacional. A sua presença, hasteada em qualquer lugar diferente que não Portugal, é sempre motivo de orgulho. Afinal, é o símbolo máximo de uma nação, e quando a vemos associamo-la à nossa “casa”. A Bola fez questão de dar a conhecer aos seus leitores, que mesmo nos confins de uma cidade ou aldeia, há alguém que conheça e goste de Portugal. Foi com esse intuito que no dia 19 de Junho A Bola apresenta uma reportagem emotiva sobre Mosés, um sul-africano residente num bairro de lata que gosta de Portugal, e para o demonstrar tem a bandeira portuguesa hasteada na sua humilde casa.

“Bandeira Portuguesa desfraldada no mais pobre dos bairros de lata”

Outro símbolo bastante importante e representativo de um país é o seu hino. Como uma composição patriótica, o acto de cantar o hino nacional é motivo de orgulho de um país. Por isso mesmo o hino nacional é sempre cantando antes das partidas de jogos de futebol em competições internacionais. O jogo Portugal - Brasil não foi uma excepção; e dado o facto de a selecção nacional ter três jogadores luso-brasileiros, que por acaso actuaram todos neste jogo, A Bola quis saber os seus sentimentos aquando desde momento patriótico, que é cantar o hino nacional, referindo-nos, no dia 26, que

“Pepe diz que sentiu mais o hino português do que o brasileiro.”

A criação de hinos e cânticos tão ouvidos nos jogos de futebol servem de união e apoio à equipa. Após o jogo contra a Coreia do Norte, a selecção portuguesa de futebol foi recebida no hotel com cânticos improvisados demonstrando a sua vitória, como é noticiado no dia 23:

O reconhecimento por parte de A Bola do hotel como casa portuguesa mostra novamente a questão do sentir-se em casa, embora neste caso tenda a cair um pouco em exagero.

- **Posição no mundo - central vs. Periférico**

A Bola aposta numa posição mais central como projecção da imagem portuguesa, comparando a selecção portuguesa a outras ditas de renome. O recurso a números, por exemplo, é uma das características também apresentadas em A Bola, de forma a reforçar a ideia de grande selecção, como podemos verificar, por exemplo nesta entrada do dia 14:

“Só Holanda não perde há mais tempo que Portugal - Laranja mecânica não é derrotada há 19 jogos. Selecção de Queiroz desde o Brasil (2-6).”

O jogo contra a Coreia do Norte, como já verificamos, foi importante para a auto-estima portuguesa. Da mesma forma que no Jornal de Notícias e no Público, também A Bola verificou essa importância, tentando mostra-las nas suas entradas noticiosas do dia 23 de Junho.

“Portugueses entre os ‘big five’ - A imprensa sul-africana fala de um Portugal «seven up!». O ‘Sowetan’ diz que o jogo foi tão bom que até passou na TV da Coreia do Norte.”
“Portugueses, reis e senhores na Cidade do Cabo.”

Além disso, o resultado obtido pela selecção fez com que a consideração pela equipa portuguesa aumentasse, passando a ser considerada como uma das selecções a temer mais, como destaca A Bola:

“Sete golos à Coreia do Norte colocaram os Navegadores na lista dos mais temidos”

Com o decorrer da competição, e com algumas das ditas grandes equipas a se despedirem, uma por uma, do mundial da África do Sul, A Bola mostra a sua confiança na equipa das quinas, revelando que ela poderá ainda ser uma surpresa:

“Portugal salva Europa? Itália e França já estão fora; Alemanha ou Inglaterra, um irá domingo. Gana será a única equipa africana a chegar aos oitavos-de-final. Portugal pode ainda vir a ser a boa surpresa europeia.” - dia 25

A boa surpresa Europeia, ou seja, continuar em prova e aguentar-se nela o máximo de tempo possível, faria assim a selecção nacional detentora de uma posição de destaque a nível mundial.

Uma outra forma de mostrar a centralidade portuguesa prende-se com as considerações sobre os próprios jogadores. A esse propósito, é comum encontramos as opiniões de entidades conhecidas e importantes que destacam a boa equipa portuguesa. E para falar da equipa e dos jogadores, quem melhor do que as pessoas que desempenham a mesma função? A esse propósito A Bola apresenta-nos esta notícia no dia 18 de Junho:

“Portugal entre os favoritos das estrelas do Real- Kaká, Higuain, Ronaldo, Sérgio Ramos, Arbeloa e Van der Vaart fazem prognósticos. Médio brasileiro diz que o melhor marcador vais ser... Português”

O emprego de argumentos de autoridade é bastante útil para o reforço de uma ideia ou posição, como já verificámos. Neste caso, a consideração que grandes jogadores de futebol têm pela equipa portuguesa, é prova quase que suficiente para afirmar que a selecção portuguesa, devido à sua qualidade, pode chegar longe.

Após ter sido conhecido a próxima equipa que iria jogar com Portugal nos oitavos-de-final, A Bola estava também interessada em verificar como o adversário se sentia em relação à equipa portuguesa. Em conversa com David Villa, que acabou por se tornar tão fatal para a turma das quinas, A Bola titula:

“«Portugal tem grandes individualidades» - David Villa reconhece que vai defrontar, terça-feira, na Cidade do Cabo, uma das melhores selecções mundiais. “ - dia 27

Falando em grandes individualidades, temos que falar obrigatoriamente em Cristiano Ronaldo, porque, de facto, o seu estelato e a sua posição, como um dos melhores jogadores do mundo, coloca Portugal numa boa posição. A Bola é claramente defensora do capitão das quinas, tanto que lhe dedica um par de capas e de títulos. Logo nos primórdios do mundial, no dia 12 de Junho, A Bola titula:

“A Bola é tua, Cristiano Ronaldo!”

Mas no primeiro jogo da selecção, a bola não foi de Ronaldo nem de ninguém. Com o jogo contra a Costa do Marfim obtendo um resultado a zeros, A Bola, no dia 21, salienta a importância de ganhar o jogo seguinte contra a Coreia do Norte, mais uma vez depositando total confiança no craque madeirense:

“O grande líder, o querido líder e o nosso líder - Hora de Ronaldo assumir rédeas na Selecção.”

Nota-se claramente este sentimento que A Bola tem por Cristiano Ronaldo, assim como a importância e a centralidade que lhe atribui à selecção nacional.

A posição central portuguesa é atirada para as periferias em dias de derrota. No dia seguinte à estreia portuguesa no mundial da África do Sul, A Bola escreve:

“Portugal sem bilhete para entrar no autocarro laranja”

A posição periférica neste título é denotada por a Costa do Marfim ser uma selecção de um país em vias de desenvolvimento, sendo que o seu empate poderia colocar os dois países em pé de igualdade, pelo menos a nível desportivo. O autocarro laranja diz respeito aos equipamentos costa-marfinenses utilizados no dia de jogo com Portugal: laranjas.

Por fim, a posição de Portugal atirada para a periferia pela derrota com a Espanha. Apesar da vitória espanhola, A Bola fez questão de realçar que o jogo não tinha sido assim tão fácil, pelo menos na fase inicial, e que Espanha reconhece o mérito português:

“Intensamente Espanha - Em Vigo, ontem foi dia de sol, praia e festa. ‘Nuestros hermanos’ sofreram, mas cedo se aperceberam que podiam ganhar e seguir para os quartos-de-final do Mundial da África do Sul. Festa rija, mas com enorme respeito por Portugal.”

À semelhança do que se passou no Jornal de Notícias ou no Público, também A Bola depositava uma preferência lusa para a vitória neste duelo espanhol. Assim, este superlead é indicativo do “termos que admitir” que de facto a Espanha tem uma selecção melhor que a portuguesa.

“Custar, custa, mas a Espanha é melhor.”

• **Passado histórico**

O recurso a história e ao passado é também muito comum no jornal A Bola; e da mesma forma que no JN, também a história vai desde o passado mais remoto até ao passado mais recente (no caso de A Bola, até uns dias atrás).

A história mais remota encontra-se num título do dia 14:

“Que o berço da humanidade dê vida longa à selecção”: Magaliesburg tem história rica; no museu do Maropeng estão alguns dos fósseis mais antigos.

Magaliesburg, recordemo-nos, foi a cidade onde decorreu o estágio da selecção portuguesa na África do Sul. O que se salienta mais nesta entrada noticiosa é a questão da história e do passado ser quase como que um elemento de sorte para a selecção portuguesa, pelo menos no caso do Mundial da África do Sul, um país que, como já verificamos e tão bem sabemos, diz bastante aos portugueses. Desta forma, esta entrada como que pede à história que apoie a selecção portuguesa.

Seguindo alguns séculos na história, encontramos agora as referências aos descobrimentos. Sendo o cognome da equipa portuguesa o de “Navegadores”, é normal que

surjam referências aos símbolos marcados pela aventura dos descobrimentos. À semelhança dos outros dois jornais analisados, também A Bola utilizou mais referências aos descobrimentos nos jogos contra a Coreia e contra a Espanha, isto porque ambas se disputaram na Cidade do Cabo. Por exemplo, a nível do jogo contra a Coreia, A Bola escreve:

“Grande epopeia portuguesa na cidade da boa esperança.”

A comparação deste jogo como uma epopeia, à semelhança dos descobrimentos, leva-nos a questão da importância e grandiosidade que este jogo representou. Até porque, de acordo com A Bola:

“Adamastor somos nós!”

A comparação é de fácil decifração: o adamastor, mítico gigante, atrapalhava e tentava arruinar quem tentasse passar pelo Cabo das Tormentas, pois a partir daí, entrava-se no seu território. Portugal, no jogo contra a Coreia, atrapalhou e arruinou a sua tentativa em dobrar o cabo.

Mas se Portugal já tinha ignorado uma vez o Adamastor em 1488, passando do Cabo das Tormentas para o Cabo da Boa Esperança, e se já se tinha, ele próprio, tornado o Adamastor, no jogo contra a Espanha era necessário que tal facto se repetisse, como solicita A Bola, no dia 26 de Junho:

“Aos Navegadores pede-se que dobrem o cabo pela segunda vez. Jogo na metade portuguesa do Tratado de Tordesilhas...”

Ora mais uma prova da história e da casualidade na escolha das localidades dos confrontos portugueses. Novamente na Cidade do Cabo, na parte do mundo dos portugueses. E a Cidade do Cabo já tinha dado alegrias aos portugueses neste mundial, exactamente no jogo contra a Coreia.

“Portugal volta a ficar no hotel dos... 7-0!”

A mesma cidade, o mesmo hotel, só faltava repetir a mesma história, não necessariamente pelo número de golos, mas pelo menos, pela vitória. No entanto, como já sabemos, desta vez o hotel dos 7-0 parece ter dado azar e Portugal não conseguiu dobrar novamente o Cabo das Tormentas. A Bola a este propósito, escreve, amarguradamente no dia 30:

“Viessem os deuses ajudar a dobrar de novo o cabo...”

Este “desabafo” d’A Bola, parece indicar que só mediante intervenção divina iríamos conseguir derrubar a campeã europeia. Apresentando-nos outra figura mítica, e recorrendo a história, A Bola, também no dia 30, acrescenta que a selecção portuguesa neste jogo:

“Nunca foi verdadeiramente o ‘adamastor’ dos espanhóis “

Andando uns séculos à frente na história, chegávamos agora ao Mundial de 1966, e às lembranças do Portugal - Brasil, e do Portugal - Coreia do Norte. Relativamente a este jogo, A Bola decidiu fazer uma homenagem:

“A BOLA vestiu a Eusébio a camisola do jogo de amanhã. Há mais de 40 anos ‘pantera negra’ também equipou o 13 e esmagou coreanos no Mundial de 1966.”

E não foi só no número da camisola oferecida a Eusébio que se encontravam as semelhanças. Os próprios equipamentos para este mundial foram inspirados nos utilizados em 1966, numa espécie de amuleto da sorte e representação de felicidade:

“Curiosamente, os equipamentos lusos para esta campanha já tinham sido inspirados na passagem pelo Mundial de Inglaterra.”

Como não poderia deixar de ser, também para o jogo Portugal - Brasil se trouxe à tona o Mundial de 1966, e para reforçar a ideia, com recurso a números:

“Nos últimos quatro duelos Portugal só perdeu um - Apesar de o histórico dar vantagem ao Brasil, em mundiais lusitanos ganham 1-0 (1966)”

Chegamos assim a história mais recente. Já aqui tivemos oportunidade de verificar que, à semelhança do JN, A Bola também deposita confiança na opinião de figuras conhecidas portuguesas ou de ex jogadores. Recorde-mos o título analisado sobre a vinda de Pauleta para dar apoio à selecção nacional. Como superlead desta notícia, A Bola escreve:

“...melhor marcador de todos os tempos da equipa das quinas viajou para Joanesburgo.(...) antigo avançado recorda que uma má estreia nem sempre significa o fim da esperança, basta recordar o Euro-2004. “

- **A defesa da nação**

A Bola, como jornal desportivo, dedica alguma grandiosidade na questão da defesa da nação, apresentando as suas razões para este feito ao longo das suas notícias. Tendo em conta o resultado obtido no primeiro jogo, as referências e as expressões de obrigatoriedade de fazer o melhor por Portugal, servindo a nação de uma forma positiva, começam a surgir.

Por isso, logo no dia 16, A Bola apresenta-nos um título que parece indicar que se não arrancamos bem na competição, ainda vamos a tempo de o fazer. Para tal, A Bola recorre a declarações de jogadores, como no caso seguinte:

“Fábio Coentrão promete render muito mais nesta equipa e um bom resultado com a Coreia do Norte. Confessa ansiedade. Quer mostrar aos cépticos que o conjunto das quinas tem qualidade.”

A questão de mostrar aos descrentes na selecção que eles não estão certos, que ela *“tem qualidade”* prende-se, não só com esta pendência para a vitória como de aí advirá, também, a imagem de Portugal projectada no mundo. Com a chegada da selecção portuguesa à Cidade do Cabo, para defrontar o seu segundo adversário, A Bola realça o já referido apoio à equipa das quinas, notório através da metáfora de guerra apresentada num título do dia 20:

“Invasão portuguesa”

Esta invasão é positiva, pois como já referi, diz respeito apenas ao apoio que a selecção portuguesa tinha na Cidade do Cabo, devido ao número de emigrantes portugueses que esta cidade acolhe. E devido a esse número, era considerado que Portugal jogava em casa.

Por esse motivo, e por a selecção ter prometido uma melhor prestação para o segundo jogo, era assim primordial alcançar uma vitória contra os norte-coreanos. No dia 21, aquando do confronto, A Bola realça assim a importância deste jogo, por ele ser um passo para os oitavos-de-final. Deste modo, faz primeiro a sua comparação com o Brasil:

“O Brasil fez a sua parte falta Portugal fazer a sua.”

A parte de Portugal era, então, à semelhança do Brasil, apurar-se para os oitavos-de-final. Assim, destaca:

“Esperança ao fim e ao cabo - Portugal joga hoje 90 por cento o seu futuro neste Campeonato do Mundo. Vencendo a Coreia, bastará, depois, aos portugueses um ponto com o Brasil.”

E como já sabemos, Portugal conseguiu de facto a vitória e o apuramento para a fase seguinte do Mundial de futebol. Como escreveu o Jornal de Notícias: *vitória categórica, confiança restaurada*. E a confiança dos portugueses, se estava um pouco abalada antes deste jogo, cresceu do oito para o oitenta. Tanto que no dia 23 A Bola fazia os seus prognósticos para o jogo seguinte:

«E agora vamos ganhar por três a um ao Brasil»

A vantagem dos golos contra o Brasil não se verificou; mas a vitória foi alcançada de certa forma, pela confirmação da passagem da selecção portuguesa à fase seguinte. E essa fase seguinte significava Espanha. À semelhança dos dois periódicos analisados, também A Bola considera que a equipa espanhola não é nenhuma Coreia, por isso mesmo, no dia 29 escreve:

“É preciso que chegue já hoje o melhor Portugal de Queiroz - É em momentos como este que se alcançam lugares na história. Para vencer a Espanha temos de jogar bem mais do que com o Brasil. Passar dos oitavos-de-final é uma ambição.”

Podemos verificar que as preocupações de maior força de A Bola eram um lugar ao sol, um lugar alto na história, o que se conseguisse, significaria mais uma passagem para a selecção portuguesa e a continuação da aventura africana. Mas não eram só os portugueses que estavam preocupados com este jogo, como A Bola fez questão de realçar:

“«Vejo em Portugal um rival fortíssimo» - Del Bosque não se sossega pelo facto de Espanha ter evitado o Brasil”

“Muito respeito por Portugal - Já lá vai o tempo das guerras verbais entre as duas selecções. Jogadores espanhóis estão conscientes das dificuldades que os esperam no jogo de hoje. Cristiano Ronaldo, apesar da sua classe, não é a única preocupação.”

Estes títulos mostram-nos que a selecção portuguesa também era temida, e que tanto os treinadores como os jogadores sabiam que tinham um adversário grande a enfrentar, até porque, como A Bola já tivera afirmado antes: *“Portugal é difícil de derrotar”*. E para o provar, mais números, que não dizendo necessariamente respeito às notícias sobre o duelo espanhol, foram sendo publicadas ao longo dos dias, como mais um dado para a glória portuguesa, para acreditarmos que a equipa tinha hipóteses:

“Guarda-redes da Selecção apenas sofreu três golos em 17 jogos. O último em desafios oficiais foi em Setembro de 2009. Muralha mais sólida do que nunca “

“Há mais de 12 horas que, em jogos oficiais, a baliza de Portugal não é violada. Eduardo em grande “

“Quem disse que a altitude não tinha influência? - Seis das sete equipas que se instalaram junto ao mar já foram para casa. Japão é a sobrevivente. Portugal trabalha a 1700 metros e, para já, está a ter frutos.”

Com estas entradas noticiosas, podemos verificar a consideração que existia pela defesa portuguesa, que se mantinha fechada há alguns jogos. Por outro lado, a questão da

preparação física e da logística pensada pela FPF para preparar os seus jogadores para uma melhor competição.

- **O lado lunar**

A questão da defesa da pátria como dever e obrigação moral é bastante notória em A Bola. Tanto que considera quase como uma traição aceitar cargos que impliquem algo contra a equipa portuguesa. Por exemplo, logo no dia 11, A Bola apresenta-nos uma notícia sobre o ex-treinador e jogador benfiquista Toni, que aceitou o cargo de “investigador” da selecção dos elefantes brancos. A esse propósito escreve:

“Patriotismo não se divide : Toni já entrou em funções como observador dos adversários da Costa do Marfim.”

Os adversários da Costa do Marfim implicavam Portugal e, apesar de este título não ter assim uma carga tão negativa, é necessário adaptar. Só o facto de A Bola achar necessário publicar esta notícia, assim como questionar ao ex-treinador se o seu patriotismo agora estaria dividido, é notório dessa consideração da pátria e da sua defesa. Da mesma forma, A Bola fez como que um levantamento das razões que acompanharam Toni a tomar esta decisão, como se de um escândalo se tratasse.

Mas falemos de jogos. Nas suas entradas de texto A Bola não mostra uma confiança excessiva na selecção portuguesa, apresentando também, muitas vezes, o lado negativo que é necessário ter em consideração, pois não se deve subestimar o adversário. Com esse pressuposto, apresenta-nos no dia 13, as condições meteorológicas para o primeiro encontro da selecção portuguesa, que parecem ser também características daquilo que A Bola considerava que iria ser esta estreia:

“Cidade de vento e de mar espera pela nossa Selecção”

Uma das preocupações de maior instância para este jogo inaugural era a presença ou a falta do capitão marfinense: Didier Drogba. Depois de uma lesão, a sua presença ainda não era uma certeza, o que fez com que durante alguns dias A Bola escreve-se sobre este assunto, mostrando a preocupação neste jogador. Uma das notícias apresentadas, data de dia 15, e inicia-se assim:

“Será Drogba a decidir se joga ou não com Portugal”- O técnico sueco afirma que jogo também será difícil para Portugal.

E de facto, o jogo foi também difícil para Portugal. E voltando as comparações meteorológicas com a equipa portuguesa, o jogo foi de um dia de inverno, como escreve A Bola:

“Jogo frio e calculista em tarde gelada. A vontade de não perder foi sempre maior do que a vontade de ganhar. No próximo jogo, com a Coreia do Norte, ou Portugal ‘arrebita’ ou então....”

Ainda sobre as críticas ao jogo de estreia português, A Bola mostra que não estava nada satisfeita com este resultado, mostrando-o e comprovando-o com os números:

“Portugal no jogo em que menos se viram as balizas - Dúvidas desfeitas quanto às cautelas da estreia do Mundial. Foi a partida em que menos se rematou. No fim da primeira ronda, números pouco simpáticos para portugueses.”

As preocupações com o trajecto da equipa das quinas começavam agora a ter mais peso. A Bola já tinha referido que uma vitória contra a Coreia tornava-se agora primordial (*“Portugal arrebita ou então...”*). O sentimento reforça-se:

“Não ganhar à Coreia pode ser o fim.”

A presença do fatalismo português é verificável nestas expressões, assim como representam a ideia de que de facto, a prestação em campo é um espelho da sociedade. É necessária uma boa prestação. É necessário ganhar.

Com o jogo contra a Coreia do Norte a contar já para o passado, e tendo em conta que *“Espanha é o adversário mais temível”*, era necessário começar a preparar o duelo ibérico, até porque, como A Bola escreve:

“«Não seremos os melhores do Mundo por ter ganho à Coreia do Norte»”.

Relativamente à preparação do jogo com Espanha, poderíamos considerar uma nova categoria de análise, desta feita, dedicada apenas a este jornal desportivo, dizendo respeito às “teorias da conspiração”. E uma das passagens mais explícitas desta “nova categoria” terá sido apresentada no dia 28 de Junho:

“Abre os olhos, Portugal - São muitas coincidências: quatro árbitros que falam castelhano a dirigir os jogos lusos. Não há juízes europeus no Mundial para um jogo entre europeus? E se a candidatura Espanha - Portugal der o estouro?”

De acordo com A Bola, é muito estranho que nos quatro jogos da equipa portuguesa, se tivessem destacado quatro árbitros espanhóis. Esta notícia será também alvo de uma análise, que será apresentada mais adiante.

Resta-nos só verificar como foi visto o jogo ibérico aos olhos de A Bola, que, como é fácil adivinhar, não causou muitos sorrisos:

Sem história e sem glória!

Portugal podia ter ganho se tivesse sido perfeito - e não foi - e se tivesse tido sorte. Saída de Hugo Almeida foi a pior decisão de Carlos Queiroz.

Já aqui tínhamos tipo oportunidade de verificar que houve algumas decisões do seleccionador nacional que não caíram nas boas graças dos portugueses. E parece que a sua escolha na troca de jogadores foi também um factor que determinou esta “falta de sorte” portuguesa.

Ao contrário do jogo contra a Coreia, este duelo não foi merecedor do título de “perfeito”, antes pelo contrário. Só teríamos tido hipóteses se o tivéssemos sido, (perfeitos) o que pressupõe que a equipa de vez em quando consegue atingir esse patamar. A qualificação de um jogo “sem glória”, por parte de A Bola, mostra o descrédito que este jogo causou. Mas mais nada se poderia fazer. A aventura africana, chegou aqui ao fim.

7.2.3. Expressões no texto

A categoria vencedora neste campo é sem dúvida a defesa da nação e a importância de uma vitória como projecção de Portugal. E porque uma equipa sem apoio não é uma equipa, a segunda categoria com mais expressões diz respeito a união e ao apoio que a selecção nacional tem do seu país, dos seus adeptos, dos seus fãs, espalhados pelos quatro cantos do mundo. Já aqui referimos a consideração portuguesa pela África do Sul, e vice-versa. Por isso mesmo, e como a história parecia favorecer a equipa lusa, as referências históricas são também de grande destaque nos textos de A Bola.

- **Defesa da nação e da pátria**

“Ser a segunda selecção que há mais tempo não perde vale o que vale. Mas valendo muito ou pouco, dá sempre para moralizar os homens de Queiroz.” 14:4

Para bem representar uma nação é necessário ter preparação primeiro, não só a nível de treinos, mas também a nível físico. E para ganhar e ser estrela, é necessário adaptar-se às circunstâncias. Por isso mesmo, tendo em conta as características geográficas da África do Sul, o estágio da selecção nacional foi minuciosamente realizado na Covilhã, devido à sua altitude, o que facilitaria a adaptação das quinças no país organizador da selecção, como notou A Bola:

“...em teoria, os portugueses podem tirar proveito disso, de terem todos os jogos ao nível do mar] porque toda a sua preparação foi feita em altitude. Quando assim é, os atletas descem depois ao nível do mar e vêem aumentar bastante o número de glóbulos vermelhos no sangue, permitindo uma oxigenação superior ao normal e, portanto, melhor rendimento físico.” (João Bonzinho, dia 11, página 17)

Era altura de por em prática a teoria. O jogo inaugural da selecção portuguesa iria se realizar em Port Elizabeth, cidade costeira. Mas a prática não saiu lá muito bem, tanto que A Bola considerou que este jogo não tinha sido a verdadeira estreia no mundial:

“O Campeonato do Mundo de Portugal joga-se amanhã, na Cidade do Cabo. Sem ponta de exagero. Porquê? Porque é fundamental vencer a Coreia do Norte. Vencer e vencer bem, no mínimo.” (João Bonzinho, dia 20 páginas 2e3)

Perder contra a Coreia, ou mesmo não marcar muitos golos, deixaria a selecção portuguesa, no mau caminho, à mercê dos resultados dos outros jogos do seu grupo. Por isso mesmo era necessário garantir segurança. Até porque, como Pauleta já tinha referido antes do jogo contra a Costa do Marfim:

“Temos uma grande equipa e estou confiante. Por outro lado, habituamos os adeptos às vitórias e se não passarmos da primeira fase será uma enorme desilusão”, (Declarações de Pauleta, dia 12 página 14).

Como tal, a equipa das quinas, segurando o sonho de um povo nos pés, tinha que começar a dar frutos, como mostra A Bola:

“...o melhor, portanto, é pensar numa coisa de cada vez: primeiro ganhar, depois....ganhar... e em terceiro lugar.... Ganhar, nem que seja por meio a zero.” (João Bonzinho, dia 21 página 2)

“É agora ou nunca! Não há volta a dar” (João Pimpim dia 21, página 6)

Tendo alcançado o resultado que alcançou, A Bola não poupou em elogios à equipa das quinas e à sua exibição, resumindo-a em poucas palavras:

“Foi simplesmente empolgante” (José Manuel Delgado, dia 22 página 2)

Mas nem tudo foi fácil; nos primeiros 45 minutos a Coreia do Norte também assustou e deu algum trabalho, como analisa A Bola

“Chegaram os coreanos a imaginar, (...), complicar a vida aos portugueses. Só não imaginavam acabar goleados. Sem cometerem uma única falta nos primeiros 45 minutos, ainda arrepiaram a espinha nacional aos 15 e 18 minutos, quando Tae Se e Nam Chol Park estiveram na cara de Eduardo. Mas já então Ricardo Carvalho atirara

ao poste, e pouco depois, Meireles aqueceu o cenário para o que veio a ficar como a nova epopeia dos portugueses na cidade da boa esperança.” (João Bonzinho, dia 22, página 4)

A selecção portuguesa tinha assim alcançado o que se lhe pedia: “ganhar, e ganhar bem!”, conseguindo até um resultado que merecia destaque:

“Cumprida - com alcance histórico, ou não se tratasse do melhor resultado de sempre de Portugal num Mundial e a sétima maior goleada nos 740 jogos já realizados, desde 1930, em fases finais do Campeonato do Mundo... (José Manuel Delgado, dia 22 página 2)

Além do mais, a equipa das quinas conseguiu assim aumentar o seu recorde de “goleada”, e ter um passe quase garantido para os oitavos-de-final; só com muito azar é que estes sete golos não iriam encurtar o caminho para os oitavos:

“Portugal deu cabo da Coreia do Norte com exibição de gala sob todos os pontos de vista e ainda com históricos sete golos. Segunda parte arrasadora, com seis golos marcados e outra mão cheia de possibilidades desperdiçadas. A maior goleada deste Mundial, a maior goleada portuguesa em fases finais - batendo os 4-0 com que venceram, em 2002, a Polónia - e a 7ª goleada em 740 jogos da história dos Mundiais, garante praticamente a qualificação para os 1/8 de final. Para o impedir, Portugal teria de perder com o Brasil por 3-0 e a Costa do Marfim repetir sobre a Coreia o resultado português: 7-0! Alguém acredita?” (João Bonzinho, dia 22 página 4)

Com sete golos marcados e nenhum sofrido, Eduardo também não passou despercebido, como A Bola fez notar:

“Dezassete jogos e apenas três golos consentidos é a invejável marca de Eduardo na baliza da Selecção Nacional. O guarda-redes português comanda uma muralha que está mais sólida do que nunca...” (Nuno Vieira, dia 23 página 5)

Depois do empate a zeros com a Costa do Marfim, o jogo contra a Coreia foi como uma lufada de ar fresco. Cumpriram-se os objectivos do jogo, e ele serviu para mudar a imagem da selecção e a sua força, fazendo com que a equipa começasse a ser temida:

Depois dos 7-0 à Coreia do Norte, Portugal, que levantara algumas dúvidas, internas e externas, na sequência do nulo com a Costa do Marfim, passou a ser temido. O que permite dizer que «Adamastor, somos nós», um gigante capaz de fazer naufragar a mais poderosa embarcação... (José Manuel Delgado, dia 22 página 2)

Uma das equipas que a selecção mais conseguiu impressionar foi a Brasileira, que iria disputar o seu próximo jogo justamente com as quinas, num despique para encontrar o vencedor do grupo G:

“Passaram pouco mais de 24 horas sobre a espectacular vitória de Portugal sobre a Coreia do Norte e já se fazem as contas ao próximo jogo, com o Brasil, já depois de amanhã, em Durban, que ditará o vencedor do Grupo G do Mundial.”

“Portugal exibiu-se a grande nível da segunda parte do jogo com os norte-coreanos, que não deixará de ter impressionado até mesmo o Brasil, mas isso na verdade, como sublinhou Carlos Queiroz, não lhe dá qualquer tipo de autoridade antecipada para o confronto com os sul-americanos, um dos jogos mais aguardados deste Mundial e um dos primeiros com lotação esgotada.” (João Bonzinho dia 23 página 3)

Além de a vitória sobre a Coreia não ser nenhum “tipo de autoridade antecipada” como referiu Queiroz, o saldo Portugal - Brasil não era muito favorável para as quinas, pelo menos no seu balanço geral.

“Mas atenção: duas das quatro vitórias portuguesas e um dos dois empates registam-se nas últimas quatro vezes em que as duas selecções se defrontaram, o que significa dizer que Portugal só perdeu um desses quatro encontros(...) Portanto, apesar do favoritismo do Brasil, os navegadores têm razões para acreditar que é possível, mais uma vez, surpreender.” (Gonçalo Guimarães, dia 25, página 7)

Mais, da mesma forma que a selecção portuguesa não tinha uma “autoridade antecipada”, também o Brasil não é uma força máxima e inalcançável para os portugueses, como defende o seleccionador nacional:

“O Brasil não tem pontos fracos? «Ponto fraco? - pergunta Queiroz -; para ficarem a saber, no dia em que voltarmos a defrontar-nos, se Portugal jogar 90 minutos como jogou os primeiros 20 minutos na tal partida no Brasil, tem mais chances de ganhar». Ver-se-á, depois de amanhã, se Portugal aprendeu a lição.”(Declarações de Carlos Queiroz, dia 23 página 3)

Mas tendo em conta o resultado obtido pela equipa das quinas frente à Coreia, uma vitória com o Brasil não era uma prioridade a cem por cento. Era um jogo esperado, disso não haja dúvidas, mas a pressão de uma boa representação e a obrigatoriedade de ganhar não estavam presentes:

“Um jogo aguardado com vários níveis de expectativa quanto à qualidade do espectáculo entre duas selecções de grande qualidade técnica, ambas, com jogadores de enorme talento, e que não sentirão demasiado a pressão do resultado que, desta vez, sendo obviamente importante, não será assim, tão determinante para o futuro.” (Vitor Serpa, dia 25 página 2).

Não obstante, o gostinho da vitória tem sempre um sabor especial. Além disso, nunca fiando, não se fosse lembrar a “Costa do Marfim repetir sobre a Coreia o resultado português”, e Eduardo sofrer os três primeiros golos na sua baliza, e assim afastar as quinas

do mundial africano, um golo não era pedir muito. Além disso, haviam resultados travados nas gargantas dos jogadores da selecção, como descreve A Bola:

“E a palavra de ordem só pode ser uma: contra o Brasil, marchar, marchar. Há contas à ajustar desde os 6-2 de Gama em Novembro de 2008 e há, sobretudo, que garantir, sem ficar à espera de terceiros, o direito ao apuramento” (José Manuel Delgado, dia 22 página 2)

Pela vontade dos adeptos a vitória era garantida, claro está. Se possível, novamente por sete golos, como nos conta A Bola, ao questionar dois jovens adeptos da selecção portuguesa:

“E o Brasil? Para Tiago, não há duvidas: «Ganhamos com um golo do Cristiano Ronaldo.» Joana é mais ingénua. «Não podemos ganhar outra vez por 7-0?» Poder, podemos, mas não é a mesma coisa.” (José Manuel Delgado, dia 24 página7).

Com o apuramento confirmado, e antes do duelo com Espanha, A Bola começava agora a fazer os levantamentos de uma primeira fase do mundial. Desde logo, a importância de a selecção portuguesa nunca ter passado da fase de grupos em campeonatos internacionais longe de casa, ou seja, sem serem campeonatos realizados na Europa, como explica A Bola:

“Portugal passa aos oitavos de final do Campeonato do Mundo. Talvez seja importante, neste momento, lembrar que pela primeira vez atinge este patamar num Mundial fora da Europa (falava-se, antes, do síndrome português da lonjura). Das duas vezes anteriores, dois desastres. No México, em 1986, e na Coreia, em 2002. Desta vez, não se pode dizer que Portugal tenha atingido o deslumbramento, mas concretizou um objectivo essencial e, isso, não pode deixar de ser assinalado.” (Vitor Serpa, dia 26 página 4)

Era também de notar, a evolução da equipa das quinas, que de acordo com A Bola, começava a apostar mais num método quase científico na sua logística dos jogos.

“...passada a fase de qualificação, e após três jogos portugueses, fica a convicção de que nunca, como agora, Portugal terá tido uma visão científica da competição. O que é o mesmo que dizer que Portugal refreia a sua paixão pelo jogo, submete alguns dos seus talentos a funções mais operárias e assume essa condição de futebol menos excitante, incapaz de seduzir multidões, mas que aposta num género de competência funcionária de uma equipa de trabalho. Terá sido cerimoniosa com a Costa do Marfim (...), foi fulgurante com a Coreia do Norte e acabou científica com o Brasil” (Vitor Serpa, dia 26 página 4)

O campeonato mundial da África do Sul teve a peculiaridade de que certas selecções vistas como “mais fortes” e de elite no futebol mundial, não tenham tido uma boa prestação,

algumas não passando sequer da fase de grupos. Desta forma, vistas bem as coisas, o arranque da selecção portuguesa não tinha sido assim tão mal:

“Vendo como estão as coisas neste Mundial - com a tragédia francesa, o tropeção espanhol, os surpreendidos alemães, os desolados ingleses e uma Itália, como é costume, tímida... - é cada vez mais certo que Portugal fez um bom resultado com a Costa do Marfim.” (João Bonzinho, dia 21 página 2)

Antes mesmo de se saber, e de se confirmar, que o próximo adversário português seria o vizinho espanhol, Pepe mostra a confiança que paira na equipa quando declara que saber quem é o adversário não é de uma extrema importância:

“«Agora, nos oitavos-de-final, não tenho preferência de adversários: venha quem vier, estamos preparados! Estivemos bem contra o Brasil, estamos prontos para qualquer selecção», concluiu.” (Declarações de Pepe, dia 26 página 12)

Ainda sobre Pepe, não posso deixar de referir as suas declarações, após o jogo contra o Brasil, onde confessa:

«Tenho muito amor a Portugal. Para falar verdade, senti mais o Hino português do que o hino do Brasil. Quase tudo o que tenho está em Portugal, devo muito a este país!! (...) O meu intuito é sempre, acima de tudo, ajudar o meu país...» (Declarações de Pepe, dia 26 página 12)

Estas declarações transportam-nos para a questão de a nossa pátria ser onde está o nosso coração e que, apesar de se nascer noutra país diferente, não significa que não nos sintamos em casa no país que nos acolheu.

O duelo ibérico aproximava-se a passos largos. A Espanha, naquela altura ainda só campeã europeia, despertava um certo medo neste confronto. Primeiro a qualidade futebolística dos jogadores espanhóis, depois porque eram um dos favoritos ao título mundial. Mas os números, os rankings e as estatísticas não assustaram A Bola.

“É indiscutível o potencial futebolístico da Espanha, mas será Portugal assim um parente tão pobre ao lado do seu vizinho, pelo menos nos domínios do futebol? É evidente que não, mesmo aceitando-se que os espanhóis são os campeões da Europa e o facto de a Selecção Nacional estar no 3º lugar do ‘ranking mundial’ contar muito pouco.” (José Manuel Freitas, dia 28 página 11)

E se por um lado Espanha era uma equipa temida, o resultado da selecção portuguesa contra a Coreia do Norte, também serviu para dar respeito aos portugueses, como fez notar Fernando Hierro, actual director desportivo da Federação Espanhola:

“Muita precaução do lado espanhol perante a troca de argumentos com Portugal na próxima terça-feira,(...) «Muito respeito por Portugal. Reconheço a alta qualidade do treinador e na equipa», observou o antigo craque do Real Madrid e de nuestros hermanos” (Carlos Vara, dia 26 página 21)

A preocupação, claro, também vinha da parte dos jogadores, como deu a conhecer Capdevila:

«Temos de ter muito cuidado com os jogadores da segunda linha do ataque. São muito perigosos, no nosso grupo há muito respeito por Portugal» (Declarações de Capdevila, dia 29 página 12)

A festa ibérica terminou com uma vitória dos espanhóis. O golo foi suspeito, mas a equipa e o futebol espanhol foram sem dúvidas melhor, como defende A Bola, (*“A Espanha tem melhor equipa e melhores jogadores.”*) que apesar de ter a preferência na vitória portuguesa, afirma que apesar de ser a selecção, nestas questões é preciso ter ética e honestidade nos acontecimentos:

“É, afinal, essa honestidade e esse sentido de ética que nos deve levar a dizer que ganhou o melhor. O que não é o mesmo que dizer que teria sido impossível uma vitória portuguesa. Não é verdade. Portugal, principalmente na primeira parte, poderia ter ganho o jogo, se não tivesse perdoado as oportunidades de que dispôs.” (Vitor Serpa, dia 30 página 4).

Da equipa portuguesa, era necessário realçar a defesa de Eduardo, que sofreu o seu primeiro golo neste duelo ibérico.

“Defendem bem os portugueses? Defendem. Não marcaram um golo naqueles três jogos mas também sofreram apenas um” (João Bonzinho, dia 30 página 3)
“O tiro de Fernando Torres, logo ao primeiro minuto, foi travado por Eduardo, numa das muitas defesas fantásticas, que até mereceram elogios por parte dos adeptos espanhóis que sofriam via TV.” (Germano Almeida dia 30 página 17)

Por Espanha, o final do dia, foi obviamente alegre, com a vitória da selecção espanhola e a continuação da caminhada que os levou a campeões do mundo. Mas, antes do apito final, nada estava certo, como nos relata A Bola:

“Visto de Vigo, o duelo ibérico da Cidade do Cabo, de má memória para nós, foi sentido com muita vibração e muito orgulho. O momento do golo foi de êxtase total. Mas o respeito pelo valor de Portugal fez com que ninguém cantasse vitória antes do apito final. Nas rádios, os espanhóis sublinhavam a justiça da vitória da roja e uma ideia forte ressaltava: o mais difícil tinha sido esta partida, pelo menos na teoria.” (Germano Almeida, dia 30, página 17)

- **Aspectos negativos**

Se por um lado se considera que a defesa da nação é um dever moral, passar para o outro lado é visto como um desrespeito à pátria e quase como uma traição a Portugal. Pelo menos é este o sentimento que A Bola transmite ao falar de Toni, ex treinador do Benfica, que passou a trabalhar com o também ex-treinador das águias, actual seleccionador da Costa do Marfim, Eriksson. Pelo menos a julgar pelo tom negativo que a notícia relativa a este assunto apresenta. E apesar de Toni ter frisado que “*Patriotismo não se divide*”, A Bola achou por bem apresentar uma notícia com as razões que levaram Toni a trabalhar com os elefantes brancos.

“Por isso, quando o sueco convidou Toni para ser observador dos adversários da Costa do Marfim no Campeonato do Mundo, o treinador não hesitou uma das primeiras pessoas a quem deu a conhecer o convite foi a Carlos Queiroz.” (José Manuel Freitas, dia 11 página 13).

Apresentadas as razões para aceitar o trabalho, era altura de começar a falar do primeiro jogo da selecção portuguesa, justamente com a Costa do Marfim. A Bola foi verificar quais eram os sentimentos do seleccionador africano, que demonstrou confiança na sua equipa:

“E sobre Portugal o que pensa o treinador tricampeão nacional pelo Benfica da selecção de Carlos Queiroz? ‘É bom não esquecer que Portugal é terceiro no ranking da FIFA e nos estamos abaixo do vigésimo. Mas isso não quer dizer que Portugal vá ganhar, o ranking da FIFA vale o que vale...’ disse o técnico sueco que seguidamente advertiu para o facto de este ‘ser também um jogo muito difícil para Portugal.’ (José Manuel Delgado dia 15, página 12).

É curioso que o primeiro encontro da selecção portuguesa com a Costa do Marfim, foi o único que não contou com nenhuma consideração e prognósticos de exibição, pelo menos directo. Falou-se do estádio, da cidade, do tempo e de Drogba. As notícias referentes ou não à participação do capitão da Costa do Marfim, mostram-nos uma certa preocupação com o jogo. À semelhança da selecção portuguesa que muitas vezes é associada a Cristiano Ronaldo, também à Costa do Marfim fica associado obrigatoriamente o nome de Drogba.

Mesmo não havendo uma posição tomada acerca da inauguração das duas equipas, as apreciações finais de A Bola não são as mais positivas:

“Porém, a estreia não foi auspiciosa, não tendo a turma das quinas encontrado forma de ultrapassar a muralha congeminada por Sven-Goran Eriksson para travar Cristiano Ronaldo e companhia.” (José Manuel Delgado, dia 16, página 4)

“Deco foi, na metade inicial quem mais remou contra a maré negra, mas o seu esforço pouca continuidade teve...” (José Manuel Delgado, dia 16, página 4)

Fica notória uma cena de um jogo bastante defensivo, sem grandes emoções. Os navegadores, ao que parecia, estavam a remar para lados errados. Seguindo esta linha, já nas vésperas do jogo contra a Coreia, A Bola “relembra” esta desorientação lusa:

“Portugal mostrou-se perdido, sem soluções, sem rumo, no empate a zero com a Costa do Marfim.” (João Pimpim, dia 21 página 6)

A recapitulação da estreia Portugal x Costa do Marfim prendia-se com a necessidade primordial de uma vitória no segundo jogo frente a Coreia do Norte (uma ideia já defendida tanto pelo Jornal de Notícias como no Público). Talvez por isso, se por um lado o jogo com a Costa do Marfim não foi merecedor de particulares atenções, o jogo contra a Coreia do Norte foi bastante noticiado.

A começar pelo dia seguinte ao jogo inaugural

“Segue-se a Coreia do norte, que Portugal, já de calculadora na mão, precisa golear.” (José Manuel Delgado, dia 16, página 4)

E o cálculo era exacto: a selecção portuguesa dependia deste jogo, tinha que dar tudo por tudo, para chegar com um certo “à vontade” no jogo com o Brasil.

“O Portugal - Coreia do Norte decide 90 por cento do futuro da Selecção Nacional no Mundial. Os outros dez por cento chegam frente ao Brasil, sexta-feira. Os portugueses precisam absolutamente de ganhar hoje para, depois, pensar que lhes basta o empate com os brasileiros.”(João Bonzinho, dia 21 página 2)

E como já verificamos nas expressões positivas, a selecção portuguesa precisava de alcançar um resultado avantajado, garantindo assim uma posição firme que os permitisse passar aos oitavos-de-final. Desta foram, escreve A Bola:

“...ora, o que se espera de Portugal amanhã frente à Coreia do Norte é que, no mínimo dos mínimos, por uma vez que seja, a bola entre na baliza norte-coreana, sem que, evidentemente, Eduardo possa queixar-se do mesmo. Estaria assim quebrado esse “bruxedo [dos empates]” (João Bonzinho, dia 20 página 7)

“...o ideal? Portugal golear a Coreia do Norte, sem dúvida. Por uns 5-0! Quantos mais golos marcar, menos dependente pode vir a ficar do último jogo.” (João Bonzinho, dia 21, página 2)

Além do mais, o próximo adversário português, o Brasil, já tinha garantido o seu lugar nos oitavos-de-final. Assim, o jogo contra a Coreia do Norte tornava-se mesmo fundamental, era o jogo do “tudo ou nada” como A Bola já havia referido, e faz questão de realçar:

“O Brasil está nos oitavos de final e acabou por oferecer a Portugal uma auto-estrada para a qualificação. Tudo dependerá agora, da equipa portuguesa, que tem de vencer, hoje, a Coreia do Norte e, se possível, por um resultado confortável para se precaver do que possa acontecer no último jogo com o Brasil, em Durban, na próxima sexta-feira” (Vitor Serpa, dia 21 página 14)

Já verificamos que a equipa das quinzas conseguiu cumprir o seu objectivo, ganhando e marcando um bom número de golos. Mas antes do primeiro golo chegar, nada estava garantido, sendo que a primeira parte do jogo não foi do maior agrado para A Bola:

“Sem oxigénio - Por largos momentos da primeira parte, Portugal parecia um peixe fora de água. Queria nadar, queria respirar, queria dominar o aquário mas não tinha como”. (João Bonzinho, dia 22 página 4)

A bomba de oxigénio chegou com o primeiro golo do jogo e da selecção portuguesa no mundial, aos pés de Raul Meireles. Mas, utilizando a analogia de Ronaldo, os golos pareciam estar entalados num frasco. Foi preciso bater com força para que eles saíssem:

“Como nós, quando abrimos um frasco de Ketchup, lhe batemos no fundo e ele parece não sair, também Portugal andou a bater no frasco com pouco sucesso até chegar à segunda parte.” (João Bonzinho, dia 22 página 4)

A caminhada para os oitavos-de-final estava quase completa. Faltava o jogo com o Brasil, que desde logo, A Bola teve em consideração, referindo que esta gorda vitória não poderia encantar os navegadores, fazendo-os esquecer das dificuldades que este jogo representava, recorrendo à linguagem de Camões e aos Lusíadas para explicar essa possibilidade:

“Hoje, dobrado o cabo, a esperança é grande. Mas é fundamental que ninguém, no campo de Portugal, perca o sentido da realidade. Retornando ao universo camoniano, o melhor mesmo é não dar ouvidos aos cantos das sereias, enganadores e falsos, sempre presentes nas gestas dos Navegadores.” (José Manuel Delgado, dia 22 página 2)

E a dificuldade aliada à potencialidade brasileira foi reforçada por números, tão amigos da persuasão e da sustentação de uma ideia:

“Portugal e Brasil vão encontrar-se hoje pela 19ª vez na sua história. É indesmentível, até ao momento, a superioridade da canarinha, que venceu em 12 ocasiões (66,7 por cento).” (Gonçalo Guimarães, dia 25 página 7)

Alcançado o empate no final do encontro luso-brasileiro, Portugal confirmou o seu apuramento e comprovou o que as apostas iniciais haviam indicado: o jogo nos oitavos-de-final a ser defrontado com a selecção espanhola. A obrigatoriedade da vitória permitiria que

a equipa das quinas continuasse em competição, mas dada a prestação da equipa até agora, A Bola, que depositava grande confiança na vitória lusa, achava que a sorte não estava do lado dos portugueses em África, a começar pelas atenuantes da fase de grupos:

“Passar dos oitavos-de-final não é uma obrigação, é uma ambição. Legítima e desejável, mas apenas uma ambição. Portugal não foi uma Selecção com sorte nos acasos do sorteio. Primeiro porque teve de enfrentar o grupo mais heterogéneo e mais forte, onde só a Coreia do Norte não era a equipa mais poderosa do seu continente. Depois, porque já se previa que, em caso de ficarmos em segundo lugar no grupo, atrás do Brasil, dificilmente evitaríamos a Espanha. A dado momento, a sorte parecia estar a mudar. Quase inexplicavelmente a Espanha perdeu com a Suíça e esse resultado dava uma esperança de evitarmos, nos oitavos-de-final, o campeão da Europa. Mas a Suíça era frágil de mais, aquele resultado tinha sido, mesmo, uma razão de acaso e a Espanha conseguiu regressar à sua natural condição de líder do grupo e, assim, colocar-se no caminho de Portugal”. (Vitor Serpa, dia 29 página 2e 3)

E se, no dia antes do jogo A Bola descrevia esta falta de sorte portuguesa, já anteriormente tinha feito uma enumeração de factores que favoreciam a vitória espanhola, destacadas ao longo dos dias, nas vésperas do jogo espanhol. A começar pela posição da própria equipa:

“Visto os prós, vamos aos contras. E o principal dá pelo nome de Espanha. Grande equipa, articulada, madura, evoluída, moderna, campeã da Europa, considerada pela generalidade dos analistas uma das grandes candidatas ao ceptro mundial. Um adversário Premium! Os dados estão lançados, a emoção vai transbordar e, no fim, um vai rir, o outro chorar. É a hora do mata-mata.” (José Manuel Delgado, dia 26 página 2)

Apesar da memória do Euro 2004, onde Portugal bateu a vizinha Espanha, ainda estar bastante presente, os factores haviam mudado, e passado é passado, as condições de um jogo não se poderiam transpor para outro, e de 2004 a 2010 haviam já passado seis anos, muita coisa tinha mudado, tanto do lado português, como do lado espanhol, como reconhece A Bola

“... Carlos Queiroz já não pode dispor da equipa com que Scolari contou para vencer os espanhóis no Euro 2004.(...). Também é verdade que esta Espanha é, agora, aparentemente, mais forte. Não sei se tão forte quanto o foi no último Europeu, que conquistou (...). Ainda assim, uma equipa de grande poder ofensivo e com um dos mais brilhantes meio-campo do mundo, com Iniesta, Xavi, Xabi Alonso, Fabregas... nesse aspecto, de facto, muito diferente da Espanha de 2004.(...) Não se pode exigir a Queiroz que jogue com a Espanha, como se ainda tivesse Figo, Costinha e Rui Costa. Nem sequer poderá jogar como tivesse Nani e Bosingwa. Tomara Queiroz ter Pepe em melhores condições e Deco totalmente recuperado. Portugal é um país de alguns talentos, mas não de muitos talentos. É um país pequeno, com um campo de

recrutamento reduzido, muitas vezes dependente de gerações, sejam elas de ouro ou de prata. Por isso, há que ser realista. Esta Seleção portuguesa tem limitações que outros, mais recentes, não tinham. Mas pode ter o arrojo de vencer a Espanha. Precisa de muito espírito de sacrifício, de grande capacidade de concentração, de muita esperteza, de não errar atrás e não falhar à frente. Precisa de ser uma equipa sólida e convicta. Precisa de jogar muito mais do que aquilo que fez com o Brasil, sobretudo, ser mais atrevida e mais ofensiva. Precisa, afinal, que se cumpram os desígnios e promessas do seu treinador, quando disse que o melhor Portugal ainda está para vir. Pois que chegue hoje.” (Vitor Serpa dia 29 páginas 2 e 3)

Se no Euro2004 Portugal tinha algumas individualidades tidas como essenciais a uma vitória, em 2010, também os tinha, nomeadamente Cristiano Ronaldo (que já havia participado no jogo espanhol a contar para o europeu), a quem A Bola deposita clara confiança mas, porém, com certos limites, pois não é sozinho que se faz a festa. E para atacar, defender e ganhar Espanha, a selecção das quinas tinha que jogar em conjunto:

“Porém, para isso será necessário que Portugal não pense em defender com dez e atacar com... Cristiano Ronaldo. O CR7 é, de facto, um jogador de enorme talento, mas não é nenhum santo milagreiro. Portanto, Queiroz pode e deve pensar numa equipa com uma sólida estrutura defensiva, apoiado num meio-campo que consiga disfarçar a superioridade do talento espanhol, mas não pode deixar de ser mais dinâmica e mas ofensiva do que conseguiu ser no jogo com o Brasil.” (Vitor Serpa dia 29 páginas 2 e 3)

A vitória contra os espanhóis, assim como o apuramento para os quartos-de-final não foram conseguidas. E mesmo tendo a Cidade do Cabo como talismã, como a história parecia determinar, desta vez, o Cabo da Boa Esperança não foi passado, mantendo-se para as quinas como o Cabo das Tormentas.

“Portugal não foi capaz de dobrar o seu cabo das tormentas na cidade que lhe deu tão boas esperanças. Naufragou quando mais se lhe pedia que fosse capaz de ser o ‘adamastor’ dos espanhóis e os derrubasse pela força da sua alma lusitana”. (João Bonzinho, dia 30, página 3).

As considerações sobre o duelo ibérico foram alvo de algumas e duras críticas, como nos mostram as citações seguintes.

“...manteve o 0-0 durante mais de uma hora mas depois de se ver a perder não foi capaz de repor a igualdade na meia hora seguinte. Reagiu com esforço mas sem talento; com espanto mas sem imaginação; com suor mas sem qualquer inspiração; com vontade mas sem fulgor. (...) não foi capaz de fazer um golo mais que se visse (...) e quem não faz golos não pode ganhar. (...) não falhou. Mas não brilhou. Cumpriu mas também frustrou”. (João Bonzinho, dia 30, página 3).

A equipa das quinas cumprira assim o seu propósito de passar a fase de grupos; a vitória contra Espanha, já se sabe, não passava de uma ambição que não teve forças para viver. A selecção portuguesa esteve um mês na África do Sul, e apesar dos seus esforços e da maior goleada do mundial, A Bola considera que a sua prestação não teve brio, alcançado apenas os mínimos exigidos:

“Vinte e quatro dias de Mundial, quatro jogos, uma vitória, a obrigação cumprida de chegar aos oitavos-de-final e o adeus aos pés da campeã da Europa Espanha. Agora que Portugal se despede do Campeonato do Mundo o que fica é um Portugal sem história e sem glória. Fez apenas o que em qualquer circunstância seria o mínimo que se podia fazer. Qualificou-se no seu grupo e marcou a goleada do Mundial. Gerou expectativas mas não as confirmou. Deixou água na boca mas decepcionou.” (João Bonzinho, dia 30 página 3)

- **União e Comunhão:**

A união da equipa é algo de valor. Uma equipa por mais boa que seja, sem união nem confiança, não chega muito longe. Além disso, a paixão por um país e a vontade de o bem representar em campo são também primordiais. E quando o azar bate a porta e a participação num mundial fica fora de questão, a tristeza apodera-se, mas a confiança prevalece. E o azar bateu à porta de Nani que, no seguimento de uma lesão, teve que regressar a Portugal mais cedo, mesmo antes da selecção portuguesa arrancar a sua competição. A Bola, mostrou-nos o sentimento do jogador, a sua frustração por uma lesão que não chegou no momento certo (e quando chega?), mas a confiança que a sua equipa chegará longe:

“...mesmo com o coração partido, Nani estará fisicamente distante dos seus companheiros, mas jamais deixará de se sentir ‘um deles’...” (João Bonzinho, dia 13 página 8)

“Parti, deixei de estar junto deles, mas continuarei muito próximo, sofrendo e torcendo pela nossa equipa, convicto de que poderemos ir longe neste Mundial. É isso que desejo. Que Portugal continue a trabalhar bem, que dê as mãos, que, unidos, ultrapassemos obstáculo a obstáculo, até ao objectivo final.” (Declarações de Nani, dia 13 página 8)

Mas nem só de jogadores vive uma equipa. Se a união faz à força, se o carinho e a confiança numa equipa são meio caminho andado para uma boa prestação, então a selecção portuguesa não tem do que se queixar. A África do Sul foi adoptada por muitos portugueses como sua segunda casa, sendo que assim, a sua presença no mundial de futebol se fez sentir. Para lá dos emigrantes, também muitos adeptos decidiram mudar de continente por alguns dias, tudo com o propósito de dar apoio à selecção.

“Dez anónimos e um perfeito conhecido rumaram ontem à África do Sul para se juntarem ao contingente de adeptos que vai apoiar a Selecção Nacional no Mundial.”
(dia 12 página 14)

Além disso, pela história, também os sul-africanos tem a equipa das quinas como uma das suas favoritas. E o carinho dos sul-africanos foi notório desde o primeiro instante, como fez notar A Bola:

“O fervor e a paixão demonstrados pelos adeptos aqui na África do Sul fazem-nos sentir mais do que em casa. Fazem-nos sentir que somos um deles e que estamos entre eles. O calor e o afecto que nos transmitiram têm sido tão extraordinário que até é difícil explicar, por palavras, exactamente o que sentimos.” (Entrevista a Carlos Queiroz, dia 12 página 10)

O jogo inaugural da selecção portuguesa não foi alvo de grandes manifestações, como já verificamos. Mas, devido ao resultado alcançado, e aos objectivos que necessariamente tinham que se alcançar no segundo jogo, A Bola aposta em grandes e claras demonstrações de afecto e união pela equipa portuguesa, referindo a mobilização de vários adeptos para assistir ao segundo jogo da selecção portuguesa, o jogo das decisões:

“...já era bem visível o entusiasmo dos emigrantes portugueses radicados na capital da província do Cabo Ocidental, desejosos de poderem ver em acção o seu conterrâneo e grande ídolo Cristiano Ronaldo. Mas nem só por CR7 vão sofrer os corações dos portugueses. O facto de a selecção jogar na Cidade do Cabo é motivo de orgulho para todos, sendo de esperar, ainda, que muitos emigrantes residentes em cidades próximas viagem até ao sul do país para assistirem ao jogo.”

“O jogo é no belíssimo e imponente Green Point (68 mil espectadores), na Cidade do Cabo, onde existe uma forte comunidade lusitana pronta para incentivar os nossos navegadores a ultrapassarem este obstáculo asiático.” (Nuno Vieira, dia 20, página 6)

É notório o carinho pela selecção e a necessidade que muitos adeptos sentiram de apoiar a selecção portuguesa no seu segundo jogo. Chegou o dia; para poderem escrever sobre a partida, os jornalistas de A Bola tinham obrigatoriamente que a ver, tarefa nada complicada. Para tal, juntaram-se a mais portugueses, emigrantes da África do Sul, para juntos, sofrerem e festejarem Portugal. A reportagem feita pela A Bola no dia 22, referente ao jogo do dia anterior, é claramente demonstradora deste sentimento:

“Primeiro, a escolha: queríamos um restaurante português, que fosse um palco significativo da comunidade portuguesa de Joanesburgo. Surgiram várias opções oficiais, mas não garantiam a mesma genuinidade.
Começa o jogo - O restaurante está completamente cheio...

Um homem dos seus cinquenta dizia que não gostava do Queiroz, nem gostava de Portugal e queria mas é que a Coreia ganhasse. Mandaram-no calar, sem contemplações: «este gajo nem devia era de estar aqui. Vai mas é lá para a Coreia do Norte que lá é que tu estavas bem...»

GOOOOOOLO! - o grito é unido e vem de dezenas e dezenas de gargantas. A euforia é igual à de um estádio de futebol. Nem faltavam as vuvuzelas, que os mais novos tocam de forma estridente. A cozinheira tem autorização para vir ver a repetição do golo de Meireles. «Estás a ver que foi um do Porto...» ouve-se. Mas ninguém quer saber, ali, de clubes. É de Portugal que se fala e é de Portugal e de portugueses que vive a festa.

Uma goleada de copos - Em cada golo, o mesmo entusiasmo, como se fosse o primeiro. Já ninguém se senta, e todos agitam bandeiras e tocam-se copos numa saúde a cada golo. Sim, foi uma goleada de golos e de copos, mas dias não são dias e este dia tudo merecia. (...) Ver ganhar a Selecção, poder ir, de cabeça erguida, ao supermercado dos indianos e dizer-lhes, nós os portugueses, somos os melhores do mundo, e o homem que só percebe de cricket encolhe os ombros, mas sabe que não é altura de discutir isso.

Vivam os portugas! (...) Foram sete golões e sete comemorações. Sete gritos de alegria, sete abraços, sete lágrimas de emoção. E, também, sete razões fortes de saudade.

Toda a gente feliz, mas o Fernando lamentava-se: «O meu pai tinha bilhetes para irmos todos ver o Portugal-Brasil a Durban, mas roubaram-nos os bilhetes. Agora, não vamos poder ir. E os senhores?... vão cá voltar?»» (Vitor Serpa, dia 22, página 16)

Desta reportagem retiram-se algumas expressões de mais destaque, nomeadamente, a importância de um jogo de futebol e a consideração que, como referiu o JN, a selecção é a selecção, e dia de jogo da selecção, não é um dia normal: “*dias não são dias*”. Desde logo, a importância de encontrar um sítio representativo da comunidade portuguesa. Nestas coisas de união é sempre melhor estarem muitos, não vá acontecer o mesmo que ao senhor que, num local português e de portugueses, decidiu apoiar a equipa adversária. Como bom português, a resposta veio pronta: “*Mandaram-no calar, sem contemplações: «este gajo nem devia era de estar aqui. Vai mas é lá para a Coreia do Norte que lá é que tu estavas bem...»*”. Chega o esperado momento: “*GOOOOOOLO! - o grito é unido e vem de dezenas e dezenas de gargantas. A euforia é igual à de um estádio de futebol.*”. E o golo foi de uma importância tal que até “*a cozinheira tem autorização para vir ver a repetição*”. Depois deste, vieram mais seis gritos, mais seis demonstrações de felicidade, mais seis abraços de alegria e saudade.

Ainda na África do Sul, o sentimento do estádio não devia estar muito aquém do sentido no restaurante repleto de portugueses, pelo menos a julgar pela festa dos golos, que foi feita:

“Diante da alma lusitana de talvez 50 mil portugueses” (João Bonzinho, dia 22 página4) ²³

Por cá, muitos adeptos se decidiram juntar em frente aos ecrãs gigantes montados nas principais cidades portuguesas, também com o propósito de ajudar, apoiar e vibrar com a selecção. *Portugal inteiro comemora o triunfo frente à Coreia do Norte.*²⁴

“Foram sete, mas foram muitas mais as cidades em festa. A Sul, no Centro, a Norte, nas Ilhas, um País unido, único, no apoio à sua Selecção. Como sempre, como dantes. Que saudades! De Faro a Lisboa, passando por Coimbra, Porto, Funchal e Ponta Delgada, Portugal quase parou, meio desconfiado mas sempre com a esperança a espreitar, para ver, fosse em casa ou nas ruas, o segundo jogo da Selecção no Mundial. E foi como se o tempo tivesse parado a partir das 12.30 horas. Depois, depois do golo de Raul Meireles, o primeiro de sete, tantos como os pecados mortais, todos, sem excepção, desejaram que o relógio parasse para eternizar aquele remate mágico. Para que o jogo com os norte-coreanos terminasse ali. Mas, afinal, havia outros, meia dúzia mais de momentos para mais tarde milhões de portugueses recordarem. Foi, na verdade, um autêntico banquete para um País com fome de golos, mas, sobretudo, dos seus ídolos.” (Jorge Santos Carvalho, dia 22 página 18)

No dia 23 de Junho, ainda os sete golos estavam na cabeça do mundo. A chegada da selecção portuguesa ao aeroporto já a pensar no seu jogo seguinte, foi recebida com agrado por sul-africanos contentíssimos com a vitória portuguesa:

“À chegada ao aeroporto e Lanseria aconteceu uma coisa curiosíssima: os nossos acompanhantes, especialmente os motoristas fizeram uma grande festa cá fora, com música africana e só diziam todos, no português dele, bola 7, bola 7. É isso que agora se ouve mais no hotel por parte dos sul-africanos que estão a apoiar Portugal.” (Declarações de Carlos Godinho, dia 23, página 7)

Já aqui tínhamos verificado o apoio por parte dos habitantes da África do Sul. E por infortúnio, a equipa anfitriã não conseguiu passar a fase de grupos. Desta forma, e apesar da tristeza, os sul-africanos depositavam agora as suas confianças noutras equipas: primeiro o Gana, a única equipa africana que se mantinha no mundial, e logo de seguida, Portugal:

“...e a explosão de alegria - a que se associaram inúmeros portugueses, equipados a rigor, nas várias fan zones da cidade - que se seguiu sugeriu que tinham sido campeões do Mundo. Quando perguntámos a Jonah, um dos muitos adeptos, camisola amarela vestida e vuvuzela sempre a postos, quem passaria a apoiar a partir de agora, a

²³ Este número é bastante interessante, tendo em conta que o Estádio Green Point, na Cidade do Cabo tem uma capacidade de cerca de 66.005, a presença portuguesa, se foram mesmo os tais 50 mil portugueses, foi de uma força extrema.

²⁴ José Manuel Freitas, dia 23 página 7

resposta foi célebre. «O Gana». E a seguir? «Portugal, Cristiano!!!!» (José Manuel Delgado, dia 23 página 9)

O sentimento da África do Sul e dos seus habitantes é notória. Em vésperas do jogo contra Espanha, que iria decidir se Portugal continuava ou não no mundial, as opiniões dos sul-africanos eram unânimes, como referia o título da notícia publicada no dia 24, na página 7: *“Vocês não podem ir embora”*, e de acordo com A Bola:

“É o sentimento expresso por muitos sul-africanos com quem a reportagem de A BOLA se tem cruzado nestes últimos dias, da Cidade do Cabo a Joanesburgo, e de Joanesburgo a Magaliesburg - o desejo de que a Selecção de Portugal não abandone o Mundial.” (João Bonzinho, dia 24 página 7)

Os oitavos-de-final já tinham chegado, e eis que chega o dia do duelo ibérico. Apesar da derrota, a união não perdeu, como destaca A Bola:

“Quase 63 mil espectadores (espanhóis em maioria) transformaram o Estádio Green Point numa fantástica festa ibérica entre dois países vizinhos, num fabuloso e colorido convívio onde não faltou beleza, muita beleza de parte a parte.”
“...os adeptos portugueses, pela forma calorosa como, do primeiro ao último minuto, procuraram incentivar os navegadores (não só ontem mas desde o momento em que a equipa chegou à África do Sul), mereciam outro fado...” (João Bonzinho, dia 30 página 12)

E de Norte a Sul do país, em Portugal, o jogo foi visto e sentido por milhares de pessoas, onde união não faltava, assim como os sentimentos desesperantes e agonizantes que A Bola referiu começarem a aparecer durante o jogo:

“Começou cedo, foi gira, mas não terminou como se desejava a festa dos lusos da Ibéria. De norte a sul, passando pelas regiões autónomas, ao final da tarde de ontem, lentamente, o país começou a mobilizar-se, como se também ele entrasse em estágio, para ver pela quarta vez em acção a equipa das quinas. (...) Durante 78 minutos, o tempo parou, como se não houvesse amanhã. O pior veio depois. (...) Ao intervalo, as cidades descansavam da intensidade de um jogo e renovavam forças para a segunda parte. Mas foi em esforço que um país concentrado em frente a ecrãs gigantes começou a perder a esperança, a entrar em desespero e resignação absoluta... (...) De repente, naquele remate fatal de David Villa, na segunda parte, o futuro tornou-se curto; num segundo, subitamente, a esperança de milhões de portugueses em ver a sua selecção apurar-se para os quartos-de-final do Mundial 2010 começou, lentamente, de forma quase agonizante, a dar lugar a um estranho sentimento, misto de desespero e resignação.” (Jorge Santos Carvalho dia 30 página 16)

Este texto, em sintonia com as imagens apresentadas nas páginas de A Bola, mostra um país quase desconcertante perante o jogo, não que tinha sido mal, mas por que de facto, a esperança portuguesa ia muito mais além daquela derrota por um golo. Mas nem tudo foi mal. Como bons irmãos e vizinhos que Portugal e Espanha são, o fair-play e a empatia foram notórios, numa expressão que afinal um jogo de futebol não é tudo, e uma derrota pode ser má, mas não é o fim do mundo:

“Mas também houve muito fair-play, como o abraço entre o experiente Puyol e o miúdo Coentrão, depois de um lance mais ríspido do espanhol, junto da sua área. E no final, os vencedores souberam prestar honra aos vencidos, com muitos abraços, trocas de camisolas e a certeza de perceberem a alegria da qualificação só encontra expressão idêntica no outro extremo, na profunda tristeza da eliminação. Por isso mesmo, Casillas limpou as lágrimas de Eduardo...Perdeu-se um Mundial mas não se estragou a vizinhança.” (João Bonzinho, dia 30 página 12)

- **O passado histórico**

“É de braço dado com a história da vida que a Selecção Nacional caminha neste Mundial da África do Sul, país já por si ligado a Portugal e aos portugueses, marcados há 500 anos com os grandes navegadores quando Bartolomeu Dias dobrou o Cabo das Tormentas e transformou-o em Boa Esperança.”²⁵

No caso de A Bola, podemos mesmo falar de um passado histórico, tendo em conta que, do lado positivo aparecem 14 referências ao passado, contrastando com a referência negativa (que por si só não é assim tão passado). As referências ao passado, à semelhança dos dois jornais analisados, variam entre séculos atrás, anos atrás e, no caso de A Bola, dias atrás. Começamos pelos descobrimentos, menção tão usada por estes dias não tivesse a sorte colocado a equipa das quinas no mesmo território que, séculos atrás, foi descoberto pelos portugueses.

Desde logo, a presença portuguesa nas cidades onde a selecção ia passar, a começar pelo jogo inaugural, realizado na província do Cabo Ocidental, na cidade de Porth Elizabeth. Na viagem até lá, encontra-se a cidade de Mosesel Bay, onde a alusão aos portugueses não passa despercebida.

“A meio caminho entre a Cidade do Cabo e Port Elizabeth fica Mosesel Bay, local pisado, em 1498, por Bartolomeu Dias, depois de ter transformado o Cabo das Tormentas em Boa Esperança. (...) que tem a cruz que engalanou as caravelas portuguesas como símbolo. Uma das principais atracções de Mossel Bay é o Museu de Bartolomeu Dias, que recorda a epopeia portuguesa dos Descobrimentos e é visitado, anualmente, por milhares de turistas. «Temos uma grande ligação, histórica e emocional, a Portugal.»”

²⁵ Nuno Vieira, dia 14 página 7

“São múltiplos os motivos alusivos a Portugal em Mossel Bay, com muitas ruas, praias e enseadas a receberem o nome de vários navegadores. Mas é no Museu Bartolomeu Dias que está o principal pólo de atracção, uma réplica, feita em Vila do Conde, da caravela que ‘venceu’ o Adamastor há 522 anos. Podem ainda ser vistas uma estátua de Bartolomeu Dias e uma réplica, oferecida por Portugal nos anos 60, do padrão deixado por Vasco da Gama quando rumava à Índia.” (José Manuel Delgado, Dia 13 página 9)

Mas se na nesta cidade apenas havia símbolos que lhe ligassem Portugal, a Cidade do Cabo, *“onde Bartolomeu Dias fez história há mais de 500 anos”*²⁶, era o símbolo em si.

“A Cidade do Cabo, que ainda hoje perpetua o nome de Bartolomeu Dias, celebrado por ter sido o primeiro europeu a navegar para além do extremo Sul de África, dobrando o famoso Cabo da Boa Esperança.” (João Bonzinho, dia 20 página 7)

A disputa com o jogo contra a Coreia do Norte nesta cidade, parecia indicar que os navegadores de outrora estariam a olhar pelos navegadores de agora, numa espécie de culto e protecção. Pelo menos era isso que A Bola desejava, ao referir-se ao segundo encontro da selecção nacional:

“Inspiração lusitana não lhe faltará. Desde logo porque o jogo se realiza numa das cidades mais marcantes da nossa história, a Cidade do Cabo, o da Boa Esperança que deixou de ser das tormentas quando o navegador Bartolomeu Dias, em 1488, o dobrou e deu novos mundos ao mundo”. (João Bonzinho, dia 21 página 6)

“A esperança, ao fim e ao cabo, de passar esta tormenta com sucesso, é a única coisa que passará pela cabeça dos portugueses, e tal como há 500 anos o navegador Bartolomeu Dias pediu certamente aos seus homens coragem e fé, determinação e espírito, sentido de dever e união como única forma de conseguirem vencer a força do mar e a crueldade dos céus para ultrapassarem, aqui, o Cabo da Boa Esperança, também Carlos Queiroz não deixará de pedir aos seus navegadores que revelem toda a ambição que dizem ter trazido para o mundial. Só isso vencerá a força de qualquer vento.” (José Manuel Delgado, dia 21 página 2)

Ao que parece, a história ajudou a selecção nacional, e os portugueses, pela segunda vez conseguiram dobrar o cabo. E da mesma forma, o estádio Green Point, onde se disputou a partida e que estava até agora marcado por uma *“maldição”*²⁷ de empates, deixou de ser uma tormenta para os portugueses:

“Temia-se que os Navegadores naufragassem no estádio Green Point, frente aos enigmáticos norte-coreanos. Verdadeira tormenta. Tal cenário foi apagado, contudo,

²⁶ Nuno Vieira, dia 20, página 6

²⁷ Os outros jogos disputados neste estádio na altura do Mundial 2010, acabaram todos em um empate: Uruguai - França (0-0), Itália - Paraguai (1-1), Inglaterra - Argélia (0-0)

do mapa, por sete golos lusitanos e uma exibição categórica. Para Portugal, dobrada a Coreia do Norte, aquele passou a ser o estádio da Boa Esperança.” (José Manuel Delgado, dia 22 página 2)

Além da vitória, a equipa das quinas interditou a passagem da Coreia do Norte para os oitavos-de-final, mas garantiu a sua. E como a literatura também é importante para estes factos históricos, a vitória portuguesa não poderia deixar de ser considerada como o Adamastor da Coreia do Norte.

“A 40 quilómetros de um dos mais emblemáticos marcos da história de Portugal, o cabo das Tormentas, depois da Boa Esperança, onde mora, ainda hoje, o Adamastor descrito por Luís Vaz de Camões no Canto V dos Lusíadas, os Navegadores do século XXI, vindos da ocidental praia lusitana, deram um passo de gigante rumo à fase seguinte do Campeonato do Mundo de futebol. 22:2

O duelo ibérico realizou-se também na Cidade do Cabo, o que desde logo foi, para A Bola, uma mais-valia na prestação portuguesa:

“Porque a história de Portugal nos ensina que os maiores feitos dos portugueses passaram pelos mesmos ares que os Navegadores vão agora respirar. Porque o jogo vai disputar-se na metade do Globo atribuído a Portugal, em detrimento da Espanha, pelo Tratado de Tordesilhas. (...) Vamos jogar em casa!” (José Manuel Delgado 26 página 2)

- **O passado mais recente:**

Relativamente ao primeiro jogo, a história poderia não brindar tanto pela ajuda e inspiração portuguesas. Mas a história mais recente dava um ponto a favor aos portugueses, em especial pelo seleccionador:

“Curiosamente, o último jogo de Eriksson num Mundial foi contra Portugal, em Gelsenkirchen, nos quartos de final, em 2006. Tal como tinha sucedido em 2004, a equipa de Eriksson, a Inglaterra, perdeu no desempate por grandes penalidades.” (José Manuel Delgado dia15 página 12)

Já a cidade que recebeu o encontro Portugal - Brasil, foi marcada mais pela presença de Fernando Pessoa, no entanto, as referências ao passado neste jogo, remontam para últimos anos. E desde logo, marcado pela negativa:

“Lembram-se do que aconteceu a 19 de Novembro de 2008, nos arredores de Brasília? Sim, Portugal foi goleado pelo Brasil por 6-2 (!),(...)Portugal até esteve a ganhar, por 1-0, fruto do golo de Dany logo ao minuto 4. Depois, porém, a catástrofe aconteceu.” (José Manuel Delgado, dia14 página 4)

Como a história não é de nos fazer desfeitas, este facto era contrastado, também, com acontecimentos passados:

“Mas esta goleada aconteceu há mais de ano e meio. Daí para cá, Portugal jogou 16 vezes e não mais perdeu: 12 vitórias e apenas 4 empates (Cabo Verde, Dinamarca, Estónia e Suécia). É um dos maiores ciclos sem derrotas das histórias do futebol português.” (José Manuel Delgado, dia 14 página 4)

À semelhança dos outros dois jornais analisados, não poderia deixar de faltar a referência ao Portugal - Coreia do Norte disputado em 1966.

“Há mais de 40 anos, um jogo de Portugal com a Coreia do Norte também era decisivo e Portugal fez o que tanto os portugueses lhe pediam - venceu. E venceu bem.” (João Bonzinho, dia 20, páginas 2 e 3)

Como que uma superstição, sendo este jogo tão recordado pelos portugueses, tentou-se aproximar o jogo do dia 21 de Junho ao ocorrido a 23 de Julho de 1966, dando-lhe as mesmas cores e estilos:

“...quis uma interessante coincidência que a escolha dos equipamento para esta campanha da Selecção Nacional na África do Sul tivesse recebido por inspiração, precisamente, o traço e a cor da roupa utilizada na referida prova de 1966” (João Bonzinho, dia 18 página 6)

Continuando com as superstições, agora a dos números. Se por um lado o Portugal - Coreia de 2010 tinha sido como que abençoado pela cidade em si e pela sua história, o jogo contra os espanhóis, a ser disputado na mesma cidade, como já verificamos, era como que abençoada pelo resultado dos 7-0.

“As perspectivas, do ponto de vista português, são animadoras. Porque jogamos na cidade-talismã que testemunhou os 7-0 à Coreia do Norte, resultado que fica ao lado dos 5-3 de 1966, aos mesmos asiáticos, na galeria dos feitos mais exuberantes da turma das quinás. (José Manuel Delgado, dia 26, página 2)

Antes do jogo espanhol Portugal ainda não tinha sofrido nenhum golo. E esta façanha, nem todos conseguem fazer, como aponta A Bola:

“Foi o Brasil, mas há mais de 50 anos, a primeira equipa a passar a fase de grupos do Mundial sem sofrer qualquer golo. Mas há mais de 50 anos, como diria Queiroz, ainda o Vasco da Gama estava a caminho da Índia. Por mais duas vezes, porém, o conseguiu a selecção canarina - em 74 e 86. Hoje, neste Mundial 2010, já só Portugal não tem qualquer golo sofrido (...) Para trás, diz a história que só quase grandes selecções,

daquelas que costumam discutir e conquistar os títulos mundiais, cometeram proeza igual.” (João Bonzinho, dia 27 página 8)

- **Posição no mundo - Portugal no centro**

Quando alguém internacionalmente conhecido fala sobre os portugueses ou sobre Portugal de uma forma positiva, isso representa que Portugal ou os portugueses, são reconhecidos pelo mundo, aumentando e contribuindo assim, para a boa imagem do país. A Bola, que nos mostra esta situação, tratou de verificar qual era a ideia que tais figuras tinham da selecção portuguesa. Começou por falar com Pelé, considerado como o maior futebolista da história, que guarda um lugar de destaque para Portugal neste Mundial:

“Pelé admitiu ontem que Portugal está incluído no grupo de equipas participantes no mundial-2010 que melhor futebol pratica na actualidade.” (dia 11 página 9)

Seguiu com uma das melhores equipas da actualidade, o Real Madrid, questionando alguns dos seus jogadores:

“Portugal está entre os favoritos à conquista do Mundial. Pelo menos é esta a convicção das estrelas do Real. Kaká, Van der Vaart e, logicamente, Cristiano Ronaldo, acreditam que a Selecção pode discutir o título.”

“As apostas dos craques estão feitas, os prognósticos vão quase todos no mesmo sentido e para os portugueses fica a satisfação de ver a Selecção entre a elite. Que as estrelas madrilenas tenham razão...” (Pedro Mendonça, dia 18 página 22)

A palavra de consideração dos mais fortes e dos melhores, no mundo futebolístico, sobre a selecção portuguesa, levantam a moral. Afinal, se eles são os melhores e os mais fortes, tem credibilidade.

O jogo contra a Coreia, já sabemos, foi bastante noticiado. Comparando-o com o de 1966, A Bola vai buscar o outro lado, não o da vitória portuguesa, mas o da vitória coreana, dos primeiros 45 minutos.

“Ambas as equipas guardam boas recordações dessa tarde, afinal. (...)que adversário não gostaria de estar a vencer Portugal por 3-0, logo aos 25 minutos de jogo?” (João Bonzinho dia 18 página 6)

Ora, a questão que aqui se prende não é o facto de a Coreia ter marcado três golos nos primeiros 25 minutos, mas sim, de acordo com A Bola, o facto de ter sido a Portugal; ou melhor, a pergunta retórica mostra o contentamento de jogar com os grandes, considerando a selecção das quinas como uma equipa de alto nível e temida por todos.

O resultado do jogo fez com que os sete golos da selecção portuguesa estivessem na boca do mundo. Literalmente. A Bola fez notar esta questão, fazendo uma pesquisa do que diziam os principais jornais sul-africanos. Uma opinião unânime: o jogo de Portugal foi uma delícia para os olhos.

“A imprensa sul-africana delirou com o jogo de Portugal. Os principais jornais do país consideraram, mesmo, a exibição da segunda parte da equipa portuguesa como a melhor, de qualquer selecção, vista neste campeonato do Mundo.

«Portugal ficou no sétimo céu», «electrizante futebol de ataque dos portugueses», «Portugal arrasou a Coreia do Norte», «...ninguém terá dúvidas que Portugal faz parte dos Big Five», «PORTUGAL - SEVEN UP!»

“ Finalmente, o The Star, o jornal da minoria branca, e que é considerado como o jornal mais conceituado, fala em «sete golos soberbos» da equipa portuguesa. John Goliath é o jornalista que assina a crónica do jogo. Faz o elogio do futebol de ataque dos portugueses que se tornou irresistível e avisa: «Ronaldo provou neste jogo que podemos contar com ele e anuncia que vai deixar a sua marca neste Mundial.» (Vitor Serpa, dia 23, página 8).

Parece assim que não foram só os sete golos que ajudaram na recuperação da esperança já mencionada a propósito deste jogo. Os meios de comunicação social ajudaram bastante, tanto os portugueses como os internacionais.

Por fim, antes do duelo espanhol, quando foram reconhecidos os adversários dos oitavos-de-final, A Bola, remetendo para a questão da “opinião dos melhores”, o recurso a “especialistas”, sonda a equipa espanhola.

“Já sabíamos antes de começar o Mundial que nos oitavos-de-final encontraríamos Portugal ou Brasil, duas das melhores seleções do Mundo. Sabemos que nenhuma selecção é fácil e, assim, devemos manter-nos iguais, pois com o nosso jogo podemos dobrar uma boa equipa, com grandes individualidades, como é a de Portugal.» (José Manuel Vieira, dia 27 página 9)

- **A imagem periférica**

As referências que projectem Portugal para um país periférico dizem respeito a dois momentos exactos, um primeiro, onde A Bola foi tentar perceber como era a imagem geral dos portugueses na África do Sul, através de Carlos Marques, cônsul-geral na África do Sul.

“Carlos Pereira Marques, é o actual cônsul-geral (...) e considera ser este um momento particularmente importante para mostrar nova imagem de Portugal. (...) O Campeonato do Mundo veio trazer, enfim, um espaço de afirmação de uma nova

imagem de Portugal e dos portugueses. O consulado escolheu uma zona de elite da sociedade de Joanesburgo, em Melrose Arch, para lançar a maior parte das iniciativas de promoção turística e de uma presença moderna e internacionalmente forte de Portugal.” (dia 19 página 6)

O segundo momento, por sua vez, diz respeito ao resultado do duelo ibérico, bilhete de volta a Portugal da selecção portuguesa:

“Portugal veio ao Mundial com uma equipa de média categoria. Tem jogadores de talento fora de forma, como Cristiano Ronaldo, ainda por cima, sempre demasiado ansioso. Tem jogadores a fazer das tripas coração para disfarçar o peso dos anos. Tem lugares por preencher com jogadores, pelo menos, de um nível médio para uma competição tão exigente como esta.”

“Podia ter acontecido, se os deuses nos tivessem favorecido, mas temos de admitir que não merecíamos essa dádiva.” (Vitor Serpa dia 30, página 4)

A primeira referência prende-se, como é verificável, com uma imagem social de um número consideravelmente grande de emigrantes a habitar na África do Sul. A notícia que lhe diz respeito, gira em torno da população portuguesa que tem a África do Sul como a sua casa há já vários anos. Concentrados essencialmente nos três centros mais populacionais (Joanesburgo, Pretória e Cidade do Cabo), a imagem do povo português neste país não é a mais favorável, isto porque, apesar de haver muitas pessoas bem sucedidas de nacionalidade portuguesa nestes grandes centros, há ainda uma grande percentagem de pessoas na pobreza. No entanto, o consulado entende que, apesar de tudo, os portugueses “se sentem em casa” e revela que um dos projectos principais para o destaque português, passa pelo ensino da língua portuguesa nas escolas sul-africanas.

Já na segunda referência, nota-se um descrédito na selecção portuguesa, que apesar dos seus bons jogadores, tem outros que já não estão nas suas melhores condições físicas. Além disso, A Bola considerou este jogo de tal forma negativa, que no seu entender, só com intervenção divina se conseguia vencer a Espanha, mas nem a equipa merecia.

- **Cultura, hábitos e símbolos**

“craques, saudades, bacalhau, caldo verde, churrasco, chanfana e histórias.”²⁸

²⁸ Intra-títulos da notícia publicada no dia 15, página 10, sobre a cozinha da selecção.

Vimos no ponto anterior, relativamente às expressões que remetem para uma posição periférica de Portugal, que um dos objectivos para tentar mudar a imagem portuguesa na África do Sul se prendia com o ensino do português. Aproveitando a altura do Mundial, o cônsul-geral decidiu apostar na cultura portuguesa, com certames que iriam se prolongar mais do que o mês do futebol. Dessa forma, o passo para a mudança da imagem portuguesa:

“Começou com a exposição da peça de Joana Vasconcelos, coração independente vermelho, e juntar-se-ão muitas outras iniciativas. Do programa, que se prolongará para além do Mundial, constata-se iniciativas tão diversas como uma semana de gastronomia portuguesa, com o chefe Vítor Sobral, uma notável exibição de livros portugueses do século XV ao século XIX, relativos à presença portuguesa em África, na Brenthurst Library, danças folclóricas portuguesas no palco central de Marbel Arch, desfiles de moda, organizado pela estilista Ana Sousa, mostra de peças da Vista Alegre, Atlantis e Bordalo, diversos documentários, filmes promocionais e um recital do pianista José Dias - filho de Laurentino Dias, secretário de estado do desporto - e que já é uma das principais figuras da orquestra filarmónica da Cidade do Cabo. Será acompanhado pela soprano Filipa van Eck.” (dia 19 página 6)

As referências literárias são comuns em A Bola: verificamos já as construções fráscas baseadas em Camões e nos Lusíadas, as homenagens a Saramago, e a presença de Fernando Pessoa na África do Sul. A este propósito, A Bola, aquando do jogo com o Brasil, prestou também homenagem a este génio da literatura portuguesa, que passou alguns anos da sua vida na cidade que ia receber o confronto.

“‘Mensagem’ é o mais célebre livro de Fernando Pessoa, o único aliás, em português que ele publicou em vida. Pessoa viveu alguns anos da sua infância e início de adolescência em Durban, cidade costeira da África do Sul, banhada pelo Índico, que amanhã recebe o Portugal-Brasil.” (José Manuel Delgado dia 24 página 7)

Sob a alçada de Fernando Pessoa, A Bola refere a importância da língua portuguesa. Devido ao encontro da lusofonia ser um dos mais aguardados da primeira fase, A Bola considera que, neste dia, o mundo ia ser português”

“Portugal e Brasil jogam hoje na cidade de Durban, que foi importante Centro na formação da complexa personalidade de Fernando Pessoa, um dos maiores poetas da história da literatura universal. Como se o futebol mundial quisesse prestar a sua homenagem a essa Pátria maior que é a língua comum a portugueses, brasileiros, e a tantos e tantos africanos. Hoje, o Mundo será realmente Português.” (Vítor Serpa, dia 25 página 2)

A união de um povo, ou parte dele, com o intuito de dar o apoio à selecção, prende-se muitas vezes, com a utilização de símbolos que remetam para o país ou selecção que

defendem. Dessa forma, são várias as referências encontradas que entram neste campo, desde logo, no jogo inaugural da selecção portuguesa:

“...o restaurante cheio de gente com cachecóis e camisolas de Portugal, vendo televisão, ouvindo um esforçado grupo musical, comendo ‘pregos no pão’ e bebendo vinho ou cerveja como em qualquer cidade portuguesa”. (Vitor Serpa, dia 14 página 5)

A segunda partida da selecção nacional também foi merecedora de simbolismos nas suas notícias, tanto pela equipa como pelos adeptos. Neste segundo caso, talvez devido à pressão compreendida com este jogo, os adeptos portugueses vieram de vários locais diferentes, trazendo consigo o equipamento português:

“Vieram de todos os lados da África do sul, de Portugal também, mas ainda de Angola e Moçambique, bandeira verde e rubra às costas e uma forma de estar lusitana na alma. Cantaram o hino nacional de forma apaixonada, emocionaram-se com a imagem de Eusébio, e com ela em fundo revistaram as memórias dos 5-3 de Goodison Park “ (José Manuel Delgado, dia 22, página 2)

Além da memória ter sido invocada por Eusébio, por si só já um símbolo de Portugal e dos portugueses, os equipamentos da equipa das quinas tinha sido pensado à imagem deste jogo disputado em 1966, como já tivemos oportunidade de verificar, acerca da presença do passado nos textos de A Bola.

“Portugal e a Coreia do Norte, na Cidade do Cabo, terá uma curiosidade adicional: as equipas vão vestir as mesmas cores da camisola do que a 23 de Julho de 1966, quando se defrontaram em Goodison Park, na cidade de Liverpool, na Inglaterra, no Campeonato do Mundo. As cores são uma inspiração. Ontem como hoje.” (João Bonzinho, dia 18 página 6)

Para receber as quinas à sua chegada à Cidade do Cabo, os emigrantes que ali vivem, preparam uma recepção calorosa e *“chegaram, até, a cantar o hino nacional”*²⁹ Quem esteve no dia 23 de Junho no aeroporto da Cidade do Cabo, não deixou de ver um sem fim de cores e símbolos e várias nações, entre as quais, a portuguesa, que se preparava para levantar voo rumo a Durban, a fim de ver o jogo Portugal - Brasil:

“Curiosamente, o voo SA 612 que levantou da Cidade do Cabo ao meio-dia estava lotado, quase só de portugueses. Muitíssimos, alegres, bandeiras e cachecóis verde-rubros a colorir primeiro a zona da porta A11, depois o interior do Airbus” (José Manuel Delgado, dia 24 página 10).

²⁹ João Bonzinho, dia 20 página 7.

Mas não eram só os adeptos portugueses que “deliravam” com a selecção. Por lá, também os sul-africanos mostravam o seu apoio pela selecção portuguesa, e em alguns casos, por Ronaldo.

“...agita uma grande bandeira portuguesa, colocada sobre um lugarejo de fruta. O dono, Moses, é sul-africano e explica com «uma grande admiração pelo futebol de Portugal e por Cristiano Ronaldo» o facto de hastear no barraco/loja a bandeira verde e rubra da centenária República Portuguesa.” (João Bonzinho, dia 18, páginas 24 e 25)

“...lhe pediam uma camisola. Não a receberam de CR7, mas de Carlos Godinho, e lá seguiram o treino vestidas com as cores nacionais, o que tem sido muito visto por estas bandas.” (Vitor Serpa, dia 25 página 2)

• Casa e família - A casa de Portugal³⁰

As referências que associem a metáfora da pátria como a nossa casa ou a nossa família, tem alguma posição em A Bola. A começar pelo primeiro jogo, e as semelhanças encontradas entre a cidade anfitriã e Portugal:

“Porth Elisabeth tem uma dimensão comedida e tem um mar imenso que lhe dá uma boa imagem portuguesa.” (Vitor Serpa, dia 14 página 5)

O jogo contra a Coreia do Norte tem mais um ponto a acrescentar: a Cidade do Cabo ia fazer com que a selecção portuguesa se sentisse como se estivesse em Portugal., quer pela quantidade de emigrantes e apoiantes que se deslocaram ao estádio, quer pela história envolvente da própria cidade.

“Portugal vai jogar em casa, amanhã, quando defrontar a Coreia do Norte.”

“... Portugal vai sentir-se em casa.” (Nuno Vieira dia 20 página 6)

A sensação de se sentir em casa é também referente ao carinho que um certo país tem por nós. Devido ao seu trabalho como seleccionador nacional, Luiz Felipe Scolari, apesar de o seu bilhete de identidade indicar que a sua nacionalidade é brasileira, “Felipão”, não esconde que Portugal o marcou. Por isso mesmo, escolheu o país luso para morar, e confessa que, apesar de torcer pela sua selecção, a brasileira, também deposita confiança na equipa das quinas.

³⁰ Nome dado à sede do consulado português na África do Sul, referência consta da notícia do dia 19, página 6.

“‘Seu’ Scolari chegou hoje, mas antes de viajar falou a A BOLA, desde a sua residência em Cascais, local adoptado desde que fez de Portugal a sua segunda casa.”
(José Manuel Freitas, dia 19, página 8)

“Sou brasileiro, mas tenho Portugal no coração.” (Declarações de Luiz Felipe Scolari, dia 19 página 8)

Da mesma forma, também Pepe, naturalizado português e uma das figuras incontornáveis da selecção portuguesa, confessa o amor pelo país que o acolheu. Aquando do duelo da lusofonia, A Bola foi falar com o defesa para saber os seus sentimentos sobre o confronto contra o país que o viu nascer, e segundo o que apurou, o jogo para este luso-brasileiro vai ser, claro, especial, mas não muito:

“Especial? Claro, embora sem qualquer tipo de dramas, porque há muito que fez do nosso País a sua casa.” (José Manuel Freitas, dia 26 página 12)

E até quem defenda a equipa portuguesa, não por conhecer Portugal, mas pelas ligações de sangue e familiares que têm com o país. É o caso de quatro jovens Venezuelanos que vieram até a África do Sul apoiar a selecção das quinas:

“É Xavier, aquele dos quatro que melhor fala português, que diz que estão «na África do Sul a apoiar Portugal, o país dos nossos pais, que temos no coração.” (José Manuel Delgado, dia 23 página 9)

Por fim, a associação com “casa” como sinónimo de derrota, à semelhança dos outros dois jornais analisados. Neste caso, a referência tem um cariz negativo, como se fosse um castigo, assemelhando-se a uma criança, quando brinca e faz alguma asneira que ouve logo um grito de fúria de sua mãe: “Já para casa!!”

“O que Portugal fez no jogo de ontem à noite foi menos do que se exige a uma equipa cujo desejo de chegar longe no Mundial foi apregoado quase aos quatro ventos. Portugal regressa a casa. Regressa sem história e sem glória. Regressa, infelizmente, sem surpresa.” (João Bonzinho, dia 30 página 3)

Nesta referência nota-se também a questão da imagem de Portugal ao mundo, por uma promessa ou um objectivo por cumprir que ficou a meio, como refere o jornalista, quando expõe que Portugal apregoou o seu “*desejo de chegar longe no mundial aos quatro ventos*”. Talvez por isso, tenham vindo para casa, despedindo-se da 19ª edição do Campeonato Mundial de Futebol “*sem história, sem glória, sem surpresa*”.

Capítulo VIII - Considerações gerais dos três jornais

Importa referir em primeiro lugar os resultados quantitativos. O Jornal de Notícias é o que apresenta mais notícias dedicadas à selecção portuguesa de futebol, durante o Mundial da África do Sul: das 734 notícias apresentadas nos 20 dias de análise, 352 são sobre a competição em si, sobre as várias selecções, etc., ao passo que da selecção portuguesa são apresentadas 382 peças, o que mostra uma clara preferência nos assuntos da selecção.

Por sua vez, A Bola e o Público estão já mais equilibrados a nível de peças noticiosas sobre o Mundial e as dedicadas à selecção. No caso de A Bola, 694 para 359, ou seja, quase metade das notícias. Já o Público, apresenta uma divisão de 327 notícias sobre o Mundial, onde 112 tem a selecção como principal foco.

Mas os números por si só não dizem muito. É certo que tanto A Bola como o JN tem discursos mais emotivos e que apelam mais a união e ao espírito, com uma linguagem mais literária, no entanto, o Público, em alguns casos, mostra um discurso mais forte.

Os três jornais analisados apresentam algumas semelhanças e discrepâncias, como é claro. A começar pela chamada de primeira capa: enquanto o Público apenas faz referências a selecção portuguesa nos dias antes e depois dos seus jogos, como que um resumo se tratasse, fazendo sempre alusão as outras equipas do Grupo G, o JN apresenta praticamente todos os dias uma referência à selecção portuguesa na capa, por mais mínima que seja. Além disso, o JN tem um caderno exclusivo do mundial, onde a sua capa é, praticamente sempre, dedicada à equipa das quinas. Por sua vez, A Bola, tem metade dos seus dias dedicados à selecção portuguesa (tendo em conta os 20 dias de análise), ao passo que em algumas capas não faz sequer uma referência da selecção.

A nível das entradas dos textos, a categoria que se salienta mais nos três jornais é a questão da defesa da nação, muitas vezes usando uma analogia de guerra. A questão do Público é bastante interessante, pois tanto mostra a sua positividade na equipa das quinas, como na página seguinte dá-nos a indicação que nem tudo é fácil, que ganhar pode ser complicado. A esse respeito, antes de cada jogo da selecção portuguesa, o Público apresenta-nos uma notícia sempre com a mesma entrada: “*Adversário de Portugal Visto à lupa: Raio X à uma...*” adaptado, claro, com a cronologia dos acontecimentos, de acordo com o jogo a ser disputado.

Os títulos no Público são mais directos do que nos outros dois jornais, sendo que tanto o JN como A Bola apresentam um cariz mais emocional, com recurso a expressões literárias para titular as suas notícias, assim como uma linguagem mais informal. Ambos os jornais, apresentam notícias de cariz mais pessoal, especialmente o JN. Enquanto que A Bola tem

tendência a verificar a opinião dos outros sobre Portugal, mas mais a nível de “especialistas” (jogadores de futebol, treinadores, seleccionadores, dirigentes desportivos...), o JN entra por um lado mais humano: quer saber as considerações dos portugueses, das cabeleireiras de Magaliesburg, da cozinheira do restaurante, do senhor do café... ou seja, a opinião pessoal, mas ao alcance da população. Além disso, o JN tem também uma rubrica intitulada “O Adepto do dia”, onde dá a conhecer alguém que tenha uma consideração sobre a selecção portuguesa. Em ambos os casos, os títulos têm uma maior tendência para o positivismo, sendo que em casos negativos, A Bola apresenta críticas mais duras que o JN, à semelhança do Público que também apresenta considerações negativas fortes.

Já no que toca às notícias em si, novamente a questão da defesa da nação aliada a metáforas e analogias de guerra, aspecto considerado pelos três jornais como o mais importante. No que diz respeito às notícias do Público e a categoria da defesa da nação, este jornal apresenta três grupos de maior importância: a responsabilidade da equipa e a necessidade da sua boa prestação em campo, contribuindo assim para uma vitória e a sua centralidade (segundo grupo), e por fim, a repercussão que esses jogos tiveram. O JN, além da importância de uma vitória associada à defesa da nação, apresenta-nos também um grande número de entradas noticiosas sobre a união da equipa portuguesa e dos seus adeptos, fazendo sempre a seguir aos jogos uma espécie de reportagem fotográfica de duas páginas, com a união dos adeptos portugueses. Assim, o JN aposta mais na questão da identidade nacional do que o Público e A Bola.

As expressões utilizadas em A Bola para remeter à defesa da nação, assumem uma maior importância, devido às palavras e expressões utilizadas, vangloriando muitas vezes os actos portugueses e a própria equipa. Não obstante, também apresenta as suas considerações sobre as outras equipas. Nesta fase o Público destaca-se pela dualidade positiva/negativa acerca dos jogos da selecção. Tanto num parágrafo defende e moraliza a equipa das quinas, como no parágrafo seguinte descredita na selecção.

Os três jornais apresentam considerações sobre os adversários da selecção portuguesa, embora o Público apresente uma preocupação maior, aliado à dualidade positivo/negativo já referida. A nível das críticas negativas de jogo, aquando de prestações menos exuberantes e da derrota contra Espanha, o Público e A Bola são os que apresentam mais negatividade nas suas expressões, ao passo que o JN, pela sua vertente mais humana e emotiva, apresenta-as de uma forma mais eufemística.

A aposta nas características inatas aos portugueses, assim como à sua cultura, tem mais incidência em A Bola e no Jornal de Notícias. Enquanto o Público apenas faz a referência ao costume português de “ir à bola”, os outros dois jornais vão mostrando estas referências ao longo dos seus textos, de uma forma directa ou indirecta, assim como o recurso a símbolos e elementos culturais portugueses.

As referências históricas apresentadas nos três jornais são as mesmas: a era dos descobrimentos, o Campeonato Mundial de Futebol realizado em Inglaterra em 1966 e o Euro2004, aquando do jogo contra Espanha.

Podemos assim concluir que A Bola e o Público apresentam discursos mais extremistas, variando entre o positivo e o negativo, a crença e o descrédito na selecção portuguesa, embora que mesmo assim, o Público seja mais vincado neste campo, apresentando por vezes críticas mais negativas. Ao mesmo tempo, o discurso de A Bola, à semelhança do JN apresenta-se também sob uma forma emotiva, em especial para o caso do JN que apela aos sentimentos de pais e filhos, dos jogadores e dos leitores.

Um aspecto merecedor de atenção, por ser semelhante nos três jornais, é a questão do Síndrome Ronaldo. Os três jornais apostam numa grande qualidade do capitão das quinas, investindo muito na sua prestação e importância. O JN, por exemplo, tem uma rubrica apresentada todos os dias sobre o jogador, intitulada "*Planeta Ronaldo*". O Público, aposta também na notoriedade do jogador, embora não tanto como nos outros dois jornais. Já A Bola, deposita claramente uma preferência futebolística, técnica e de capacidade de liderança no capitão das quinas, chegando por vezes a entrar no exagero, apresentando um par de notícias só acerca do capitão. Esta tendência é notória nas fotos dos três jornais, que tem especial enquadramento temático em CR7.

Capítulo IX - Conclusão

Após a extensa análise apresentada nos capítulos anteriores, temos agora oportunidade de responder às questões de partida que orientaram este estudo.

Antes de mais, verificamos que a imparcialidade dos jornalistas perante um jogo da selecção numa competição internacional não é verificável em nenhum dos jornais analisados, sejam eles generalistas, desportivos ou populares. Esta questão foi tratada por Vítor Serpa, aquando do último jogo da selecção portuguesa contra Espanha, a qual considero importante destacar:

“Todos queríamos que Portugal ganhasse. E isso quer exactamente dizer que os jornalistas podem e devem ter preferências, desde que não percam a capacidade de fazer uma análise objectiva. Durante demasiados anos encheram de enganos os ouvidos das pessoas, com essa utopia de os jornalistas não serem indiferentes aos factos. Não são. Evidentemente que não são, nunca foram e nunca serão. A questão não está, pois, na equidistância, mas na honestidade e na ética. Ontem, quando a Espanha marcou aquele golo solitário e decisivo, que Eduardo - verdadeiro gigante em todo o Mundo - não mereceu, os jornalistas que estavam a meu lado, saltaram e abraçaram-se de alegria. Não lhes levei a mal. Só espero, como jornalista, que cumpram a sua missão com dignidade.”

Já anteriormente tinha referido a questão que, de facto, por mais que se preze a imparcialidade dos jornalistas, a sua falta de opinião e de preferências, ela não pode ser verificável a partir do momento em que se dá mais destaque a um enquadramento do que a outro, em que se escolhe determinada informação como mais importante do que outra. Desta forma, os discursos dos jornalistas serão alterados, por questões de preferência, julgamento e crenças, da própria personalidade do jornalista e seu jeito de ser e escrever.

Relembrando as perguntas de partida deste estudo, a primeira questão que se impunha era se existiria alguma diferença substancial entre os dias antes e depois dos jogos da selecção portuguesa, e os dias que o separavam. Podemos concluir que, de certa forma, sim; apesar de as notícias se apresentarem quase todas no mesmo tom e com os mesmos pressupostos, a tensão aumentava a medida que os dias se encurtavam e os jogos da selecção estavam à porta, nomeadamente dos jogos considerados mais ou menos importantes.

Mas o que podemos afirmar com toda a certeza é que os discursos diferem consoante o resultado obtido nos jogos, questão que nos era colocada na segunda pergunta de partida.

O balanço dos cinco jogos da selecção portuguesa no mundial da África do Sul foi o seguinte: dois empates, uma vitória e uma derrota.

Os empates foram noticiados de forma diferente, em parte devido à sua importância, como já verificamos. Se por um lado, o primeiro empate da selecção portuguesa, que coincidiu com a sua inauguração no mundial, foi noticiada com um tom negativo, devido em

parte aos pressupostos de vitória que alguns jornais faziam adivinhar, o segundo empate, referente ao terceiro jogo da selecção, já foi noticiado com um tom positivo.

Esta diferença prende-se com o seguinte. O primeiro jogo era o derradeiro jogo, a inauguração. Estava em causa a imagem da selecção portuguesa, assim como a de Portugal aos olhos do mundo. O facto de o jogo contra a Costa do Marfim não ter prendido pela espectacularidade do jogo, onde, como foi noticiado, “*A vontade de não perder foi sempre maior do que a vontade de ganhar*”, fez com que os discursos sobre este jogo fossem negativos, intitulando a selecção como “*cinzenta*”, “*sem arte*”.

Já o terceiro jogo, que coincidiu com o segundo empate neste mundial, já foi noticiado com um tom mais positivo: a selecção portuguesa tinha efectuado um jogo “*fantástico*” e “*perfeito*” anteriormente, o que fez com que o terceiro jogo, contra o Brasil, não levantasse a obrigatoriedade de uma vitória. As fasquias colocadas para este jogo foram ultrapassadas, Portugal não sofreu nenhum golo e qualificou-se para os oitavos-de-final, o que fez, então, com que os discursos fossem noticiados de forma positiva.

Ora, este positivismo prendia-se com a única vitória que a selecção portuguesa alcançou no mundial (a vitória do mundial, sendo que foi a maior goleada por diferença de golos). O jogo contra a Coreia do Norte, era alvo de grandes e bastantes tensões, em parte devido ao primeiro resultado (empate, como já vimos), e porque iria decidir a continuação de Portugal nesta prova internacional. Os sete golos que a equipa das quinas colocou na baliza dos norte-coreanos, foram noticiados com um positivismo repleto de elogios e considerações de grandeza. Por isso mesmo, este jogo foi o que mereceu maior índice noticioso, o que nos prova que de facto, a importância que este jogo teve para a selecção, para os portugueses e para a comunicação social.

A derrota sofrida por Portugal contra a Espanha, que ditou o fim da aventura africana da equipa das quinas, foi noticiado preponderantemente com um tom negativo. Mesmo antes do jogo, verificamos que os discursos variavam entre o positivo e o negativo, entre as hipóteses tomadas como certas da selecção portuguesa, e a necessidade de, neste jogo, entrar em campo “*o melhor Portugal*”. A derrota foi considerada como uma “*desilusão*”, tanto para a selecção como para os portugueses. Além disso, o fado e a sorte, tão presentes nos discursos analisados, fizeram com que o único golo sofrido por Portugal, deixasse um gosto amargo nas gargantas dos portugueses, principalmente por a selecção portuguesa ter sido a causadora da maior goleada do mundial: “*Depois da goleada bastou um golo para nos eliminar*”³¹

Desta forma, podemos responder às últimas questões colocadas como perguntas de partida: que tipo de frases e alusões são utilizadas pelos jornais acerca dos jogos, e que nos fazem verificar que estamos perante um discurso nacionalistas; essas mesmas frases e alusões, são diferentes de jornal para jornal? Qual é o tipo de discurso nacionalista que essas mesmas publicações consideram como de maior importância?

³¹ Publicidade televisiva do Jornal “j”.

Ora, vamos por partes. Podemos considerar que as três publicações têm uma clara preferência a referências e alusões ligadas à questão da defesa da nação, aliada com a obrigação de uma vitória, que irá determinar o posicionamento central ou periférico de Portugal. Apesar de serem três referências diferentes, elas complementam-se umas às outras, fazendo com que uma seja consequência da outra, e assim sucessivamente.

Esta tendência, notória nos três jornais, é referida tanto nos destaques de capa como nas entradas noticiosas, assim como nos textos noticiosos em si. Sendo a selecção nacional considerada como um dos altos interesses da nação, como um segundo exército, não militar mas desportivo, compreende-se que a defesa da nação seja bastante referenciada. Dessa forma, esta questão é muitas vezes detectada com o recurso a metáforas de guerra, onde o campo de batalha é relvado, e o alvo abatido com um pontapé dirigido às redes adversárias. Estas referências pressupõem que Portugal tem que entrar em campo com o propósito de fazer o bem e o melhor pela sua nação, o que em poucas palavras compreende-se por uma vitória.

Se essa vitória for alcançada, a posição de Portugal no mundo poderá sofrer alterações aos olhos do mundo. Por isso mesmo, o alcance de uma vitória é visto como algo primordial e central num jogo de cariz internacional, onde os melhores se debatem em campo.

Outra clara tendência verificada nos três jornais é a importância da história. Este facto prendeu-se com maior relevância neste mundial, devido ao local onde as batalhas eram dadas: a África do Sul. Os três jornais fazem referência à época dos descobrimentos, que ligam assim os portugueses ao país anfitrião do mundial. A ideia geral pressupunha que se há mais de 500 anos, Portugal foi ali grande e conseguiu uma posição de destaque no mundo, precisamente por o dar a conhecer, também agora tínhamos essa oportunidade. É certo que não iríamos descobrir nenhum novo caminho marítimo para a Índia, nem íamos defrontar monstros míticos que assombravam as viagens dos navegadores portugueses, mas podíamos dobrar novamente o Cabo da Boa Esperança. Mais uma vez, esta questão prendia-se com a importância e a crucialidade de uma vitória. As referências usadas ao longo do texto prendiam-se com a moralização das tropas portuguesas para o seu campo relvado de batalha.

Da mesma forma, eram lembrados os anos de ouro do futebol português, nomeadamente a (grande) presença de Portugal no Mundial de 1966 em Inglaterra. Assim, os três jornais fazem referência aos jogos que Portugal, neste mundial, defrontou contra a Coreia do Norte e contra o Brasil, alcançando em ambos os jogos uma vitória. Era necessário repetir os actos: dobrar o Cabo da Boa Esperança e abrir caminho para uma boa prestação no mundial, vencendo, nomeadamente, esses dois adversários.

Apesar do estatuto editorial do Público o caracterizar como um jornal de referência, sem tomadas de posições e opiniões, esta questão não foi verificada, pelo menos no que concerne às categorias faladas anteriormente. Não obstante, podemos considerar que estas são as três principais questões que o Público, assim como A Bola e o Jornal de notícias, dedicam mais importância.

Estes dois últimos jornais referidos, por sua, apostam também em outros campos que nos levam a considerar como partes de um discurso nacionalista.

Tanto A Bola como o Jornal de Notícias, dedicam uma especial atenção e referência à união do povo, compreendida também como uma defesa da pátria. Por um lado, a equipa está presente na defesa da nação de uma forma directa, pois é ela que é representada em campo. Por outro lado, o apoio à selecção, será uma das obrigações a ter para esta defesa da pátria, isto é, tanto um como o outro são importantes para que a imagem de Portugal seja projectada numa visão central.

Podemos indicar que esta característica é mais notória nestes dois jornais, em parte pelo seu cariz mais popular, centrando-se muito na emotividade e no apelo aos sentimentos dos leitores. É em parte por isso, que nestes dois jornais, os adeptos portugueses e a própria selecção nacional, são vistos como partes integrantes de um só conjunto: a família lusitana, grande, unida e com a paixão unânime pelo futebol.

E se desta forma, todos os portugueses são vistos como uma grande família, todos os seus membros habitam a mesma casa: a ocidental praia lusitana. A questão da pátria prendida com a metáfora do lar, é apresentada nestes dois jornais, muitas vezes com o recurso aos seus símbolos, aos seus hábitos e aos seus costumes, prendendo-se com a questão da portugalidade, com as características inatas e pertencentes à alma, que definem o povo português.

Assim, e em jeito de conclusão, podemos auferir que, *sim*, a selecção de futebol portuguesa é bastante importante para a imagem de Portugal, e o gosto pelo futebol do povo lusitano é notório nos jornais. *Não*, os jornalistas não são capazes de esconder o seu desejo de ver os navegadores do século XXI chegarem mais longe, não escapando à emoção de um jogo de futebol. *Sim*, é importante ganhar jogos, e o alcançar desses objectivos irá determinar em grande medida a construção dos discursos sobre a selecção. *Não*, os jornais analisados não representam um discurso diferente sobre a selecção portuguesa, a importância e a felicidade de uma vitória, o desgosto e a tristeza por uma derrota. *Mas, sim*, esses três jornais consideram diferentes aspectos como mais importantes que outros, apesar de a defesa da nação vir sempre em primeiríssimo lugar.

Bibliografia

- AMARAL, Luiz - *Jornalismo: Matéria de primeira página* - 4ª Edição, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1986
- ANDERSON, Benedict - *Imagined Communities: reflections the origin and spread of nationalism* - London, Verso, 1991
- ARAGÃO, Rui - Portugal - o desafio nacionalista - psicologia e identidade nacionais - Editorial Teorema/ Colecção Terra Nostra - 1985
- BALAKRISHNAN, Gopal - *Um Mapa da questão nacional* - Rio de Janeiro, Contraponto 2000
- BARTHES, Roland - *Elementos de semiologia*, Edições 70, 2001
- BILLIG, Michael - *Banal Nationalism* - SAGE Publicatons, London, 1995
- COELHO, João Nuno - *Portugal a Equipa de Nós - Nacionalismo, Futebol e Media* - Edições Afrontamento, 2001
- COELHO, João Nuno - “*Vestir a camisola*” - *Jornalismo desportivo e a selecção nacional de futebol* - Media & Jornalismo, (4) 2004, pp. 27-39
- COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco - *A Paixão do Povo - História do Futebol em Portugal* - Edições Afrontamento, 2002
- CORREIA, João Carlos - *Teoria e Crítica do Discurso Noticioso - Notas sobre Jornalismo e Representações Sociais* - Livros LabCom, Covilhã, 2009
- COSTA, António da Silva - *A Volta do Estádio - O Desporto, o Homem e a Sociedade* - Campo das Letras - Editores, SA. - Porto, 1997
- CRONIN, Mike; MAYALL, David - *Sporting nationalisms - Identity, Ethnicity, Inmigration and Assimilation* - Frank Case & Co. Ltd, 1998
- DAYAN, Daniel; KATZ, Elihu KATZ - *A História em directo - Os acontecimentos mediáticos na televisão* - Minerva, Coimbra, 1999
- FIDALGO, António; GRADIM, Anabela - *Manual de Semiótica*, 2004 - www.bocc.ubi.pt

- GELLNER, Ernest - *Nations and Nationalism* - Cornell, University Press, 1983

- HARTLEY, John - *Understanding News*, Routledge, 1990

- JAMIESON, Kathleen; WALDMAN, Paul - *The press effect - Politicians, Journalists, and the Stories That shape the Political World* - Oxford university press - 2009

- KELLNER, Douglas - *Media Spectacle* - Rotledge 2003

- MAGUIRE, Joseph; POULTON, Emma; POSSAMI, Catherine - *The War of Words? - Identity Politics in Anglo-German Press Coverage of EURO 96* - European Journal of Communications - SAGE Publications, London, Vol. 14, 1999

- MCQUAIL, Denis - *Teoria da Comunicação de Massas* - Fundação Calouste Gulbenkian, 2003

- PINTO, José Silva - *Comunicados*, Lisboa: verbo, 2001

- ROGERS, William - *Persuasion: Messages, Receivers and Contexts* - Rowman & Littlefield Publishers, INC. - 2007

- SERRADO, Ricardo - *O Jogo de Salazar - A Política e o Futebol no Estado Novo* - Casa das Letras, 2009

- SHAW, E. (1979) - *Agenda Setting and Mass Communication*

- SMITH, Anthony D. - *A identidade Nacional* - Gradiva, 1997

- SOUSA, Jorge Pedro (2000) *As notícias e os seus efeitos - as "teorias" do jornalismo e dos efeitos sociais nos media jornalísticos*, Minerva

- SOUSA, Jorge Pedro - *Introdução à análise do discurso jornalístico impresso - um guia para estudantes de graduação* - Letras Contemporâneas -2004

- STEAD, Davia (2003), - *Sport and the media*, in B. Houlihan (ed.), *Sport and Society*, Londres:Sage pp.184-200

- TRAQUINA, Nelson - *O poder do Jornalismo - análise de textos da Teoria do Agendamento* - Minerva, 2000

- TRAQUINA, Nelson - *Jornalismo* - Quimera, 2002

- TRAQUINA, Nelson - *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”* - Comunicação e Linguagem, 2ª Edição, 1999

-WOLF, Mauro - *Teorias da Comunicação* - Editorial Presença, Lisboa 2009

- ZILMANN, Jennings Bryant Dolf - *Los efectos de los medios de comunicación, Investigaciones y teorías* - Paidós 1996

Anexos

Tabela 1. - Manchetes de Capa Público

Dia	Manchete de capa
11	A bola vai começar a rolar hoje no primeiro Mundial Africano
12	Mundial da África do Sul - o primeiro golo foi africano e o maior buzirão do mundo explodiu em Soccer City
15	Portugal tem hoje jogo crucial frente à equipa de Drogba e Brasil estreia-se com Coreia do Norte
16	Faltou-lhes coragem para mais - selecção nacional estreia-se com exibição pálida e empata frente à Costa do Marfim
21	Um jogo para desfazer as dúvidas - Selecção joga hoje com a Coreia do Norte. Brasil bate Costa do Marfim (3-1), mas perde Kaká para o jogo com Portugal.
22	Goleada no Mundial - Portugal atómico derreteu a Coreia do Norte
25	Portugal e Brasil jogam hoje - o bom resultado é fugir à Espanha
26	Jogo sem <i>salero</i> leva-nos à Espanha - portugueses e brasileiros não arriscaram em jogo marcado por muitos cartões. Espanha qualifica-se e joga com Portugal na terça-feira.
29	Só o melhor Portugal ganha à Espanha.
30	O que fizemos nós para merecer isto?

Tabela 2 - Antetítulos e Títulos Público

Dia	Antetítulo e Título
11	1.Começa hoje a principal competição do mundo. <i>Uma selecção “cinzenta” com caminho difícil pela frente</i> 2.Os adversários de Portugal. <i>A melhor selecção africana, a incógnita do Mundial e o eterno favorito ao título</i>
12	Selecção com todos disponíveis a quatro dias da estreia. <i>Extremos à moda antiga estão em extinção e em Portugal também.</i>
13	Portugal em contagem decrescente para a estreia. <i>A história diz que uma das alas da selecção será entregue a Simão.</i>
14	Portugal entra amanhã em acção no torneio. <i>O homem que marca aos soluços deseja que os golos saiam todos de uma vez.</i>
15	1.Selecção portuguesa tem hoje o seu jogo inaugural - <i>Chuva e vento aguaram Portugal na primeira final.</i> 2.O adversário de Portugal visto à lupa - <i>Raio X de uma Costa do Marfim a quem Eriksson tenta colocar os cacos e dar união e consistência defensiva.</i> 3.Adversário de Portugal é dos melhores africanos - <i>Há uma selecção com Drogba e outra sem o capitão. Qual delas irá entrar hoje em campo?</i>
16	1.Estreia pouco conveniente da selecção frente à Costa do Marfim - <i>Portugal amordaçado pela tática e ansiedade.</i> 2.No Rossio e nos Aliados, milhares de adeptos viram o jogo de Portugal - <i>Mesmo em dia de semana e horário laboral há sempre tempo e espaço para a selecção nacional.</i>
17	Selecção tenta minimizar estragos após jogo com Costa do Marfim - <i>Deco entrou na novela do diz-que-disse.</i>
18	Portugal terá pela frente um adversário tenaz - <i>Coreanos correm muito, defendem bem e têm mau guarda-redes</i>
19	Selecção promove acção de charme para a Comunicação Social - <i>Pôr o lugar à disposição? “Rubbish”, diz Queiroz</i>
20	Portugal tem bom histórico quando enfrenta seleções muito defensivas - <i>Manter a tradição para furar a muralha.</i>
21	Portugal tem jogo crucial contra Coreia do Norte - <i>De mitos às costas, selecção joga o futuro.</i>
22	1.Apuramento quase certo após triunfo português sobre a Coreia do Norte - <i>A herança de Eusébio nos pés de Meireles e Tiago.</i>

	2. Análise individual dos jogadores da selecção - <i>Como jogaram os portugueses.</i> 3. Vitória de Portugal teve eco em todo o mundo - <i>Portugal e a Cidade do Cabo, tão longe e ao mesmo tempo tão perto.</i>
23	Selecção prepara último jogo da fase de grupos - <i>O rapaz “fininho” e discreto saltou para o estrelato</i>
24	1. Portugal e Brasil discutem amanhã o apuramento para os “oitavos” - <i>“Pelé, jogai por nós!”</i> 2. Portugal não vai jogar à defesa, diz o médio - <i>Tiago quer vencer Brasil para esquecer goleada de 6-2.</i>
25	1. Selecção define hoje em que posição ficará no Grupo G - <i>Portugal com objectivo de ganhar e a prioridade de não perder</i> 2. Perfil Carlos Queiroz - <i>Chegou à selecção sem querer e volta a ter oportunidade de uma vida.</i> 3. O adversário de Portugal visto à lupa - <i>Raios X ao Brasil de Dunga, uma equipa eficaz e ganhadora apesar do musculado duplo pivot</i>
26	1. Selecção nos “oitavos” sem sofrer golos e com instinto goleador - <i>Defesa portuguesa resiste ao Brasil e agora enfrenta ataque Espanhol</i> 2. Análise individual dos jogadores da selecção - <i>Como jogaram os portugueses.</i> 3. <i>Portugal e Brasil em 3D não é como no cinema</i>
27	1. Portugal e Espanha voltam a encontra-se depois do Euro2004 - <i>Estará a Espanha de Del Bosque ao alcance do Portugal de Carlos Queiroz?</i> 2. Guarda-redes português é o único que ainda não sofreu golos - <i>Eduardo, mãos seguras há 18 jogos.</i>
28	1. Espanhóis destacam “segurança defensiva” portuguesa - <i>Xavi estava no banco quando Portugal eliminou a Espanha.</i> 2. Selecção nacional procura amanhã chegar aos quartos-de-final. <i>Espanha é o Barcelona, Portugal não é o Inter de Milão.</i>
29	1. Portugueses terão de bater a campeã da Europa para seguir na prova - <i>Portugal e Espanha lutam pela fronteira dos oitavos-de-final.</i> 2. O adversário de Portugal visto à lupa - <i>Raios X a uma Espanha campeã mas também fatalista e propensa a passar num ápice da euforia à depressão</i>
30	1. Selecção portuguesa regressa a casa com um só golo sofrido na prova - <i>Aventura africana termina nos pés de Villa e na estratégia de Queiroz.</i> 2. Análise individual dos jogadores da Selecção.

Tabela 3 - Títulos Público

Dia	Superlead
11	1. <i>Portugal não está entre os favoritos, mas hipóteses de chegar aos oitavos são boas, embora colossos estejam na rota do provável.</i> 2. <i>Costa do Marfim - uma equipa à procura de um lugar na história</i> 3. <i>Adeus futebol fantasia, olá futebol pragmático</i>
12	1. <i>Selecção ainda é um reduto de jogadores de ala, embora também eles se estejam a adaptar ao futebol actual, menos posicional.</i>
13	1. <i>Extremo do Atlético de Madrid, que fez 17 dos 22 jogos com Queiroz, admite que ficará ‘triste’ se não alinhar de início frente à Costa do Marfim.</i>
14	1. <i>Ronaldo está em branco há 16 meses, mas espera que os golos apareçam como ketchup. Algo que ele nunca fez na selecção e de que precisa para ‘explodir’ e ser a figura do Mundial”.</i>
15	1. <i>Selecção inicia o Mundial frente ao rival directo. Nem sempre a estreia foi decisiva, mas neste caso pode ser fundamental. Danny provável titular.</i> 2. <i>Sueco teve 74 dias para tornar o melhor conjunto de craques africanos numa equipa coesa e solidária. A provável ausência de Drogba complicou tudo.</i> 3. <i>A utilização do avançado no jogo contra a selecção portuguesa continua a ser uma incógnita.</i>
16	1. <i>Selecção sem arte para derrotar equipa africana, alimentou a tendência dos empates neste Mundial.”</i> 2. <i>A partida inaugural de Portugal vista em Lisboa e no Porto com muitas e poucas vuvuzelas, com muita e pouca irritação.</i>
17	1. <i>Octávio Machado dispensaria o luso brasileiro. “Só assim Queiroz pode recuperar a autoridade num balneário que não tem líder”.</i>
18	1. <i>José Peseiro já defrontou a Coreia do Norte e aconselha Portugal a rematar mais de longe e a jogar com mais velocidade. E já falou com Queiroz.</i>
19	1. <i>Seleccionador nunca pensou mandar Deco embora e elogia espírito de Nani. E afirma não andar</i>

	<i>a brincar nem estar em pânico.</i>
20	1. Nos últimos quatro anos, a selecção tem vencido quase sempre os adversários mais modestos, mesmo quando realiza uma produção ofensiva mais fraca.
21	1. Carlos Queiroz sem Deco para o jogo do “tudo ou nada.” Seleccionador vai mexer na equipa numa partida em que é obrigatório escapar à vaga de empates.
22	1. Norte Coreanos assustaram na primeira parte e foram destroçados na segunda. Portugal obtém maior goleada de sempre em Mundial e está quase nos “oitavos” 2. Raul Meireles, Tiago e Fábio Coentrão foram os melhores de uma selecção em que Cristiano Ronaldo voltou aos golos. Só Miguel destoou numa exibição conseguida. 3. A goleada de Portugal correu mundo. A festa também. Lá (na África do Sul) como cá, as cores e as reacções andaram de mãos dadas. -
23	1. Tiago tornou-se o quarto português a marcar mais do que um golo num jogo do Mundial. E o sétimo em grandes competições.
24	1. O PÚBLICO pediu emprestado o título a Edgar Barros e ele disse que sim. Em troca, contamos a história de uma das mais famosas manchetes do futebol brasileiro
25	1. Carlos Queiroz não faz poupanças frente ao Brasil e dar-se-á como satisfeito com empate, embora o primeiro lugar, em teoria, ofereça caminho menos difícil - a ideia é evitar a Espanha nos “oitavos”. 2. A falta de fantasia é uma acusação que já vem de 1994, quando Parreira aplicou o rigor europeu à “canarinha”. Dunga segue-lhe as pisadas contra ventos e marés.
26	1. Portugal garantiu apuramento e igualou recorde de 19 jogos sem perder. Espanha será o próximo desafio de uma selecção que já cumpriu os mínimos. 2. Duas boas defesas marcaram a exibição do guarda-redes português, que segurou o empate contra o Brasil. Coentrão voltou a estar em bom nível e Danny a desiludir.
27	1. Jesualdo Ferreira, José Peseiro e Artur Jorge acreditam que Portugal pode seguir para os quartos-de-final do Mundial, mas divergem sobre o valor actual da selecção espanhola. 2. Jogador do Braga diz que “guarda-redes portugueses carregam fardo grande” e que as pessoas deviam valorizar mais aquilo que têm.
28	1. 20 de Junho de 2004. Os espanhóis não esqueceram o dia em que foram para casa de mãos abanar: “Aprendemos a lição”, garante Juan Mata. 2. Selecção espanhola ataca e remata mais do que Portugal, mas nem por isso é mais eficaz. Simão promete equipa que não se limita a defender.
29	1. Selecção tentará aproveitar a pressão sobre o adversário. Uma das equipas vai hoje para casa, cumprindo a tradição de que o mal de uma é o bem de outra. 2. A crítica exige a entrada de Cesc Fabregás mas Del Bosque não abdica do duplo pivot defensivo. Mesmo que isso prejudique o “tiqui taca” e a magia
30	1. Portugal eliminado com um golo milimetricamente em fora-de-jogo. Ronaldo passou ao lado do Mundial. Tática de contenção falhou e só Eduardo se superou.

Tabela 4 - Número de Notícias por género Público

D	Breve		Notícia		Caixa		Opinião/crónica		Entrevista	
	M	P	M	P	M	P	M	P	M	P
11	7	3	8	2	1	2	1	2	0	0
12	4	2	9	1	7	0	1	0	0	0
13	3	0	8	2	6	0	1	0	0	0
14	7	0	9	2	2	1	0	0	2	0
15	4	0	7	4	4	1	1	1	1	0
16	3	0	8	2	3	3	0	1	0	0
17	5	1	9	1	7	2	0	1	1	1
18	2	0	12	2	4	2	0	1	0	0
19	4	1	10	2	2	2	0	0	0	0
20	1	1	11	3	3	1	0	0	0	0
21	0	0	7	3	4	0	2	2	1	0
22	3	0	9	4	3	4	2	2	1	1
23	3	0	12	3	6	2	0	0	1	1
24	0	0	10	2	3	3	0	0	0	0
25	4	0	9	4	3	1	0	0	0	0
26	0	1	7	3	1	3	2	2	0	1
27	0	0	6	4	1	3	0	0	0	0
28	6	0	7	2	3	1	0	0	2	0
29	3	0	4	3	5	3	1	1	0	0
30	7	0	4	2	5	2	2	2	0	0
T.	66	9	177	52	73	36	6	15	9	4

Tabela 5 - Número Total de notícias - Público

Dia	Mundial	Portugal	Analisadas
11	17	9	2
12	21	3	1
13	18	2	1
14	20	3	1
15	17	3	3
16	14	6	2
17	22	6	1
18	18	5	1
19	16	5	1
20	15	5	1
21	14	5	1
22	18	11	3
23	22	6	1
24	13	5	2
25	16	10	3
26	10	7	3
27	7	3	2
28	18	7	2
29	13	6	2
30	18	12	2
Total	327	112	35

Tabela 6 - Destaques capa/ Caderno Mundial - Jornal de Notícias

Dia	Destaque capa	Destaque caderno Mundial
11	“começa a festa”.	Começa a festa, sul-africanos prometem mundial mais alegre de sempre
12	A HORA DOS AFRICANOS - Muita alegria e cor na abertura do Mundial. Ninguém venceu os primeiros jogos. Camacho em entrevista ao JN: “Ronaldo anda um pouco escondido”	
13	Pequena referência - <i>Queiroz é diferente de Scolari mas também promove alguns rituais.</i>	O ESTILO DO PROFESSOR - Carlos Queiroz distingue-se em quase tudo de Luiz Felipe Scolari. Entre muitas diferenças, está a escolha dos hinos da equipa: trocou Roberto Leal pelos Black Eyed Peas
14	“Quero explodir neste mundial”.	“está confiante, diz que os golos vão aparecer com naturalidade e que ser o melhor jogador do Mundial”
15	“A nossa hora”	<i>Pé direito - selecção estreia-se hoje frente à Costa do Marfim. Ronaldo lidera armada lusitana e faz sonhar Portugal no regresso a África. Queiroz aposta em Danny para entrar a vencer.</i>
16	FALSA PARTIDA. “Empate é justo”, confessou Queiroz, que lamentou jogo defensivo da Costa do Marfim.	“Amigo empata Amigo” indicando que “nulo mantém tudo em aberto na corrida aos

		<i>oitavos-de-final”.</i>
17	Pequena referência: Deco nega a intenção de pôr em causa decisões de Queiroz.	“Água na fervura - polémica - Deco seguiu exemplo de Nani e, através de comunicado, amenizou críticas a Carlos Queiroz.
18	Aplaudido após pedir desculpa - <i>Deco explicou-se aos companheiros e a Carlos Queiroz em pleno relvado. Salva de palmas selou acto de contrição.</i>	Perdão e aplausos - <i>Seleção em Paz</i> - Deco pediu desculpas a Queiroz e recebeu palmas dos companheiros no início do treino.
19	Pequena referência - Queiroz quer Portugal a ganhar com ou sem golos de Ronaldo.	Queiroz AO ATAQUE - Carlos Queiroz promete equipa ofensiva frente à Coreia do Norte e elogia Deco
20	Deco magoado numa anca deve recuperar para amanhã. Pequena referência de lado.	ALERTA- Deco sofreu lesão no final do treino, mas deverá estar apto para defrontar amanhã a Coreia do Norte
21	Pequeno destaque - <i>Sem medo mais cheios de fé</i> - <i>Tiago será o substituto no encontro de hoje com a Coreia do Norte</i>	“Boa esperança - Portugal joga hoje com a Coreia do Norte e ganha novo ânimo com a derrota da Costa do Marfim. Tiago rende lesionado Deco.
22	<i>7:um número perfeito: Queiroz revolucionou o onze e Portugal goleou a Coreia do Norte. Ronaldo foi escolhido como homo do jogo mas entregou troféu a Tiago.</i>	<i>Seleção aplica goleada recorde e está com um pé nos oitavos-de-final. Cristiano Ronaldo volta a marcar após longo jejum.</i>
23	<i>Futebol entre a euforia e a humilhação: Uma equipa ajuda portugueses a esquecer a crise um par de dias; outra terá dado um golpe na multiculturalidade francesa.</i>	<i>7: segredos da goleada</i>
24	Uma frase - bilhetes para o Portugal-Brasil vendem-se a 1200 euros na candonga.	Candonga - Há quem pague 1200 euros por um bilhete para o jogo de amanhã, em Durban, entre Portugal e o Brasil.
25	Pequena referência - pensamento positivo - Carlos Queiroz garante que o objectivo é vencer o Brasil mas “não desdenharia um empate”.	Um país inteiro a SONHAR - Portugal-Brasil: um empate basta para carimbar o apuramento, mas uma vitória terá outro sabor.
26	QUE VENHA A ESPANHA - Ronaldo - “O Mundial vai começa a sério agora. É tempo de mata-mata”. Queiroz - “Começamos de fato-macaco e saímos de smoking”.	NAS ASAS DA ESPERANÇA- Seleção mostra ambição, põe Brasil em sentido e segue para os oitavos-de-final. Espanha é o próximo adversário, terça-feira, 19.30 horas, na Cidade do Cabo.
27	PALMAS DE OURO - Jogadores rendidos aos 4 mil adeptos que assistiram ao treino da selecção . Uruguai e Gana vão encontrar-se nos quartos-de-final da prova. Histórias de emigrantes lusos com lugares de relevo na África do Sul	DEUS E DIABO . Ronaldo é adorado em Madrid, mas passará a ser odiado, se eliminar a Espanha. Quando jogava no Manchester United, afastou a Inglaterra por duas vezes...
28	Importam-se e repetir? <i>Portugal nunca perdeu com Espanha em jogos a doer. Amanhã, Paulo ferreira e Hugo Almeida devem alinhar de inicio</i>	INVICTOS - <i>Seleção portuguesa não sabe o que é perder com “nuestros hermanos “ nas grandes competições. Uma tradição para manter, amanhã, às 19.30 horas, na Cidade do Cabo.</i>
29	Prova dos 7 - Cristiano e Villa são trunfos para hoje. Holanda-Brasil nos quartos-de-final.	Confiança: Seleção - Queiroz promete o melhor Portugal de sempre no jogo com a Espanha.
30	O rosto da nossa tristeza - extraordinária exibição de Eduardo não evita derrota em Espanha (1-0). Críticas a Queiroz no final do jogo.	Desilusão - Estocada, Golo de David Villa travou o sonho lusitano em Portugal.

Tabela 7 - Antetítulo, Título e Superlead Jornal de Notícias

<i>Dia</i>	<i>Antetítulo/Título - (superlead)</i>
11	<p>1.O exército português (Falamos com um brilho nos olhos que não advém dos 1700 euros líquidos que auferem por mês. São oito, são jovens professores de Português na África do Sul, e têm uma mensagem para os que pensam em dar o salto: venham ter com eles.)</p> <p>2.Uma selecção de Portugal e do Mundo - Das 32 equipas, a nacional é a que tem mais futebolistas nascidos em países diferentes. França é o país que dá mais atletas à prova. (Das 32 seleções do Mundial, Portugal é a que tem mais jogadores nascidos em mais países distintos. Ao todo estão distribuídos por cinco nações. A França é o país onde nasceram mais futebolistas, seguida do Brasil e da Argentina.)</p>
12	1.Só falará com Luisão e Ramires se Portugal se apurar - Ruben Amorim com a força toda
13	<p>1.DESPEDIDA: Extremo do Manchester United deixou o hotel da selecção rumo a Portugal - Nani regressa a casa com o coração partido</p> <p>2.Mantêm-se as dúvidas sobre se ficará apto para defrontar Portugal - Drogba ficou no hotel em tratamento</p> <p>2."Brasil - Portugal vai ser um jogo muito duro"</p>
14	<p>1."Quero explodir neste Mundial" - CR7 acredita que os golos com Portugal vão aparecer e diz querer ser o melhor atleta da prova</p> <p>2.Merchandising de semáforo - Bandeiras portuguesas muito procuradas.</p> <p>3.Figo e Pauleta sacodem pressão - Pauleta e Figo divertiram-se e suaram no jogo amigável</p>
15	<p>1.A Hora de Portugal - Quinas entram hoje em cena, à procura de novo sucesso com vista para o Índico.</p> <p>2.Sem espaço para errar - Queiroz quer vencer desde o início e sente que a selecção vai "orgulhar" portugueses.</p> <p>3.De Belém ao Rio Douro - Sabores -conheça os portugueses que enchem o prato da selecção na África do Sul</p> <p>4.A vitória de Portugal domina apostas - Favoritismo luso</p>
16	<p>1 - Laboratório deu à Costa - Marfinenses fizeram muito trabalho de casa para bloquear portugueses</p> <p>2 - Pena mínima bem aplicada - Sem imaginação nem arte, equipa das quinas empata com a Costa do Marfim</p> <p>3 - Na sede do União ganhou a galinha moçambicana - Portugueses desapontados com empate alimentaram as mágoas ao "almoço" na sede do União Portuguesa, em Joanesburgo. Frio obrigou muitos emigrantes a ver o jogo em casa.</p> <p>4. Sofrer por Portugal à mesa - iniciativa JN/O Jogo - oitenta e cinco personalidades viram o jogo da selecção com a Costa do Marfim no restaurante DOP na Ribeira do Porto</p> <p>5. Aliado enchem para ver jogar a selecção Nacional</p> <p>6. País parou para ver estreia da selecção em África</p>
17	1.Turbulência na Selecção Nacional - Nani e Deco reformularam frases polémicas no site da Federação.
18	
19	<p>1.Campeões do salão - Visual - cabeleireiras de Magaliesburg falam sobre os penteados da selecção</p> <p>2.BRASIL - Guarda-redes Júlio César prefere português ao marfinense - "Ronaldo é mais completo que Drogba"</p>
20	<p>1.Portugal em alerta com lesão de Deco - Selecção - médio tem problema numa anca, mas deve recuperar a tempo.</p> <p>2.DISCIPLINA - FIFA não atende ao pedido de despenalização do capitão - Ronaldo obrigado a portar-se bem com a Coreia</p> <p>3.Cidade da Boa Esperança - Porto do Mundo - Portugal joga na cidade do cruzamento de culturas</p>
21	1.Sigam a história - Vitória sobre a Coreia do Norte colocará Portugal a um ponto os oitavos-de-final.
22	<p>1.Goleada para a história - estatística - Portugal nunca tinha conseguido um resultado tão volumoso numa fase final.</p> <p>2. O inesquecível conto dos sete - Revolução de Carlos Queiroz resultou e Portugal a arrasar norte-coreanos</p> <p>3. Contas: Portugal já olha para possíveis adversários nos oitavos-de-final - Um ponto e várias interrogações.</p>
23	<p>1.Sete razões da goleada - Mudança radical - Selecção portuguesa aproveitou o momento e foi do sete ao setenta da primeira para a segunda jornada do Grupo G.</p> <p>2. Elano continua em dúvida para o jogo com Portugal</p>
24	<p>1.Mercado negro em campo - Portugal - Brasil: preço dos bilhetes para amanhã já atingiu os 1200 euros na candonga.</p> <p>2.Um novo Portugal - depois da goleada (6-2) sofria com o Brasil, em 2008, a equipa das quinas nunca mais perdeu e apenas sofreu três golos em 18 partidas.</p>

	<p>3. Cristiano Ronaldo sem marcação especial - <i>Brasil - Defesa lúcio aposta no colectivo para anular o craque português</i></p> <p>4. Vasco da Gama chamou-lhe Natal - <i>Durban - Cidade das chuteiras do Portugal-Brasil foi salva por um miúdo ruivo de pés descalços.</i></p>
25	<p>1. Quando o samba vira fado... (<i>Emoções - Mães dos luso-brasileiros vão torcer por Portugal contra o Brasil</i>)</p> <p>2. Vendas para o Brasil sobem 104% - <i>Apesar das exportações em alta, Portugal sai a perder nas trocas comerciais</i></p> <p>3. <i>Casa Portuguesa</i></p> <p>4. A bola une o que o oceano separa - <i>Travessia . Portugal traz sucesso a jogadores brasileiros</i></p> <p>5. Peres foi campeão no Vasco - <i>Portugueses no Brasil</i></p> <p>6. "El Pibe" revela que poderá pedir conselhos ao português - <i>Diego Maradona diz adorar José Mourinho</i></p>
26	<p>1. Pedir por favor à história - <i>Portugal - o passado favorece a equipa das quinas. Agora, é só ajustar o futebol à realidade</i></p> <p>2. Irmãos que brigam mas não se magoam - <i>Grupo G - Portugal confirma apuramento, num jogo de rendimento mínimo e proveito máximo</i></p> <p>3. <i>Portugal não queria atacar</i></p> <p>4. "La Roja", a encomenda lusa - <i>Oitavos-de-final - "Brasil A" joga com o Chile e entrega presente envenenado ao "Brasil B"</i></p> <p>5. <i>Espanha - adversário de Portugal - Uma máquina de ataque</i></p>
27	<p>1. Um talismã chamado Ronaldo - <i>Seleção - Extremo eliminou duas vezes a Inglaterra quando era jogador do United. Segue-se a Espanha... do Real Madrid</i></p>
28	<p>1. O vizinho ideal na África - <i>Duelo ibérico: Quando é a sério, selecção portuguesa sabe como travar a armada espanhola</i></p>
29	<p>1. O melhor de sempre - <i>Seleccionado Carlos Queiroz quer um Portugal topo de gama para bater os espanhóis</i></p> <p>2. Domínio espanhol em queda - <i>Histórico - Portugal só perdeu um dos últimos dez confrontos com "La Roja"</i></p> <p>3. Fosso ibérico nas quatro linhas - <i>Futebol - as diferenças entre Portugal e Espanha</i></p> <p>4. Espanhóis famosos dividem apoio - <i>Residentes em Portugal não escondem afecto pela selecção portuguesa no jogo de hoje.</i></p>
30	<p>1. Desilusão - <i>Portugal nunca se tinha despedido nesta fase. Cada um dos 23 jogadores leva cerca de 38 mil euros para casa - A primeira vez dói sempre</i></p> <p>2. Maioria absoluta para Eduardo - <i>Eleição - internautas do JN aposta no guardião como o melhor português contra a Espanha.</i></p>

Tabela 8 - Número de notícias por género Jornal de Notícias

Dia	Breve		Notícia		Caixa		Opinião		Entrevista	
	M	P	M	P	M	P	M	P	M	P
11	6	5	4	2	2	0	1	1	0	1
12	5	5	9	3	4	0	1	1	1	1
13	9	8	8	4	0	1	2	0	0	1
14	8	4	7	4	3	4	0	2	0	1
15	5	5	5	8	3	4	0	2	0	1
16	9	6	5	10	1	6	0	2	0	1
17	7	9	4	3	3	3	0	2	0	1
18	6	6	4	4	3	5	0	2	0	1
19	7	9	3	4	15	0	1	1	0	2
20	6	8	8	5	11	0	0	2	0	1
21	4	6	8	5	2	4	1	1	0	1
22	4	10	3	10	4	6	0	3	0	1
23	5	10	3	5	3	3	0	2	0	1
24	5	9	3	4	2	3	1	1	0	2
25	4	11	9	8	6	5	1	2	0	1
26	18	11	5	8	6	5	0	2	0	1
27	13	1	8	3	0	2	0	2	0	1
28	9	7	9	4	4	4	0	2	0	1
29	4	5	11	10	3	8	0	3	0	2
30	4	8	7	7	3	5	0	3	1	2
T.	138	143	123	111	78	68	8	35	2	24

Tabela 9 - Total de Notícias por dia - Jornal de Notícias

	Nº notícias mundial	Nº notícias Portugal	analizadas
11	13	9	2
12	20	10	1
13	19	14	3
14	18	17	3
15	13	20	4
16	15	23	6
17	14	18	1
18	13	18	0
19	26	16	3
20	25	16	3
21	15	17	1
22	11	30	3
23	11	21	2
24	11	19	4
25	20	27	6
26	29	27	5
27	21	9	1
28	22	18	1
29	18	28	4
30	18	25	1
T.	352	382	55

Tabela 10 - Destaques capa A Bola

Dia	Destaque
11	<i>“Ronaldo inspira-se com Mandela - momento mágico”.</i>
14	<i>“Cristiano Ronaldo confia que vai explodir no Mundial - Tenham medo, tenham muito medo”</i>
15	Navegadores à descoberta da África Mundial - Heróis do Mar
16	Navegadores ainda não encontraram rumo: ENCALHADOS
19	Seleção passa imagem de confiança - Eles acreditam; Queiroz diz que os adeptos vão ter motivo de orgulho; Liedson garante que golos vão aparecer.
21	<i>“É tempo de Ronaldo aparecer - Hora de ser líder.</i>
22	Sete golos no caminho para os ‘oitavos’ - PERFEITO
25	O MUNDO EM PORTUGUÊS. Espera-se magia no jogo que coloca frente a frente portugueses e brasileiros unidos por essa Pátria maior que é a língua de Pessoa.
26	Portugal empata com o Brasil e defronta Espanha nos ‘oitavos’. HERMANOS DEPOIS DOS IRMÃOS .
29	<i>Navegadores em duelo ibérico para a história</i>
30	Lágrimas, Desespero e polémica.

Tabela 11 - Título e Superlead A Bola

Dia	Título/Superlead
11	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>“Única selecção a jogar sempre a beira-mar - Aí está ‘Operação 1ºjogo’. Tirar partido da preparação em altitude. Estará a maior dúvida na opção lateral-esquerdo?</i> 2. <i>Um coração português no coração de Melrose - Peça da artista plástica Joana Vasconcelos inaugurada no Dia de Portugal. Passa a marcar de forma muito significativa a presença lusa na África do Sul. Carlos do Carmo cantou para os emigrantes em Joanesburgo.</i> 3. <i>Patriotismo não se divide: Toni já entrou em funções como observador dos adversários da Costa do Marfim. Telefonou a Carlos Queiroz a dar-lhe a notícia.</i>
12	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>A Bola é tua, Cristiano Ronaldo! Portugal está de olhos em ti. Em Magaliesburg vale tudo por uma camisola.</i> 2. <i>Pauleta vou para os braços da Selecção - melhor marcador de todos os tempos da equipa das quinas viajou para Joanesburgo. Confiante num grande mundial, antigo avançado recorda que uma má estreia nem sempre significa o fim da esperança, basta recordar o Euro-2004.</i>
13	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Nani já voltou a Portugal - de coração partido esta foi a mais longa viagem feita pelo jogador do Manchester. Nada mais havia a fazer na África do Sul. Impedido de realizar um dos maiores sonhos. Recuperação continua e a pensar na próxima época.</i> 2. <i>Bate coração luso na histórica Mossel Bay - Cidade pujante, com navegadores portugueses como símbolo. O Mundial trouxe novos visitantes, de paragens diversas das habituais.</i>
14	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Só Holanda não perde há mais tempo que Portugal - Laranja mecânica não é derrotada há 19 jogos. Selecção de Queiroz desde o Brasil (2-6).</i> 2. <i>“Que o berço da humanidade dê vida longa à selecção”: Magaliesburg tem história rica; no museu do Maropeng estão alguns dos fósseis mais antigos.</i> 3. <i>“Cidade de vento e de mar espera pela nossa Selecção: são muitos milhares os portugueses que vivem em Port Elisabeth. Estão a preparar grande apoio à Selecção nacional. É tudo bem diferente de Joanesburgo.”</i>
15	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Seleção ainda vai ter uma bela sardinhada - A Bola foi à cozinha da selecção. Loureiro e Lavrador são dois chefes muito satisfeitos. Com eles, Portugal só falhou o apuramento para o Mundial 98.</i> 2. <i>“Será Drogba a decidir se joga ou não com Portugal” - Eriksson recusou a existência de divergências no seio da equipa marfinense. O técnico sueco afirma que jogo também será difícil para Portugal. E desvaloriza o ranking da FIFA.</i>
16	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Portugal sem bilhete para entrar no autocarro laranja - Jogo frio e calculista em tarde gelada. A vontade de não perder foi sempre maior do que a vontade de ganhar. No próximo jogo, com a Coreia do Norte, ou Portugal ‘arrebata’ ou então....</i> 2. <i>«Amo a selecção nacional» - Fábio Coentrão promete render muito mais nesta equipa e um bom resultado com a Coreia do Norte. Confessa ansiedade. Quer mostrar aos cépticos que o conjunto das quinas tem qualidade.</i>
17	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Portugal no jogo em que menos se viram as balizas - Dúvidas desfeitas quanto às cautelas da estreia do Mundial. Foi a partida em que menos se rematou. No fim da primeira ronda, números pouco simpáticos para portugueses.</i> 2. <i>«É falso! Portugal não aceitou protecção de Drogba” - O director técnico da FPF é claro. Carlos Godinho conta como foram as reuniões antes do jogo com a Costa do Marfim. Decisão pertenceu exclusivamente ao árbitro.</i>

18	<p>1. As cores do revivalismo - Portugal e Coreia do Norte vão usar os mesmos tons de embate de 1996 em Inglaterra. Curiosamente, os equipamentos lusos para esta campanha já tinham sido inspirados na passagem pelo Mundial de Inglaterra.</p> <p>2. Enquanto ele sorrir Portugal acredita - Estrela da companhia portuguesa irradiou alegria no treino de ontem. Primeiro jogo já lá vai na cabeça do craque. Venha a Coreia!</p> <p>3. Portugal entre os favoritos das estrelas do Real Madrid - Kaká, Higuain, Ronaldo, Sérgio Ramos, Arbeloa e Van der Vaart fazem prognósticos. Médio brasileiro diz que o melhor marcador vais ser... Português. Espanha é o adversário mais temível.</p> <p>4. Bandeira Portuguesa desfraldada no mais pobre dos bairros de lata - Moses, sul-africano, fã de Ronaldo, apoia a Seleção Nacional e quer que toda a gente o saiba. Povo resignado com os bafana-bafana. Um mergulho na vertigem da miséria, uma viagem a uma das 'towships' da Cidade do Cabo que é também uma lição sobre viver e sobreviver".</p>
19	<p>1. Mudar na África do Sul a imagem de Portugal - As ideias de Carlos Pereira Marques. O desafio do consulado português aproveitando o Mundial. Uma comunidade de contrastes - empresário de sucesso e pobres, muito pobres.</p> <p>2. "Torço por Brasil e... Portugal" - Scolari chega hoje à África do Sul para comentar jogos. E acredita em Portugal.</p>
20	<p>1. Vamos a isto rapazes! A BOLA vestiu a Eusébio a camisola do jogo de amanhã. Há mais de 40 anos 'pantera negra' também equipou o 13 e esmagou coreanos no Mundial de 1966. Um hino de força à Seleção</p> <p>2. Invasão portuguesa - Lotação deve esgotar... ou perto disso. Comunidade emigrante, composta na sua maioria por madeirenses, está a mobilizar-se em força. Portugal vai jogar em casa. Está prevista elevada precipitação para o dia de jogo.</p> <p>3. Seleção já está na Cidade do Cabo - Viagem de avião com comandantes portugueses. Portugal parece ter, finalmente, uma pequena vantagem. Estádio Green Point, em três jogos do Mundial, só viu empates.</p> <p>4. Portugal é difícil de derrotar - Dário, figura recente da Académica, mantém fama de goleador na África do Sul. Foi campeão esta época. Vai seguir o Mundial ao vivo e coloca a seleção entre os favoritos.</p>
21	<p>1. Esperança ao fim e ao cabo - Portugal joga hoje 90 por cento o seu futuro neste Campeonato do Mundo. Vencendo a Coreia, bastará, depois, aos portugueses um ponto com o Brasil (já qualificado, com a Holanda).</p> <p>2. O grande líder, o querido líder e o nosso líder - Hora de Ronaldo assumir rédeas na Seleção. Não ganhar à Coreia pode ser o fim.</p> <p>3. O Brasil fez a sua parte falta Portugal fazer a sua - kaká foi expulso e não jogará contra o amigo Ronaldo. A costa do Marfim continua a andar de autocarro, mas o Brasil não se importou. Arbitragem miserável foi atentado contra o futebol.</p>
22	<p>1. Adamastor somos nós! - Sete golos à Coreia do Norte colocaram os Navegadores na lista dos mais temidos. 50 mil portugueses em êxtase. 'Oitavos' à vista...</p> <p>2. Grande epopeia portuguesa na cidade da boa esperança. - Grande segurança parte da Seleção Nacional. Sétima goleada em 740 jogos da história dos Mundiais. Qualificação quase garantida para os oitavos-de-final.</p> <p>3. Meireles, o homem dos golos especiais - Assinou a qualificação na Bósnia. Agora marcou o primeiro de Portugal no Mundial</p> <p>4. Sete golos, sete abraços, sete lágrimas de saudade - A BOLA entre a nossa comunidade na África do Sul. De português as crianças portuguesas só sabem dizer: Ronaldo! Que se cale o 'norte-coreano' que queria remar contra a maré</p> <p>5. Únicos, unidos como sempre - Tantos golos, tantas capacidades unidas no apoio à sua Seleção. De norte a sul, passando pelas ilhas, Portugal passou da desconfiança à euforia em apenas 90 minutos. Sete golos, um verdadeiro banquete para uma nação esfomeada.</p> <p>6. «Kaká fará falta frente a Portugal» - Ramires gostava de defrontar a Seleção. Vai rever «os amigos Coentrão e Amorim». Só pensa no triunfo frente aos portugueses.</p>
23	<p>1. Como se bate o Brasil? Faltam pouco mais de 48 horas para o terceiro jogo do grupo, a disputar em Durban. Portugal com 17 horas de descanso. Elogios de Carlos Queiroz a Dunga...</p> <p>2. Eduardo e os seguranças - Guarda-redes da Seleção apenas sofreu três golos em 17 jogos. O último em desafios oficiais foi em Setembro de 2009. Muralha mais sólida do que nunca</p> <p>3. 'Bola 7', 'Bola 7' cântico que ecoa na casa portuguesa - Carlos Godinho confirma que a Seleção foi recebida em festa no aeroporto. «Não seremos os melhores do Mundo por ter ganho à Coreia do Norte». Logística começa a apertar...</p> <p>4. Portugueses entre os 'big five' - A imprensa sul-africana fala de um Portugal «seven up!». O 'Sowetan' diz que o jogo foi tão bom que até passou na TV da Coreia do Norte.</p> <p>5. «E agora vamos ganhar por três a um ao Brasil» - Portugueses, reis e senhores na Cidade do Cabo. Ontem foi o dia de todos os sorrisos. Ao fim do dia, sul-africanos juntaram-se à festa.</p>
24	<p>1. Vocês não podem ir embora! - Sentimentos dos sul-africanos. O jogo dos portugueses e de Cristiano Ronaldo são as razões principais. Onde se fala ainda de Carlos Alberto Parreira e Raymond Domenech..</p>

	<p>2. Pessoa na cidade do Portugal-Brasil</p> <p>3. Voo Cabo-Durban SA 612 nas asas da esperança lusa - Um avião da South African Airways cheio de portugueses. Confiança na Seleção Nacional não falta entre os adeptos. Os 7-0 do nosso contentamento alimentam todos os sonhos.</p>
25	<p>1. Portugal salva Europa? Itália e França já estão fora; Alemanha ou Inglaterra, um irá domingo. Gana será a única equipa africana a chegar aos oitavos-de-final. Portugal pode ainda vir a ser a boa surpresa europeia.</p> <p>2. Nos últimos quatro duelos Portugal só perdeu um - Apesar de o histórico dar vantagem ao Brasil. Em mundiais lusitanos ganham 1-0 (1966)</p> <p>3. É desta que Portugal marca de bola parada? Os jogadores portugueses voltaram ontem a treinar livres directos. Os sete golos à Coreia do Norte nasceram de lances de bola corrida.</p>
26	<p>1. Duelo 'Jangada de Pedra' é homenagem a Saramago - 'Hermanos', depois dos irmãos. Espanha depois o Brasil. Aos Navegadores pede-se que dobre o cabo pela segunda vez. Jogo na metade portuguesa do Tratado de Tordesilhas...</p> <p>2. Um Portugal de laboratório rendido às ciências do jogo. - Pela primeira vez, Portugal nos oitavos num Mundial longe de casa. Ambição de ser primeiro trocada pela certeza do apuramento. Irrepreensível rigor tático num sistema contranatural.</p> <p>3. «Devo muito a Portugal» - Pepe diz que sentiu mais o hino português do que o brasileiro. Alegria pelo fim de um calvário que quase o afastou do Mundial. Pronto para ajudar a equipa se Queiroz o entender.</p> <p>4. «Vejo em Portugal um rival fortíssimo» - Del Bosque não se sossega pelo facto de Espanha ter evitado o Brasil. A prudência do seleccionador aplica-se ao presidente federativo.</p>
27	<p>1. A 13ª equipa da história qualificada sem sofrer golos - Uruguai sofreu ontem o primeiro tento, mas também já está nos quartos-de-final.. Há mais de 12 horas que, em jogos oficiais, a baliza de Portugal não é violada. Eduarda em grande</p> <p>2. «Portugal tem grandes individualidades» - David Villa reconhece que vai defrontar, terça-feira, na Cidade do Cabo, uma das melhores seleções mundiais. Sonha chegar à final do Mundial-2010. Melhor geração de sempre do futebol espanhol está na África do Sul.</p>
28	<p>1. Portugal volta a ficar no hotel dos... 7-0! - Ao contrário do que sucedera à chegada para o jogo com a Coreia do Norte, desta feita pouca gente recebeu Portugal. Medidas de segurança até envolveram um helicóptero.</p> <p>2. Abre os olhos, Portugal - São muitas coincidências: quatro árbitros que falam castelhano a dirigir os jogos lusos. Não há juizes europeus no Mundial para um jogo entre europeus? E se a candidatura Espanha - Portugal der o estouro?</p> <p>3. Quem disse que a altitude não tinha influência? - Seis das sete equipas que se instalaram junto ao mar já foram para casa. Japão é a sobrevivente. Portugal trabalha a 1700 metros e, para já, está a ter frutos.</p>
29	<p>1. É preciso que chegue já hoje o melhor Portugal de Queiroz - É em momentos como este que se alcançam lugares na história. Para vencer a Espanha temos de jogar bem mais do que com o Brasil. Passar dos oitavos-de-final é uma ambição.</p> <p>2. Muito respeito por Portugal - Já lá vai o tempo das guerras verbais entre as duas seleções. Jogadores espanhóis estão conscientes das dificuldades que os esperam no jogo de hoje. Cristiano Ronaldo, apesar da sua classe, não é a única preocupação.</p>
30	<p>1- Sem história e sem glória! - Portugal regressa a casa sem surpresa. Nunca foi verdadeiramente o 'adamastor' dos espanhóis. Estranha a transmissão televisiva</p> <p>2. Viessem os deuses ajudar a dobrar de novo o cabo... Custar, custa, mas a Espanha é melhor. Portugal podia ter ganho se tivesse sido perfeito - e não foi - e se tivesse tido sorte. Saída de Hugo Almeida foi a pior decisão de Carlos Queiroz.</p> <p>3. Bonita festa ibérica merecia outro fado - Mesmo com os espanhóis em maioria, os portugueses não perderam no apoio dado à sua equipa em Green Point. Nas bancadas a rivalidade foi saudável e cheia de beleza. No relvado, algumas picardias mas 'fair play' e abraços no final.</p> <p>4. Seleção em Portugal amanhã bem cedo - Equipa viajou para Joanesburgo de madrugada. Os jogadores fazem hoje as malas e partem à noite para Lisboa, numa viagem de 10 horas.</p> <p>5. Esperança, desespero e resignação - Ao final da tarde de ontem, adeptos começaram a mobilizar-se para apoiar a Seleção Nacional. durante 78 minutos, intervalo do jogo incluído, o tempo parou nas cidades e renovaram-se as forças. O pior veio depois...</p> <p>6. Intensamente Espanha - Em Vigo, ontem foi dia de sol, praia e festa. 'Nuestros hermanos' sofreram, mas cedo se aperceberam que podiam ganhar e seguir para os quartos-de-final do Mundial da África do Sul. Festa rija, mas com enorme respeito por Portugal.</p>

Tabela 12 - Número de Notícias por género - A Bola

D	Breve		Notícia		Caixa		Opinião/crónica		Entrevista	
	M	P	M	P	M	P	M	P	M	P
11	11	3	11	6	3	2	3	0	0	1
12	15	1	22	6	6	0	3	0	0	1
13	11	3	14	7	7	2	2	1	1	1
14	9	2	13	6	10	4	3	0	0	1
15	9	3	13	9	7	4	2	1	0	1
16	10	17	8	6	3	5	4	0	0	0
17	26	3	16	8	6	1	5	1	0	0
18	12	3	15	4	11	6	3	1	1	1
19	9	1	20	6	13	2	1	3	0	1
20	9	2	16	7	5	5	4	0	0	1
21	2	0	14	9	6	2	3	1	0	2
22	1	10	7	10	5	9	3	1	0	1
23	12	5	16	11	8	4	3	0	0	0
24	13	2	21	10	10	4	3	0	0	1
25	5	3	13	7	7	2	3	0	0	1
26	14	13	6	8	2	6	1	4	1	1
27	21	5	18	7	5	4	2	2	0	1
28	10	7	14	8	8	2	3	0	0	1
29	9	4	11	11	10	1	3	0	0	1
30	11	10	11	9	6	6	1	3	0	1
T.	219	96	279	154	138	67	55	18	3	18

Tabela 13 - Número total de notícias por dia - A Bola

Dia	Mundial	Portugal	Analisadas
11	28	12	3
12	46	8	2
13	35	14	2
14	34	13	3
15	31	18	2
16	25	28	2
17	53	13	2
18	42	15	4
19	43	13	2
20	34	15	4
21	25	14	3
22	16	31	6
23	39	20	5
24	47	17	3
25	28	13	3
26	24	32	4
27	45	19	2
28	35	18	3
29	33	17	2
30	29	29	6
Total	694	359	63